



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**

**CAMILA FERREIRA SANTOS SILVA**

***“Ser elegante”:***

Mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920).

**BELÉM  
2016**

**CAMILA FERREIRA SANTOS SILVA**

**“Ser elegante”:**

Mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920).

Tese apresentada à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-Faculdade de História.

Orientador: Profa. Dra. Cristina Donza Cancela

BELÉM  
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

---

Silva, Camila Ferreira Santos

"Ser elegante": Mulher, moda, corpo e sociabilidade em São  
Luís/MA (1890-1920) / Camila Ferreira Santos Silva. - 2016.

Orientadora: Cristina Donza Cancela

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-  
Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

1. Moda - São Luís (MA) - História - 1890-1920. 2. Mulheres -  
São Luís (MA) - Condições sociais. 3. Vestuário - História. 4.  
Sociabilidade. 5. Higiene - São Luís (MA) - 1890-1920.

CDD 22. ed. 981.05098121

---

**CAMILA FERREIRA SANTOS SILVA**

**“Ser elegante”:** Mulher, moda, corpo e sociabilidade em São Luís/MA (1890-1920).

Tese apresentada à Universidade Federal do Pará,  
como requisito parcial para obtenção do Título de  
Doutor em História Social da Amazônia, do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cristina Donza Cancela (Orientadora)  
Universidade Federal do Pará/PPHIST

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Membro)  
Universidade Federal do Pará/PPHIST

---

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda (Membro)  
Universidade Federal do Pará/PPHIST

---

Profa. Dr. Rui Jorge Moraes Martins Júnior (Membro)  
Universidade Federal do Pará/PPHIST

---

Profa. Dra. Antonia da Silva Mota (Membro)  
Universidade Federal do Maranhão/PPGHIS

A minha família.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pelo apoio e vibração ao longo de todas as fases de minha trajetória acadêmica e profissional.

Ao meu marido, Diego Coelho, pelo companheirismo e amor que me sustenta e me dá forças em todos os caminhos que percorri nesses 13 anos de união. A minha filha, Maria Flor, pelo amor incondicional que fortaleceu os últimos anos da escrita dessa pesquisa.

Ao meu irmão, Marcus, minha cunhada, Oquerlina, e minha sobrinha, Laura Maria, pelos momentos de lazer e alegria que me proporcionaram.

A minha orientadora, pela leitura criteriosa do trabalho, pela segurança e serenidade que me passou durante todo o percurso de orientação.

Ao professor Aldrin Figueiredo... sem palavras para dizer o quanto é admirável pelo seu compromisso e amizade construídos com alunos. Além das sugestões que contribuíram para a elaboração desse trabalho.

À professora Franciane Lacerda, pelas sugestões que sustentaram meu trabalho de pesquisa.

Aos meus colegas da turma de doutorado 2012.1 pelos momentos de aprendizado estabelecidos nas enriquecedoras aulas do curso. Em especial a Eva Dayna, amizade construída e fortalecida nesses 4 anos... Obrigada, Eva, pelos momentos de lazer e pelas longas conversas.

Aos professores Mauro Coelho, Antonio Otaviano, Magda Ricci, Rafael Chambouleyron, Karl Arenz, pelas disciplinas ministradas e pelo consequente amadurecimento da minha pesquisa proporcionado.

Ao PPHIST, especialmente a Lilian, que me manteve sempre informada dos acontecimentos no programa.

A todos os meus familiares e amigos que de alguma forma me apoiaram nessa longa e árdua trajetória...

À Belém, cidade que me acolheu e que sou apaixonada...

Obrigada!

*“A moda é um verniz que só tem ação sobre a mediocridade”*  
*Rechebrun*  
*(Diário do Maranhão, 22 abr. 1902)*

*“A moda é a escravidão dos povos civilizados”*  
*Janer*  
*(Diário do Maranhão, 9 ago. 1906)*

## RESUMO

O objetivo desta tese é analisar a moda, vinculada à vestimenta e à máscara fisionômica, observando a elaboração do “ser elegante” em São Luís no final do século XIX e início do XX. Nesse sentido, buscou-se entender de que forma a limpeza e os cuidados com o corpo, bem como o uso das roupas pelas mulheres ludovicenses construíram e foram construídos pelo discurso de feminilidade, e também impregnadas dos ideais e das representações do moderno e do civilizado vinculadas à *Belle Époque*. Assim, atentou-se para os usos da moda para e pelas mulheres na forma de apresentação e circulação dos corpos, à medida que construía lugares de pertencimento, criando fronteiras, diferenças e associações a grupos, práticas e representações em São Luís. Utilizou-se como fontes na pesquisa os periódicos (jornais e revistas), as obras literárias, analisando as representações neles contidas, em que frequentemente os sentidos do “ser elegante” eram referidos e associados aos fazeres e imagens sobre o corpo, bem como aos significados que a aparência externa dos cidadãos remetia. Conclui-se que o “ser elegante” e, portanto, o estar na “última moda”, condição galgada pelas mulheres ludovicenses, especialmente pelas mulheres de elite, estava vinculado a uma necessidade de manutenção da circulação como a e na “fina flor” da sociedade ludovicenses.

Palavras-chave: Mulher. Moda. São Luís. *Belle Époque*. Corpo. Higiene.

## ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyze the fashion, linked to dress and physiognomy mask, observing the development of "being fashionable" in São Luís in the late nineteenth century and early twentieth. In this sense, we sought to understand how the cleaning and body care, as well as the use of clothes by ludovicenses women built and were built by the femininity of speech, and also impregnated ideals and representations of modern and civilized linked to the *Belle Époque*. So, looked to the fashion uses for and by women in the form of presentation and movement of bodies, as built belonging places, creating borders, differences and associations at groups, practices and representations in São Luís. It was used as sources in the research the periodicals (newspapers and magazines), literary works, by analyzing the representations contained therein, in that often the way of "being fashionable" were referred to and associated with the doings and images of the body, as well as the meanings that appearance outside of city remitted. It is concluded that "being fashionable" and, therefore, be in the "latest fashion", heave condition by ludovicenses women, especially the elite women, was linked to a need for maintain circulation as it and the "refined flower" of ludovicenses society.

Key-words: Women. Fashion. São Luís. *Belle Époque*. Body. Hygiene.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Comércio Internacional do Maranhão .....	53
Figura 1	Rampa do Palácio .....	57
Quadro 2	Estabelecimentos dedicados ao “comércio elegante”.....	63
Quadro 3	Profissionais envolvidos com “elegância”.....	67
Figura 2	Mapa de localização das lojas em São Luís (1890-1920) .....	72
Figura 3	Praça João Lisboa .....	73
Figura 4	Anúncio da Loja Previdente .....	80
Figura 5	Anúncio Loja Mariposa .....	81
Figura 6	Rua do Sol .....	84
Figura 7	Anúncio Loja Notre Dame .....	88
Figura 8	Anúncio da Loja Grand Chic, em destaque a imagem de uma mulher ...	90
Figura 9	A moda da Revista .....	99
Figura 10	Anúncio Pedro Junqueira & Succs.....	101
Figura 11	Anúncio Loja Mariposa .....	101
Figura 12	Anúncio Loja de Antonio Alberto e Neves .....	103
Figura 13	Senhorita Lourdes Braga, 1º prêmio do concurso de beleza em Caxias.	117
Figura 14	Propaganda das Pílulas Rosadas do Dr. Williams como um depurativo sanguíneo .....	133
Figura 15	Propaganda das Pílulas Rosadas do Dr. Williams para a exaustão dos nervos .....	134
Figura 16	Propaganda do Le Sirop de Follet .....	136
Figura 17	Anúncio a Saúde da Mulher .....	137
Figura 18	Crème Simon .....	145
Figura 19	Pó de Arroz .....	146
Figura 20	Pasta Russa .....	148
Figura 21	Pilules Orientales .....	148
Figura 22	Sabão Aristolino .....	151
Figura 23	Odol .....	152
Figura 24	Maranhão – As festas de carnaval – Phot. Amador-J. Faria .....	164
Figura 25	A moda d’revista .....	166
Figura 26	A República no Maranhão .....	182
Figura 27	Festa de Santa Filomena - Depois da missa .....	187
Figura 28	A Moda da Revista .....	208

## SUMÁRIO

<b>MODELAGEM</b> .....	10
<b>RETALHOS</b> .....	25
<b>A BELLE ÉPOQUE EM TEMPOS DE CRISE</b> .....	39
<b>ALINHAVO 1. Vestir em São Luís com os olhos voltados para a Europa?</b> .....	52
1.1 “O sortimento chegou do estrangeiro” .....	53
1.2 Mapeamento do comércio de moda em São Luís .....	60
1.2.1 Entre as ruas e as lojas: o comércio de moda .....	69
1.3 Do que era vendido: as miudezas .....	87
<b>ALINHAVO 2. “ATELIER DAS ELEGÂNCIAS”: bela, saudável e limpa</b> .....	106
2.1 Perfis: uma estética feminina ludovicense? .....	111
2.2 Saúde: no limiar do belo .....	125
2.3 “Receitas de beleza”: limpa e bela .....	138
<b>ALINHAVO 3. “REGISTRO ELEGANTE”: aparência e sociabilidade</b> .....	155
3.1 Dos passeios .....	159
3.2 “Lares Em Festa” .....	171
3.3 Festas religiosas .....	183
3.4 Por trás da roupa de passeio .....	199
<b>ARREMATE</b> .....	213
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	216

## MODELAGEM

Ah! Bom tempo... não; nós estamos sempre a nos enganar – *bons homens!*<sup>1</sup>

“Ah! Bom tempo...”, esse era o tom de recordação que recorrentemente aparecia nas descrições dos articulistas dos jornais e revistas do início do século XX em São Luís. Essa representação, saudosista, lembrando de um possível “bom tempo”, estava vinculada ao cotidiano da cidade, quando em meados do século XIX os espaços de sociabilidade, existentes à época, eram concorridos pelos cidadãos, como diziam os articulistas. Essas representações constantes nos jornais nos fizeram perceber que, por mais que no início século XX houvesse alterações em aspectos da rotina dessa cidade, sobretudo pela inserção de “novos” ambientes de convívio social, tais como os bailes, *soirées*, clubes, praças, lojas, etc.<sup>2</sup>, trazendo mudanças nos comportamentos, ainda assim havia uma remissão aos ditos “bons tempos” do século XIX.

Essa remissão aos “bons tempos” se fazia presente pelo fato de que a vida social, digamos mundana, não estava sendo em êxtase garantida, isso por conta da dita “crise da economia” proclamada na cidade entre o final do século XIX e início do século XX. Assim, havia por um lado, as demandas externas das “modernas sociedades civilizadas”, que circulavam em São Luís, expressadas na *Belle Époque*, mas, por outro lado, uma possível insuficiência material para a manutenção do luxo que era incentivado à época<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva, as discussões dos articulistas nos periódicos que circulavam na cidade não deixavam de descrever com estranhamento, mas ao mesmo tempo incentivando a participação de parte de seus cidadãos, notadamente daqueles da elite, ditos de “boa família”, nesses novos espaços. Mas por que incentivar a participação da elite a frequentar os espaços de sociabilidade existentes na cidade? Esses espaços não estavam sendo frequentados por eles? Certamente estavam sendo frequentados, como apresentaremos ao longo deste trabalho, entretanto, o esforço em se fazer presente nesses espaços de convívio social e, mais ainda, de estar com a devida aparência externa para tal, possuía o sentido, na maioria das vezes, de manutenção do *status* social de elite à época, tendo em vista o contexto de crise apregoado no Estado.

Ante o exposto, vale ressaltar que, para trabalhar o conceito de elite, precisamos abordar o entendimento de Pierre Bourdieu acerca da construção das classes sociais. Para esse

<sup>1</sup> Chronica da festa. **A Campanha**, São Luís-MA, 12 out. 1903.

<sup>2</sup> É importante observar que estamos tratando de espaços de sociabilidade que faziam referência aos padrões estrangeiros, especialmente europeus.

<sup>3</sup> Analisaremos e aprofundaremos tal problema no tópico *A Belle Époque* em temas de crise.

autor, o mundo social é multidimensional. Nesse sentido, as classes ou grupos sociais, “são conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes”. É nesse sentido que percebemos a elite, pois no seu interior havia, para além da riqueza monetária, uma proximidade de *habitus* que faziam dela um grupo distinto dos outros. Para Pierre Bourdieu, *habitus* “é um conhecimento adquirido”, ou seja, é “uma espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional no espaço”. Portanto, o *habitus* implica um “conjunto de esquemas interiorizados”, através do condicionamento do indivíduo feito por meio das experiências sociais, principalmente na chamada socialização primária. Tendo em vista que os hábitos dos indivíduos tornam-se automatizados, não reflexivos, funcionando como uma segunda natureza, torna-se importante salientar o peso das revistas e dos jornais que circulavam na cidade para a incorporação das novas regras de convívio social (do vestir ao andar, por exemplo) em voga na virada para o século XX, consideradas mais civilizadas e modernas. Essas distinções eram reforçadas pelo “capital simbólico”, que “não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, [que] quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição” é “conhecido e reconhecido como algo óbvio, que produz as distâncias e diferenças”<sup>4</sup>.

Dessa forma, as distinções são “as transfigurações simbólicas das diferenças de fato”, ou seja, mesmo sem explicação evidente faz com que agentes ou grupos sejam percebidos como diferentes e legitimados enquanto tal. Assim, o capital a que nós nos referiremos neste estudo será o “capital” associado a diversos investimentos para acompanhar as novidades da moda, que passavam pelas representações associadas principalmente à elegância, que se desdobrava na vestimenta e em imagens e cuidados com o corpo, como a limpeza, a saúde, a beleza, reiterados nas discussões e descrições constantes nos jornais, nas revistas, nos romances e que, de alguma forma, produziam um processo de socialização e (re)conhecimento dessa elite por meio da aparência corporal.

Assim, trata-se de fazer uma “análise mais ‘fina’ dos atores situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações [...]”. Apesar de não analisarmos a trajetória específica de atores da elite, buscamos, enfim, como sugere Flávio Heinz ao refletir sobre o estudo sobre as elites, “conhecer as propriedades sociais mais requisitadas [...]”, bem

---

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 144-145.

como “a composição dos capitais ou atributos cultural, econômico ou social [...]”; e mais que isso “conhecer os modelos e/ou estratégias empregados pelos diferentes membros da elite para alicerçar uma carreira exitosa e socialmente ascendente ou, em outros casos, evitar um declínio ou uma reclassificação social muito abrupta”.<sup>5</sup>

Dito isso, ensejamos pensar como o sopro da *Belle Époque*, com seus conceitos norteadores, civilização e modernização, e sua dinâmica, suas assimilações e combinações, foi sentido em São Luís e as possíveis modificações e permanências ocorridas na sociedade ludovicense, especialmente no que diz respeito à moda, nas suas representações específicas do vestir e dos cuidados com o corpo, sobretudo da mulher e a vivência e visibilidade desses usos e comportamentos nos espaços de sociabilidade da cidade.

Como observamos, um dos conceitos em que estavam assentados esse sopro era o de civilização. Segundo Jean Starobinski, o termo civilizar em francês é encontrado no século XVI, possuindo dois sentidos: “[...] levar à civilidade, tornar civis e brandos os costumes e as maneiras dos indivíduos” e também “[...] em jurisprudência: tornar civil uma causa criminal”<sup>6</sup>. Esse autor aponta que a palavra civilização possuiu vários significados e variações no decorrer dos séculos. Quanto a isso, segundo Norbert Elias, antes do conceito de civilização ou *civilization*<sup>7</sup>, tivemos o de *courtousie* e *civilité*. A *courtousie* era as formas de comportamento das grandes cortes feudais. Esse termo vai entrando em desuso nos séculos XVI e XVII, e “o conceito de civilidade elevou-se lentamente à categoria de comportamento social aceitável”<sup>8</sup>. Então, somente no século XVIII ocorre, com o aburguesamento da sociedade de corte, a substituição do conceito de civilidade<sup>9</sup> para o de civilização ou *civilization*, em que duas ideias se fundem: a primeira aponta que “[...] constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie”, e a segunda, à de “*politesse*” e “*civilité*”<sup>10</sup>.

<sup>5</sup> HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 9.

<sup>6</sup> STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 11.

<sup>7</sup> Para Norbert Elias, o conceito de “civilização” não significa a mesma coisa para as diferentes nações ocidentais. O autor informa que a diferença era maior entre o que os ingleses e franceses entendiam por “civilização” e o que os alemães entendiam pelo mesmo termo. Para os ingleses e franceses, o conceito significa “seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade”. Já para os alemães, *Zivilization* significa “algo fútil”. E a palavra que para os alemães expressa “orgulho em suas próprias realizações e no seu próprio ser” é *Kultur*. Ver: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1. p. 23-27.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>9</sup> Civilidade, segundo Jacques Revel, na linguagem clássica, se torna sinônimo de polidez. REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3. p. 169-210.

<sup>10</sup> ELIAS, op. cit., p. 62.

Nessa perspectiva, a civilização, tomando a segunda ideia, consistia na “perfeita conveniência das atitudes, o cálculo preciso dos gestos, a nuance das palavras [...]”<sup>11</sup>, em que o comportar-se “corretamente” ou “elegantemente” se fazia por meio de um controle consciente dos atos, somado a um conjunto de controles socialmente exigidos. Todavia, a socialização das condutas não pode ser lida apenas nos termos de uma submissão imposta às pessoas, mas consciente ou inconscientemente significa uma adequação de modelos de conduta à sociedade que disciplina e regula as manifestações daquilo que era considerado “incivil”.

Portanto, é importante percebermos que o projeto civilizador desempenhava um papel de “disciplinar as almas por meio da coerção exercida sobre o corpo e impor à coletividade [...] uma mesma norma de comportamento sociável”<sup>12</sup>. Consecutivamente, o “ser civilizado”, tomando a primeira ideia, demarcava as distinções, pois o conhecimento da civilidade viabilizava “o reconhecimento e a classificação dos indivíduos ou, em outras palavras, fazia com que a ‘boa sociedade’ exteriorizasse o lugar que ocupava na sociedade”<sup>13</sup>. Enfim, era um símbolo de *status* que distinguia os homens e mulheres das camadas abastadas daqueles/as das camadas populares.

A ideia de civilizar como enquadrar o comportamento dos indivíduos em um modelo dito correto, que os fazia distintos, é o que nos aproxima da análise de Norbert Elias. Pois, no Brasil, e no caso, em São Luís, os comportamentos ditos elegantes, baseados no modelo europeu, “eram difundidos na prática, na chamada europeização dos costumes”<sup>14</sup>, ou seja, havia uma tentativa de civilizar via disseminação de costumes estrangeiros.

“Ser elegante”? Tal conceito era um especial elemento sintonizador de São Luís e circulava como referência civilizacional associada à *Belle Époque* no período, possuindo termos sinônimos como “estar à última moda”. E quem era elegante? Era, sobretudo, aquele(a) que mantinha uma aparência saudável, limpa e o bem vestir, isso de acordo com a moda em vigor nas principais capitais da Europa. Então, essa sintonização passava pela construção de um(a) ludovicense modelo: o(a) elegante. Lembrando que dizer que alguém era elegante, à época, figurava um elogio importantíssimo. E em contrapartida “a deselegância podia trazer sofrimentos atrozes, mesmo quando a sua definição permanecia vaga ou

---

<sup>11</sup>Ibid., p. 110.

<sup>12</sup>REVEL, op. cit., p. 176.

<sup>13</sup>RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro XIX. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 139-152, jan./dez., Arquivo Nacional, 1995. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/249>. Acesso em: 23 mar. 2013. p. 148-149.

<sup>14</sup>Ibid., p. 145.

unicamente concentrada nas vestimentas e no porte físico”.<sup>15</sup> O belo e por assim dizer o elegante tinha que ser saudável; de aparência jovial e limpa; e bem vestido, usando roupas nos padrões de bom gosto europeu. A elegância era referida na maior parte das vezes às mulheres em poemas nos jornais e nas revistas locais, como o de *A. de Medeiros* publicado em *A Cruzada* em 1892, dedicado às Mademoiselles A. B. e A. R., que em sua poesia traz a imagem dessas duas mulheres ditas elegantes:

ELEGANTES

Casacos brancos, saias côr – magenta,  
Ambas gentis e jovens e formosas,  
Vi-as passar trajando donairosas  
Na’moda simples que o bom gosto inventa.

Os chapéus cuja forma nova ostenta  
Um que de masculino, à setinosas  
Faces lhes davam lindas, graciosas  
O chic estranho que seduz e tenta

Vi-as passar e a graça preciosa  
Que s’evolava delas brandamente  
Como a fragancia de purpúrea rosa;

Deixou-me essa emoção que docemente  
Vibra em noss’alma viva, harmoniosa,  
Ao ver d’Arte um primor bello, imponente.

São Luiz, agosto 92.<sup>16</sup>

Observamos que aquilo que agregava à representação de “donairosas”, ou seja, de garbosas, de elegantes, eram os detalhes que compunham a aparência externa dessas mulheres. “Donairosas” porque usavam “casacos brancos”, “saias côr-magenta”, chapéus de “forma nova”, tudo isso alinhado à “moda” e ao “bom gosto”. E, mesmo sendo um “chic estranho” por ter “um que de masculino”<sup>17</sup>, essas mulheres eram conceituadas como “donairosas”, justamente pelo fato de acompanharem as mudanças do vestir e, além disso, por apresentarem um semblante “imponente”, que transmitia gentileza, juventude, formosura e graciosidade.

Esse elo de “donairosa” com o acompanhar das mudanças, nos remete ao conceito de moda em Gilles Lipovetsky<sup>18</sup>, quando aponta que o fenômeno da moda é próprio de algumas sociedades e de certas épocas e que “nas eras da moda dominam o culto das

<sup>15</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 30.

<sup>16</sup>ELEGANTES. **A Cruzada**, São Luís-MA, 20 ago. 1892.

<sup>17</sup>Do século XIV ao XVIII o capricho e os artifícios da moda impuseram-se identicamente para os dois sexos. Em muitos aspectos houve uma preponderância da moda masculina em matéria de novidades, ornamentação e extravagância. Segundo Gilles Lipovetsky no século XIX “os novos cânones da elegância masculina, a discrição, a sobriedade, a rejeição das cores e da ornamentação, a partir daí farão da moda e de seus artifícios uma prerrogativa feminina”. LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 36-37.

<sup>18</sup>Ibid., p. 33.

novidades assim como a imitação dos modelos presentes e estrangeiros”. Para o autor, a moda se caracterizaria pelo amor pela mudança, pela novidade. Assim sendo, consideramos que a moda “são as transformações sucessivas por que passa a ornamentação do indivíduo – a vestimenta, o penteado, a máscara fisionômica...”<sup>19</sup>. Portanto, não trabalhamos a moda somente como as transformações das roupas das mulheres à época, mas também como as mudanças do vestuário (que agrega os adereços) e ainda o semblante dessas mulheres. Desse modo, nos aproximamos da análise de Gilda de Mello e Souza, que entende a moda como “as mudanças periódicas nos estilos de vestimenta”, e também nos demais “detalhes da ornamentação pessoal”, a que denominamos, assim como a autora citada, de “máscara fisionômica”, como sendo os fazeres e cuidados como corpo, em especial aqueles conectados à limpeza e à saúde, que ampliam a nossa percepção daquilo que possivelmente representava uma mulher elegante ou “à moda”.

Nesse sentido, atentamos também para o que Mara Rúbia Sant’Anna enfatiza: “A moda [...] atua no campo do imaginário, dos significantes [...]”<sup>20</sup>. Assim, os olhares e opiniões estavam focados justamente no “ser elegante” ou no “estar à moda” e seus significantes, possível inspiração do escritor do poema mencionado, que especialmente para as camadas abastadas era basilar, pois qualquer deslize por parte de seus integrantes causava danos à sua reputação, a depender daquilo que a aparência externa significava. Até porque, como assevera Denise Bernuzzi de Sant’Anna, à época, a beleza por mais que tendesse a limitar-se às roupas e aos adereços, era confirmada, de fato, pela sinuosidade na silhueta cujo garbo dependia de certos “pudores” hoje olvidados<sup>21</sup>. Maria de Lourdes Lauande Lacroix, ao tratar das mulheres de alta roda em São Luís, afirma: “rigorosa era a censura ao comportamento feminino”<sup>22</sup>. Dessa forma, “ser elegante”, acompanhar a moda, era de toda forma avaliado, uma vez que, ao mesmo tempo que se era incentivado, se era também observado com desconfiança, e por vezes taxado e reprimido, sobretudo, em se tratando das mulheres das camadas abastadas. Sendo assim, a moda no momento em que enquadrava, no caso das mulheres abastadas, também “serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe”, sintetizando o “conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo)”<sup>23</sup>.

<sup>19</sup>SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 20.

<sup>20</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da moda**: sociedade, imagem e consumo. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 75.

<sup>21</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 23.

<sup>22</sup>LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão**: corpo e alma. São Luís, 2012. p. 336.

<sup>23</sup>SOUZA, op. cit., p. 29.

Entre os diversos “actos e factos” que chamavam a atenção dos articulistas dos jornais e revistas, e mesmo dos literatos, estava a participação das mulheres, especialmente das mulheres das camadas abastadas da sociedade ludovicense, nos mais variados espaços de sociabilidade. Nascimento de Moraes<sup>24</sup> é taxativo quanto ao estranhamento que alguns comportamentos das mulheres causaram na sociedade ludovicense no diálogo entre Bento (um velho conservador, porém crítico da elite ludovicense) e Cláudio Oliver (jovem jornalista). O primeiro narra que foi à casa de Domingos e duas “moçoilas” estavam bebendo cerveja; no mesmo impulso, Bento, em tom de repúdio, comentou: “É mau sinal, garante-lhe... É um sintoma assustador... [...]”; “É modernismo... Civilização!”; “Qual o quê! É degeneração social! É degeneração dos costumes!”.

Modernismo? Civilização? Esses eram os conceitos que eram acionados não apenas para representar as mudanças ocorridas no comportamento, como é o caso da narrativa acima, mas também na aparência dos ludovicenses, os quais, por outro lado, desagregavam os padrões considerados basilares para uma sociedade enraizada em valores considerados tradicionais ligados ao passado imperial. Em todo caso, ao mesmo tempo que observamos a disseminação e o incentivo pelos jornais e pelas revistas das ditas “novidades” que circulavam no país, em contrapartida havia também a desvalorização de tais “novidades”. Ou, mais precisamente, das mulheres que acompanhavam essas novidades, pois estas feriam o dito papel social<sup>25</sup> de mulher: dona de casa, esposa e mãe, além de filha e virgem. E, como observa Maria Martha de Luna Freire, os comportamentos considerados tradicionais muitas vezes eram exaltados como “verdadeiros e sadios”, em contraposição à degradação dos costumes provocados pela disseminação dos comportamentos “escandalosos” das mulheres ditas modernas<sup>26</sup>. Para Pedro Vilarinho Castelo Branco, essa tensão se dava no início do século XX por ser o momento em que as ideias tradicionais sobre a mulher<sup>27</sup> começavam a ser questionadas e as novas perspectivas para a vida feminina iam sendo lentamente inseridas no universo urbano de Teresina. Acreditamos que para São Luís, que assim como Teresina era

<sup>24</sup>No próximo tópico trataremos anotações acerca desse escritor e sobre a obra utilizada para análise. MORAES, Nascimento de. **Vencidos e degenerados**. São Luís: SECMA, 1982. p. 105.

<sup>25</sup>Segundo, Guacira Lopes Louro, os papéis seriam “padrões ou regras que uma sociedade estabeleça para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através dos papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade [...]”. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 24.

<sup>26</sup>FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 37.

<sup>27</sup>A perspectiva tradicional usada por Pedro Vilarinho Castelo Branco também era aquela que via a mulher como tendo a sua vida voltada para o espaço doméstico e para os papéis de mãe e esposa. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais: a condição feminina na primeira república**. Teresina: Edições Bagaço, 2005. p. 126.

uma cidade distante das ditas cidades centrais, esse foi igualmente o momento de inserção da mulher no universo urbano, dando bases também para essas tensões<sup>28</sup>.

Sobre este último aspecto, de acordo com Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, nas primeiras décadas do século XX, as mudanças no comportamento feminino incomodaram aqueles chamados de conservadores pelas autoras, os quais diante das inovações nas rotinas das mulheres, em face das modificações nas relações entre homem e mulher, esforçaram-se para disciplinar toda e qualquer iniciativa entendida como causadora da “corrosão dos costumes”, por meio de um rigoroso discurso ideológico que difundia “representações de um comportamento feminino ideal”. No caso, o acompanhar a moda e suas alterações, representava parte dessa dita corrosão, na medida em que as desviava de suas atividades no “recôndito do lar”, como “mãe-esposa-dona de casa”<sup>29</sup>. Essa perspectiva, trazida pelas autoras, nos permite perceber que as representações da oferta do “ser elegante” ligadas às novidades que circulavam em São Luís, trazidas da capital federal e do estrangeiro, por vezes eram apontadas como as causadoras da “degeneração dos costumes”, como expressou o personagem Bento de Nascimento de Moraes anteriormente apontado.

Nessa perspectiva, o ponto de partida para definir a mulher como foco da escrita do tema proposto foi a exposição dos corpos femininos aos olhares e às opiniões, acompanhados das mais variadas representações e seus significados, observados especialmente nos jornais e revistas que circulavam à época na cidade. Na cena pública, *locus* das descrições dos jornais e revistas, a “[...] linguagem dos corpos, [...] destina-se aos outros, que devem poder captá-la. Ela projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo”<sup>30</sup>. A composição ornamental externa, portanto, valia (ou vale) mais que a interna. Por isso, a forma da vestimenta, o penteado, a pele, em suma, todo o arranjo da aparência, como linguagem, era observado e avaliado.

Em São Luís não havia uma imprensa feminina, mas havia jornais que traziam essa preocupação com a elegância, com a moda, portanto, com a aparência externa que ela demandava. Diversos jornais traziam colunas sobre o cuidar da aparência, tanto física quanto da roupa e dos adereços. Isso proporcionava o que Maria do Carmo Teixeira Rainho chama de uma “formação de estruturas mentais favoráveis à moda”<sup>31</sup>, visto que mais do que descrever o vestuário e a máscara fisionômica dita ideal, tratavam de sua importância, dos padrões e, além

<sup>28</sup>Ibid., p. 33.

<sup>29</sup>MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 368-372.

<sup>30</sup>REVEL, op. cit., p. 169.

<sup>31</sup>RAINHO, op. cit., 1995, p. 65.

disso, os periódicos tornaram-se um espaço para transformar a moda em algo para a “boa sociedade”, trazendo uma *performance*<sup>32</sup> mais adequada para cada situação, sexo, idade e posição social. Sobre esse aspecto, segundo Georg Simmel, “unir e diferenciar” são as duas funções básicas da moda. E esta significa, por um lado, “a anexação do igualmente posto, a unidade de um círculo por ela caracterizado”, e, por outro, “o fechamento deste grupo perante os que se encontram mais abaixo, a caracterização destes como não pertencendo àquele”<sup>33</sup>.

Assim sendo, as principais prerrogativas estavam voltadas para as mulheres, à medida que crescia a presença destas nos diversos espaços da cidade.<sup>34</sup> A aparência feminina se convertia em principal foco de observação dos transeuntes na cidade, dos jornalistas à procura de notícias, dos homens interessados em flertes, de outras mulheres curiosas para examinar as vestimentas e o semblante de suas concorrentes<sup>35</sup>. Uma das principais formas de perceber a presença feminina nesse período é a partir das roupas que elas usavam ou de sua sugestiva beleza e elegância. Grande parte das colunas, artigos e textos em geral que apresentavam a mulher nos periódicos que circulavam em São Luís estavam focados na aparência externa daquelas mulheres. Os corpos e as roupas usadas por elas se entrecruzam, uma vez que o corpo era suporte da roupa<sup>36</sup>. Então, para chegarmos à representação do modelo dito “ideal” de mulher: bela e, sobretudo, elegante, tivemos que nos ater aos minuciosos detalhes dos movimentos do seu corpo e dos semblantes que seu corpo exprimia somados à roupa que vestia. O poema da *Revista Elegante* de 1894, assinado por *Juca Rosa*, nos apresenta de forma sutil tal entrecruzamento entre roupa e corpo feminino:

No corpo do teu vestido  
Prendi dos sonhos a flor  
Num momento apetecido,  
No corpo do teu vestido  
Vi dos desejos a cor  
Me transformar o sentido;  
No corpo do teu vestido  
Prendi dos sonhos a flor.<sup>37</sup>

<sup>32</sup>Abaixo discorreremos sobre o entendimento do conceito de *performance*.

<sup>33</sup>SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Textos & Grafia, 2008. p. 25.

<sup>34</sup>Sobre o comportamento feminino e educação, temos para São Luís: ABRANTES, Elizabeth Sousa. “**O dote é a moça educada**”: mulher, dote e instrução feminina na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2010. Para outras capitais: MALUF; MOTT, op cit.; PEDRO, Joana Maria. **Mulheres e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994; ALVES, Gisele; MATOS, Maria Izilda Santos de. “A nova mulher” educando as futuras mães. São Paulo 1850-1900. **Caderno Espaço Feminino**, v. 15, n. 18, 2006.

<sup>35</sup>RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 76.

<sup>36</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 76.

<sup>37</sup>Triplet. **Revista elegante**, São Luís-MA, 31 mai. 1894.

O autor apresenta no poema acima a dificuldade de delimitarmos se o corpo de que tratava era o da mulher em si ou o corpo do vestido (o corte do vestido). Diante da confusão causada “pelo corpo do teu vestido”, ou melhor dizendo, pelo corpo vestido, notamos a exposição dos corpos femininos aos olhares e às opiniões, que, acima de tudo, transformava os sentidos, na expressão do autor. Essa possibilidade de transformação dos sentidos no contemplar o corpo vestido da mulher era acompanhado de medidas ditas moralizadoras e civilizadoras, que se referiam, como aponta Maria Claudia Bonadio, aos “novos hábitos, comportamentos e aparências adotados pelas mulheres”<sup>38</sup>, como é o caso da própria “presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas ‘de boa família’, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo que se fizesse necessário”, até para as “frivolidades mundanas”<sup>39</sup>, lhes demandando traços físicos e um modo de vestir<sup>40</sup>.

Além disso, os sentidos, ou melhor, as representações daquilo que era belo, elegante, passível de ser vestido por uma mulher dita honesta pareciam um esforço em ajustar as mulheres ao novo espaço que São Luís estava se tornando, ou pelo menos, aspirando a se tornar. Mas, em contrapartida, não poderiam de forma alguma desafiar a imagem tradicional feminina, de timidez e recato virtuoso<sup>41</sup>, e ameaçar a “ordem familiar” e os papéis sociais a elas fixados. Nesse sentido, fez-se necessário estarmos atentos às singularidades, particularidades, que nos permitissem perceber algumas diferenças essenciais, as minúcias que compõem o corpo “vestido”.

Percebemos, então, que as demandas voltadas ao corpo, tanto da mulher quanto do homem, “são invenções sociais”, pois a significação que é atribuída aos corpos é arbitrária e relacional<sup>42</sup> e todas as medidas ou normas voltadas para o corpo não são dados da natureza nem imanentes a ele. Dessa forma, a representação e mesmo a materialização do vestir e dos cuidados com o corpo e a beleza não são fixos, mas sim afixados diante das reiterações e repetições de normas ou de um conjunto de normas. Segundo Alain Corbin, o corpo aparece

<sup>38</sup>BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Senac São Paulo, 2007. p. 131.

<sup>39</sup>MALUF; MOTT, op. cit., p. 372-374. Susan K. Besse também aponta que as mulheres das classes médias e altas se aventuravam a sair de casa, pois a rápida expansão da economia de mercado minou os papéis produtivos das mulheres dentro da família, e com isso, as mulheres invadiram a esfera pública em vários “novos papéis”. Ver: BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. p. 19-20.

<sup>40</sup>SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

<sup>41</sup>BESSE, op. cit., p. 31.

<sup>42</sup>Guacira Lopes Louro faz uma análise da educação do corpo baseada em autoras, como Joan Scott, Judith Butler, entre outros. LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 89.

como resultado de “um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, de complexos rituais de interação [...]”, em que “as posturas, as atitudes determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo”, isto é, arranjam o “processo de construção social dos tipos corporais” que ocorre por via dos discursos e dos sistemas simbólicos<sup>43</sup>. Logo, o corpo limpo, o corpo cuidado, o corpo belo, o corpo bem vestido, enfim, quaisquer referências dadas “à forma, às eficácias e funcionamentos do corpo”, são constructos que mudam no decorrer do tempo. E mais, estão vinculados a características que remetem ao gênero, à classe etária, ao *status social* ou à aspiração de pertencer a determinada camada social<sup>44</sup>.

Assim, é do corpo da mulher que aqui tratamos. Aquele que no espaço “público é exibido, apropriado e carregado de significação”<sup>45</sup>. Aquele que é objeto de uma perpétua suspeita causada por “sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir”<sup>46</sup>. Todavia, ao falarmos do corpo da mulher ou mesmo do corpo feminino, entendemos que o gênero (mulher ou feminino) não é um constructo imposto artificialmente sobre o corpo, agregando-lhe um sexo (também mulher ou feminino), uma vez que o sexo “não é aquilo que alguém tem ou uma descrição daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”<sup>47</sup>. Daí que as suspeitas causadas pelo corpo da mulher são acarretadas pela não identificação na formação do sujeito, com o “fantasma normativo do sexo”, materializado pela “regulação de práticas identificatórias”<sup>48</sup> que dizem o que é ou não legítimo para tal ou qual sexo, no nosso caso, para a mulher.

Thomas Laqueur, na mesma perspectiva, aponta que o sexo é situacional e que possui em si as reivindicações de gênero. Para o autor, não há uma distinção entre sexo e gênero. Nesse sentido, aquilo que é entendido como naturalmente feminino ou masculino só

---

<sup>43</sup>CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; CLASEN, Jaime. **História do corpo**: da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-11. p. 8-9.

<sup>44</sup>VIGARELLO, Georges. História e os modelos do corpo. **Pró-posições**, Campinas, v. 14, n. 2, (41), p. 21-29, mai./ago., 2003. p. 21.

<sup>45</sup>PERROT, Michele. O silêncio do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27. p. 14.

<sup>46</sup>PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 447.

<sup>47</sup>BUTLER, Judith. Os corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172. p. 154-155.

<sup>48</sup>Ibid., p. 156.

pode ser explicado dentro do contexto de luta sobre gênero e poder<sup>49</sup>. Gênero, para Joan Scott, é uma categoria relacional, numa construção assimétrica, em que qualquer informação sobre as mulheres está em relação ao homem (e vice-versa), melhor dizendo, uma “categoria social imposta sobre o corpo sexuado”<sup>50</sup>.

Por isso, ao analisar o semblante da mulher ou a roupa ziguezagueando o corpo da mulher ludovicense, faz-se necessário entendermos esse jogo entre aquilo que é considerado feminino, naturalizando a condição sexual da mulher, e aquilo que não é considerado dentro dos padrões socialmente aceitos para a mulher à época. Pois, o que é naturalmente considerado “de mulher” é socialmente construído, na medida em que já está carregado daquilo que uma sociedade, em determinada época ou espaço, entende por “de mulher”. Logo, precisamos perceber o controle social a que as representações do corpo da mulher estavam (e ainda estão) atreladas, evidenciando como esse controle estava vinculado não só a questões de gênero, mas também à manutenção das diferenças sociais. Além disso, em que medida essas práticas e representações de feminilidade se construíram e foram construídas através da moda e sua vinculação mais próxima com vestimenta e adereços, assim como os desdobramentos dos cuidados com o corpo, a beleza, definindo e ressignificando o corpo feminino no período estudado.

Berenice Bento aponta que “o gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo”. A repetição desses sinais nos faz crer que tal estilística é a verdadeira e, então, é definida pela natureza. Esse é o viés de gênero que embasa nossa pesquisa, levando-nos a entender que toda a *performance*<sup>51</sup> da mulher era avaliada como sendo apropriada ou não, calcada naquilo que era considerado da “natureza feminina”. A esse aspecto, Judith Butler acrescenta que “a aparência de uma substância permanente ou de um eu com traços de gênero [...] é produzida pela regulação dos atributos segundo linhas de coerência culturalmente estabelecidas”<sup>52</sup>, isto é, o efeito substantivo das marcas de gênero é performativamente

<sup>49</sup>LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001. p. 23.

<sup>50</sup>SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995. p. 75.

<sup>51</sup>Entendemos que havia (e ainda há!) uma *performance* de mulher que as atira a um modelo de “ser”, baseada em seus papéis sociais. Mas compreendemos que “não há uma identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira [1990]. p. 48.

<sup>52</sup>Ibid., p. 48.

produzido e imposto pelas práticas repetitivas que dão coerência e naturalizam os atributos de gênero, enfim, materializam o sexo do corpo. Percebemos, assim, como esses atributos exteriores são posições; não possuem uma essência interna ou natural, mas são produzidos através da “estilização dos corpos”, o que, por sua vez, consiste em “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”<sup>53</sup>. Nesse sentido, o que acreditamos ser supostamente uma “característica natural dos corpos é algo que se antecipa e se produz mediante certos gestos corporais naturalizados”<sup>54</sup> e acrescentamos, também certas roupas.

Ademais, as representações apresentadas nos jornais, nas revistas, em obras literárias, nas imagens e nos poemas abordavam o modelo de mulher dito “ideal” à época, o qual estava impregnado de mecanismos de diferenciação social que as camadas abastadas ludovicenses utilizavam para distinguirem-se das outras camadas e se autoafirmar na “boa sociedade”. Pois, como diz Berenice Bento, “não existe uma forma verdadeira de ser mulher ou homem, mas configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com as idealizações do feminino e do masculino”<sup>55</sup>. Esses mecanismos ou práticas, ou melhor dizendo, esses posições eram, no que concerne à pesquisa proposta, os cuidados corporais, o vestuário, entre outros aspectos de cunho externo, de suma importância para as camadas abastadas, utilizados como aparatos para a manutenção do *status quo* e do capital simbólico diferenciado, bem como do *status* de mulher elegante, moderna e civilizada da época, ao qual as mulheres abastadas queriam ser associadas.

Daí entendermos que os aparatos que definem o “ser elegante”, decodificados no “estar à última moda”, são um posição; em outras palavras, são uma representação, uma vez que fazem “crer que a aparência vale pelo real”<sup>56</sup>. Roger Chartier considera “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”<sup>57</sup>. Dentro dessa perspectiva, as representações são entendidas como classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real<sup>58</sup>.

<sup>53</sup>Ibid., p. 59.

<sup>54</sup>BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamound, 2006. p. 90-95.

<sup>55</sup>Ibid., p. 104.

<sup>56</sup>CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 21.

<sup>57</sup>CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados** [online], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso em: 22 mai. 2013. p. 177.

<sup>58</sup>CHARTIER, op. cit., 2002, p. 17.

Conforme o autor, as representações aspiram à universalidade, mas são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, por isso a necessidade de relacionar os “discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”<sup>59</sup>, considerando que não são discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, deferência ou legitimar escolhas, as quais nos proporcionam avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constrói e propõe para si e para os outros. Com base nesse entendimento, Roger Chartier considera que as lutas de representações “centra[m] a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”.<sup>60</sup>

Outrossim, pensar a representação, segundo Roger Chartier, é entender o seu duplo sentido: “a representação faz ver uma ausência” e “a apresentação de uma presença”. No primeiro, as representações tornam presentes um objeto, indivíduo ou conceito ausentes, mediante a substituição por uma imagem capaz de pintá-lo adequadamente em memória, o que levanta a questão da relação entre o signo visível e o referente significado. No último, a representação é “entendida como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga”, ou seja, a aparência deve ser tomada pelo “ser”, de modo que a relação “transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão”.<sup>61</sup>

Considerar, pois, o vestuário e a máscara fisionômica “ideal”, portanto, “elegante”, apresentado nas fontes como representação, consiste em entendê-los como sendo construções de grupos sociais. Desse modo, aquilo que é apresentado nos jornais, nas revistas e nas obras literárias é entendido como as pretensões de uma determinada camada da sociedade, os abastados, que almejavam uma São Luís “civilizada” e “moderna”, aos moldes europeus, pois possivelmente, eram escritos por pessoas que partilhavam ideias vindas da Europa devido a circulação de notícias de jornais e revistas e a anos de estudos e/ou viagens aos países europeus ou à capital do país, Rio de Janeiro. Assim, articular metodologicamente a ideia de representação significa pensar que as ornamentações eternas não são neutras; elas dizem algo a respeito daquele tempo e daquela sociedade, visto que cada acessório presente no vestuário ou no semblante tanto do homem quanto da mulher está vinculado a algo exterior a ele, possui uma intenção. A ornamentação externa simboliza algo que não está presente somente em matéria, mas também em memória. Os anúncios – de roupas e produtos de luxo,

---

<sup>59</sup>Ibid.

<sup>60</sup>CHARTIER, op. cit., 1991. p. 183-184.

<sup>61</sup>Ibid., p. 184-186.

por exemplo, apesar de possuírem cunho de venda, produziam seguintes representações: o que usar, quem deveria/podia usar, quando usar, por que usar e para quem.

Portanto, para além das representações da ornamentação externa feminina e sua relação com o discurso modernizador e civilizador do início da República e os ditames europeus de figurino, dos cuidados com o corpo no que diz respeito à limpeza, à saúde, à beleza e à elegância, buscamos os significados intrínsecos da utilização desse “modelo ideal” pela sociedade ludovicense, a despeito da pretensão de naturalização de certos modelos pelo discurso civilizador.

Então, analisar os significados diz respeito à interpretação dos valores simbólicos que permeiam a ornamentação ou aparência externa das mulheres da “alta sociedade” ludovicense. Os símbolos são instrumentos de conhecimento, comunicação e integração social, tornando possível o consenso acerca do mundo social e contribuindo para a reprodução da ordem social, dando lógica à integração e à condição para se ter integração moral. O símbolo diz mais do que aquilo que mostra ou enuncia e carrega sentidos ocultos, construídos social e historicamente<sup>62</sup>. Dessa forma, a ornamentação externa possui uma “eficácia simbólica”; a ação que exerce por meio de sinais é capaz de produzir coisas e, sobretudo, grupos.<sup>63</sup> No caso em questão, o uso de roupas ou a limpeza considerado “*dernier cri*”<sup>64</sup> possuía essa eficácia na medida em que significava ser das camadas abastadas. Nesse sentido, os ornamentos externos, o uso da roupa, a forma como era manuseado cada objeto carregado (leque, lenço, etc.), o andar, o olhar, a cor e a limpeza da pele, os cabelos, etc. eram signos e possuíam significado. Em outras palavras, constituíam-se uma “linguagem simbólica”, passível de leitura, principalmente no que concerne à diferenciação entre homens e mulheres e entre as camadas sociais.

O vestuário e a máscara fisionômica se fazem signo e trazem em si uma carga de significação. Por isso, ao analisarmos as representações das mulheres constantes nos jornais, nas revistas e nos romances, bem como nas imagens (descritivas e pictóricas) nelas contidas, não nos detivemos somente a descrever as roupas ou os traços físicos na época em questão, mas, sobretudo, buscamos perceber a ideia da “mulher elegante” e sua significação, isto é, quais os sentidos que esses postigos agregavam àquelas mulheres. Conforme Gilda de Mello e Souza, a roupa significa algo e esse significado difere em função dos grupos<sup>65</sup>. Desse modo, a

---

<sup>62</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 12-15.

<sup>63</sup>Ibid., p. 159.

<sup>64</sup>Termo usado nas colunas de moda dos jornais e revistas para informar que estava na última moda. Significado é último grito.

<sup>65</sup>SOUZA, op. cit.

significação da roupa está nas relações, nas vivências e naquilo que direciona a conexão dos indivíduos ou grupos a elas. Sendo assim, a vestimenta, assim como cada detalhe da máscara fisionômica feminina, carrega consigo significados que podem ser desvendados.

Enfim, a tese tem como objetivo principal a análise da moda, vinculada à vestimenta e à máscara fisionômica, observando a elaboração do “ser elegante” e de que forma a limpeza do corpo, a saúde, as roupas, usadas por mulheres, enfim todos esses elementos construíam e foram construídos pelo discurso de feminilidade. E, ainda, em que medida os ideais e as representações do moderno e do civilizado vinculadas à *Belle Époque*, expressadas no final do século XIX e início do XX, foram atualizados na limpeza e nos cuidados com o corpo, bem como na vestimenta, nos seus usos, na forma de apresentação e circulação dos corpos, construindo lugares de pertencimento, criando fronteiras, diferenças e associações a grupos, práticas e representações em São Luís. Focamos a pesquisa nas matérias dos periódicos (colunas, artigos, anúncios, etc.), bem como nas obras literárias e nas imagens neles contidas e por nós pesquisadas, em que frequentemente a moda é referida e associada aos fazeres e imagens sobre o corpo e seus cuidados, particularmente àqueles relativos ao vestuário, à limpeza, à saúde e aos significados que a aparência externa dos cidadãos remetiam ao circularem nos espaços de sociabilidade.

## RETALHOS

Antes de refletirmos sobre os vestígios, nas palavras de Marc Bloch<sup>66</sup>, que viabilizaram nossa pesquisa, é importante ressaltar que o trabalho com as representações da moda, vinculada à vestimenta e à máscara fisionômica, observando a elaboração do “ser elegante”, que se desdobrava na limpeza do corpo, na saúde e nas roupas usadas pelos cidadãos, em especial pelas mulheres das camadas abastadas, observadas a partir da leitura e análise das crônicas, dos artigos e dos anúncios contidos nos jornais e revistas, assim como da narrativa dos autores das obras literárias, nos permite conhecer a sociedade ludovicense e seus mecanismos de distinção.

No que se refere ao nosso objeto da tese, a moda, vinculada especialmente à vestimenta, bem como a fazeres e imagens sobre o corpo e seus cuidados, particularmente aos que remetem à limpeza e à saúde, requer a utilização e o cruzamento de fontes diversas. Por ser uma documentação fragmentada, no dizer de Lidia Maria Vianna Possas, nos “exigiu o

---

<sup>66</sup>BLOC, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

olfato de um caçador e a perspicácia de um rastreador de pistas e trilhas perdidas”<sup>67</sup>, porém, no nosso caso, de roupas e semblantes perdidos. Portanto, para a leitura dessas fontes fez-se necessária a observação atenta dos detalhes, dos “pormenores negligenciáveis”, dos “resíduos marginais” que permitem ao investigador penetrar em questões que uma visão globalizante descarta<sup>68</sup>.

Partindo dessa reflexão, utilizamos as obras literárias, jornais, revistas e as imagens (descritivas e pictóricas) contidas em tais periódicos, que nos permitiram conhecer a moda, vinculada à vestimenta, analisando de que forma a roupa e os adereços usados por mulheres, assim como os fazeres e as imagens sobre o corpo e seus cuidados construíram o discurso de feminilidade e foram por eles construídos. E também em que medida os ideais e representações de modernidade e civilidade vinculados no final do século XIX e início do XX foram atualizados na limpeza e nos cuidados com o corpo, bem como na vestimenta, nos seus usos, na forma de apresentação e circulação dos corpos, construindo lugares de pertencimento, criando fronteiras, diferenças e associações a grupos, práticas e representações, em São Luís entre os anos de 1890 e 1920. Para tanto, elencamos a natureza das fontes da pesquisa, tratando de sua estrutura e das condições de produção.

Sabemos que os jornais e revistas ou qualquer outro impresso “não nasceram prontos” e também não podem ser entendidos como “meros depositórios de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas”. As configurações destes “são elas mesmas produtos da experimentação e da construção social e histórica”<sup>69</sup>. Logo, os jornais e as revistas aqui analisados são entendidos como “produto social”, isto é, como “resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas”<sup>70</sup>.

Desse modo, os variados jornais e as revistas que eram editados e circulavam em São Luís nesse período serviram para observarmos os fragmentos de texto, os “pedaços de

---

<sup>67</sup>POSSAS, Lidia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos**: modernidade no sertão paulista. Bauru: EDUSC, 2001. p. 34.

<sup>68</sup>Sustentamo-nos no que Carlo Ginzburg chama de paradigma indiciário, em que compara o trabalho de um historiador ao de um caçador de vestígios, ao afirmar que o “conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”. Desse modo, o método permite remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente, isto porque se “a realidade é opaca existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-las”. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 152-177.

<sup>69</sup>CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. p. 258-259.

<sup>70</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 15.

significação”<sup>71</sup>, São eles: os anúncios das roupas, ornamentações e de produtos para embelezar, as crônicas que tratavam dos acontecimentos da cidade (bailes, passeios, concursos de beleza, etc.) e os artigos relacionados às novidades da “moda” e conselhos de limpeza, saúde e beleza, bem como as poesias, anedotas, que tratavam sobre o vestir em geral. Tudo isso, numa tentativa de buscarmos “pistas” e “sinais” a respeito das representações da aparência elegante que envolvia a manutenção do *status quo* da elite no jogo de pertencimento e distinção da sociedade ludovicense.

Esses fragmentos de texto selecionados não são entendidos como o que realmente aconteceu, nem mesmo como uma comprovação da veracidade do que aconteceu, mas sim como “situações plenas de significação”<sup>72</sup>. Assim, observamos os sentidos daquilo que foi notícia nos jornais e nas revistas da época, numa busca não pelas informações em si, mas numa busca pelas lacunas, pelos silêncios, pelos direcionamentos interpretativos, enfim, pelas várias representações existentes acerca da aparência elegante, especialmente da mulher, em São Luís entre os anos de 1890 e 1920. E, como já atentamos, não apreendemos os jornais como expressão imparcial, neutra ou única de uma época, mas como sendo as representações de percepções do ser limpo, ser belo, ser saudável e, portanto, ser elegante e estar à moda, de uma parcela localizada da sociedade maranhense à época.

Diante disso, concordamos com Rosane Feijão quando afirma que a imprensa dedicada à moda, e, no nosso caso, os espaços nos jornais e revistas que circulavam na cidade dedicadas a tratar de moda, não atuava somente na comunicação de informações, mas “era também responsável pela transmissão de um processo disciplinar”, ou seja, havia uma nítida sintonia daquilo que constava como informação em artigos, crônicas, anúncios, etc. constantes nos periódicos com um processo de propagação de valores e ideias cultuados pela elite urbana e burguesa, que se formou após o declínio da aristocracia rural<sup>73</sup>. Apesar de, no Maranhão, como veremos no próximo tópico, esse declínio não ter tirado das mãos da aristocracia o seu lugar na elite, havendo somente uma mudança nos postos ocupados, passando essa aristocracia a ocupar cargos públicos.

Como nos faz atentar Lilia Moritz Schwarcz, nos jornais tudo parecia pequeno e familiar, ou seja, “assim como as desfeitas eram públicas, pequenos desastres ou detalhes

---

<sup>71</sup>Ibid.

<sup>72</sup>Ibid., p. 17.

<sup>73</sup>FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. In.: BONADIO, M. C.; MATTOS, M. F (Org.). **História e cultura de moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011b. p. 34.

personais tinham sempre espaço<sup>74</sup>. Assim funcionavam os jornais que circulavam em São Luís, nos quais apareciam desde notícias e artigos acerca da política e da economia mundial até intrigas nas ruas e a descrição das maneiras, do semblante e do vestuário daqueles que lhes eram de interesse. Por fim, como veremos a seguir, cada jornal da época defendia uma ideia, quer religiosa, quer político-partidária, entre outras.

A escolha dos jornais e revistas como fontes para esta pesquisa, apesar de serem complexas, se deu por serem completas e nos apresentarem em meio às crônicas, aos anúncios, artigos, poemas, etc., os caminhos para observarmos as demandas do “ser elegante” na cidade entre os anos de 1890-1920. Em outros termos, o arrolamento dos jornais e revistas que circulavam no período na capital maranhense nos viabilizou observar as representações daquilo que era considerado limpo, saudável, belo, enfim, elegante, para se apresentar como a “fina flor da sociedade” ludovicense. As descrições acerca dos jornais e revistas constam no Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite<sup>75</sup>, como destacamos a seguir:

*O Jornal*, que circulou em São Luís de dezembro de 1914 a março de 1923. Seu subtítulo nos traz com clareza o seu conteúdo: Diário ilustrado – Informações, Arte, Literatura, Ciências, Teatro, Elegâncias. Logo, era uma folha informativa, literária e recreativa, contendo apontamentos sobre o que é considerado “ser elegante”. Sua edição e circulação ocorria seis vezes por semana.<sup>76</sup> Como era um jornal dedicado também “as elegâncias”, possuía em todas as suas edições uma coluna sobre moda e elegância intitulada “A Moda”, tratando das novidades do “bem vestir”, e algumas dessas colunas de moda eram assinadas por uma mulher chamada Helena. Outra seção de interesse para a pesquisa denomina-se “Elegâncias” ou “Atelier das elegâncias”, contendo questões acerca da higiene e beleza. Além disso, possuía uma coluna intitulada “Registo Elegante” que, em 1917, trocou o título por “Hontem”, que narrava os acontecimentos ditos elegantes ocorridos na cidade. É importante ressaltar que este jornal apresentava diversas novidades que estavam acontecendo no Rio de Janeiro e na França.

*A Tarde*<sup>77</sup>, jornal diário, que circulou na capital maranhense entre junho de 1915 e janeiro de 1916, possuía caráter noticioso e literário. Além das notícias acerca da movimentação na cidade, a principal coluna a ser observada, “Modas e Modos”, era publicada

<sup>74</sup>SCHWARCZ, op. cit., 2008. p. 62.

<sup>75</sup>MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Biblioteca Pública Benedito Leite. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**. São Luís: SECMA, 2007.

<sup>76</sup>O Jornal era editado em São Luís e de propriedade de Alfredo Teixeira, também proprietário da Revista Elegante, que não era mais publicada no período de circulação desse jornal. Teve como diretor Alcides Pereira.

<sup>77</sup>Seu diretor era Antonio Lobo e o gerente era J. Pires.

aos sábados. Essa coluna tratava das novidades das vestimentas, dos adereços ditos femininos e dos cuidados para a manutenção dos dentes, das unhas, do cabelo, da boca, dos olhos, etc.

Mais um jornal que transitava na cidade era o *Correio da Tarde*, cuja circulação se deu de 1º de dezembro de 1909 a 30 de dezembro de 1911, publicado seis vezes por semana. Possuía colunas variadas, tratando do cotidiano da cidade, além de notícias do país e do estrangeiro. Trazia em seu conteúdo uma coluna intitulada “Flanando”, que comentava sobre os acontecimentos da cidade, e a “Chrônica Elegante”, que tratava das novidades da moda, muitas vezes trazendo críticas relativos a seus usos. Continha também anúncios das principais lojas de artigo de luxo da cidade, como, por exemplo: “Au Grand Chic” e “Notre Dame”.

Outro jornal, *O Estado*, publicado de janeiro de 1915 a dezembro de 1918. Jornal diário, que tratava de questões referentes à vida econômica, política e financeira, divulgando anúncios e artigos diversos.<sup>78</sup> Atentamos, nesse jornal, para as notícias dos acontecimentos da cidade, especialmente os referentes ao carnaval, e para as seções intituladas “Moda” que nele apareciam esporadicamente. Recorremos também ao jornal *A Notícia*, que circulou de setembro de 1906 a fevereiro de 1907, seis vezes por semana, contendo uma variedade de notícias sobre os acontecimentos de São Luís e de outras capitais. Possuía também uma coluna especializada em moda, intitulada “Revista da Moda”, que trazia novidades acerca de vestimentas e adereços.

O *Diário do Maranhão* foi criado em 1855 e circulou em São Luís até 1858 quando sua publicação foi suspensa, retomando em 1873 com nova configuração intitulada *Diário do Maranhão – Jornal do Comércio, Lavoura e Indústria*, até 1911.<sup>79</sup> Circulava seis vezes por semana. Era um jornal de cunho noticioso, nos permitindo visualizar alguns acontecimentos da cidade, assim como os anúncios de produtos e de casas comerciais instaladas em São Luís. Esporadicamente esse jornal trazia artigos tratando sobre a moda feminina e tecia algumas críticas aos chamados “exageros da moda”, além da coluna “Mundo Elegante”, que trazia anúncios das revistas de moda que chegavam à cidade. Havia ainda o *Diário de São Luiz*, que circulou na cidade de 1920 a 1925<sup>80</sup>, seis vezes por semana; era um periódico de cunho noticioso. Além de conter um coluna que tratava dos acontecimentos sociais intitulada “Notas Mundanas”, editava também artigos esporádicos concernentes à

<sup>78</sup>Era de propriedade de uma Sociedade Anônima.

<sup>79</sup>Propriedade de uma EMPRESA, e em 1890 passou a pertencer a Frias e Filho.

<sup>80</sup>Possuía vários proprietários e redatores no decorrer dos anos, inclusive Nascimento de Moraes.

moda, destacando, em geral, os desvios dos comportamentos causados por esta, tais como: “Excessos da moda”, “Ainda a moda...”, “O Luxo”, entre outros.

*A Avenida*, de subtítulo Semanário Ilustrado de Literatura e Arte, foi um jornal com pouco tempo de circulação na cidade, de setembro a outubro de 1909 e de publicação semanal. Seu conteúdo constava de novelas, romances, anedotas e anúncios.<sup>81</sup> A seção “Retas e Curvas”, contida nesse jornal, trazia a descrição das senhoritas que frequentavam os passeios aos domingos nas praças da cidade. Os cronistas dessa seção prometiam um prêmio mensal para a senhorita melhor trajada.

*O Canhoto* foi publicado em São Luís de agosto de 1912 a dezembro de 1914, circulando quinzenalmente<sup>82</sup>. Era um jornal crítico, noticioso e literário, de propriedade de uma associação estudantil. Nele havia diversos poemas, anedotas, crônicas, tratando da movimentação na cidade e ainda havia uma coluna intitulada “Inspirações Femininas”, com poemas direcionados à mulher, e colunas tratando sobre moda. Também fazia descrições das mulheres consideradas belas que participavam dos concursos de beleza e elegância nas seções denominadas “Retrato à Lápis”. A partir de janeiro de 1915, esse jornal passou a ser chamado *O Ateniense*, circulando na cidade até abril de 1918. Assim como esses últimos, o jornal *A mocidade*<sup>83</sup> destinava a maior parte de seus espaços à literatura, mas possuía seções destinadas à descrição de mulheres consideradas belas na cidade, espaços denominados “Pontos de Perfil”.

Além desses, também o pequeno exemplar do jornal *A Rua*, editado de janeiro a maio de 1915, de subtítulo Do povo - Escrita para o povo, com publicação diária.<sup>84</sup> Por ser um jornal que se dizia falar para o povo, possuía alguns artigos intitulados “Ratos”, que em versos faziam sátiras aos “costumes” ludovicenses, especialmente a ostentação de aparente riqueza. A coluna “Vida Social” tratava das ocasiões festivas na cidade.

*A Cruzada* circulou em São Luís entre outubro de 1890 e dezembro de 1892, com o subtítulo Diário Político-Religioso, Literário, Comercial e Noticioso.<sup>85</sup> Era editado seis vezes por semana. Jornal de variedades, apesar de sua orientação pautada nos preceitos da Igreja Católica. Por ser um jornal com viés religioso, apresentava crônicas intituladas “Festas

<sup>81</sup>Era de propriedade de uma EMPRESA.

<sup>82</sup>Não constam os exemplares do mês de novembro de 1914.

<sup>83</sup>De subtítulo Órgão do Clube Estudantil Nina Rodrigues, circulou em São Luís de 1906 a 1908, constando os exemplares de setembro a dezembro de 1906, de maio a dezembro de 1907 e de março a novembro de 1908 e setembro 1909.

<sup>84</sup>O redator-chefe era Bibico de Rodrigues e o redator-gerente era José Victorino. De propriedade de uma Associação Anônima.

<sup>85</sup>Seu editor era Carlos Joaquim da Silva.

dos Remédios”, que narravam os principais acontecimentos da festa, especialmente os que estavam associados às mulheres frequentadoras das festas.

*A Novena* foi um jornal criado devido às festividades de Santa Filomena, publicado em agosto de 1909 diariamente, somente no período da festa, apresentando notícias sobre a festa e anúncios, além de notícias sobre os concursos de beleza e elegância que ocorriam durante o evento e a descrição das concorrentes.

*A Imprensa*, de subtítulo Jornal do Povo, jornal que transitou em São Luís entre julho de 1906 e outubro de 1907 diariamente<sup>86</sup>, possuía colunas variadas e crônicas acerca da movimentação na cidade. Nele nos ativemos principalmente à coluna intitulada “Chronica”, que narra os diversos momentos festivos que aconteciam na cidade, e também a seção intitulada “O Bello Sexo”, que trata das questões referentes à limpeza e à beleza da mulher.

*Jornal da Manhã*<sup>87</sup>, que circulou de julho a dezembro de 1900, também diariamente, além de tratar dos acontecimentos gerais da cidade possuía colunas específicas, denominadas “Festa”, para informar e comentar as festas na cidade. Já o jornal *Maranhão*, diário, editado entre abril de 1907 e abril de 1909, se constituía de colunas variadas, folhetins e crônicas intituladas “Chronicas” a respeito das festas ocorridas na cidade, especialmente as festas religiosas. Também tratava das festas em São Luís o jornal *Regeneração*, que circulou na cidade de agosto a dezembro de 1898, diariamente<sup>88</sup>. Em suas colunas publicavam-se notícias em geral, anúncios comerciais e romances em forma de folhetim e ainda crônicas, intituladas “A Festa”, relativas às missas e aos passeios após as missas que ocorriam na cidade, especialmente no Largo do Carmo.

*O Abelhudo*, de subtítulo Folha dos Curiosos<sup>89</sup>, circulou na cidade semanalmente de novembro de 1898 a março de 1899. O conteúdo das colunas desse jornal fazia críticas às mais diferentes alas da sociedade ludovicense e eram carregadas de humor e sarcasmo. Dentre as críticas, havia aquelas voltadas às práticas dos cidadãos, no que se refere às vestes, ao cabelo, ao comportamento, etc., intituladas “Implicações” e “Beliscando”.

*A Pacotilha*, de subtítulo Jornal da Tarde<sup>90</sup>, circulou na cidade 1880 a 1930. Este jornal, era diário, de caráter noticioso e de grande circulação e narrava “fatos” ocorridos na cidade e nas capitais do país e do estrangeiro. Além disso, possui “Notas” a respeito das festas que ocorriam na cidade, principalmente no teatro e nos clubes, contendo a descrição dos que

<sup>86</sup>Seu diretor era Alexandre Raposo.

<sup>87</sup>Os redatores e proprietários eram Agripino Azevedo e Joaquim P. Franco de Sá.

<sup>88</sup>Com diversos redatores e de propriedade de Raymundo J. Ewerton Maia.

<sup>89</sup>Seus redatores e proprietários não aparecem nas páginas do jornal.

<sup>90</sup>No decorrer desses anos, vários foram os redatores, incluindo Barbosa de Godois. Era um jornal diário com grande circulação na cidade, fundado por Vitor Lobato.

os frequentavam. Havia também nesse jornal duas folhas de anúncios dos mais diversos produtos vendidos nas lojas da capital maranhense, assim como artigos esporádicos tratando da moda.

Outros jornais foram pesquisados como é o caso de *A Tocha*<sup>91</sup>, *A Campanha*<sup>92</sup>, *A Semana*<sup>93</sup>, *Almanaque de A Fita da Távola do Bom Humor*<sup>94</sup>, *Primavera*<sup>95</sup>, *O Domingo*<sup>96</sup>, *O Registo*<sup>97</sup> que tratavam do cotidiano da cidade, divulgando anúncios, artigos e notícias sobre o dia a dia na cidade.

As revistas arroladas a seguir, por se tratar de periódicos “de variedades”<sup>98</sup>, possuíam diferenças, nuances e intenções de atingir públicos diferenciados. Contudo, apresentavam com mais frequência preocupação com a “arte de trajar”, contendo colunas tratando da vestimenta e do comportamento feminino.

*Revista do Norte* editada durante o período de 1901 a 1906, mensalmente. Era uma revista literária, dedicada à publicação de prosas e poesias. Possuía também uma seção para tratar de assuntos gerais, tais como nomes de praças e ruas, datas comemorativas, entre outros. Além disso, continha um espaço para fotografias de São Luís e de outras capitais e de alguns personagens das letras ou do cenário político. Todas as suas edições possuíam uma página dedicada a ilustrações da moda vigente, no que diz respeito ao vestuário feminino, intitulada “A moda d’A Revista”.

*Revista Elegante*, especializada na “arte de trajar”, editada em São Luís, de distribuição gratuita e de propriedade da Alfaiataria Teixeira. Circulou na capital maranhense de 31 de maio de 1892 a junho de 1906. A princípio, quinzenalmente e a partir de 1903 passou a ser mensal. Era uma revista de cunho literário, que publicava diversos poemas e poesias, romances em de forma folhetins, além de anedotas e charadas voltadas para questões do vestir. Por ser de propriedade de uma alfaiataria, a revista possuíam em suas duas últimas

<sup>91</sup>Os exemplares constam de agosto a dezembro de 1911 e de janeiro e março a julho de 1912.

<sup>92</sup>Os exemplares constam de abril a outubro de 1902 e janeiro de 1903 a fevereiro de 1904. De subtítulo *Orgão de Interesses Populares*. Redator-chefe era Ignácio Raposo, mas a partir do terceiro ano passou para Jansen Mattos. O chefe de redação era Manuel de Béthencourt.

<sup>93</sup>De setembro de 1909 a março de 1917. Jornal literário que circulava todos os domingos na capital maranhense. Seus redatores assinavam por pseudônimos.

<sup>94</sup> Almanaque humorístico, literatura e Artes que circulou em 1921.

<sup>95</sup>Primavera: Jornal literário, crítico e noticioso, circulou de outubro de 1909 a dezembro de 1909.

<sup>96</sup>O Domingo: hebdomadário catholico, critico e noticioso que circulou de junho a agosto de 1901; setembro e outubro de 1917.

<sup>97</sup> O Registo: literário, artístico, elegante e esportivo, circulou em agosto de 1917.

<sup>98</sup>Tania Regina de Luca nos lembra das armadilhas que as revistas ditas de “variedades” podem trazer para o pesquisador, lembrando que por mais que as revistas se autodenominem “de variedades” é possível perceber a intenção de atingir públicos diferenciados. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-153. p. 121-123.

folhas: anúncios diversos de produtos do vestuário masculino e também máquinas de costura e objetos de decoração de casa, além de perfumaria e cosméticos, todos à venda no Armazém Teixeira. Por fim, a revista era ilustrada com diversas fotografias da cidade.

A revista *Fon-Fon*, editada e publicada no Rio de Janeiro, de 1907 até 1958, foi uma revista que marcou a entrada do Brasil na modernidade<sup>99</sup>. Sua utilização neste trabalho se deu devido à circulação desta na cidade e por conta das aparições de maranhenses das camadas abastadas em algumas edições da revista em seções intituladas “*Fon-Fon* no Maranhão”. Nela encontramos anúncios de lojas situadas em São Luís, como é o caso da loja Mariposa.

Todos esses periódicos, jornais e revistas, que circulavam pela cidade exibiam imagens (descritas e pictóricas) de figurinos, de mulheres das camadas abastadas e de anúncios de lojas e seus produtos<sup>100</sup>, tendo em vista que as imagens, “assim como os textos e testemunhos orais, constituem-se uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”<sup>101</sup>. Por isso nos propusemos observá-las em seus pormenores, pois, como assevera Peter Burke, as imagens, assim como os textos, necessitam ser lidas “nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos [...] usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para a suposição que eles estavam conscientes de possuir”<sup>102</sup>.

Nesse sentido, Rosana Horio Monteiro lembra que “a imagem não fala por si só, mas expressa e dialoga constantemente com modos de vida típicos da sociedade que a produz”.<sup>103</sup> Tal ressalva também é confirmada por Ulpiano T. Bezerra de Menezes: “as imagens não têm sentido em si, imanentes”. Logo, “é a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente [...] determinados atributos para dar existência social a sentidos e valores e fazê-los atuar”<sup>104</sup>. Dessa forma, para além de uma análise formal ou descritiva das imagens constantes nos jornais e revistas arrolados na pesquisa, buscamos perceber as imagens como representação visual e, sendo assim, como resultado de processos de produção

<sup>99</sup>BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

<sup>100</sup>Maria Claudia Bonadio analisa a importância da moda e do comércio de moda para a ampliação da sociabilidade feminina no contexto de São Paulo, entre os anos 1913-1929, por meio do estudo da publicidade do Mappin Store e das crônicas publicadas na revista *Feminina por marionete* entre 1915 e 1926. Ver: BONADIO, Op. cit.

<sup>101</sup>BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 17.

<sup>102</sup>Ibid., p. 238.

<sup>103</sup>MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem: Rev. Lab. Est. Domínios da Imagem na História**. Londrina, ano 1, n. 2, p. 129-134, maio 2008. p. 133.

<sup>104</sup>MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Rev. bras. História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. p. 28.

de sentidos assentados em contextos sociais (em seu entendimento mais amplo)<sup>105</sup>, pois “as imagens têm papel privilegiado no sentido de representar ou figurar o mundo em formas visuais”. Enfim, entendemos que as imagens apresentadas nos jornais são construídas socialmente e estão mergulhadas nos arranjos sociais em que foram produzidas, temporal e espacialmente. Porém, as imagens não são o reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas sim “testemunhas dos estereótipos” e também “das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação”<sup>106</sup>.

Para tanto, Rosana Horio Monteiro nos lembra que “falar em métodos de pesquisa da imagem é falar de metodologias referentes à construção, transmissão e decodificação de produtos visuais [...]”<sup>107</sup>. Desse modo, utilizamos o estudo de Erwin Panofsky acerca de *iconologia* e *iconografia* para compreendermos as imagens selecionadas para a pesquisa. Segundo esse autor, “a iconografia é o ramo da história da arte que se ocupa do significado das obras de arte em oposição à sua forma”<sup>108</sup>, isto é, o autor pretende uma análise das obras de arte que se afaste da perspectiva puramente formal. Conforme Panofsky, para interpretar a mensagem de uma imagem, é necessário familiarizar-se com os códigos de cultura. Para tanto, propõe que se faça uma ponte entre o universo propriamente artístico e seu contexto histórico-social, pois as imagens são parte de toda uma cultura específica.<sup>109</sup>

Panofsky distingue três níveis de interpretação ou significado de uma imagem: o primeiro, o significado primário ou natural ou pré-iconográfico, que consiste na identificação de formas puras e sua relação com eventos; o segundo, o significado secundário ou convencional ou iconográfico, encontrado pela conexão entre os motivos artísticos com temas ou conceitos transmitidos por fontes literárias, o que requer familiaridade com tais fontes; por último, o significado intrínseco ou conteúdo ou iconológico, é apreendido pela “averiguação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, período, classe, convicções religiosas ou filosóficas”<sup>110</sup>. Em outras palavras, é buscar a atitude de fundo em relação ao mundo, é entender a obra como sintoma cultural ou como “forma simbólica”<sup>111</sup>. O significado intrínseco diz respeito à interpretação dos valores simbólicos que

<sup>105</sup>KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun., 2006. p. 114.

<sup>106</sup>BURKE, op, cit., p. 232.

<sup>107</sup>MONTEIRO, op. cit., p. 133.

<sup>108</sup>PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. Lisboa: Presença, 1989. p. 31.

<sup>109</sup>Ibid., p. 32.

<sup>110</sup>Ibid., p. 33.

<sup>111</sup>Para Cassirer o símbolo é uma formação mediante a qual um determinado conteúdo sensível isolado pode fazer-se portador de uma significação espiritual universal. A função simbólica é significar: no elemento

permeiam a imagem. Todavia, esses níveis não são estanques e independentes, eles se entrecruzam em um processo orgânico.<sup>112</sup> Observar o entrelaçamento desses três níveis nas imagens (descritas e pictóricas), nos permitiram entender os significados dos mecanismos do tornar uma mulher elegante.

Nesse sentido, a roupa e os cuidados corporais comportam significados, e estes não são tomados como dados, mas como construção sociocultural<sup>113</sup>, podendo ser reconhecidos como algo que permite ao indivíduo revestir-se de certos sentidos que devem ser apurados. Buscar e analisar o significado das imagens (descritas e pictóricas), nos permitiu entender a relação destas com o contexto social e cultural nos quais foram produzidas, isso é, os sentidos presentes no uso desta ou daquela roupa, no uso deste ou daquele produto através do cruzamento de textos e imagens que tratam das roupas e da máscara fisionômica, presentes nas fontes já descritas. Isso nos faz prestar atenção aos detalhes, exigindo-nos a interpretação dos diferentes significados “inseridos” na construção do “ser elegante”, pois cada posição, adereço, roupa, máscara fisionômica utilizadas possuem valores simbólicos, podendo destacar um sinal de prestígio ou diferenças de gênero e, respectivamente, simbolizando o poder (em relação às camadas sociais) ou a submissão feminina (em relação ao homem).

Já nos romances, produzidos no período estudado, procuramos traços da sociedade brasileira, especialmente da maranhense, o que nos permitiu a análise do “dia a dia” e da sociabilidade desta sociedade, na virada do século XIX para o século XX e buscar informações acerca dos usos das roupas, além dos comportamentos sociais e morais adotados, referentes aos modos de vestir. Os romancistas, segundo Gilda de Souza e Mello, ao analisar o vestir no século XIX revelam uma sensibilidade aguda, captando “[...] melhor que ninguém, nos meios elegantes, o acordo da matéria com a forma, da roupa com o movimento, enfim a perfeita simbiose que a mulher vive com a moda”.<sup>114</sup> Isso ocorre porque os autores “lança[m] mão de sua realidade, de sua vida próxima, doméstica e urbana, inserindo seus personagens em contextos comuns à época, [...] colocando-os a consumir e a desejar os produtos que

---

sensível individual reconhecemos o significado. Então, o essencial do símbolo é que o elemento sensível está impregnado de sentido. Dessa forma, Cassirer considera a arte, bem como a linguagem, a ciência e o mito, como formas simbólicas; não são simples reproduções dos conteúdos dados pelas impressões, não são a cópia do real, mas sim representam uma determinada direção configuradora da nossa atividade espiritual. POZO, Antonio Gutiérrez. El arte como pensar metafórico en la filosofía simbólica de Cassirer. **Prax. Filos.** [online]. n. 26, p. 169-188, 2008.

<sup>112</sup>PANOFSKY, op. cit., p. 37-38.

<sup>113</sup>KNAUSS, op. cit., p. 100.

<sup>114</sup>SOUZA, op. cit., p. 24.

faziam parte de seu entorno cultural”<sup>115</sup>, nos permitindo analisar as representações e significações constantes no universo apresentado.

Sobre o uso da literatura como fonte, Sandra Jatahy Pesavento, ao analisar a relação entre literatura e história, infere que “o historiador pode analisar as ideias gerais que dominam uma época. O romancista deve encarná-los nos personagens”. Essa afirmativa nos faz perceber que os “discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem, ambos, sentidos e significados inscritos no tempo”. Todavia, as narrativas guardam distintos níveis de aproximação com a realidade. Segundo a autora, a literatura é uma fonte privilegiada, “porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam”. Fonte essa que “[...] dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo”, portanto, “fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica”. Assim, a literatura permite aos historiadores acesso “às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam”<sup>116</sup>. Nesse sentido, entendemos que

[...] o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância<sup>117</sup>.

E é esse alcance da literatura que trazemos na análise dos textos literários por nós escolhidos. Sendo assim, as tramas e personagens apresentadas e representadas nesses textos estão ancoradas num “referente real”, que nos possibilitou através das pistas e traços “chegar lá”<sup>118</sup>, à sociedade ludovicense.

Os textos literários que trataram dessas pistas e traços são os que abordaremos a seguir:

O livro *Vencidos e Degenerados*, de Nascimento de Moraes<sup>119</sup>, primeiramente publicado no Maranhão, em 1915, trata do cotidiano de São Luís no final do século XIX e XX, pós-abolição da escravatura. O autor faz uso de registros jornalísticos para tecer a trama

<sup>115</sup>RODRIGUES, Mariana Chistina de F. Tavares. **Mancebos e mocinhas**: moda na literatura brasileira do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. p. 28.

<sup>116</sup>PESAVENTO, Sandra J. **História & Literatura**: velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006, p. 6-8. Disponível em: [www.nuevomundo.revues.org/1560](http://www.nuevomundo.revues.org/1560). Acesso em: 12 ago. 2015. p. 3.

<sup>117</sup>Ibid., p. 8.

<sup>118</sup>Quando a autora fala em “chegar lá” está tratando do trabalho do historiador em sua caminhada para chegar ao que aconteceu, mesmo que em verossimilhança, e que para isso “freqüentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca de proximidade com o real acontecido”. PESAVENTO, Ibid., p. 6.

<sup>119</sup>José do Nascimento Moraes nasceu em São Luís do Maranhão, no dia 19 de março de 1882 e faleceu em 2 de fevereiro de 1958, aos 76 anos. Foi poeta, romancista, cronista, ensaísta e jornalista. Além disso, alcançou os cargos de presidente da Academia Maranhense de Letras e professor do tradicional Liceu Maranhense.

do romance. Este apresenta “um retrato multifacetado da vida ludovicense [...], nuances da atmosfera abafada da decadência, reveladores do desequilíbrio vigente em todo o corpo social tomado como corpo da narrativa”<sup>120</sup>. A narrativa de *Vencidos e Degenerados* tem como marco inicial a lei de 1888. A trama gira em torno de Cláudio Oliver, mestiço, que procura ascender socialmente por meio das letras, com a criação de um grêmio literário destruído pelas elites locais, mas também por outras vias, como o casamento com Amélia Rodrigues, filha de um membro da elite política, também impedido. Vencido por conta das barreiras encontradas para a sua ascensão, Cláudio Oliver foi para o Amazonas, onde se tornou um importante homem das letras.

*Cartas do Cumpadre Tibúrcio: notícias da capital por Lourenço Gomes Furtado*, de Euclides Faria<sup>121</sup>, publicado em 1907, é um livro em versos, cujos personagens, uma dupla fictícia de compadres – um morador do interior do Estado e outro residente da capital – leva o autor a falar das transformações que se davam em São Luís no início do XX. Segundo Domingos Barbosa<sup>122</sup>, nas *Cartas*, Euclides Faria era “um poeta do humorismo velho, mais sadio, trocando tudo, vibrando, a propósito de tudo, com solecismos na frase, mas sem galicismo na idéia. Toda quadra do Maranhão passado ele corria [...]”.<sup>123</sup>

Os contos do livro *A Vida Elegante*, de Raul Azevedo<sup>124</sup>, publicado em 1913, nos apresenta pontualmente alguns aspectos da vida dita elegante no início do século XX. O livro consta de 11 contos que trazem tramas que envolvem quesitos da vida moderna – suas novidades e seus usos, a exemplo, “Cinematographo”, “Chapéos”, entre outros.

*Memórias (1886-1900) e Memórias Inacabadas (Obra póstuma)*, publicado pela primeira vez em 1933, do escritor Humberto de Campos Veras<sup>125</sup>, traz crônicas do começo de sua vida, desde sua saída de Miritiba (hoje, Humberto de Campos) no estado do Maranhão,

<sup>120</sup>MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Operários da saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2006. p. 48-52.

<sup>121</sup>Euclides Ludgero de Faria nasceu em São Luís em 1846 e faleceu em Belém em outubro de 1911. Além de autor de diversos livros, atuou como redator no jornal *Civilização*.

<sup>122</sup>Domingos Quadros de Barbosa Álvares nasceu em São Bento-MA, aos 28 de novembro de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro, aos 26 de dezembro de 1946. Dirigiu a Imprensa Oficial e foi Secretário-Geral do Estado, no governo de Benedito Leite.

<sup>123</sup>BARBOSA, Domingos. **Silhuetas**. 2. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.

<sup>124</sup>Raul Azevedo nasceu em São Luís/MA em 1875 e faleceu no Rio de Janeiro em 1957. Residiu no Amazonas, onde foi jornalista, Secretário Geral do Estado e assumiu outros cargos.

<sup>125</sup>Humberto de Campos Veras nasceu em Miritiba de São José do Piriá, em 1886. Foi poeta, cronista, humorista, contista, crítico literário e redator em jornal, além de político. Iniciou sua vida como aprendiz de alfaiate, foi caixeiro de comércio e tipografo; depois, representou o Maranhão na Câmara Federal. Em sua trajetória passou por São Luís; Belém, onde atuou como redator dos jornais Folha do Norte e Província do Pará; Rio de Janeiro, atuando também em jornais. A partir de 1910 seu campo de atuação em jornais ampliou, passando a publicar em colunas de diversos jornais do Brasil. AGRA, Giscard Farias. **Quando a doença torna a vida um fardo: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934)**. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de pós-graduação em História. Recife, 2014.

onde nasceu, e seu percurso por Parnaíba, no Piauí e por São Luís do Maranhão. Nessas crônicas descreve situações e locais em São Luís nos permitindo “visualizá-la” em seus pormenores, enfim, os “fatos miúdos” da trajetória de Humberto de Campos nessa cidade. Além de *O Cativoiro*, publicado em 1938 e *A esfinge do Grajaú: memórias*, publicada em 1940 de Dunshee Abranches<sup>126</sup>, também memórias sobre o Maranhão, que retratam a vida maranhense ainda no século XIX.

Por fim, utilizamos como fontes os Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - Maranhão dos anos de 1894, 1895, 1897, 1898 e 1905<sup>127</sup>; e, o Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão 1896<sup>128</sup>, no intuito de observarmos a movimentação dos estabelecimentos e dos profissionais voltados para a elaboração da aparência elegante em São Luís.

Com essa investigação buscamos analisar as fontes já apontadas da maneira proposta por Michel de Certeau: “[...] não se trata apenas de fazer falar estes ‘imensos setores adormecidos da documentação’ e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma outra coisa que funciona diferentemente”, o que denota interpretá-la ou “dar lugar” às fontes, pois elas não falam por si<sup>129</sup>. Assim, os textos, de quaisquer que sejam as modalidades, foram conectados, permitindo-nos captar a representação da moda, vinculada especialmente à vestimenta, bem como aos fazeres e imagens sobre o corpo e seus cuidados, particularmente aos que remetem ao “ser elegante” em São Luís na virada do século XIX para o século XX.

## **A BELLE ÉPOQUE EM TEMPOS DE CRISE**

Madame: [...] Arranco a mascara,  
- esta mascara odiosa que a sociedade me impõe.  
Se tudo no mundo é convenção...<sup>130</sup>

<sup>126</sup>João Dunshee de Abranches Moura, intelectual maranhense, nasceu na cidade de São Luís no dia 2 de setembro de 1867. Defensor das causas abolicionistas e republicana. Foi deputado estadual e federal, escritor e atuou no campo jornalística, fundando jornais como O Norte, em Barra do Corda (MA)-1888 e colaborando com outros jornais no Maranhão, Pernambuco, Pará, Amazonas, Rio Grande do Sul como redator, diretor, além de presidente da Associação Brasileira de Imprensa em 1910. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ABRANCHES,%20Dunshee%20de.pdf>> Acesso em: 3 jul. 2015 e ANTOLOGIA da Academia Maranhense de Letras (1908-1958). São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2008.

<sup>127</sup>Relatórios dos Presidentes das Províncias dos Estados Brasileiros (1890-1930) – Maranhão. Disponíveis em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720402&pasta=ano%20189&pesq=>>> Acesso em: 9 jul. 2015.

<sup>128</sup>Ibid.

<sup>129</sup>CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 83.

<sup>130</sup>AZEVEDO, Raul. **Vida Elegante**. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1913. p. 113.

Pensar a construção da aparência da elite ludovicense que se queria elegante, a partir de elementos como a limpeza do corpo, a saúde e o vestir, entre 1890 e 1920, pressupõe compreendermos as demandas externas das modernas sociedades “civilizadas”, que circulavam em São Luís, expressas na *Belle Époque*, e que atingiam em certa medida os ideais e representações do “ser elegante” na cidade. As máscaras que a sociedade impunha, expressadas por Madame, personagem de Raul Azevedo em *Vida Elegante*, nas quais a convenção imperava, nos remete justamente às estratégias das camadas abastadas da sociedade ludovicense para se alinhar a esses ideais e representações.

Dito isso, o que se convencionou chamar de *Belle Époque* se caracterizou

[...] pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade.<sup>131</sup>

Todavia, não houve um modelo pronto e estanque do que foi uma cidade e uma população que vivenciou o sopro da *Belle Époque*, pois essas estão inscritas em realidades históricas diversas, apresentando em suas modernizações diferenças importantes e por vezes cruciais para aquilo que se apresentava como o *savoir vivre* da época, visto que a “cidade não se submete a uma modelo sem modificá-lo”<sup>132</sup>. Assim sendo, “o que cada um fazia com o que obtivesse era um novo fator aleatório e estranhamente imprevisível”.<sup>133</sup>

Ainda assim, o entusiasmo, observado por Nicolau Sevcenko, é sentido nas mais diversas capitais do Brasil e do mundo, nas quais o discurso do moderno e do civilizado embalou os trâmites do “progresso” em tal período. As capitais do país, especialmente Manaus, Belém, São Paulo e Rio de Janeiro tiveram suas estruturas urbanas remodeladas, sendo este o mais evidente cartão de chegada da modernidade nas cidades. Porém, é importante frisar que a vasta historiografia acerca do tema mostra que tais remodelações não consideravam grande parte da população, especialmente a que vivia à margem de qualquer bem-estar proporcionada pelo dito “progresso”.

A modernidade, segundo Maria de Nazaré Sarges, ao analisar o processo de reurbanização em Belém, é concebida como a “expansão da riqueza, ampliando as

<sup>131</sup>FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 15.

<sup>132</sup>Ibid., p. 17.

<sup>133</sup>SEVCENKO, Nicolau. Cidade irradiante. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-620. p. 611.

possibilidades” e se caracterizava, entre outras coisas, pela “mudança de comportamento público e privado e bafejo da democracia, transformando as ruas em lugares onde as pessoas circulavam e exibiam seu poder de riqueza”.<sup>134</sup> Em Belém, o financiamento da economia da borracha sustentou a movimentação da riqueza nessa capital, ou seja, o alinhamento das novidades advindas do mercado internacional foi financiado pela riqueza mantida pelo mercado da borracha. Assim também foi em Manaus, onde a borracha garantiu o sustento do luxo caracterizado pelo sopro da *Belle Époque*.<sup>135</sup>

Já em São Paulo esse entusiasmo foi garantido pela economia do café e em seguida pelas fábricas ali instaladas, o que também garantia a pompa da elite econômica paulistana<sup>136</sup>. O Rio de Janeiro, Capital Federal, no início do século XX altera sua estrutura física, especialmente na administração de Pereira Passos, que também ambicionava operar modificações nos hábitos da população.<sup>137</sup> Outras capitais também vivenciaram o sopro da *Belle Époque*, cada uma a sua maneira e medida, mas todas baseadas nos moldes estéticos de cidade, de população e de estilo de vida adotados pela burguesia europeia.

Dessa maneira, as mudanças de comportamento foram embaladas pela introdução das novas tecnologias e modos de vida, condicionando efeitos na construção dos mitos da modernidade e da cidade moderna na experiência pessoal de diferentes grupos da sociedade das capitais brasileiras. Algumas novidades que acompanharam a virada do século XIX para o século XX foram: a luz elétrica, o avião, o bonde elétrico, os automóveis, o cinema e mesmo os remédios, abalando aqueles que viviam nas cidades. Evidentemente, como mencionado, cada cidade e seus cidadãos viveram esses ares ao seu tempo e ao seu modo. Em São Luís, por exemplo, o bonde puxado a burro só foi substituído pelo bonde elétrico no final de 1924,

---

<sup>134</sup>Outras características apontadas por Maria de Nazaré Sarges são: o avanço da tecnologia (Revolução Industrial), construção de ferrovias, expansão do mercado internacional, urbanização e crescimento das cidades (em área, população e densidade). SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. p. 19.

<sup>135</sup>Em Belém, a modernização da cidade, via análise da urbanização, ocorreu em razão do enriquecimento que atingiu certos setores sociais da região com a inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial, tendo como atividade econômica a borracha, impulsionando a reordenação da cidade através de políticas de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Ibid. Sobre Manaus: DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, entre outros trabalhos sobre o período na Amazônia.

<sup>136</sup>Sobre São Paulo nesse período há uma vasta historiografia.

<sup>137</sup>Nicolau Sevcenko analisa essas modificações que ocorreram na Capital Federal mediadas pelas consequências da “Revolução Científico-Tecnológica” que chegaram ao Brasil. Mostra que o Rio de Janeiro passou à “metrópole-modelo” para o resto do Brasil. A capital do governo passou a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas, acima de tudo, os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulavam a modernidade como uma experiência existencial e íntima”. SEVCENKO, op. cit., p. 522.

após a implantação da Ulen Company, em 1923, que concentrava “a produção e gestão dos serviços de água, esgoto, luz e tração elétrica na cidade”<sup>138</sup>.

É importante ressaltar que a *Belle Époque* com seu afã de modernidade não alterou somente a infraestrutura das cidades, tampouco se constituiu unicamente da utilização de novas técnicas, mas também modificou o estilo de vida daqueles que habitavam nas cidades, seu modo de viver no espaço público e sua ressonância no ambiente privado. Enfim, os rituais do “ser moderno” alteraram as relações e convivências sociais, bem como modificaram o gosto e a estética, mantendo a “obrigatória associação com símbolos cosmopolitas, em especial aqueles que conotavam origem europeia ou norte-americana, consolidando a prática *chic* de ser *snob*”<sup>139</sup>. Apesar da influência norte-americana já circular em algumas capitais do Brasil, em São Luís, mesmo com o uso de termos que remetam a uma influência norte-americana a circular na cidade, o que nos parece predominar é uma remissão ao padrão europeu, sobretudo, francês.

Nesse sentido, diante da possibilidade de analisar o sopro da *Belle Époque* nas capitais do Brasil à época, abordamos esse sopro, embasado no “moderno” e no “civilizado”, em São Luís. E, para tanto, nos ativemos àquilo que Lilian Mortiz Schwarcz afirma: em se tratando de Brasil, estávamos diante de uma “[...] sociedade recém-egressa da escravidão, que guarda marcas e hierarquias arraigadas, e de um novo projeto político republicano que tenta se impor a partir da difusão de uma imagem de modernidade e de civilidade criada na contraposição com o Império”<sup>140</sup>. Assim sendo, a sociedade ludovicense estava enraizada no passado imperial, mas, em contrapartida, galgava construir a imagem de “moderna” e “civilizada”, de acordo com os padrões da época vigente. Contudo, destacamos que o “modernismo” e a “civilização”, como já apontamos e aprofundaremos no decorrer do texto, se apresentava muito mais nas representações das preocupações com a aparência dos cidadãos.

Essa contraposição entre um passado imperial e um presente republicano “moderno” e “civilizado” ocorre no Maranhão desses tempos da seguinte forma: vivia-se do ranço da riqueza construída em meados do século XIX quando a economia do algodão e do açúcar estava em alta, e que, paulatinamente, imprimiram na cidade alterações, dentre os

<sup>138</sup>A Companhia Ferro-Carris foi a empresa responsável pelas obras de instalação dos trilhos de ferro para o tráfego do bonde. A saída deste dava-se do Largo do Palácio, passando pelo Caminho Grande, até o Cutim. PALHANO, Raimundo Nonato da Silva. **A produção da coisa pública: serviços e cidadania na primeira república**. São Luís: IPES, 1988. p. 300-310.

<sup>139</sup>SEVCENKO, op. cit., p. 533-534.

<sup>140</sup>SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. Companhia das Letras, 2002. p. 43.

quais: alinhar a cidade e sua população aos padrões da civilização europeia. Vejamos o desenrolar e a construção desse ranço.

No decorrer do século XIX a prosperidade econômica dos fazendeiros de algodão e de cana-de-açúcar, como também dos comerciantes, envolveu a cidade, favorecendo seu crescimento e desenvolvimento material, consoante com as ofertas e demandas dessa época, tais como: a iluminação a gás, o bonde puxado a burro, o calçamento das ruas, a arborização e a reforma das praças, serviços organizados de água e esgoto, etc., além das medidas de higienização e de saneamento<sup>141</sup>. Isso porque São Luís era o local de escoamento da produção do Maranhão e, como tal, criava condições objetivas para a urbanização. Além disso, a capital era local de residência tanto dos comerciantes quanto dos fazendeiros que mantinham suas famílias nos casarões do centro da cidade. Assim, a administração pública iniciou diversas alterações na aparência da cidade mantendo alguns locais, especialmente aqueles frequentados por essas camadas, tal como o Centro, organizados e limpos. Todavia, não houve um projeto de reurbanização materializado na cidade promovido pela administração pública, como a construção de grandes avenidas, prédios, construção ou reforma de prédios públicos, etc..<sup>142</sup> Dessa forma, o que ocorreu ainda no século XIX foi uma tímida adequação da cidade aos moldes civilizacionais e modernos da época e que de toda forma deram outros ares à cidade<sup>143</sup>.

Nesse mesmo momento, uma parcela da sociedade ludovicense, os ditos abastados compostos pelos comerciantes, na sua maioria portugueses, fazendeiros vinculados ao açúcar e ao algodão, bem como a camada política e intelectual, que tinha ligações com países da Europa e capitais do Brasil (Rio de Janeiro, Belém, Recife, Manaus, etc.), e, a par das novidades que se passavam no Brasil e no Velho Mundo, fazia circular uma demanda por outras vivências e aparências nos espaços de sociabilidade em São Luís. Muitos mantiveram essa ligação por conta da educação, visto que “depois de concluírem o primário, alguns meninos mais afortunados iam para a Europa estudar geralmente o secundário e os cursos superiores de Filosofia, Matemática, Direito ou Medicina”<sup>144</sup>. Segundo Maria de Lourdes Lauande Lacroix, as gerações de 1820 em diante

<sup>141</sup>Sobre os serviços implantados em São Luís ver PALHANO, op. cit..

<sup>142</sup>Sobre isso PALHANO, op. cit., p. 141-142 aponta que antes de 1889 a disponibilidade de serviços públicos era mínima e as facilidades existentes estavam concentradas espacial, geográfica e socialmente.

<sup>143</sup>Raimundo Palhano a partir de alguns exemplos, como serviços de água e esgoto, iluminação, etc., informa que em meados do século XIX quer por imitação, quer para atender a certos interesses econômicos, o poder público tomou iniciativa de dotar São Luís daqueles serviços de infraestrutura urbana em datas bem próximas de iniciativas semelhantes às ocorridas na capital brasileira, mesmo que para usufruto das altas camadas da sociedade ludovicense. Ibid., p. 154 -155.

<sup>144</sup>LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. São Luís: Uema, 2008. p. 49.

[...] receberam uma formação europeia, coimbrã, britânica ou francesa, prevalecendo os hábitos parisienses. Uma nova mentalidade daqueles jovens em retorno ao Maranhão permitiu a implantação de certo comportamento europeu, tornando as famílias menos retraídas, mais acessíveis ao trato social e mais exigentes quanto à diversões.<sup>145</sup>

Já os rapazes menos endinheirados foram estudar na Faculdade de Direito de Olinda/Recife, por volta dos anos 1832. Toda essa vinculação, direta ou indiretamente, influenciava minimamente os trejeitos e as exigências de mudanças no “viver em sociedade” em São Luís. E isso era apresentado nos jornais e revistas da cidade, como se fosse um chamamento para que os ludovicenses passassem a “conviver” na cidade e fizessem dela uma cidade civilizada.

Sendo assim, mesmo não havendo um projeto de reurbanização materializado na cidade, esse tempo de crescimento econômico possibilitou o intercâmbio cultural entre Europa e Maranhão. E, como diz Dunshee de Abranches em *O Captiveiro*, a sociedade ludovicense nesse tempo “procurava manter seus fóros aristocráticos”. Dessa forma, as famílias abastadas iniciaram um processo de transformação no estilo de vida, tendo em vista o desligamento com o passado colonial, reformando e mobiliando os casarões, *à francesa*; transformando o vestuário; incrementando a alimentação e os modos de servir; outras formas de diversão eram demandadas como os bailes, com suas danças e contradanças, tornando-se mais frequentes e outras diversões ou espaços de sociabilidade eram incluídos no cotidiano do ludovicense, como o teatro, os recitais em salões dos casarões, etc. Além disso, as escolas particulares e públicas eram instaladas com o intuito de alfabetizar os meninos e as meninas das camadas abastadas da cidade e prepará-los para o novo estilo de vida que se estabelecia. Enfim, no século XIX, os “tempos de bonança”, em que a economia maranhense, baseada na lavoura de exportação do algodão e do açúcar estava em alta, tornou-se possível a instalação na cidade de uma aura civilizatória, mantida restritamente para aqueles viventes nos sobradões das famílias de maior projeção<sup>146</sup> da cidade.

Já nos anos finais do século XIX e início do século XX, com a implantação da República e o discurso de progresso e modernidade,<sup>147</sup> houve o crescimento urbano e demográfico<sup>148</sup> favorecido pela instalação das fábricas têxteis<sup>149</sup>. Nesse sentido, a oferta de

<sup>145</sup>Ibid.

<sup>146</sup>Ibid., p. 47-61.

<sup>147</sup>Esse contexto de mudança, impulsionado pelo discurso do progresso e do moderno, está presente no discurso republicano brasileiro em diversas esferas. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

<sup>148</sup>O senador Cândido Mendes de Almeida, em seu Atlas do Império do Brasil, computava para o ano de 1868 cerca de 35.000 habitantes. José Ribeiro do Amaral em seus artigos para o Diário Oficial apontava para o início do século XX cerca de 50 mil habitantes. AMARAL, José Ribeiro do. **O Maranhão histórico: artigos de jornal (1911-1912)**. São Luís: Instituto Geia, 2003.

emprego nas fábricas em certa medida incitou o crescimento demográfico<sup>150</sup>. Devemos ressaltar que essas últimas davam um tom sintonizador com os países modernos, contudo, apenas com as fábricas não mantiveram a prosperidade econômica anterior, tendo em vista que o algodão e a cana já não comandavam as exportações. O historiador maranhense Jerônimo de Viveiros<sup>151</sup>, ao tratar da economia do Maranhão nos primeiros anos da República, esclarece que “deixamos de produzir um dos nossos gêneros de consumo e de exportação – o açúcar, decrescemos do algodão, nunca atingindo o costumeiro limite de sessenta mil fardos [...]” e após as sucessivas crises nas quais vivia a agricultura a “classe dos agricultores maranhenses” deslocou-se para São Luís, substituindo a lavoura pela indústria têxtil, sonhando em transformar São Luís numa Manchester.<sup>152</sup>

Maria de Lourdes Lauande Lacroix resume da seguinte forma a conjuntura econômica do Maranhão: após a decadência da lavoura algodoeira, a economia maranhense experimentava um novo impulso, com a lavoura de cana-de-açúcar, nas décadas de cinquenta e sessenta do século XIX. Essa nova conjuntura econômica permitiu a alguns membros da elite a manutenção das aparências de fausto das décadas anteriores. Depois de 1890, as fábricas geraram outro impulso, agora bem menor, de modo que a falta de um produto expressivo para exportação se estendeu por toda a primeira metade do século XX<sup>153</sup>. Por conta disso, no final do século XIX os melhoramentos na cidade enfraqueceram. Segundo Raimundo Palhano, a escassez de serviços públicos foi a “herança maldita” que a República ludovicense recebeu ao nascer<sup>154</sup>.

A prosperidade do algodão, açúcar e das fábricas causou um pontual remodelamento da capital maranhense. Mas, a *Belle Époque*, no sentido de uma época próspera da economia, atravessou São Luís em meados século XIX, porém não se estendeu para o início do século XX, como ocorreu em outras capitais. As dificuldades econômicas enfrentadas no Maranhão, nas primeiras décadas do século XX, tiveram impacto sobre a

---

<sup>149</sup>As fábricas existentes na cidade eram: São Luís e Santa Amélia, de Cândido Ribeiro & C.; Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil; Companhia Industrial Maranhense; Companhia de Fiação e Tecidos de Cânhamo; Fabril Maranhense, Companhia de Fiação e Tecidos Maranhenses (Camboa), a Fábrica de Chumbo e a Fábrica de Fósforos. Ver: PAXECO, Fran. **O Maranhão: subsídios históricos e icorográficos**. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.

<sup>150</sup>Vale lembrar que os estados do Sudeste tiveram esse impulso com maior amplitude que o Maranhão.

<sup>151</sup>Jerônimo de Viveiros nasceu em São Luís em 1884. Estudou as primeiras letras em colégio particular e fez humanidades no Liceu Maranhense, de que, mais tarde, foi professor catedrático de História Universal e do Brasil. Além disso, dirigiu a Instrução Pública no Maranhão. Historiador, com diversas publicações acerca da história do Maranhão. ANTOLOGIA da Academia..., op. cit.

<sup>152</sup>VIVEIROS, Jerônimo. **História do comércio no Maranhão: 1896-1934**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992. v. 2. p. 1-7.

<sup>153</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 61.

<sup>154</sup>PALHANO, op. cit., p. 141.

capital, centro político, administrativo e cultural do Estado<sup>155</sup>, provocando a desagregação de antigas fortunas, ruína de alguns casarões, menos investimentos no “embelezamento” e nas reformas urbanas, em comparação com as medidas “modernizadoras” que marcaram outras capitais nesse período, a exemplo, as já citadas: São Paulo, Rio de Janeiro e Belém.

Mário Meireles<sup>156</sup> denomina os primeiros anos da República no Maranhão como “ciclo decadentista”, pois, em comparação com o século XIX (Império), quando São Luís era a quarta capital em importância, na República, o Estado, devido à desagregação da lavoura exportadora do algodão e do açúcar, desocupou a vaga entre as cidades principais no cenário econômico. O autor se refere às consecutivas crises dos produtos exportáveis (açúcar e algodão), que foram seguidas da ruína da economia agroexportadora escravista no final do século XIX. Sabemos que, embora o crescimento econômico fosse real, houve um superdimensionamento desse momento da realidade econômica maranhense do período Imperial, mitificando-o como um tempo ideal, inédito de prosperidade, e, *a posteriori*, as lembranças nutriam a angústia da perda material.

Para Manoel Barros Martins, as representações produzidas por intelectuais regionais acerca da realidade maranhense, a partir do final do século XIX, conformam-se a duas imagens fundantes dos discursos de “riqueza econômica”: “um período de prosperidade sobreviveria indubitavelmente um período de decadência avassaladora, que deveria ser combatido, por todos os espíritos lúcidos com vistas ao retorno, no porvir, a uma nova Idade do Ouro, da regeneração dimensionada pelo influxo do exemplo da antecedente”. Continuando sua reflexão, o autor nos diz que tal perspectiva define um estado de decadência como sendo percebido, “aos olhos de quem sente e emite seu juízo, do ângulo geralmente estreito da idealização de um passado mítico que deve ser imitado para produzir um futuro destituído de possíveis ocorrências traumáticas”<sup>157</sup>.

É importante ressaltar que a história imperial e parte da republicana foi de absorção dos modelos europeus, não somente para São Luís, como também para o “mundo ocidental”, dando bases a esse *frisson* da *Belle Époque*. Desde o advento dos portugueses no Brasil, a influência europeia se fez presente no país, e o que alterou, desde o início do século XX, foi a intensidade da europeização: “não havia dúvidas quanto à necessidade de adoção de

---

<sup>155</sup>Ao tratar da administração do Maranhão, Henrique Costa Fernandes frisa que os primeiros 10 anos do regime republicano foram de simples adaptação. “A administração quase se limitou a trabalhos de construção jurídica e político-administrativa”. Para o autor, a monarquia “legou à República um Maranhão anêmico e cheio de dívidas”. Apesar de ser uma visão decadentista, própria daquele momento de transição, temos o discurso que vigora acerca do cenário político-administrativo do Estado.

<sup>156</sup>MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001. p. 306.

<sup>157</sup>MARTINS, Manoel de Jesus Barros. op. cit., p. 28.

padrões civilizatórios advindos da França e da Inglaterra, eles eram vistos como o caminho certo para que o país tomasse, enfim, o rumo do progresso”<sup>158</sup>. Porém na capital maranhense esse *frisson* chegou de forma diferenciada, o que Maria de Lourdes Lauande Lacroix chamou de “galicismo”, isto é, a vida da elite ludovicense ritmada ao modo de vida parisiense, por conta de uma possível fundação da cidade pelos franceses. E esse “ambiente cultural levou os círculos letrados e, de modo geral, a elite maranhense, à ideia de singularidade da Província”<sup>159</sup>. Ou seja, para além de uma materialidade da influência europeia, majoritariamente francesa, havia uma tendência de a elite atribuir uma possível ascendência francesa aos menores traços dos franceses nessa capital. A elite local criou uma representação da cidade singular e o mais próxima possível dos modos franceses, justamente por conta dessa suposta fundação francesa da cidade.<sup>160</sup>

Esse referencial de uma possível ascendência francesa, agregada à memória do fausto, trouxe à elite a legitimidade discursiva de se alinhar aos ditames da *Belle Époque*. Todavia, como perceber o *frisson* da *Belle Époque* em São Luís tendo em vista que a cidade vivia um momento considerado de “crise da economia” e que, portanto, dificilmente conseguiria arcar com os luxos demandados pelo *savoir vivre* do período estudado? Pensar essa questão é justamente perceber as nuances desse sopro de “moderno” e “civilizado” que adentrou a cidade por outros caminhos e que se restringiu à *performance* de uma parte da população, as famílias abastadas.

Assim, a “alta roda” da sociedade ludovicense olhava para um espelho que refletia aquela mesma elite que anos atrás vivera em tempos de fausto. De acordo com Maria de Lourdes Lauande Lacroix, das últimas décadas do século XIX até a terceira década do século XX, um grupo de intelectuais “mais ou menos coesos trabalhou para preservar tradições engrandadas em tempos de faustos”<sup>161</sup>. Então, por mais que nesse período houvesse um declinamento das riquezas das famílias de São Luís, fazia-se *mister* para muitas dessas

<sup>158</sup>FEIJÃO, op. cit., 2011b. p. 23.

<sup>159</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 47.

<sup>160</sup>Esse buscar no passado elementos para se reafirmar o presente não foi algo específico de São Luís, inclusive por meio da moda. Segundo Aldrin Moura de Figueiredo, em 1917, Belém assistiu à exposição sobre os três séculos dos trajes e da moda paraense. Para o autor, esse evento possuía o intuito de formulação da história da Amazônia revendo e reavendo o passado por meio da história da moda. Nesse sentido, era importante restabelecer as diferenças entre o tempo ancestral dos homens que fundaram Belém e a modernidade representada no século XX e assim “era importante recuperar antigas e pitorescas imagens da escravidão e da constituição de uma república livre e mestiça, mais necessário ainda era refazer o viveiro de nossos homens ilustres, fundadores da nacionalidade presente”. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Vestir a História: pintura, moda e identidade nacional da Amazônia, c. 1916-1923. *Histórica* – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 53, abr. 2012. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/antiores/edicao53%5Cmateria01/>. Acesso em: 05 mar. 2013.

<sup>161</sup>Ibid., p. 61.

famílias a utilização de diversos artifícios para manter a soberba de elite e a aparência de ricos e afinados com as novidades que chegavam do exterior. Como comenta o personagem Bento<sup>162</sup>, de Nascimento de Moraes: “O maranhense é um nababo, que vive da riqueza acumulada no passado [...]”<sup>163</sup>; enfim, o maranhense sobrevivia dos brios do passado. O personagem falava isso observando os funcionários públicos, e outros ditos ricos da cidade, que eram os mesmos do passado ou eram seus filhos, com seus preconceitos, condutas e soberbas de “nobres”.

A dita civilização que soava nos arautos da *Belle Époque* não foi garantida “nessa terra”, como sustenta Nascimento de Moraes, a partir da fala de Bento:

Uma calamidade o Estado do Maranhão. A civilização ainda não penetrou mesmo nas camadas mais adiantadas. Ainda não se banharam nas águas lustrais os beneméritos, os escolhidos, os eleitos que encabeçam as primeiras linhas da sociedade, e que dizem seus diretores. A família maranhense ressentia-se de faltas imperdoáveis, falhas lastimáveis que são a causa de muitos males desta infelicitada terra.<sup>164</sup>

Isso tudo porque a sociedade conservava uma “pompa” de riqueza, porém frágil e, na maioria das vezes, insustentável. Segundo Nascimento de Moraes, via seu personagem Cláudio Oliver, havia três defeitos “nessa terra” e esses eram a origem de todos os males existentes nela, e um deles é: “o pobre querer ser rico”<sup>165</sup>. E explica como acontece nessa capital tal defeito:

O pobre que quer passar a conta de rico é um monstro que prejudica até a educação de seu filho para ostentar um certo luxo que lhe prejudica a vida. O desgraçado compreende que sem exteriorizar certa grandeza, não se lhe dispensam algumas regalias, porque êle morre de amor.

Percebamos que quando o autor aponta o “pobre”, no decorrer da construção, ele está se referindo àqueles que se esforçam de todas as formas para manter o luxo, mesmo sem condições. E, para isso, usam de todos os mecanismos, como o casamento, o vestuário, a educação, etc., para circular na “alta roda da sociedade” ludovicense. Essa descrição da sociedade ludovicense apresenta o anseio que a sociedade mantinha para aparentar “grandeza” dentro de um quadro que não permitia tamanhas ostentações. Ainda quanto a essa vida de luxo em tempos de crise, Manoel Bethencourt, no romance *A Crise*, apresenta essa contraposição num diálogo acerca da falência da “casa Simpson, Silva & Cia”, de propriedade

---

<sup>162</sup>O velho Carlos Bento Pereira era um jornalista, professor e um dos maiores políglotas do Maranhão. Por conta de lutas de opinião foi afastado da imprensa. Passou a lecionar em escolas particulares e de pequenas ofertas dadas pelos seus ex-discípulos. Do decorrer da narrativa a situação de Bento piora e, ao final, acaba doente e abandonado por todos.

<sup>163</sup>MORAES, op. cit., p.103.

<sup>164</sup>Ibid., p. 102.

<sup>165</sup>Ibid., p. 90.

de Nicolau José da Costa, a partir da inquietação com os gastos da família do Nicolau numa época de “tempos bicudos”:

A gente dêle gosta de luxar, a mulher dele anda sempre rasgando seda e usa anéis de brilhante em quase todos os dedos, a filha lê pela mesma cartilha e tem uma porção de professores. É raro um domingo que não há um forrobodó em casa dele, onde comparece uma meninada, uns pelintras que se esforçam por agradar à pequena. [...] Toda a roupa da casa se faz fora.<sup>166</sup>

Com esses gastos, não era possível que Nicolau tenha “ajuntado muito dinheiro”, conclui. E, mesmo em tempos de crise, esse falido proprietário da “casa Simpson, Silva & Cia.” tentava, luxando, manter as aparências de “gente que tem tratamento, criada na abastança”<sup>167</sup>, como explicita o comentário, que ao mesmo tempo parece uma crítica ao proprietário e um enaltecimento a vida de bonança.

Diante do exposto, apesar de a capital não ter tido uma remodelação na estrutura urbana, como a construção de prédios *art nouveau*, o alargamento de avenidas, de *boulevard*, etc., a iniciativa particular tentou buscar adequá-la ao modelo dito moderno e civilizado, que embasava a *Belle Époque*, o que, de qualquer forma, trazia-lhe à capital o buscar um novo modo de vida, centrado no frequentar os espaços de sociabilidade condizentes com o que se representava de mais *chic* à época. Assim, mesmo diante de uma conjuntura de crise na economia maranhense, ocorreu em São Luís a inauguração de locais de diversão, tais como cafés, confeitarias, *clubs*, cinema, teatro e ainda a ocorrência de bailes e recepções oferecidos, tanto nos *clubs* e teatro quanto nos palacetes dos moradores mais (ou ainda) abastados.

Essa dinamização do espaço e da vida urbana, que vinha se desenrolando desde meados do século XIX, impuseram um novo estilo de vida urbana com maior contato social, oportunidades de exibição pública exigente de normas de conduta, refinamento e trajés adequados.<sup>168</sup> Isso demandava elementos sintonizadores com o que circulava nas capitais do Brasil e do mundo, “ao modo *Belle Époque*”, vindos de países europeus.

O que prevalece, portanto, em São Luís, nesse período, é uma “alta sociedade”, a qual, por mais que ainda estivesse arraigada à vida rural, tendo em vista que muito dos ricos que viviam na capital eram fazendeiros (ou antigos fazendeiros que investiram nas fábricas, como já apontado) e esses desfrutaram nos tempos do Império um período de “fartura”, tendia a galgar a manutenção de todas as formas de uma aparência que condizia com aquilo que era

<sup>166</sup>Trecho do primeiro capítulo do romance *A Crise* é citado no livro *História do Comércio no Maranhão* de Jerônimo de Viveiros, ao tratar da crise econômica e financeira na qual vivia o Estado. VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 11-12.

<sup>167</sup>Trecho do primeiro capítulo do romance *A Crise* é citado no livro *História do Comércio no Maranhão* de Jerônimo de Viveiros, ao tratar da crise econômica e financeira na qual vivia o Estado. *Ibid.*, p. 12.

<sup>168</sup>LACROIX, op. cit., 2012.

demandado para “ser de elite” nas principais capitais do Brasil no final do século XIX e início do século XX. Como reforça Nascimento de Moraes na fala do personagem Bento: “Os antigos FAZENDEIROS ainda não se esqueceram dos SAUDOSOS tempos que se foram!”<sup>169</sup>. Essa era uma camada da sociedade ludovicense que lutava pela manutenção do “ser de elite”. Não só os fazendeiros, mas a “camarilha”<sup>170</sup> completa: comerciantes, especialmente os portugueses, letrados, formados e alguns coronéis, dizia Bento, delatando a falsa perspectiva de progresso e desenvolvimento constante nas mãos da “fidalguia maranhense”. Falsa porque era amarrada ao passado e ao brio econômico e intelectual propalado com “fingida arrogância no santuário da família”.<sup>171</sup>

O retrato dessa elite ludovicense é narrado por Nascimento de Moraes, em “*Vencidos e Degenerados*”, cujo personagem protagonista do romance, Cláudio Oliver, mostra o esforço que essa camada fazia para manter seu *status* social:

Cláudio observava a *elite postiça*, [...], que ali se ostentava como deusa, escolhendo posição sobranceira e lugar que lhe parecesse apropriado e inconfundível, ofendendo com sua soberba modéstia dos simples; os ricos imaginários [...] a arrotar uma grandeza enganosa, e escarvinha superioridade de condição, que não é luxo, mas que é muitas vezes extravagância de quem quer mostrar-se farto.<sup>172</sup>

Como narra *Nascimento de Moraes*, de forma irônica, porém clara, grande parte dos candidatos à elite não passava de “ricos imaginários”, isto é, de uma “elite postiça”. Aquela que se esforçava para aparentar aquilo que um dia fora ou aquilo que ainda restava daquilo que fora, por meio das insígnias que demarcavam seu grupo e os faziam ser percebidos como pertencentes a esse grupo. Um postiço é algo que parece ser, mas não é. É algo criado. É algo cuja aparência externa difere da interna. O postiço é algo que se acrescenta e quando incorporado faz mudar o sentido. O postiço, aqui retratado, nos remete à máscara ou ao disfarce comentado por Daniel Roche, quando trata da oposição e da dissimulação entre “ser e parecer” no século XVIII na França, em que o parecer prevalecia como “papel inventado como resposta às exigências da sociabilidade [...], inteiramente devotada às aparências externas e na qual os sentimentos verdadeiros ou naturais não podiam vir à tona e a existência era em função do olhar do próximo”.<sup>173</sup>

Continuando a caracterização desse querer enquadrar-se, mesmo que aparentemente, Nascimento de Moraes, em um diálogo entre os personagens Cláudio Oliver e

<sup>169</sup>MORAES, op. cit., p. 102. Grifos do autor.

<sup>170</sup>Camarilha tem o sentido de grupo de pessoas que cercam pessoas influentes para tirar proveito.

<sup>171</sup>MORAES, op. cit., p. 98-103.

<sup>172</sup>Ibid., p. 74.

<sup>173</sup>ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac São Paulo, 2007. p. 404.

Neiva<sup>174</sup>, descreve Rodrigues, um pequeno alfaiate que comprou patente de Major e, logo após, comprou uma casa e vendeu a oficina, deixando de ser alfaiate. Vale salientar seus comentários sobre a postura deste personagem após tornar-se Major:

Aclamou-se capitalista, criou pança, e encouraçou-se numa soberba insuportável. Efeito a qualquer cargo aí do Município, ficou numa ponta estupenda. Deixou de cumprimentar a gente, e, para limpar-se, a usar de uma frase que lhe é muito peculiar, espalha aos quatro ventos que só casará as filhas com portugueses ricos ou homens formados!<sup>175</sup>.

Esse aparentar “ser de elite” e por todas as vias tentar garantir-se como de “elite” fez da sociedade ludovicense uma mantenedora de posturas e trejeitos que adentravam São Luís por meio também de jornais e revistas, mas isso de fato não fazia parte daquilo que materialmente podiam sustentar. Os jornais e revistas criavam um verdadeiro intercâmbio entre o mundo da propagada civilização e outro que aspirava ser cosmopolita, ainda que fosse provinciano.

E dentro desse enquadramento no *frisson* civilizacional e moderno da *elite postiça*, observamos a tendência de focar-se nas mulheres, pois elas carimbavam externamente esse processo com maior nitidez e veemência. Cláudio Oliver observa tal tendência da elite em galgar os artifícios de manutenção do luxo quando faz a diferença entre uma mulher da “alta sociedade” e a que ele classifica como da camada média:

Não é tanto assim... É que a primeira quando ensaia os primeiros passos na vida social, cultiva a exterioridade, o artifício da sua representação, e a segunda cultiva o sentimento, o coração. A primeira é a mulher do luxo, a segunda é a do lar. Pequenina diferença!<sup>176</sup>

É a esse cultivo da exterioridade que nos atemos quando tratamos de uma *Belle Époque* em São Luís, ou seja, a encenação dos cidadãos, em especial os da “alta sociedade”, em acompanhar as demandas externas de civilização e modernização na própria aparência, enfim, no simbolismo dessa aparência<sup>177</sup>, usando de artifícios/postiços para compartilhar dos modelos europeus e usando isso como estratégia de manutenção das diferenças sociais.

Esse acompanhar por via dos postiços, pela aparência externa as demandas por civilização e modernização, é notado em um artigo, não assinado, do jornal *A Primavera*, de 1909<sup>178</sup>, intitulado “Pedantismo Hodierno”, o qual consta na primeira página do dito jornal e nele fixa a narrativa na vocação da “fina flor da sociedade” em ser “pedante”. O autor inicia

<sup>174</sup>Américo Neiva era um poeta lírico, cujas poesias muito em agrado, eram cantadas, ao violão, pelas mocinhas dos bairros. Era um trintão solteiro e extravagante. Vivía do ofício de encadernador. Estavam envolvidos na formação do Grêmio. MORAES, op. cit., p. 48.

<sup>175</sup>Ibid., p. 89.

<sup>176</sup>Ibid., p. 94

<sup>177</sup>A roupa, segundo Daniel Roche, é signo de adesão, de solidariedade, de hierarquia, de exclusão, é um dos códigos de leitura social. ROCHE, op. cit., p. 47.

<sup>178</sup>Pedantismo Hodierno. *Primavera*, São Luís-MA, 21 nov. 1909.

sua crítica da seguinte maneira: “Já tocou a meta do exagero, da indecência e da ignorância, o *smartismo*<sup>179</sup> doentio e piegas do povo deste bem amado pedaço de terra brasileira...”. Continua argumentando, por via da descrição das meninas, o quanto a dita “elite da sociedade” era imaginária:

[...] aqui, no Maranhão, vê-se uma menina bem vestida, no requinte da moda, muitas vezes estúpida e imoral, mostrando todas as formas, cheia de um orgulho soez, arrotando vaidade chata, no ‘degagé’ de uma elegância acanhada, [...] que não passa de um simples manequim... E .... é só... mais nada. A maioria do bello sexo é, apenas, exclusivamente, isto: fantasia, vaidade, [...]; meia dúzia de palavras difíceis, para o gosto de salões, etiquetas e ... está ahi o bello sexo!<sup>180</sup>

Essa era a perspectiva do acompanhar a civilização e modernização, que nas palavras do autor podemos resumir em “simples manequim”. São Luís, pois, vivenciou a *Belle Époque* no sentido de transformar as aparências, usando da aparência do vestuário e da máscara fisionômica para continuar perpetuando diferenças e distinções sociais e de gênero. Nessa perspectiva, a ideia de uma *elite postiça*, considerada por *Nascimento de Moraes*, será fio condutor de nossa análise, considerando ser essa “elite” que atualizava práticas e representações do “ser elegante”, associadas à moda e à vestimenta, bem como a quesitos como os de aparência saudável e limpo, para manter seu *status*, na tentativa de também manter a existência (postiça) de uma sociedade ludovicense “civilizada” e “moderna” – muitas vezes denominada de “*high-life*”, “boa sociedade” ou “elegantes ornamentos da sociedade” –, que estivesse apta à convivência nesses novos locais de sociabilidade, compartilhando de uma aparência dita adequada e dita correta.

<sup>179</sup>À frente refletiremos sobre *smartismo*.

<sup>180</sup>Pedantismo Hodierno. **Primavera**, São Luís-MA, 21 nov. 1909.

## ALINHAVO 1. Vestir em São Luís com os olhos voltados para a Europa?

Passear pelas ruas de São Luís, onde se encontravam as principais lojas de artigos, *tout très chic*, que vendiam os produtos que compunham a aparência elegante e observar a procedência deles, bem como sua circulação como mercadoria, permite-nos conhecer o comércio ludovicense de produtos envolvidos no “mercado de luxo” à época.

Perceber os direcionamentos das propagandas e a procedência dos produtos nos garante, em primeira instância, o foco mercadológico, ou seja, a preocupação com a venda, além de nos dar referências da apropriação desses produtos, o significado de seus usos, a atualização de imagens e lugares sociais de pertencimento e como esses produtos, via suas propagandas, funcionavam nas relações de pertencimento social e poder, sendo, portanto, “mecanismos de reprodução social das desigualdades como privilégios”.<sup>181</sup>

Diante disso, direta ou indiretamente havia um foco naquele que compra e por mais que não estejamos tratando do consumo, em si, mas da demanda nas prateleiras das lojas desses produtos e transversalmente do consumo, vale salientar que a propaganda e mesmo o consumo de determinados produtos “são dirigidos a seus semelhantes, e não ao mundo em geral, não pretendem impressionar a multidão, mas identificar alguém como membro de algum grupo”.<sup>182</sup> O que nos leva a concordar com Jeffrey Needell, o qual ao observar a sociedade carioca, entende que o consumo e a exibição de uma mercadoria estrangeira, no que se refere à moda, funcionavam como tentativa de expressar as aspirações sociais e assim, demonstrar um *status* superior. Para o autor, o fetichismo ostensivo no consumismo de mercadoria estrangeira revelava com nitidez a fantasia em torno da qual giravam tais produtos para a “alta sociedade”<sup>183</sup>.

Então, esse passeio pelas lojas de São Luís, sua quantidade, suas estratégias de anúncio, sua localização, nos fornecem esquemas que atravessam a questão da compra e venda e nos apresentam a aura construída como “moderna” e “civilizada” naquilo que deveria ser apropriado pelos cidadãos, especialmente para aqueles que galgavam acompanhar, pelo menos na aparência externa, o “mundo *très chic*”, em voga.<sup>184</sup>

<sup>181</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 63.

<sup>182</sup>LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1926. p. 142.

<sup>183</sup>NEEDELL, Jeffrey. **A belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 265-279.

<sup>184</sup>Jeffrey Needell menciona que esse fetichismo da mercadoria e o próprio consumo de produtos europeus no Brasil, especialmente pela elite fazia, parte de um panorama maior da fantasia da Civilização, baseada na cultura europeia, em especial a francesa e a inglesa. É a essa perspectiva de fantasia da Civilização associada a de Norbert Elias, já referida, que nos ateremos no desdobrar da escrita do texto.

## 1.1 “O sortimento chegou do estrangeiro”

A entrada de produtos importados no Maranhão cresceu consideravelmente na segunda metade do século XIX. Segundo Jerônimo de Viveiros, a guinada para esse aumento das importações foi “a abertura dos portos ao comércio das nações amigas (1808), [quando] entramos em contato direto com a Inglaterra e depois com a França, e aprendemos a apreciar o conforto inglês e o luxo francês. Do luso esquecemos os hábitos”. Com tal contato, “o braço da balança [comercial] passa a pender para a importação”<sup>185</sup>, especialmente nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, quando “compramos mais dos estrangeiros do que vendemos”<sup>186</sup>. O autor apresenta o seguinte quadro<sup>187</sup> acerca das transações mercantis com outros países:

**Quadro 1 - Comércio Internacional do Maranhão**

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
1901	1.894.830\$000	4.821.000\$000
1902	3.930.228\$000	6.207.000\$000
1903	5.209.446\$000	8.893.000\$000
1904	4.111.612\$000	8.857.000\$000
1905	2.558.905\$000	7.887.000\$000
1906	3.957.096\$000	7.325.000\$000
1907	4.094.086\$000	8.454.000\$000
1908	2.002.393\$000	6.102.000\$000
1909	1.617.224\$000	6.873.000\$000
1910	1.683.906\$000	9.054.000\$000
1911	1.718.991\$000	9.548.000\$000
1912	1.594.577\$000	9.986.000\$000
1913	2.592.305\$000	8.581.000\$000
1914	2.296.565\$000	5.079.000\$000
1915	2.538.337\$000	4.996.000\$000
1916	3.580.599\$000	5.387.000\$000
1917	6.080.456\$000	7.424.000\$000

Fonte: Jerônimo de Viveiros<sup>188</sup>

<sup>185</sup>Jerônimo de Viveiros, ao tratar do aumento das importações, também leva em consideração a diminuição das exportações, o que se justificava pela desestruturação na agricultura devido à abolição dos escravos. VIVEIROS, op. cit., v. 1, p. 103.

<sup>186</sup>Ibid., p. 24.

<sup>187</sup>Ibid., p. 25.

<sup>188</sup>Ibid, p. 103.

O quadro 1 nos apresenta que a entrada de produtos estrangeiros no Maranhão, entre os anos 1901 e 1917, foi expressivamente maior que saída de produtos locais, somente no último ano desse intervalo que as exportações se aproximaram das importações. Por mais que não esteja destacado quais produtos eram importados, é possível observarmos uma intensa circulação de produtos estrangeiros em terras maranhenses e ludovicenses. E quanto à atividade econômica do período, especialmente as exportações, segundo Henrique Costa Fernandes<sup>189</sup>, o Maranhão dependia da borracha do Amazonas e do Pará, cuja economia sustentava-se principalmente pela produção da borracha e por isso importavam as lavoura maranhense e se constituíam mercado de consumo. Também dependiam de alguns estados do Nordeste que, vítimas da seca se socorriam com as safras maranhenses. Assim, a maior parte das exportações era feita para o mercado nacional.

O fluxo de navios estrangeiros e da navegação de cabotagem aportados no Porto do Maranhão “com suas tonelagens e equipamentos” permitia inferir aquilo de que “os moradores de São Luís poderiam se aquinhoar com a chegada de novidades advindas da Europa, como também de outras províncias brasileiras”<sup>190</sup>. Fran Paxeco<sup>191</sup>, ao tratar do comércio no Maranhão e observando o fluxo de importações, cataloga as principais mercadorias importadas: fazendas finas, mobílias, perfumarias, calçados, chapéus, roupas feitas, drogas, objetos farmacêuticos, obras de louças, flores artificiais, etc.<sup>192</sup> Essas transações (importação e exportação) com outros países se organizavam da seguinte forma: os ingleses monopolizaram o comércio do algodão, pelo menos até meados do século XIX; os portugueses importavam o arroz e o couro do Maranhão, enquanto aos franceses restou o comércio dos bens de consumo de luxo<sup>193</sup>.

Entretanto, vale salientar que as importações articuladas para essa capital referiam-se menos aos produtos de necessidade imediata<sup>194</sup>, que era resolvida com o comércio nacional, do que aos produtos de luxo que chegavam principalmente da França para atender à

<sup>189</sup>FERNANDES, Henrique C. **Administrações Maranhenses 1822-1929**. São Luís: Instituto Geia, 2003. p. 51.

<sup>190</sup>BORRALHO, José Henrique de Paula. **Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 65-66.

<sup>191</sup>Manuel Francisco Pacheco (1874-1952), jornalista e escritor conhecido como Fran Paxeco, português de nascimento, residiu no Amazonas, Pará e Maranhão, com intensa colaboração na imprensa. Foi cônsul de Portugal no Maranhão durante o período de 1900-1922, membro fundador da Academia Maranhense de Letras (1908), sócio-fundador da Sociedade (Filantrópica) Onze de Agosto (1908), do Instituto de Assistência à Infância (1911), do Centro Republicano Português (1911) e da Faculdade de Direito (1918). LUZ, Joaquim Vieira da. **Fran Paxeco e as figuras maranhenses**. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1957.

<sup>192</sup>PAXECO, Fran. **O Maranhão: subsídios históricos e corográficos**. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008. p. 163-164. A data da primeira publicação desse texto é de 1913.

<sup>193</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 130.

<sup>194</sup>Consideramos necessidade imediata alimentos, bebidas, maquinários para agricultura ou fábricas, etc.

demanda de conforto da elite econômica. Nesse sentido, o *frisson* das elites com tais relações comerciais davam uma sensação de proximidade com o Velho Mundo, como é apontado por Henrique Borralho: “Não é de se estranhar que as elites se sentissem uníssonas com as novidades existentes de então, mantendo relações com outras regiões do mundo e do Brasil. Aquela sensação de distanciamento, senão cultural, pelo menos economicamente poderia ser atenuada”<sup>195</sup>. Desse modo, os mais abastados, em especial fazendeiros e comerciantes, por buscarem manter ligações “diretas” com os hábitos ingleses e franceses, esforçavam-se para acompanhar todas as novidades que se passavam na Europa, desde o mobiliário até a vestimenta.

Destarte, com a “desarticulação” da agricultura no final do século XIX e a insustentável indústria que permaneceu no Maranhão até as primeiras décadas do século XX, contexto que caracterizava a dita “crise” no Estado, no qual ocorria a diminuição nas exportações, especialmente do algodão, ainda assim foi mantida a entrada de produtos de luxo vindos da Europa<sup>196</sup>, especialmente da França, da Inglaterra e, por vezes, da Alemanha e de outros países, como divulgavam os anúncios das lojas instaladas em São Luís, o que apresentaremos no tópico a seguir. Então, no alto comércio de “fazendas a retalho”, que incluía as lojas de modas, segundo Jerônimo de Viveiros, “[...] não se refletia a crise em toda a sua extensão, pois [esse comércio de fazendas] girava em torno de artigos importados e de necessidade mais ou menos imediata”<sup>197</sup>.

Era pelo mar que vinham os elementos de luxo e do conforto que abasteciam São Luís, bem como as principais capitais do Brasil<sup>198</sup>. A comercialização da produção total do Maranhão era feita em São Luís através do seu porto, que, além de ligar a produção maranhense à Europa, recebia os produtos vindos do estrangeiro. O polo do comércio e de distribuição de produtos em geral encontrava-se na capital e concentrava-se na chamada “Praia Grande”<sup>199</sup>.

<sup>195</sup>Henrique Borralho, ao analisar a construção da Athenas Brasileira, assevera que muito do discurso propagado acerca da decadência e estagnação econômica no Maranhão funcionava como forma de “barganha política e estratégia de manutenção da escravidão” e mais que esse discurso decadentista deu bases à construção da ideia de uma Athenas Brasileira em solo maranhense. Ou seja, propagava-se em tom de saudosismo que o período anterior, sustentado pela agroexportação, vinculada ao algodão, e pelo trabalho escravo, foi o responsável pelo possível “brilhantismo” intelectual da época, assim como o econômico. BORRALHO, op. cit., p. 66.

<sup>196</sup>Jerônimo de Viveiros faz uma análise dos dados do comércio internacional do Maranhão e aponta que as importações feitas para este estado entre o ano de 1901 a 1917 foi maior que a exportação. VIVEIROS, op. cit., v. 1, p. 128.

<sup>197</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 24.

<sup>198</sup>Para uma análise da entrada das roupas inglesas e francesas em São Paulo nos anos de 1920, temos: BONADIO, op. cit. Acerca da temática no Pará temos: MARTINS JUNIOR, Rui Jorge Moraes. **Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. E no Rio de Janeiro, temos: FEIJÃO, Rosane. **Moda e modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011a.

<sup>199</sup>A “Praia Grande” era uma reentrância do rio Anil, logo abaixo do forte, onde hoje é o Palácio dos Leões, e por ser um local de posição estratégica tornou-se o principal porto de carga e descarga de mercadorias desde o

Nesse local comportavam-se os principais estabelecimentos comerciais de secos e molhados da cidade. Nele foi instalado um edifício para casas comerciais chamado Casa da Praça (1862)<sup>200</sup>. Nos arredores da Casa da Praça, nas ruas do então centro da cidade, se instalaram sobradões de dois e três andares, que funcionavam em seu andar térreo como lojas dos diversos tipos e nos andares superiores como residência dos seus proprietários. Além disso, funcionavam nessa localidade: depósitos de cargas, que chegavam de outras cidades; repartições públicas; escritórios de profissionais liberais; grandes e pequenas firmas de importação e exportação, entre outros.

A Praça do Mercado ou Praça do Comércio, como também era chamada a Casa da Praça, em 1893, lembra Humberto de Campos, era “cercada pelo pequeno comércio turco: fazendas, miudezas e quinquilharias”, certamente não formava o comércio dito *chic*, mas vindo de Miritiba, cidade localizada no interior do Maranhão, Humberto de Campos admirava-se quando via as “portas enfeitadas de leques, peças de fazendas, tigelas de louça, panelas de ferro, fitas multicores, camisas e calças, roupas de mulher, chapéus de palha e de feltro, e [...] brinquedos [...]”<sup>201</sup>. Por fim, era na Praia Grande, como lembra Humberto de Campos, localizada na parte baixa da capital, que situavam-se: “os depósitos de fábricas, os armazéns de gêneros de exportação, os escritórios das grandes firmas, cujos interesses se acham voltados para o mar”<sup>202</sup>.

Vindos pelo mar, o embarque e o desembarque de mercadorias e pessoas era feito pela chamada Rampa do Palácio, apresentada na imagem a seguir:

---

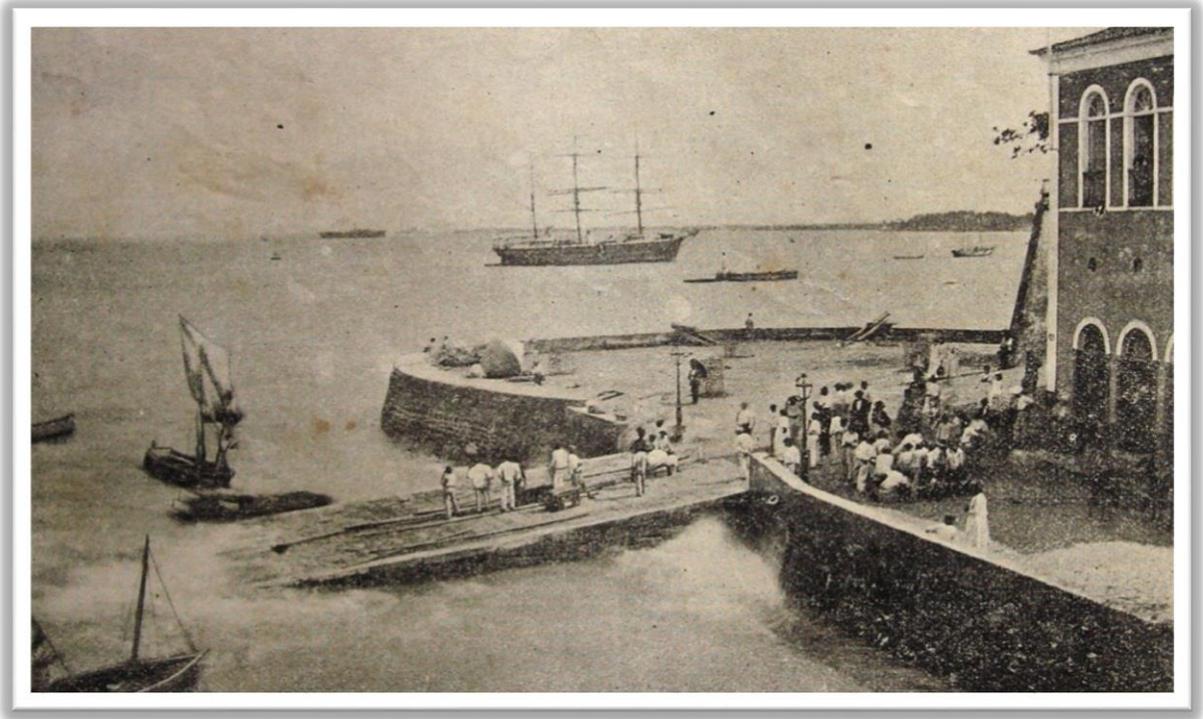
século XVII. MARTINS, Ananias Alves. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural-séc. XVII, XVIII e XIX**. São Luís: SANLUIZ, 2000. p. 67. Esse bairro não recebeu cuidados até o final do século XVIII, quando iniciou os primeiros melhoramentos na tentativa de organizar essa área no entorno do porto. Para tanto, em fins do ano 1805 foi construída a praça pública (feira), formada por barracas chamadas naquele tempo de celeiro público, barracão, curro, tulha. Jerônimo de Viveiros afirma que o comércio maranhense contribuiu para a formação de tal bairro. Somente em meados do século XIX foram substituídas as barracas do Curro pelas casas da Praça. VIVEIROS, op. cit., v. 1, p. 141-144.

<sup>200</sup>Destinava-se ao armazenamento de mercadorias chegadas em embarcações. Antigo lugar ocupado por um aglomerado de barracas chamado Barracão, Celeiro Público ou Casa das Tulhas. LIMA, Carlos de. **Caminhos de São Luís: ruas, logradouros e prédios históricos**. São Paulo: Siciliano, 2002. p. 24-25 e LACROIX, op. cit., 2012, p. 423-424.

<sup>201</sup>CAMPOS, Humberto de. **Memórias e memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009. p. 77-78.

<sup>202</sup>Ibid., p. 220-221.

**Figura 1 - Rampa do Palácio**



**Fonte: Revista Elegante, São Luís-MA, 10 jul. 1899.**

A Rampa do Palácio, na Avenida Beira-Mar<sup>203</sup>, situava-se próximo ao Tesouro Público. A Revista Elegante, em sua edição de 10 de julho de 1899, descreve a imagem da Rampa, assim tratando do seu cotidiano:

Esta vista foi muito propositalmente apanhada em dia trivial, sem agitação alguma fora do comum, quando o movimento do porto está calmo para assim exprimir a idéia exata do natural. O ancoradouro sem a quantidade de navios que às vezes costuma ter, motiva no lugar a falta de animação que em contrario se nota nas chegadas e saídas de vapores. O ajuntamento de pessoas que se vê, são em geral catraieiros que ali permanecem diariamente.<sup>204</sup>

Continuando a descrição da foto e do cotidiano da Rampa, o(a) autor(a), não identificado(a), nos apresenta as embarcações que ali se encontravam: “Acha-se ancorada no porto uma barca de procedência estrangeira e mais ao longe um vapor nacional, além de pequenas lanchas, escaleres que fazem o serviço de transporte”.<sup>205</sup> Enfim, das embarcações para a Rampa, e depois os caixeiros partiam com as mercadorias para os seus devidos estabelecimentos comerciais instalados na capital maranhense.

Era através dessa Rampa que entravam em São Luís as principais peças e “novidades” do vestuário e da ornamentação baseados nos padrões europeus de moda, beleza

<sup>203</sup>Esta Rua teve vários nomes: Praia do Poço, Praia do Caju, Cais da Sagração, Magalhães de Almeida, 5 de Julho e Avenida Beira-Mar. LIMA, op. cit., p. 26-27.

<sup>204</sup>Rampa do Palácio. **Revista Elegante**, São Luís-MA, 10 jul. 1899.

<sup>205</sup>Ibid.

e elegância, dando base às representações do vestir e de toda a máscara fisionômica feminina à época na cidade, além do que competia aos profissionais da área.

Essa centralidade da Rampa se dava devido “à propensão dos brasileiros em aceitar o que vinha do estrangeiro”, como assevera João Affonso, ao analisar especialmente a moda entre os anos 1901 e 1916:

Não é preciso acentuar que influência tiveram certas recentes inovações da moda nos costumes brasileiros, dada a nossa propensão, mais talvez do que em nenhum outro povo, para aceitar sem exame e imitar sem discussão tudo quanto for novidade, mormente procedendo de Paris, e quão profunda repercussão exercem na nossa mocidade, irradiando, como de rigor, da capital federal para os Estados da União.<sup>206</sup>

Quanto a essa propensão, Gilberto Freyre informa que nesse período o Brasil continuava um “passivo importador de modas”, o que cabia também para São Luís.

Importava artigos, de todas as ordens, francesas, de modas femininas, masculinas e infantis. Chapéus, capas, espartilhos, penteados eram seguidos por mulheres elegantes do Brasil de forma passiva, ou seja, sem fazer a adaptação ao clima da região, tornando-se muitas vezes antihigiênicas e desapropriadas para o clima tropical.<sup>207</sup>

Sobre isso, segundo Georg Simmel, a “moda é importada do exterior com particular predileção e é muito mais apreciada dentro de um círculo, se ela não tiver surgido no seu seio; [...] justamente por vir de fora, suscita aquela forma particular e significativa de socialização, que se inicia através da comum referência a um ponto situado no exterior”<sup>208</sup>. Por isso, os ornamentos que montavam a máscara fisionômica dos homens e mulheres que adentravam as cidades brasileiras mesmo, na maioria das vezes, não se adequando às peculiaridades do país, traziam essa socialização, na medida em que taxavam quem podia ou não imitar essas tendências<sup>209</sup> vindas do estrangeiro.

Em São Luís, como em outras capitais, a moda, especialmente a francesa, invadia as prateleiras das lojas situadas na cidade. Nos jornais e nas revistas havia artigos completos em francês, bem como artigos que tratavam da importância de Paris para a intelectualidade e para a civilização. Como é o caso da *Revista Elegante*, na qual em grande parte dos artigos Paris aparece como “capital sagrada, superior, soberba e coração do mundo”. Sendo esta cidade a responsável pelos ensinamentos das “leis do bom gosto, que nos indica o majestoso caminho do Bello”. E ainda: “Paris, finalmente, a capital que fascina e que atrai todos os espíritos orgulhosos independentes, que nos civiliza como uma trabalhadora e nos transmite o gosto da

<sup>206</sup>NASCIMENTO, João Affonso. **Três Séculos de Modas** – 1616 -1916. 3. ed. São Luís: Instituto Geia, 2014.

<sup>207</sup>FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 105.

<sup>208</sup>SIMMEL, op. cit., p. 28.

<sup>209</sup>M. Worth inaugurou a ideia de tendências ditadas pelos criadores em seus ateliês. BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007. p. 63-64; LAVER, James **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.186-188.

elegância...”<sup>210</sup>. Além disso, muitos eram os periódicos que chegavam em São Luís e versavam sobre moda, em francês e/ou que tratavam da moda na França. Os mais comuns: *A Estação*<sup>211</sup>, *La femme chic*, *Paris Elegant*, *Les grandes modes*, *A moda de Paris*, os quais, de qualquer forma, influenciavam a demanda por uma máscara fisionômica estrangeira, no caso, parisiense.

No entanto, havia quem criticasse esse espetáculo parisiense, como no artigo intitulado *Modas*, de *Antonio Salles*, em que, pelo que ele vê nas ruas, julga “[...] indispensável à vinda de uma missão estrangeira de elegancia, de origem inglesa, que atenuie um pouco esse parisiense excessivo e restitua nossas gentis patricias ao culto da moda verdadeiramente estética, e não essa que anda por ai, que mesmo um sujeito desabusado só pode achar boa... para filhas, irmãs e mulheres dos outros”<sup>212</sup>, isso porque considerada a moda ditada por Paris não elegante. E, suas críticas estão voltadas às mudanças contínuas da moda e a submissão constante dos homens e mulheres, sem o devido “bom senso”. Mas, críticas como essas não eliminavam a influência do francesismo, uma vez que se mantinha o excessivo uso da roupa parisiense, destacado pelo autor. Inferimos que este se sente incomodado com isso, a ponto de sugerir a substituição do modelo francês pelo inglês, o que, contraditoriamente, não deixa de ser, também, um incentivo ao consumo de modas estrangeiras e a demanda por importá-las.

As lojas de luxo, as modistas, os alfaiates e cabeleireiros anunciavam a chegada de produtos estrangeiros, especialmente franceses; os jornais e revistas traziam páginas recheadas de anúncios da chegada de embarcações, especialmente os paquetes, trazendo o que havia de “última moda” na Europa. Como apresenta o anúncio da loja *Grand Chic*, que em seu anúncio destaca: “Novidades por todos os vapores – Sempre novidades”<sup>213</sup> ou com o anúncio abaixo, também informando da chegada de sortimentos e novidades:

**RECLAME**

A chegar no próximo pacote da Europa:  
grande sortimento de fatos de cazemira de  
lan para meninos.<sup>214</sup>

<sup>210</sup>Novidades de Pariz. **Revista Elegante**, São Luís-MA, 11 jul. 1892.

<sup>211</sup>O periódico “A Estação: Jornal ilustrado para a família” era uma publicação quinzenal editada pela tipografia Lombaerts, no Rio Janeiro, que circulou regularmente no período de 1879 a 1904. A revista era uma continuação brasileira da publicação francesa *La Saison*, que circulou no Brasil entre os anos de 1872 e 1878. A Estação dividia-se em duas partes: o Jornal de Modas e a Parte Literária. A primeira parte possuía um editorial sobre a moda em Paris e oferecia uma quantidade abundante de figurinos, gravuras, riscos, etc. CRESTANI, Luís Jaison. O perfil editorial da Revista a Estação: jornal ilustrado para a família. **Revista da Anpoll**. Língua portuguesa na Imprensa, v. 1, n 25. 2008.

<sup>212</sup>Modas. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 14 set. 1910.

<sup>213</sup>Ao Grand Chic. **A Novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

<sup>214</sup>Reclame. **Revista Elegante**, São Luís-MA, 30 jun. 1892.

Por um lado, nesses anúncios, observamos o cunho propagandístico, de venda, dando ênfase à chegada de produtos estrangeiros na cidade. Mas, por outro, o atestado de que a roupa chegou do estrangeiro dava aos estabelecimentos um “ar de superioridade”, ou seja, vender o que vem do estrangeiro nos leva a deduzir ser o “melhor” e torna o estabelecimento, nas palavras da época, “*chic*”, “moderno” e “elegante”. Enfim, afirmar que os produtos chegaram nos vapores, paquetes, escalares, etc., do estrangeiro ou mesmo de capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, funcionava como capital simbólico, na medida em que “as diferenças objetivas, inscritas nas propriedades materiais”, isto é, nos produtos anunciados pelas propagandas, “[...] se convertem em distinções reconhecidas nas e por meio das representações que fazem e que formam delas os agentes”, donos das lojas e compradores. Sendo assim, “toda essa diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção”<sup>215</sup>.

## 1.2 Mapeamento do comércio de moda em São Luís

O centro de São Luís, por estabelecer o núcleo do comércio da cidade e do Estado, local de trânsito de mercadorias e de pessoas, além de moradia das famílias abastadas da cidade, foi o local que mais gozou de investimentos em melhorias de serviços públicos urbanos. Segundo Maria de Lourdes Lauande Lacroix, até o início do século XX,

O cartão de visitas da cidade resumiu-se ao Largo do Palácio – com a sede do Governo, a Capitania dos Portos, a Repartição do Telégrafo, a Caixa Econômica, a Intendência, o Paço da Câmara Municipal e a Catedral –, o Largo do Carmo, a Praça do Comércio e o Largo dos Remédios. Estes logradouros serviam de limites entre as principais ruas habitadas pelas famílias importantes, justamente as servidas pelos serviços públicos urbanos: linhas de bonde, iluminação a gás e água canalizada.<sup>216</sup>

Continuando, a autora afirma que “o viajante, restrito às áreas centrais, levava boa impressão de uma São Luís de praças ajardinadas, avenidas arborizadas, ruas calçadas, passeios e sarjetas com pedra de cantaria”<sup>217</sup>. Dessa forma, o centro, como em outras cidades brasileiras, foi o local escolhido pela elite para “representar a cidade moderna e civilizada”<sup>218</sup>. Não é por acaso que, em algumas dessas ruas da região do centro de São Luís, se localizavam as principais lojas de luxo da cidade. Pois, em se tratando da instalação de um comércio de luxo, isso requeria um ambiente apto a receber as lojas de luxo e a receber os seus fregueses.

<sup>215</sup>BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estud. CEBRAP*, n. 96, p. 105-115, jul. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010-33002013000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010-33002013000200008)>. Acesso em: 22 ago. 2013. p. 111.

<sup>216</sup>LACROIX, op. cit., 2012. p. 151.

<sup>217</sup>Ibid., p. 151.

<sup>218</sup>FOLLIS, op. cit., p. 36.

É importante frisar que a organização, ou melhor dizendo, a dita “modernização” da estrutura urbana, especialmente da região central das principais cidades brasileiras, tão aclamada no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, ocorre com o afastamento das camadas populares do centro para outros locais. Fransérgio Follis, ao analisar a saída da população pobre da região central da cidade de França em São Paulo afirma que um dos principais sustentáculos para viabilizar essa saída era a ideia de higienizar a cidade, o que justificava a eliminação das “habitações da população pobre, consideradas insalubres e, portanto, focos privilegiados para a propagação de epidemias”<sup>219</sup>. No Rio de Janeiro, tal perspectiva de eliminação dessas moradias levou à expulsão da população pobre do centro, dos chamados cortiços, formando nos seus arredores aquilo que mais tarde se chamou de favelas<sup>220</sup>. Em Belém, segundo Maria de Nazaré Sarges, “todo o ‘progresso’ era localizado e dirigido à área central da cidade, onde habitava a elite local e parte da classe média nascente”<sup>221</sup>. No centro a presença da pobreza era considerada um desvio daquilo que estava se pretendendo construir estruturalmente na cidade, moderna e embelezada.

Assim como em Belém, na capital maranhense, o centro era ocupado por famílias ricas que viviam nos chamados sobradões – casas de dois ou mais andares ricamente decoradas. Em contrapartida, no perímetro da cidade a situação de moradia e dos serviços públicos era de total precariedade<sup>222</sup>. Desse modo, a elite mantinha-se domiciliada em localidades (Centro) que eram atendidas pelos serviços públicos e ostentava sua riqueza trilhando pelas ruas e praças da cidade, que eram constantemente embelezadas.

Enfim, São Luís, apesar de não ter modificado a sua feição imperial (e mesmo colonial), continuando, então, com suas ruas estreitas e seus casarões (ao gosto português), mantinha uma aura de cidade tipicamente moderna quando chamava os cidadãos para uma vivência nos espaços de sociabilidade. E uma dessas vivências era justamente o ir às compras nas lojas situadas no centro de São Luís.

Na virada para o século XX, São Luís já possuía um número razoável de lojas estabelecidas na cidade. A “atividade das compras” começava a fazer parte do cotidiano de homens e especialmente das mulheres de elite, isto é, o “comércio elegante” já estava fazendo parte das ruas da zona central da cidade.

<sup>219</sup>Ibid., op. cit., p. 65.

<sup>220</sup>SEVCENKO, op. cit.

<sup>221</sup>SARGES, op. cit., p. 125.

<sup>222</sup>Além disso, os próprios Códigos de Postura apresentavam essa euforia por organizar e embelezar as ruas, becos e praças da cidade. Para maiores esclarecimentos sobre os Códigos de Postura que vigoravam em São Luís no final do século XIX e início do século XX ver: CARVALHO, Heitor Ferreira de. **Urbanização em São Luís: entre o institucional e o repressivo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

Em se tratando do número de estabelecimentos comerciais, Jerônimo de Viveiros afirma que o Maranhão “possuía 400.000 habitantes, com uma capital que não atingia 40.000, [e] não era pequeno o corpo comercial, no tempo da crise econômica que o acometeu”. Tal destaque está baseado no número de estabelecimentos existentes na capital, apontados pelo mesmo autor: “57 armazéns (29 de fazendas em grosso, 23 de estivas e 5 de ferragens), 47 lojas, 5 livrarias, 8 tipografias, 9 farmácias, 11 refinações de açúcar, 20 padarias e 181 quitandas”<sup>223</sup>. Essa contagem, feita nos idos dos anos 1890, nos revela uma quantidade geral do comércio existente em São Luís. Entretanto, o que nos é determinante é a quantidade de lojas, 47, e de farmácias, 9. E, embora, diante da não discriminação de quais produtos esses estabelecimentos vendiam, não seja possível dizer quantas faziam parte do comércio dos postigos, isso nos permite inferir que muitas delas eram de fazendas e de produtos que compunham a construção da aparência da mulher, bem como do homem, elegantes.

Os Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - Maranhão<sup>224</sup> dos anos de 1894, 1895, 1897, 1898 e 1905 (este último ano não consta nos Quadros) apresentam quadros estatísticos de indústrias e profissões existentes na capital. E ainda que não discriminem o que era vendido, visualizamos nos relatórios, uma divisão dos estabelecimentos comerciais e a quantidade, além do número de profissionais. É importante lembrar que são dados oficiais, portanto, possivelmente alguns estabelecimentos ou profissionais podem não ter sido catalogados por não estarem enquadrados nas exigências normativas dos Relatórios. Além desses, o Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão, do ano de 1896, apresentava algumas listas dos estabelecimentos comerciais e profissionais existentes na cidade.

A respeito dos estabelecimentos, depois de selecionados aqueles que faziam (ou que podiam fazer) parte do comércio dos postigos, vejamos o seguinte quadro:

---

<sup>223</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 17.

<sup>224</sup>Dos Relatórios existentes no período estudado, somente os relativos aos anos citados neste trabalho possuem os “Mapas Estatísticos das Indústrias e Profissões”.

Quadro 2 – Estabelecimentos dedicados ao “comércio elegante”<sup>225</sup>

TIPOS DE ESTABELECEMENTOS	ANOS			
	1894	1895	1897	1898
Armazém ou lojas <sup>226</sup> de 1ª ordem	-	37	22	19
Armazém ou lojas de 2ª ordem	-	38	18	09
Armazém ou lojas de 3ª ordem	-	-	16	08
Armazém ou lojas de 4ª ordem	-	-	20	03
Armazém ou lojas de 5ª ordem	-	-	-	-
Armazém ou lojas de 6ª ordem	-	-	-	-
Armarinhos	33	-	-	-
Lojas de fazendas de 1ª ordem	07	-	-	-
Lojas de fazendas de 2ª ordem	31	-	-	-
Lojas de fazendas de 3ª ordem	01	15	-	08
Lojas de fazendas de 4ª ordem	-	11	-	16
Lojas de fazendas de 5ª ordem	-	-	13	25
Lojas de fazendas de 6ª ordem	-	-	22	57
Casas que vendem roupas feitas, calçados, chapéus de sol	-	-	09	-
Sapataria vendendo calçados estrangeiros	-	02	01	-
Sapatarias	-	09	09	08
Mercador de chapéus	-	18	-	-
Mercador de calçados	-	11	-	-
Depósito de mercadorias estrangeiras	-	-	-	-
Drogarias	02	-	-	-
Farmácia ou drogaria	-	06	-	-
Farmácias com drogarias	03	03	03	03
Farmácias sem drogarias de 1ª ordem	01	-	01	-
Farmácias sem drogarias de 2ª ordem	03	-	03	03
Farmácias homeopática	01	01	01	-
<b>Total</b>	<b>82</b>	<b>151</b>	<b>138</b>	<b>159</b>

Fonte: Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – Maranhão.

O Quadro acima nos revela, mesmo que em anos pontuais, um estado geral do quantitativo de estabelecimentos comerciais que vendiam acessórios que compunham o montar da aparência elegante das mulheres em São Luís naqueles anos. Apesar das lacunas, podemos fazer algumas inferências quanto à variação no número desses estabelecimentos nesses anos. Inicialmente podemos mencionar que as nomenclaturas: armazéns, lojas, casas eram estabelecimentos de grande porte, evidenciando certo luxo e normalmente vendendo produtos importados, ou, como consta nos Relatórios, havendo “mercadorias estrangeiras” em

<sup>225</sup>Optamos por colocar no Quadro os números de lojas e não porcentagens ou gráficos, seguindo o mesmo padrão dos relatórios, para termos a dimensão do quantitativo de loja, não alterando o modelo de contagem dos quadros. Todavia, selecionamos somente os estabelecimentos que possivelmente vendiam artigos voltados para a montagem da aparência elegante, *chic*, moderna.

<sup>226</sup>O item Armazém ou Lojas é composto pelo somatório do que constava nos relatórios com as seguintes denominações: Armazém; Armazém de fazendas e estivas e loja.

suas prateleiras. Segundo Jerônimo de Viveiros, desses estabelecimentos, os que “formavam o alto comércio [eram] os armazéns de fazendas, os de ferragens e de estivas [...]”<sup>227</sup>; já o mercador, era um tipo de estabelecimento de menor porte e sem luxo.<sup>228</sup> A segunda inferência é que podem estar arrolados nas categorias armazéns ou lojas, estabelecimentos que não eram especializados na venda de produtos voltados para a moda e a beleza, mas com base nesses números podemos ter uma aproximação desse quantitativo.

Outra ressalva é quanto ao total de estabelecimentos. Observamos que o total de estabelecimentos entre os anos de 1894 e 1898 cresceu consideravelmente, passando de 82 para 159, respectivamente. Porém, em 1897 houve uma queda no número de estabelecimentos, isso, como já asseveramos, pode ter ocorrido por conta da saída de categorias dos Relatórios. Por exemplo, no ano de 1897 não há a categoria “mercador de chapéus” e “mercador de calçados”, assim eles podem ter deixado de existir ou simplesmente deixado de ser catalogados para o Relatório.

Destacamos no quadro anterior que o ano de 1894 apresentou um dado que não constou nos anos seguintes: os **armarinhos**, os quais contavam 33 estabelecimentos voltados para a “montagem do aparentar” existente naquele ano, no qual podemos perceber a grande e possivelmente variada oferta dos posições que ajudavam na montagem da aparência “elegante” e “*chic*”, ou seja, dos adereços para a fabricação das peças do vestuário feminino e masculino, refletindo o consumo de moda na cidade. Esses **armarinhos** não devem “ter fechado as portas”; o que provavelmente ocorreu foi a mudança de nomenclatura nos Relatórios dos anos posteriores, diluindo-os em outras nomenclaturas, como armazéns ou lojas voltadas também para a venda dos diversos adereços que formavam a montagem da aparência *chic*, elegante das mulheres abastadas.

Quanto aos **armazéns ou lojas**, no ano 1895, os de **1ª ordem** somavam um quantitativo de 37. Estes, segundo o próprio Relatório, são designados “armazéns de estiva, louça, quinquilharia, que importar e exportar”. Em outras palavras, são aqueles armazéns que recebiam novidades do estrangeiro, o que nos faz perceber a presença e circulação de produtos estrangeiros na capital, sejam eles de uso ou não na montagem da aparência “à última moda”. Isso, por exemplo, em comparação ao número de **armazéns ou lojas de 2ª ordem**, no mesmo ano, “armazéns de estivas, louça, quinquilharia, que não exportem e nem importem”, totalizava um quantitativo de 38. É importante ressaltar também que as **lojas de**

<sup>227</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 17.

<sup>228</sup>Constam nos Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - Maranhão analisados, as especificações de cada estabelecimento, casa, lojas, mercador, armazém, etc.

**fazendas de 1ª e 2ª ordem** dos anos de 1895, 1897 e 1898 estão catalogadas como **armazéns ou lojas de 1ª e 2ª ordem**, fazendo o número destes últimos também crescer.

Verificamos no Quadro 2 que no decorrer dos anos de 1895, 1897 e 1898 o número de **armazéns ou lojas de 1ª ordem e de 2ª ordem** decresceu. Observamos que os **armazéns ou lojas de 1ª ordem** passaram de um quantitativo de 37 no ano de 1895 para 19 no ano de 1898, enquanto os **de 2ª ordem** caíram de 38 no ano de 1895 para 9, como consta na tabela. Mas, possivelmente isso se deve à diluição dos **armazéns ou armazéns ou lojas de 1ª ordem e de 2ª ordem** nos de **3ª e 4ª ordem**. Além disso, nesses anos observamos uma alternância do aparecimento de quantitativo das categorias **lojas de fazendas de 3ª, 4ª, 5ª e 6ª ordem**, o que levou a oscilação no total de **armazéns ou lojas de 1ª e 2ª ordem**. Contudo, era mantido durante esses anos um número considerado alto de **armazéns e lojas de 1ª ordem**, nos levando a inferir que não eram poucas as lojas e os armazéns que vendiam para os ludovicenses uma variedade de produtos nacionais e estrangeiros.

É importante salientarmos também que no ano de 1897 aparece um quantitativo considerado notoriamente alto de **armazéns e lojas de 4ª ordem**. Isso se dá pelo fato de constar a respeito dessa categoria: “agente de casas nacionais ou estrangeiras que promoverem a venda de mercadorias estrangeiras por meio de amostras ou catálogos, compreendidos aqueles em cujas casas se fizerem essas exposições ou vendas e os que dela se encarregarem”<sup>229</sup>. É possível que lojas, nesse ano, tenham investido nesse tipo de venda por conta da demanda por produtos estrangeiros, o que não quer dizer que nos outros anos não tenha havido esse tipo de venda via catálogos.

Como podemos observar no Quadro 2, no ano 1894, havia 31 **lojas de fazenda de 2ª ordem**. Estas são casas que vendem “fazendas por grosso, compreendidas as casas importadoras, exportadoras e aquelas que pelo desenvolvimento de suas transações ou luxo de estabelecimento sejam superiores a outras similares (mercador de)”. Já as de **1ª ordem** aparecem com 7, que o Relatório identifica como “fazendas por grosso”, levando-nos a inferir que sejam de fazendas em grande quantidade, que não importavam do estrangeiro, mas sim produzidas pelas fábricas têxteis locais. Nos anos 1895 e 1897, prevalecem **as lojas de fazenda de 3ª, 4ª, 5ª e 6ª ordem**, até porque as lojas de 1ª ordem passaram a ser catalogadas juntamente com os armazéns, como já afirmado. Essas lojas, segundo a discriminação feita nos Relatórios, possivelmente são lojas de “algodão (armazém ou depósito)” ou “fazendas (mercador em pequena escala de)”.

---

<sup>229</sup>Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – Maranhão, ano de 1895.

Convém destacar que no ano de 1898 houve um aumento, em comparação com os anos catalogados, do número de **lojas de fazendas de 6ª ordem**, constando 57, quer dizer, na passagem do ano de 1897 para 1898 dobrou o número de lojas de fazendas. Na discriminação do Relatório consta que os estabelecimentos de **6ª ordem** são os de “algodão (fábrica ou empresa de desencaroçar algodão)”. Esse crescimento, podemos deduzir, deve ter-se dado em razão da instalação das fábricas têxteis no Maranhão.

Quanto à **Sapataria vendendo calçados estrangeiros**, existiam 2 em 1895 e 1 em 1897. Já as que não vendiam sapatos estrangeiros eram 9 nos anos de 1895 e 1897 e 8, em 1898. Além disso, havia os **mercadores de calçados**: 11, que como já apontamos, segundo as descrições dos Relatórios, eram os de estabelecimentos menores e menos luxuosos. Nos anos em que não consta a quantidade delas, tal fato se dá não pela inexistência de sapatarias na cidade, mas porque nesses anos as sapatarias foram consideradas lojas e por isso, aparecem no somatório de lojas ou armazéns. Ademais, muitas lojas do período não vendiam somente sapatos; os sapatos eram, sim, mais um produto vendido dentre uma variedade de outros. Nessa perspectiva, o Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão, do ano de 1896, por exemplo, apresenta um quantitativo de **Depósitos e Negociantes de calçados** equivalente a 22, porém na catalogação do Almanaque não constam somente lojas específicas de calçados, mas também lojas de postigos em geral, inclusive os sapatos, estrangeiros ou não.

Outro estabelecimento que não aparece nos anos contidos no Quadro mencionado é o **depósito de mercadoria estrangeira**. No ano de 1905 o Relatório informa a existência de 10 desses estabelecimentos<sup>230</sup>. Por estarem ligados ao mercado de produtos estrangeiros faz sentido destacá-los, tendo vista que é possível que estes estabelecimentos aloquem produtos voltados para o “mercado de luxo”, no que diz respeito à construção da aparência.

Os **mercadores de chapéus e calçados**, 18 e 11, respectivamente, no ano 1895, eram aqueles que não possuíam estabelecimento de luxo, e os produtos vendidos não vinham do estrangeiro. Além disso, constam no quadro **casas que vendem roupas feitas, calçados, chapéus de sol**, constando 9 no ano de 1897. Quanto a essas casas que vendiam roupas feitas, faz-se necessário abrirmos um parêntese antes de tratarmos dos profissionais, em que notaremos com muito mais frequência a questão das roupas feitas. Maria Claudia Bonadio nos mostra que até meados de 1910, em São Paulo, a oferta de roupas prontas era mínima<sup>231</sup>; em São Luís o número de anúncios de lojas informando a venda de roupas feitas era pequeno, mas as alfaiatarias costumavam anunciá-las para homens.

<sup>230</sup>Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros - Maranhão de 1905.

<sup>231</sup>BONADIO, op. cit., p. 39.

As **farmácias** também faziam parte dos estabelecimentos responsáveis pela aparência elegante, pois nelas se encontravam diversos produtos para a manutenção da pele, dos cabelos, das unhas, da feição saudável, em suma, da beleza das ludovicenses. Na cidade, os Relatórios catalogavam no ano de 1894 e 1895 um número de 10 farmácias, com ou sem drogarias, além daquelas com produtos homeopáticos. E em 1897 e 1898, existiam, respectivamente, 8 e 6 farmácias. Estas, no período estudado, apesar de aparecerem nos anúncios dos jornais prometendo produtos eficientes para a manutenção da beleza, ainda concorriam com as manipulações de remédios caseiros e, como veremos no próximo Capítulo, muito do que era sugerido para “embelezar a aparência” das mulheres partia de receitas caseiras.

Nos Relatórios também aparece o quantitativo de profissionais que havia à época, e, para o estudo em questão, selecionamos aqueles voltados para a manutenção da dita elegância que estavam estabelecidos na cidade.

**Quadro 3 – Profissionais envolvidos com “elegância”**

TIPOS DE PROFISSIONAIS	ANOS			
	1894	1895	1897	1898
Alfaiates	-	-	-	16
Alfaiate com estabelecimento de luxo vendendo fazendas ou roupas feitas	01	01	01	-
Alfaiate com estabelecimento de luxo não vendendo fazendas ou roupas feitas	13	-	-	-
Alfaiate sem estabelecimento de luxo vendendo fazendas ou roupas feitas	04	03	03	-
Alfaiate sem estabelecimento de luxo não vendendo fazendas ou roupas feitas	01	13	10	-
Cabelereiro	-	-	-	01
Cabeleireiro vendendo perfumarias	01	01	-	-
Modista	-	01	01	-
Modista de chapéu de senhoras	01	-	-	-
Barbeiro	-	-	-	25
Barbeiro não vendendo perfumarias	23	23	22	-
Barbeiro com perfumarias	01	-	01	-
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>42</b>	<b>36</b>	<b>42</b>

**Fonte: Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – Maranhão.**

Ao fazermos o somatório do total de estabelecimentos por ano, observamos que, assim como a quantidade de estabelecimentos, o número de profissionais também diminuiu no ano de 1897, somando em 36. Todavia, nos outros anos houve certa constância nesses

números, mesmo havendo uma movimentação do quantitativo das profissões durante esses anos.

Visualizamos no Quadro 3, que os maiores números de profissionais são aqueles que tinham seus serviços voltados para o público masculino: **barbeiro e alfaiate**. Quanto a isso, podemos inferir que os alfaiates, que variavam em quantidade entre 16 e 20 nos anos discriminados no referido Quadro, que possuíam estabelecimentos de luxo e vendiam tecidos ou roupas feitas, também agiam no fazer das roupas femininas, pois alguns dos tecidos e acessórios faziam parte do conjunto da roupa feminina. E, além disso, por ser um estabelecimento de luxo, agregava o luxo ao produto e a quem nele comprava. Já o barbeiro, que vendia perfumaria, igualmente estava em contato com o público feminino, pois os perfumes, especialmente os estrangeiros, faziam sucesso com o público feminino à época. Nos Relatórios, tanto **cabelereiro** quanto **modista** consta somente 1 para os anos de 1894, 1895, 1897 e 1898. Porém, no ano de 1896, o Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão registra a existência de 21 profissionais entre modistas e costureiras. O Relatório por ser de caráter oficial e estar focado no recolhimento de impostos, pode não ter discriminado profissionais que não tivessem estabelecimento comercial, não catalogando aquelas modistas e costureiras que trabalhavam em casa; em contrapartida, eles podem ter tido alcance na contagem do Almanaque. Já o **cabelereiro** continuava sendo 1, o senhor Luiz de Ory.

Outra especialidade existente era as **modistas de chapéus femininos**, como consta no Quadro 3. Estas eram senhoras cuja especialidade era montar chapéus femininos. O número delas era pequeno na cidade, havendo no ano de 1894 uma e no ano de 1896, segundo o Almanaque, duas, ambas estabelecidas no centro de São Luís. Porém, as lojas de chapéus ou de artigos de moda existentes na cidade também se encarregavam de ter em seus estoques variados modelos de chapéus.

Esse comércio estava rendendo impostos para os cofres públicos, pois no ano de 1911, apesar de o Relatório não apresentar um mapa estatístico das indústrias e profissões, nos apresenta uma observação acerca da arrecadação de impostos que nos indica que o comércio de luxo estava se fazendo presente no Estado. O Relatório informa que foi melhorado o processo de cobrança de impostos sobre o “consumo de artigos de mero luxo dentro do Estado [...]” e afirma o relator: “Acredito mesmo que esse imposto, sobre o vício e o luxo, que só tem quem quer e quem pode, contribuirá com a metade da quota necessária ao serviço do empréstimo externo”<sup>232</sup>. Vejamos, essa afirmativa nos conduz a entender que a

---

<sup>232</sup>Mensagem lida ao Congresso Legislativo de Maranhão na abertura solenne da 2ª sessão da 7ª legislatura em 12 de fevereiro de 1911 pelo Exmo. Sr. Dr. Luiz A. Domingues da Silva, Governador do Estado, que consta no

arrecadação com “o vício e o luxo”, que pode ser compreendido como os locais de diversão, a exemplo, bares, restaurantes, clubes, etc., mas também com os estabelecimentos comerciais que envolvem a construção da aparência elegante, enfim, estabelecimentos de luxo: lojas, alfaiatarias, etc., estavam em alta, tendo em vista a preocupação em pontuá-los no Relatório e ainda informar que o que foi arrecadado com eles foi encarado como importante para os cofres públicos.

Diante do exposto, observamos que existiam, em São Luís, espaços de compra e venda de produtos de luxo, bem como “sem luxo”, que estavam de alguma forma envolvidos com a conquista e manutenção de uma aparência bela, moderna, *chic* ou elegante. E mesmo não podendo precisar esse quantitativo, em razão de algumas oscilações, observamos a existência e relativa constância no número de estabelecimentos e profissionais especialmente na última década do século XIX, como indicaram os Quadros já analisados.

Em face desse quantitativo, que lojas em São Luís se encarregavam de aproximar, pelo menos “em aparência”, os seus cidadãos daquelas principais capitais do mundo, em termos de elegância?

### 1.2.1 Entre as ruas e as lojas: o comércio de moda

O trilhar pelas ruas do comércio da cidade, localizar as lojas e observar, a partir dos anúncios nos jornais e nas revistas, da narrativa dos cronistas e da literatura, aquilo que elas vendiam e alcançar para quem vendiam, uma vez que tais discursos possuíam uma intenção, não eram neutros, leva-nos a buscar os sentidos dados à loja, aos produtos à venda e, principalmente, a quem os comprava.

As principais ruas do comércio de luxo em São Luís eram a Rua de Nazaré, a Rua Grande e a Rua do Sol. Havia também outras ruas que sediavam lojas responsáveis pela venda de elementos formadores da aparência elegante femininos e masculinos, tais como Rua do Trapiche e Rua da Palma. Além dessas ruas, encontravam-se lojas situadas no Largo do Carmo ou na Praça João Lisboa<sup>233</sup> e em frente ao Jardim Público, atual Praça Benedito Leite<sup>234</sup>.

---

Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – Maranhão de 1911. Maranhão: Imprensa Oficial, 1911. p. 17.

<sup>233</sup>O Largo do Carmo, assim chamado em função da construção do convento e da igreja carmelitas, é um dos primeiros logradouros e coração da cidade. Local do pelourinho, das primeiras feiras ou mercados, de um dos chafarizes, de trânsito dos palanquins, bondes e ônibus, palco de luta nos idos do século XVII ao XX, um dos preferidos da população para o carnaval, local dos conchavos políticos, das rodinhas de falar da vida alheia. LACROIX, op. cit., 2012, p. 156. O Largo do Carmo, pela Resolução nº 14, de 28 de julho de 1901, da

Essas ruas, principalmente em dias de festas e comemorações ocorridas na cidade, ficavam cheias de homens e mulheres comprando as novidades oferecidas pelas lojas, que prometiam transformar aqueles que comprassem seus produtos em belos, *chics*, elegantes, em suma, distintos. A crônica a seguir, não assinada, do jornal *A Pacotilha*, descreve assim o trânsito no comércio:

Era um gosto ver nas ultimas semanas o vae-vem do madamismo crusando-se em todas as direções e entrando nas lojas de moda, cujos caixeiros já não tinha mãos a medir e andavão tontos para acudir a todos os pedidos.<sup>235</sup>

O tumulto nas lojas, apontado pelo articulista acima, se dava semanas antes da Festa dos Remédios, festa religiosa que ocorria na cidade. Euclides Faria também comenta a correria ao comércio em dias anteriores ao carnaval:

Das lojas nas prateleiras  
 existe completo enxame  
 de meias masc'ras, inteiras,  
 de papelão e de arame;  
 já não dormem os alfaiates,  
 os sapateiros não comem,  
 todos elles consomem,  
 fazendo mil disparates  
 de vestimentas p'ra homem,  
 fingindo ricos labores  
 sobre fazendas de cores  
 azues, brancas, escarlates.<sup>236</sup>

Os versos caracterizam uma cidade e uma população que se envolvia com as festas e que buscava, por meio das roupas e da aparência, estar a par daquilo que circulava no Brasil e no mundo no que diz respeito à moda. Nesse sentido, havia uma circulação de produtos destinados aos elementos do vestir que as lojas instaladas na cidade se encarregavam de proporcionar.

Analisemos e localizemos estas lojas que no decorrer do período estudado já estavam estabelecidas ou estavam se estabelecendo na cidade, fazendo circular alguns dos principais produtos, conectando os usos, no que diz respeito à montagem da aparência dos ludovicenses ao restante do Brasil e da Europa. Para isso observemos o mapa a seguir, em que constam as vias em que se estabeleceram as principais lojas da cidade. É importante

---

Câmara Municipal, passou a ser chamado de Praça João Lisboa. LIMA, op. cit., p. 76. Todavia, nos anúncios de jornais e revistas e mesmos nas reportagens e crônicas dos periódicos encontramos o uso concomitante das duas denominações a partir dessa data.

<sup>234</sup>A construção do Jardim Público na Cidade, cópia dos jardins botânicos existentes em outras capitais, ocorreu em 1848. Em 1851, o jardim passou à Praça da Assembleia. E, a partir de 1898, foram feitas algumas reformas e modificou-se a sua denominação para Praça Senador Benedito Leite. A Nossa Gravura: o Jardim Público. **Revista Elegante**, São Luís-MA, 23 jun. 1900.

<sup>235</sup>**A Pacotilha**, São Luís-MA, 17 out. 1890.

<sup>236</sup>FARIAS, Euclides. **Cartas do cumpadre Tibúrcio**: notícias da capital por Lourenço Gomes Furtado. São Luís: Typ. Rabello, 1907. p. 142.

ressaltar que as vias da cidade, as quais hoje chamamos Centro Histórico, mantiveram-se as mesmas desde os primeiros anos dos oitocentos.

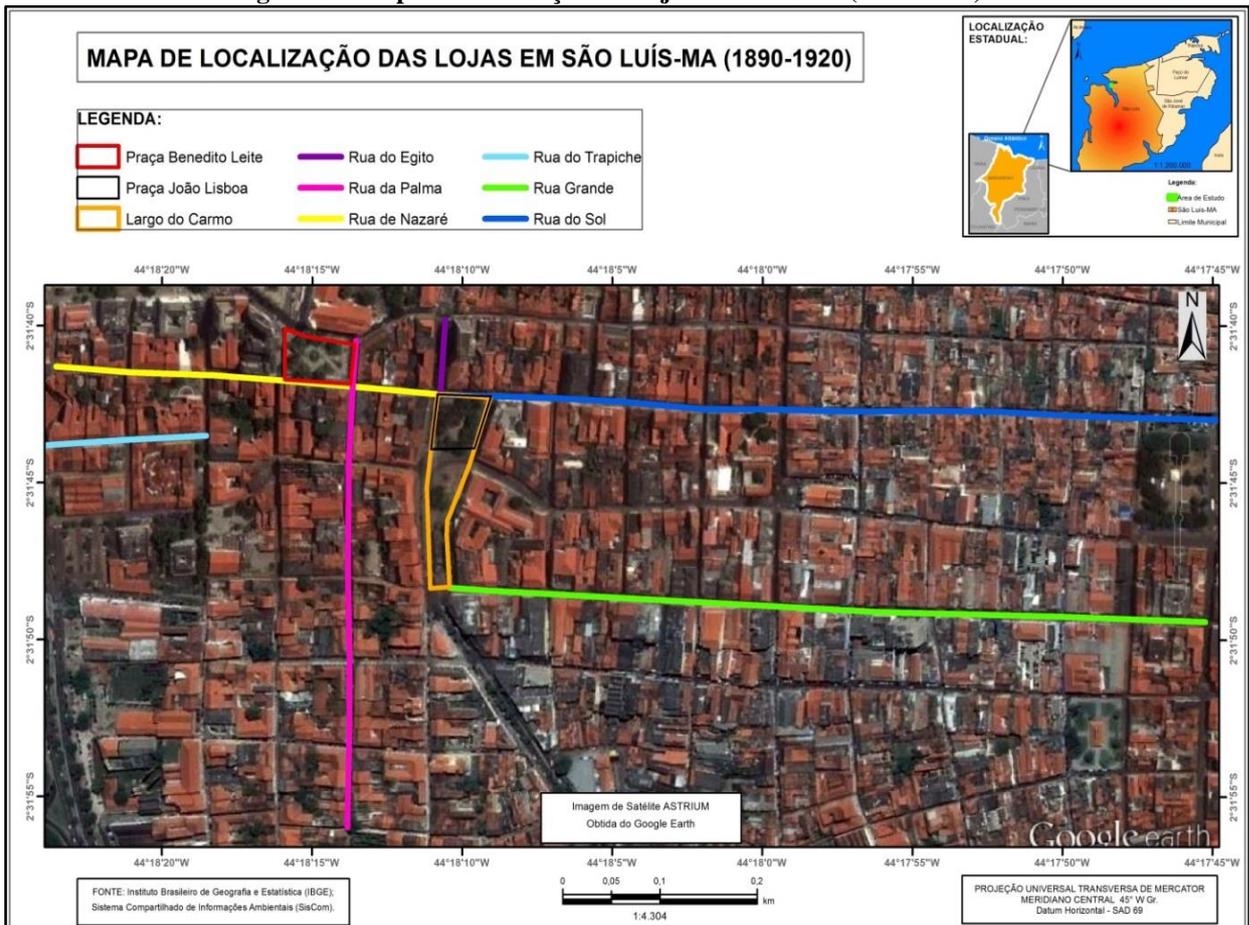
Destacamos nesta “cartografia”, como dito anteriormente, as ruas que por meio dos indícios dos anúncios situavam um maior número de lojas. Observemos que a maioria das ruas onde se estabeleceram as lojas de maior destaque<sup>237</sup>, que chamaremos de “lojas de luxo”, a exemplo, Rua de Nazaré, Rua Grande e Rua do Sol, era justamente no circuito mais próximo do Largo do Carmo. Além dessas Ruas, os arredores da Praça Benedito Leite era logradouro dessas lojas. As mais afastadas, como a Rua do Trapiche e Rua da Palma, situavam um comércio de luxo pontual. Na Rua da Palma, por exemplo, era nas quadras que cruzavam com a Rua de Nazaré e cercavam a praça Benedito Leite onde estavam as lojas de destaque.

Essas vias funcionavam, como iremos observar no decorrer do texto, como local não só de acesso aos bens ditos de luxo, mas também, o que voltaremos a falar no Capítulo 3, como local de passeio para aqueles que buscavam exhibir seus trejeitos e sua aparência externa ao gosto estrangeiro, enfim, elegante e à moda.

---

<sup>237</sup>Quando falamos em destaque nos referindo às lojas, estamos nos baseando nas representações dos jornais; são portanto as lojas que trazem em seus anúncios não só uma variedade e quantidade de produtos, mas um diálogo mais frequente com as novidades do estrangeiros, enfim com a “última moda”.

Figura 2 – Mapa de localização das lojas em São Luís (1890-1920).



Fonte: IBGE. Sistema Compartilhado de Informações Ambientais (SisCom)

Começamos por aquelas que se situavam na Praça João Lisboa ou no Largo do Carmo. Esta Praça passou por algumas reformas no início do século XX. Segundo Domingos Vieira Filho<sup>238</sup>, uma delas foi empreendida pelo Intendente Nuno Álvaro de Pinho, que é elogiada na *Revista do Norte*, na edição de 16 de julho de 1903: “belíssima praça com canteiros ingleses, de um gramado finíssimo e verdejante e árvores simetricamente dispostas, que dentro em breve e por toda ela espalharão uma sombra protetora e amena”<sup>239</sup>. Segue a fotografia da praça.

<sup>238</sup>Domingos Vieira Filho nasceu em São Luís do Maranhão em 1924. Foi jornalista e estudioso de assuntos africanos e folcloristas. ANTOLOGIA da Academia..., op. cit.

<sup>239</sup>VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve história das ruas de São Luís**. São Luís: SENAC, 1962. p. 103.

**Figura 3 - Praça João Lisboa**



**Fonte: Gaudêncio Cunha<sup>240</sup>**

A figura acima apresenta a Praça João Lisboa ou Largo do Carmo à esquerda, e a maioria das lojas que se situava nela estava estabelecida nos casarões que se encontram no lado direito dessa foto. Em crônica narrada por Gil Peralta, caminhamos pelos locais de venda nessa Praça e adentramos algumas lojas. Após admirar “as árvores copadas e bem talhadas, que circundavam a elegante Praça João Lisboa”, o cronista dirigiu-se à casa do Nunes ali localizada<sup>241</sup>. A loja era anunciada nos jornais e revistas, como Nunes & Irmão. Nela encontrava-se, segundo os anúncios, a “última expressão da moda, chapéus finos de feltro para homens, camisas, punhos e colarinho de puro linho feitos modernos elegantes; Última novidade de Paris, tecidos de lã e seda para vestidos”<sup>242</sup>. De acordo com o cronista, a loja era “[...] um antigo e acreditado estabelecimento de modas e de phantasias, onde se encontra o que de mais novo e melhor se vende nos mercados europeus”. Continuando a falar sobre a loja, destaca aquilo que era vendido nela: “São finos tecidos para *toilette* de senhoras, são fazendas especiaes para roupa de homens e meninos, são chapéus, são collarinhos, são mil

<sup>240</sup> CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908**. São Luís: AML, 2008.

<sup>241</sup> PERALTA, Gil. Flanando... **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 1 fev. 1910.

<sup>242</sup> Última expressão da moda. **Cruzada**, São Luís-MA, 23 out. 1890.

outros artigos mil, que os ‘*smarts*’ lá vão encontrar, a escolha”<sup>243</sup>. O adjetivo *smart* era usado tanto para homens quanto para mulheres e, para “ser um *smart* era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade [...]”<sup>244</sup>, lembra Rosane Feijão, ao tratar do desejo de “ser *smart*” nos primeiros anos do século XX.

O frequentar lojas que se destacavam pelos produtos atualizados com o que chegava do estrangeiro fazia parte desse contexto de construção do *smart*. Continuando, o cronista enfatiza que encontrou na mesma loja “a fazer compras duas bellas signoritas, A. Z. e J. M.”. Após descrever as roupas das moças, declara:

[...] lembrei da vida carioca. [...] As nossas gentis patricias já não estão muito aquém das cariocas. O gosto pelas modas vai desenvolvendo e oxalá que dentro em breve, já se possa passar as tardes ‘trocando pernas’ nas ruas, nas horas de ócio, apreciando o ‘*smartismo*’ das graciosas maranhenses.<sup>245</sup>

*Euclides Faria*, mesmo tratando de dias antes do carnaval na cidade, transmitiu essa frequência das “raparigas” ludovicenses nas lojas da cidade:

As bellas lojas de modas  
vivem cercadas de rodas  
de raparigas comprando  
a mais vistosa fazenda,  
com muitos metros de renda [...]<sup>246</sup>

O cronista *Gil Peralta* saiu do estabelecimento do Nunes e parou na esquina da Notre Dame. Atentemos para outra variável de análise importante de ser discutida que são os nomes franceses dados às lojas ludovicenses, especialmente àquelas que impunham maior vulto no comércio de luxo, baseado nas representações dos anúncios dos jornais. Segundo Heloisa Barbuy, essa nomenclatura francesa dada às lojas, mesmo quando o proprietário não era francês, agregava às “mercadorias a conotação de excelência de que gozava o produto francês e, ao seu negócio, a aura cosmopolita que cercava as lojas de Paris”<sup>247</sup>. Por conta disso, muitos estabelecimentos tomavam de empréstimo nomes conhecidos do comércio parisiense, garantindo essa conotação para seus produtos.

Voltemos ao percurso do *Gil Peralta*, à porta da loja Notre Dame. *Euclides Faria*, também lembra e assim a descreve:

Lojas, sim, são todas boas,  
tudo madeira fina;  
há uma de dois andares,

<sup>243</sup>PERALTA, op. cit.

<sup>244</sup>FEIJÃO, op. cit., 2011b. p. 58.

<sup>245</sup>PERALTA, op. cit.

<sup>246</sup>FARIAS, op. cit., p. 143.

<sup>247</sup>BARBUY, Heloisa. Comércio Francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: VIDAL, Lareunt; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **Franceses no Brasil: século XIX – XX**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 193-208. p. 197.

e bem defronte, no canto,  
 tem outra do *João Tavares*,  
 cheia de ricas fazendas;  
 o dono é franco e bondoso,  
 mostra tudo sem vexame,  
 e por ser religioso,  
 não é casa, é – *Notre Dame*.<sup>248</sup>

A loja Notre Dame, de J. Fontes & Cia., também situava-se na Praça João Lisboa, número 2. Como apresenta a propaganda da loja, seus produtos femininos eram variados e, como grande parte das lojas da cidade, apostava na venda de produtos importados e nela encontravam-se produtos vindos de Paris, Viena e Hamburgo. Dunshee de Abranches, memorialista, a reconhecia como: “[...] a loja mais luxuosa da Cidade”<sup>249</sup>, sendo o “empório das sedas mais caras e das mais finas perfumarias”<sup>250</sup> do Maranhão.

O foco dessa loja era o vestir e os elementos do preparo da roupa: dos tecidos até as fitas, as rendas, etc., que ajudavam a ornamentar as roupas das mulheres maranhenses. Com os produtos oferecidos pela Notre Dame, observa Maria de Lourdes Lauande Lacroix, “era possível trajar as senhoras da elite ludovicense de forma semelhante à daquelas que circulavam no Rio de Janeiro e mesmo na Europa”<sup>251</sup>. Em outras palavras, as representações dos produtos oferecidos pelas lojas, em se tratando do vestir, proporcionavam às mulheres ludovicenses um consumo de posições que as mantinham o mais próximo possível daquilo que era considerado elegante e, portanto, necessário para garantir o seu lugar na “fina flor da sociedade ludovicense”.

Voltando ao anúncio dessa loja, versos que constam no jornal *Pacotilha* alertam: “Se queres andar na moda; Todo chic e superfino, a Notre Dame está perto [...]”<sup>252</sup>. Esse reclame do “andar na moda”, garantia um “revestimento simbólico que permitia transportar o consumidor ao mundo referencial do comércio de luxo francês”<sup>253</sup>. Ou seja, os anúncios, dando destaque aos produtos, cujo significado e procedência indicavam ao consumidor ludovicense aquilo que de fato circulava no dito comércio de luxo.

Mesmo que não estejamos voltados para a aparência externa masculina, vale destacar que para a elaboração e produção da roupa dos homens, havia os alfaiates que produziam a roupa masculina à época. Em São Luís eram vários os estabelecimentos de

<sup>248</sup>FARIAS, op. cit., p. 6-7.

<sup>249</sup>ABRANCHES, Dunshee. **A esfinge do Grajaú**: memórias. Rio de Janeiro: S.A. Editora Jornal do Brasil, 1959, p. 108.

<sup>250</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 52.

<sup>251</sup>Ibid., p. 53.

<sup>252</sup>Versos retirados de uma resenha publicada no jornal *Pacotilha*, contendo em forma de versos todas as lojas constantes na cidade. Também reproduzida no livro *História do Comércio de Jerônimo de Viveiros*. VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 23.

<sup>253</sup>BARBUY, op. cit., p. 199.

alfaiatarias; havia diversas delas, especializadas no corte masculino: Alfaiataria Esperança, Alfaiataria Cariman & Silva, Alfaiataria Soares, Alfaiataria Teixeira, Alfaiataria Homem, Alfaiataria Guédes, Alfaiataria S. Cruz, entre outras.

A Alfaiataria Teixeira, de Gaspar Pinto Teixeira, especializado em Paris<sup>254</sup>, destacava-se na cidade, pois ela era proprietária da revista intitulada *Revista Elegante*, produzida pela própria alfaiataria. E, além disso, o dono da alfaiataria era o mesmo proprietário da revista que possuía uma tipografia onde era editada a *Revista Elegante*. Segundo o editorial, sua “grata e suprema missão [era] de observarmos o que vae de attrahente e de elegante pelo *Monde-Chic*”<sup>255</sup>. Assim, podemos dizer que isso era missão não só da revista, mas também da alfaiataria.

A Alfaiataria Teixeira iniciou seus trabalhos por volta 1880, como uma loja somente de tecidos e elementos para a construção do vestuário masculino e passou à loja de variedades, tendo à venda produtos como máquinas de costura (única loja que vendia na cidade esse produto), objetos de decoração de casa, como mesas, cadeiras, camas, espelhos e também artigos de perfumaria: perfumes, pós, extratos e outros. E com a ampliação dos seus produtos, passou a ocupar três prédios no Largo do Carmo. Além disso, por estar vinculada à Alfaiataria Teixeira, a *Revista Elegante* funcionava como veículo de propaganda dos produtos da loja e ainda convidava os cidadãos para exposições de figurinos ali montados.

Ainda na Praça João Lisboa, número 5, encontrava-se a loja *Parc Royal*<sup>256</sup>, de B. Xavier & Cia. Em suas propagandas trazia sempre como produtos principais as rendas, os bordados e as guarnições. Seus produtos não eram somente os tecidos e elementos do “fazer a roupa” das mulheres, mas igualmente das crianças e dos homens. Também oferecia aos fregueses cortinas, colchas, cortinados, enfim, produtos que não faziam parte do vestir, mas que poderiam ser comprados, especialmente pelas freguesas que ali entrassem para comprar uma roupa ou um acessório de moda, o que funcionava como uma possível estratégia de venda nesse período, e tendo em vista que grande parte das lojas de modas vendiam artigos de ornamentar a casa, seu público mais frequente eram as mulheres.<sup>257</sup>

Seguindo pela Praça João Lisboa, avistava-se também outra loja de modas: a Casa Americana, canto com a Rua do Egito (rua também destacada no mapa). Era especializada em elementos que compunham o vestir no período. Seu sortimento variava de leques e

<sup>254</sup>LACROIX, op. cit., 2012. p. 233.

<sup>255</sup>A Arte de trajar. **A Revista Elegante**, São Luís-MA, 31 mai. 1892.

<sup>256</sup>O nome dessa loja remete a loja *Parc Royal* situada no Rio de Janeiro entre os anos de 1873 e 1943. Era considerada a loja mais elegante e distinta da cidade, além de ter sido a pioneira em loja de departamento. GORBERY, Marissa. **Parc Royal**: um magazine carioca. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa, 2013.

<sup>257</sup>BONADIO, op. cit.

espartilhos para as senhoras até ceroulas e bengalas para homens, passando por chapéus “artisticamente enfeitados” e gorros para meninos e meninas, além de “objetos para mimos, [...] objetos de arte e de gosto, próprios para presentes”<sup>258</sup>. Essa loja colocava seus anúncios nas primeiras páginas do jornal *A Pacotilha* e normalmente eram propagandas que ocupavam parte de uma página do jornal, o qual era diário e de grande circulação na cidade e possuía número considerável de anunciantes por edição; chegava a quatro páginas de anúncios uma edição desse jornal. Por mais insignificante que pareça essa informação, acreditamos que as lojas que publicavam seus anúncios nos jornais eram as de maior vulto na cidade. Ademais, ter um espaço no jornal tinha um custo, e quanto maior era esse espaço e a localização, maior o valor da postagem da propaganda.<sup>259</sup>

Os pés daqueles considerados “*chics*”, “modernos” e “elegantes” em São Luís, à época, dispunham de lojas específicas para calçados; algumas dessas lojas situavam-se na Praça, número 14, como a Sapataria Central, com “grande depósito de calçados para homens, senhoras e crianças”<sup>260</sup>, de J. Pires & Comp.

Na Praça João Lisboa ou Largo do Carmo, número 12, os fregueses, ávidos por uma “aparência elegante”, também encontravam os famosos cabeleireiros Fortunato e Luiz de Ory que “acompanhavam os modelos lançados pelos seus conterrâneos [franceses] e se ocupavam todas as horas possíveis em pentear as senhoras maranhenses para bailes, casamentos e festas religiosas, conforme ditava a moda francesa”.<sup>261</sup> E ainda a chapelaria de Josephina Ory, especializada em chapéus para senhoras, bem como a modista Madame de Ory, no mesmo estabelecimento, número 22, onde se vendiam fazendas (tecidos) a retalho.<sup>262</sup> A costureira italiana Tereza Viotti Balicco, antes profissional na Corte de Turim, discípula da parisiense Mme. Fornach, também possuía atelier no Largo, número 9.<sup>263</sup> Estabelecimentos de estrangeiros, especialmente vindos da Europa, davam um tom de distinção à loja, pois significava que esta dialogava diretamente com a Europa, escoando produtos à última moda na cidade com mais frequência.

<sup>258</sup>Casa Americana. *A Pacotilha*, São Luís-MA, 26 jan. 1897.

<sup>259</sup>As características formais do anúncio como está na primeira página e com letras maiores, em destaque, em contraponto com outros anúncios que eram menores, sem destaque e misturado a outros anúncios, nos faz entender que essas lojas tinham um maior vulto na cidade. Observamos que grande parte dos anúncios das lojas aqui analisadas apareciam, pelo menos em algum mês dos anos arrolados, em destaque em algum jornal.

<sup>260</sup>Sapataria Central. *O Jornal*, São Luís-MA, 1 mai. 1915.

<sup>261</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 51-52.

<sup>262</sup>Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão. 1896. p. 170-189.

<sup>263</sup>SILVA, Camila Ferreira Santos. *Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade século do XIX*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Historia Licenciatura) – Departamento de História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008; LACROIX, op. cit., 2012.

Entremos na chamada Rua de Nazaré, com início na “travessa do Palácio e desce ingrememente até desembocar no largo do Carmo, onde termina”<sup>264</sup>. Mais conhecida, à época, como Rua do Ouvidor, fazendo alusão à rua do comércio de luxo da capital federal, Rio de Janeiro, local onde a elite carioca fazia seus passeios a olhar vitrines e a fazer compras<sup>265</sup>. “Na rua de Nazareth havia o movimento costumeiro dos dias de serviço. Por entre as dezenas de pessoas que ali transitavam, ela, “romântica”, como acertadamente alguém lhe chama [...]”<sup>266</sup>. “Ela, romântica”, fazia referência à Rua de Nazaré, considerada “[...] a brilhante arena, onde as gladiadoras da elegância, disputavam o prêmio do bom gosto e do chisquismo”<sup>267</sup>. O cronista, que assina por *Mario*, apresenta, em sua narrativa, essa aura que a Rua de Nazaré ansiava representar:

A rua do Ouvidor... meu Deus! Nem é bom fallar n'ella. Aquillo era um Paraízo, um verdadeiro ceu aberto a nos offuscar aa vista com o fulgor dos seus encantos e o brilho suave das suas graças. A gente ao entrar n'ella sentia a alma dillatar-se docemente na deliciosa sensação de um bem estar que não se define.<sup>268</sup>

Nela existiam também diversas lojas. Uma delas era a loja chamada Grand Chic, “o centro das novidades”. Esta trazia sortimentos para senhoras e para homens. No entanto, suas propagandas focavam especialmente no vestuário feminino, vendendo tecidos, perfumes, luvas, chapéus e tudo o mais que compunha esse vestuário. Como qualquer loja do período que quisesse destaque entre as consumidoras “elegantes” da cidade, trazia na descrição dos produtos o fato de serem peças vindas da Europa e de estarem a par das novidades que sondavam o comércio elegante no Brasil e no estrangeiro.

Os nomes dos estabelecimentos, como já frisado anteriormente, e principalmente os anúncios em jornais e revistas transfiguravam as pequenas casas comerciais em “portas de entrada imaginárias para grandes palácios da moda parisiense aos olhos de compradores ansiosos pelas maravilhas vindas de fora e cheios de referências estrangeiras em mente, como eram as elites locais”<sup>269</sup>. Um anúncio da loja Grand Chic (Figura 8), por exemplo, apresenta a imagem de uma mulher trajando um modelo sintonizado com a moda europeia/francesa, o que representa para os compradores justamente essa “porta de entrada” para adquirir posições que

<sup>264</sup>VIEIRA FILHO, op. cit., p. 64.

<sup>265</sup>A Rua do Ouvidor se constituía um dos principais locais do Rio de Janeiro para ver e ser visto. Nela estava estabelecido o comércio mais sofisticado, as sedes de jornais e os cafés, as confeitarias e os restaurantes mais prestigiados da cidade. FEIJÃO, 2011a, op. cit., p. 48. Segundo Jeffrey Needell, op. cit., p. 263, a Rua do Ouvidor era o lugar público mais cotado para a expressão da fantasia de identificação elitista.

<sup>266</sup>Juca. Hontem. **O Jornal**, São Luís-MA, 12 mar. 1918.

<sup>267</sup>Mario. Pela festa. **A Cruzada**, São Luís-MA, 10 out. 1892.

<sup>268</sup>Mario. Pela Festa. **A Cruzada**, São Luís-MA, 6 out. 1892.

<sup>269</sup>BARBUY, op. cit., p. 199.

os levassem a chegar o mais próximos possível da moda em vigor, tornando tais posições significantes no jogo da distinção.

Subindo a Rua de Nazaré em direção à Praça João Lisboa ou Largo do Carmo localizava-se o Jardim Público/Praça Bendito Leite, onde se encontrava a loja Alhambra, de Alfredo Silva. Essa loja publicava seu anúncio em destaque nas edições do jornal *A Pacotilha*. Na loja Alhambra vendiam-se artigos para “mimos”, para noivas, além de tecidos como a cambraia e outros sortimentos para *toilette* e adereços que compunham o vestir feminino, como as ligas de metal<sup>270</sup>. Outra loja era a São José, especializada em sapatos, de A. L. de Castro, número 40, a qual, além de sapatos estrangeiros e nacionais, para homens, crianças e mulheres, especialmente os da marca Condor, oferecia ainda bolsas, malas, etc. E como diz uma de suas propagandas: “Meninas, que andaes na moda, além de seguro lastro: se queres calçados finos. Compre na casa Castro”.<sup>271</sup>

Outra via de São Luís que se tornou a principal artéria da cidade no que diz respeito às lojas de vestimentas e acessórios agregados ao vestir e à aparência elegante, era a Rua Grande<sup>272</sup>. A Rua Grande, inicialmente chamada “caminho grande até a zona rural, dava acesso a quintas e chácaras. Edificado o casario de azulejo, em 1855, concluíram o calçamento e tornou-se uma das vias mais chiques da cidade”<sup>273</sup>; “começa no Largo do Carmo e se prolonga até a antiga estação de bondes, onde termina.”<sup>274</sup> Segundo Domingos Vieira, “por ela desfilavam as beldades maranhenses exibindo suas custosas *toilettes* e sua graça inconfundível. Movimentada, agrupa o grosso comércio de armarinho, miudezas, modas femininas e masculinas, tecidos e calçados finos, bazares, etc.”<sup>275</sup>

Quanto às lojas localizadas na Rua Grande, destaca-se a loja A Exposição, inaugurada em 1910, onde eram vendidos artigos para homens e meninos: gravatas, ceroulas, pijamas, suspensórios, colarinhos, etc.; artigos para senhoras e meninas: espartilhos, leques, blusas, cintos, entre outras miudezas, que compunham a veste feminina e masculina. Além disso, essa mesma loja vendia malas, relógios de ouro, perfumes, colchas de cama, centros de mesas, entre outros. A Exposição prometia em seus anúncios um sortimento contendo “novidades chegadas ultimamente”. Os anúncios dessa loja chegavam a ocupar a primeira página do jornal *A Pacotilha* ou a metade de uma das páginas destinadas aos anúncios desse jornal, que era de grande circulação na cidade.

<sup>270</sup>Ligas de metal.

<sup>271</sup>Casa Castro. *A Imprensa*, São Luís-MA, 6 abr. 1907.

<sup>272</sup>Rua que foi denominada Oswaldo Cruz. VIEIRA FILHO, op. cit., p.141.

<sup>273</sup>LACROIX, op. cit., 2012, p. 157.

<sup>274</sup>VIEIRA FILHO, op. cit., p. 144.

<sup>275</sup>Ibid.

Na Rua Grande a concorrência era acirrada, pois diversas lojas eram instaladas nessa rua e seus produtos eram dos mais variados. No jornal *A Campanha*, de 13 de dezembro de 1904, um artigo anunciava a inauguração da loja A Pérola. Instalada primeiramente no *boulevard* dos Capuchinhos, número 35, destinava-se à venda de “artigos de toucador, loções, pós, crèmes, etc.”. A Pérola, então, passou a localizar-se na Rua Grande, número 15, e seus produtos de moda e armarinho eram, conforme os anúncios: “importados diretamente da capital federal e das principais praças da Europa”<sup>276</sup>. No jornal *A Imprensa*, de 7 de agosto de 1906, um anúncio dessa mesma loja avisava aos seus fregueses: a “distinta rapaziada [...] acaba de receber directamente de Londres, completo sortimento [...]” de diversos artigos de moda masculina. Já para as senhoras, havia chapéus enfeitados, botinas de pelica, espartilhos zitas e curtos, além de tecidos diversos, rendas e fitas<sup>277</sup>.

Ainda na Rua Grande, número 68, canto com a Rua das Crioulas, concorria com as demais a loja Previdente, de M. de Carvalho & C., que trazia um sortimento variado, vendendo de vestuário para crianças a espartilhos, chapéus, sapatos, leques, luvas, meias, tecidos e outros elementos do vestuário para senhoras.

Figura 4 - Anúncio da Loja Previdente



Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 5 jul. 1900.

<sup>276</sup>A Pérola. *A Avenida*, São Luís-MA, 26 set. 1909.

<sup>277</sup>A Pérola. *A Imprensa*, São Luís-MA, 19 jul. 1907.

Mesmo não apresentando descritivamente seus produtos como sendo estrangeiros, observa-se nas imagens, especialmente as das crianças, um vestuário que remete àquilo que era ditado pelos padrões europeus. No mesmo prédio onde era a loja Previdente inaugurou a Casa Oriental, de J. Perez & Comp., no ano de 1908, continuando com um variado estoque de artigos diversos de moda masculina, feminina e para crianças, além de produtos de *toilette*<sup>278</sup>.

No estabelecimento número 11, localizado na Rua Grande, canto com a Travessa do Teatro, situava-se a loja Mariposa, que era notícia em revistas publicadas na Capital Federal, como, por exemplo, a Fon-Fon!. Nela encontravam-se “especialidades em modas e toda sorte de artigos de luxo e phantasia para senhoras”.<sup>279</sup>

Figura 5 – Anúncio da Loja Mariposa



Fonte: Fon-Fon, Rio de Janeiro-RJ, 5 dez. 1914.

Nessa loja vendia-se também “explendido sortimento de artigos de primeira ordem para homens e para crianças”, “perfumaria fina e de primeira ordem” e “variadíssimo sortimento de tetéias e artigos finos, próprios para presentes”<sup>280</sup>. A garantia de uma propaganda em uma revista editada no Rio de Janeiro já fazia distintos os produtos da Mariposa, pois apresentava um diálogo mais estreito com essa capital, que por sua vez possuía o atestado de disseminar pelas demais cidades do Brasil as demandas da última moda.

<sup>278</sup>Nota de inauguração da Casa Oriental, **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 13 jun. 1908.

<sup>279</sup>A Mariposa. **Maranhão**, São Luís-MA, 3 mai. 1907.

<sup>280</sup>A Mariposa. **Maranhão**, São Luís-MA, 3 mai. 1907.

Também havia a Casa Brasileira, localizada primeiramente no Largo de N. S. das Mercês, nº 16, e depois, dia 1º de maio de 1891, passou para a Rua Grande, nº 18. O proprietário era Ezequiel Antônio Rodrigues, homem que, segundo Jerônimo de Viveiros, “para êle tudo corria bem, o câmbio continuava a 27, sortindo o seu estabelecimento – verdadeira *bric-a-brac* – com as mais disparatadas mercadorias, sempre com o mesmo entusiasmo”.<sup>281</sup> Para esse autor, essa era uma das principais lojas da cidade, juntamente com a Casa Inglesa, que a seguir analisaremos. Trazia em seus anúncios a venda de tecidos, em geral; bonecas, enxoval para noivas, chapéus, rendas, fitas, entre outros sortimentos<sup>282</sup>. Algumas medidas eram tomadas pelo proprietário da loja no sentido de atrair fregueses, o que a diferenciava das outras lojas. Uma delas foi a apresentação de Mlle. Maricotinha. O anúncio da apresentação de Mlle. Maricotinha enfatizava que acabava de chegar à cidade “a maior das maravilhas do mundo, a mulher portentosa e mil vezes festejada o Universo inteiro”. A apresentação ocorreu na Casa Brasileira e custou \$500, sendo “todos despertados por uma peça de musica”. A promoção de um evento como esse dava notoriedade à loja, além de colocá-la dentro dos padrões de uma loja dita “elegante”<sup>283</sup>. Outro atrativo para chamar freguês foi trazer um macaco, domesticado na Alemanha, que, “além de habilidades macacaes, tem a de tocar toda sorte de instrumentos [...]” para apresentar-se na loja, com o intuito também de chamar atenção das senhoras e senhores ludovicenses para a loja.

Os chapéus, acessório indispensável à época, possuíam uma loja especializada para seu fabrico, a Chapelaria Alemã, dos irmãos Bluhm, situada primeiramente na Rua do Sol, número 17; depois mudou-se para a Rua Grande, número 90, passando a ser chamada de Chapelaria Irmãos Bluhm. Nesse estabelecimento vendiam-se chapéus de pelo, feltro, palha, manilha, claques, de cores variadas, “bonets” de todas as qualidades e objetos para uniforme militar. Havia modelos de chapéus, na chapelaria, tanto para homens quanto para senhoras. Segundo Maria de Lourdes Lauande Lacroix<sup>284</sup>, os irmãos Bluhm eram “alemães educados na Inglaterra e residentes em São Luís, fabricaram chapéus do mais alto estilo britânico para homens, obedecendo rigorosamente à moda londrina”.

Na Rua Grande havia outras lojas que ofereciam produtos variados em relação à produção da aparência elegante, tanto no vestir quanto na *toilette*. Dentre elas, a Loja Violeta, de Antero Mattos & Comp., número 5, cujo sortimento variava de “cortes para vestidos

<sup>281</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2. p. 21.

<sup>282</sup>Casa Inglesa. **A Cruzada**, São Luis-MA, 18 jul. 1891.

<sup>283</sup>Esse tipo de iniciativa já ocorria em lojas como a Parc Royal no Rio de Janeiro, loja que se apresentava como bastião da elegância. Os proprietários dessa comumente proviam apresentações musicais no seu interior, reiterando a constituição da loja como uma instituição elitista. GORBERY, op. cit., p. 116.

<sup>284</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 51.

ricamente bordados e preguiados, ultimas novidades de Parisienses, espartilhos, sedas, o que pode haver de mais *chic*”, para senhoras<sup>285</sup>, havendo também artigos para homens. A loja A Beija-Flor, de Izaac Lima & C., número 16, que vendia rendas finas e de algodão, pentes para coque, espartilhos para senhoras e senhoritas, produtos que vinham “diretamente de Paris no pacote”, “blusas de pura seda ricamente enfeitada”, etc. Ao lado havia o Armazém Paulista, número 17, de Arthur Ludgren, e seu sortimento constava de: brins, fustões, chitas para todos os preços, cretone, oxfords, gangas, cobertores, toalhas<sup>286</sup>, entre outros. Próximo, número 19, havia a loja Othomona, que vendia tecidos como seda, cetim, algodão, além de meias, rendas, fitas, perfumes, e outros produtos.

Há que mencionarmos também a loja O Brazil, número 31, “loja de modas: chapéus enfeitados para senhoras, luvas, mitaines, leques, fitas ‘*Pampadour*’, calçados *the cook shoes* para homens e Luis XV para senhoras, brilhantina franceza [...]”<sup>287</sup>, entre outros produtos. A loja Novo Mundo, número 64, que vendia “punhos, gravatas, ceroulas, cambaria de seda; fazenda para vestido xadrezinho e escossez; lindas fazendas de ramagem ultima novidade de Paris; renda, filó, fitas, leques modernos, [...]”<sup>288</sup>. A loja do Leque, de R. de Castro & Comp., número 13, sucessora da loja Ancora, que oferecia aos seus clientes tecidos, em geral, plumas, fitas, rendas, bordados, entre outros sortimentos “do que há de moderno”<sup>289</sup>. A Sapataria da Moda, de Martins Santiago & C<sup>a</sup>, número 6, que vendia calçados de tipos variados, inclusive os calçados Clark, para homens, senhoras e crianças.

Ressaltamos que outras lojas de variados portes situavam-se na Rua Grande, por isso esta rua tornou-se a que mais sediava lojas em São Luís no final do século XIX e início do século XX.

A Rua do Sol era outra via da cidade, paralela à Rua Grande, como mostra o mapa, que também, além de algumas lojas, sediava o teatro da cidade, o Teatro São Luís<sup>290</sup>, constante no terceiro prédio à direita na foto abaixo, tirada por volta de 1905.

<sup>285</sup>Loja Violeta. **A Notícia**, São Luís-MA, 17 set. 1906.

<sup>286</sup>Armazém Paulista. **A Tarde**, São Luís-MA, 2 jul. 1915.

<sup>287</sup>O Brazil. **A novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1908.

<sup>288</sup>Loja Novo Mundo. **A Campanha**, São Luís-MA, 29 ago. 1903.

<sup>289</sup>Loja do Leque. **A Campanha**, São Luís-MA, 20 jul. 1903.

<sup>290</sup>O primeiro teatro de São Luís teve sua criação em julho de 1817, e foi denominado Teatro União. Porém, fechando e abrindo as portas diversas vezes para reforma, além de várias mudanças de endereço. Em 14 de março de 1852, ele foi reaberto, depois de um longo período de reforma, trazendo o nome de Teatro São Luiz.

Figura 6 - Rua do Sol



Fonte: Coleção de postais, imagens de São Luís. Museu da Memória Áudio Visual do Maranhão.

Na Rua do Sol, número 13, encontrava-se a Caza Ingleza, que possuía sortimentos que variavam de plumas, teteias, broches, pós de arroz, sabonetes, etc. Essa loja era, segundo Jerônimo de Viveiros, o “paraíso das moças maranhenses”. A Caza Ingleza era dirigida por Miss Emily Brack, “entendida em modas femininas e que tinha um corpo de *vendeuses* admirável, na arte de cativar os fregueses”. Quanto à procedência dos produtos, essa loja “dispunha de variado sortimento, frequentemente renovado em Londres e Paris”<sup>291</sup>. Em uma de suas propagandas no jornal *A Cruzada*, de 18 de julho de 1891, em forma de poesia, foi enfatizado aquilo que era o propósito não só desta, mas da maioria das lojas:

Quereis, mocinhas bonitas,  
Ficar *chics*, bem vestidas,  
Ganhar na festa as teteias  
Que vos foram promettidas

Vinde, munidos de *Money*  
A’ nossa Caza Ingleza  
Preparai, vosso chiquismo  
Com elegância e beleza.

Observamos no poema, além da influência da língua inglesa pelos termos usados, por conta da proprietária ter vindo da Inglaterra, o jogo do vestir, do tornar-se bela e elegante,

<sup>291</sup>VIVEIROS, op. cit., v. 2. p. 19.

proporcionado pelo comprar na loja, para concorrer nas festas, ambiente de sociabilidade apontado no poema, mas que pode ser lido como qualquer outro ambiente em que a pessoa, “mocinha”, ia ser vista e observada em sua aparência.

A Caza Franceza, também localizada na Rua do Sol, número 7, oferecia aos seus fregueses “grande sortimento de mercadorias e artigos de moda”, de acordo com o anúncio da loja, “enumerar os artigos de luxo de que dispõe este estabelecimento, é enfadonho se não impossível”. E conclui: “o que se pode desejar de mais *chic* e surpreendente se concentra na Caza Franceza”<sup>292</sup>. Ainda na Rua do Sol, havia a loja de Antônio Alberto & Neves, número 8 e 10, que possuía diversas seções, contendo variados produtos: seção de fazendas; seção de vidros e cristais; seção de calçados; seção de louça e porcelanas; seção de máquinas para costura; e seção de móveis e mobílias<sup>293</sup>. O sortimento vinha da França, Inglaterra e Alemanha, avisavam os anúncios. E assim era retratado em versos constantes no jornal *Pacotilha*:

Sinhá, se queres no baile  
Fascinar quem ti perto  
Pede amostra das fazendas  
Da casa de Antônio Alberto<sup>294</sup>

Situava-se nessa mesma rua a Maison Moderne, número 15, de J. C. Ribeiro & C., que oferecia, de um lado da loja, brinquedos, perfumarias, espartilhos, leques, chapéus; e de outro lado, oferecia bebidas variadas, sorvetes, cafés, chocolates, doces, etc. A Casa Maranhense, número 23, oferecia aos fregueses “aigrettes para cabelos e chapéus, gaze *facounée* para vestido, capotas e chapéus, camerina *chic* da moda. Gravatas para freguez de exigente gosto”<sup>295</sup>. Na Casa Colombo, de J. V. Marques, “estabelecimento de modas”, número 1, encontravam-se “fazendas nacionais e estrangeiras”, além de artigos como “perfumarias, mimos, brinquedos, louças, miudezas”<sup>296</sup>, etc.

Em outras ruas da cidade havia igualmente lojas as quais ofereciam elementos que compunham o vestuário masculino e feminino e a aparência elegante, na cidade. Na Rua da Palma, número 11, estava situada a loja Flor de Maio, onde eram vendidos calçados (botinas e borzeguins) para senhoras, homens, meninos e meninas; leques, ricos e modernos e pequeninos, com varetas, à imitação da tartaruga, com elegantes ramagens próprios para

<sup>292</sup>Caza Francesa. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 18 out. 1894.

<sup>293</sup>Antônio Alberto & Neves. **Maranhão**, São Luís-MA, 23 mai. 1907.

<sup>294</sup>Versos retirados de uma resenha publicada no jornal *A Pacotilha*, que contém em forma de versos todas as lojas existentes na cidade. Também reproduzida no livro *História do Comércio de Jerônimo de Viveiros*. VIVEIROS, op. cit., v. 2, p. 23.

<sup>295</sup>Casa Maranhense. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 22 ago. 1895.

<sup>296</sup>Casa Colombo. **O Registro**, São Luís-MA, 5 ago. 1917.

moças e meninas; tecidos variados, entre outros artigos. Em uma de suas propagandas, a Flor de Maio divulgava: “para melhor orientação das gentis senhoritas, que procuram trajar-se de forma elegante, dando preferência aos artigos da moda, temos a dizer-lhes que o nosso sortimento é renovado todos os sabbados [...]”<sup>297</sup>. Renovar o sortimento com frequência era estar o mais próximo possível daquilo que estava em última moda, ou melhor dizendo, era estar vendendo as últimas novidades da moda.

Na Rua do Trapiche, número 38 e 40, existia a Casa Fluminense. Nela havia um “deslumbrante e variadíssimo sortimento de fazendas de phantasia de gosto lindo no rigor da moda [...]”<sup>298</sup>, que atribuía a quem os comprava “elegância e modernismo”<sup>299</sup>. E também a Livraria Contemporânea, número 39. Nela, em alguns anúncios, observamos, além da venda de livros, também de uma variedade de roupas e acessórios como: camisas brancas, “gostos ingleses”; gravatas; lenços de linho; ligas de seda enfeitadas próprias para senhoras e meninas; perfumarias Guerlain, de aromas especiais; chapéus de sol com cabo de ébano, com enfeites de marfim e simples, entre outros produtos.

Observamos a investidura das lojas em reafirmar a sua ligação com os países europeus a partir da venda de produtos confeccionados nos ateliês estrangeiros e o colocar em destaque o *chic*, o moderno e, sobretudo, o elegante, em seus anúncios, por meio justamente da procedência desses produtos. Isso é observado não só na afirmação direta de um produto chegado da Europa, mas na própria nomenclatura de alguns produtos e das lojas, que traziam nomes estrangeiros.

Havia na cidade para completar a aparência “na moda” dos cidadãos as farmácias, tais como a Pharmácia Franceza, número 20, na Rua do Sol, de propriedade de Joaquim Luiz Ferreira e C<sup>a</sup>, recomendada no anúncio, “pela abundancia de medicamentos nacionais e estrangeiros”.<sup>300</sup> Na mesma rua, número 14, situava-se a Pharmacia America, de propriedade de Arthur José da Silva Sucs., vendendo também “especialidades pharmaceuticas nacionais e estrangeiras”<sup>301</sup>. A botica do comendador Augusto Cezar Marques, “uma das mais sortidas da capital”, localizada no Largo do Carmo.<sup>302</sup> Havia ainda na Rua do Trapiche, número 34, a Pharmácia Minerva, de propriedade de Azevedo Filho e C. Outras farmácias constavam na cidade, porém as que mantinham com frequência propagandas em jornais eram essas.

<sup>297</sup>Flor de Maio. **A Imprensa**, São Luís-MA, 25 fev. 1907.

<sup>298</sup>Casa Fluminense. **A Pacotilha**, São Luís-MA, 3 jan. 1894.

<sup>299</sup>Casa Fluminense. **A Pacotilha**, São Luís-MA, 2 jan. 1895.

<sup>300</sup>Pharmacia Franceza. **A Cruzada**, São Luís-MA, 3 jan. 1895.

<sup>301</sup>Pharmacia America. **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 3 jan. 1910.

<sup>302</sup>Botica. **A Cruzada**, São Luís, 22 jul. 1891.

Outros estabelecimentos comerciais existiam na cidade, inclusive aqueles que não possuíam anúncios nos jornais. Porém, mapeamos os que traziam em seus anúncios o fetiche da última moda e da elegância, normalmente chegado da Europa, tendo em vista que eram esses os estabelecimentos que adornavam a elite ludovicense para que esta aparentasse a sua “distinção”.

Observando as representações constantes nos anúncios dos jornais e revistas da época e a própria descrição dos memorialistas, tanto da loja em si quanto do que era ofertado para a construção das roupas e da aparência de *chic*, moderna, etc., elas sustentavam um comprador elegante, distinto. Assim, ao “visualizar” o comportamento do comércio de moda e elegância em São Luís percebemos a sintonização desse comércio com aquilo que era vendido no Brasil e no mundo ocidental, bem como a articulação desse comércio com o público-alvo, que possivelmente estava ávido pelas novidades do Velho Mundo, a elite ludovicense. Essa articulação se dava nas entrelinhas das propagandas que traziam um tom diferenciador para aqueles que viessem a comprar os produtos disponíveis em suas prateleiras.

### 1.3 Do que era vendido: as miudezas

Depois de mencionarmos a localização das lojas que se destacavam no ramo da produção (ou mesmo reprodução) da elegância em São Luís, consideramos importante caracterizar os produtos que com mais frequência eram anunciados nas propagandas dessas lojas, visto que o vendido nelas dava suporte à manutenção do “ser” uma loja elegante, moderna e *chic*. Nesse sentido, o que diferencia as mercadorias são as significações dadas a elas, bem como o público a que possivelmente estas mercadorias estavam sendo direcionadas.<sup>303</sup> Enfim, o tipo de tecido, os bordados, as fitas, as rendas, o material do chapéu e do sapato, etc., bem como a procedência do produto era central para que este fosse considerado de “última moda”, dado à “fetichização”<sup>304</sup> de mercadorias importadas, tendo em vista que a forma, as cores e o tecido são uma “escolha que independe do capricho individual, sendo numa larga medida sancionada pela sociedade”<sup>305</sup>. Além disso, observar o que era

<sup>303</sup>Segundo Pierre Bourdieu, o desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais diferentes categorias de produtores destinam seus produtos e cujas condições de possibilidades residem na própria natureza dos bens simbólicos. BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 102.

<sup>304</sup>Marissa Gorbery, ao analisar o comércio de luxo no Rio de Janeiro no início do século XX, aponta que os anúncios da loja Parc Royal e de outras lojas, ao trazerem reiteradamente a importação de produtos especialmente de Paris, indicava o quanto as elites cariocas estavam permeadas pela fetichização das mercadorias importadas. GORBERY, op. cit., p. 50.

<sup>305</sup>SOUZA, op. cit., p. 47.

vendido nos permite perceber quais materiais estavam disponíveis para compor a máscara fisionômica das ludovicenses à época. Tais prerrogativas são encontradas nos diversos anúncios das lojas de moda que se situavam na cidade. A relação do anúncio da loja Notre Dame, a seguir, nos apresenta essas condições.

Atentando para o anúncio da loja Notre Dame, podemos observar alguns aspectos que são recorrentes nos anúncios das demais lojas encontradas nos jornais da época. A primeira observação é que os tecidos eram o produto que mais aparecia para ser vendido nas lojas de moda em São Luís, à época. Vender e comprar um tecido de “qualidade superior”, como traziam os anúncios, revelava quem vendia e quem comprava: alguém “elegante” ou “chic”. Era, nos termos de Alison Lurie, como se “o prestígio econômico e moral dos tecidos fosse transferido a eles[as]”<sup>306</sup>. Assim, “o prestígio de qualquer tecido tende a variar em relação direta com seu preço por metro”<sup>307</sup>, de modo que os ditos tecidos de melhor qualidade eram os considerados mais caros, embora, o grande número de anúncios e a venda desses tecidos se justificassem pela pouca circulação de roupas prontas na cidade, sendo mais comum “fazer” a roupa.

Figura 7 - Anúncio Loja Notre Dame

**DAS VITRINES**  
—DE—  
**Paris, de Vienna e de Hamburgo**

Os correspondentes do Notre Dame, n'aquellas grandes cidades da **moda**, escolheram o que de melhor e mais chic e moderno havia na Europa, em objectos de luxo. no mez de Dezembro. Assim é que os proprietarios do referido estabelecimento á Praça João Lisboa, convidam os seus numerosos freguezes e amigos a uma visita ao seu estabelecimento, pois só de perto poderão apreciar o deslumbrante sortimento chegado pelo ultimo vapôr.

**VER PARA CRER**  
**Preços reduzidissimos**

Para annunciir, apenas o que está mais a mão ennumeramos:  
—Para senhoras—

Eolene lã e seda para vestidos  
Etamine enfiada com lista de seda  
Cachemira de lã para vestido  
Cachemira d'algodão imitação a lã  
Nansouk estampada  
Nansouk cores lisas  
Crépe Santé  
Cambraia estampada  
Cambraia branca bordada  
Cortes de vestido bordado em nansouk  
Cortes de blusa em musseline branco e de cores  
Renda em filó es Gripour  
Fustão branco e de cores  
Itamina de algodão  
Museline de algodão em todas as cores  
Eolene crepec de seda em todas as cores da **moda**  
Cachemi de lã com lista de seda  
Cachemi de lã cores lindissimas  
Linhos Shantuny para vestidos tecidos muito medernos em cores lisas  
Linho panamá para vestidos  
Linho en: tecido liso em todas as cores  
Linho listado ultima  
Moire othoman  
Fitas escocesas ponpaileor  
Meias fio de escocia  
Fitas de velludo em todas as cores  
Gorgurão othoman  
Mouselim estampado  
Nausouk em cores  
Cachemira d'algodão para vestidos  
Messelim listada para vestidos

**J. FONTES & C.**  
**Praça João Lisboa n. 2**

Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 13 jan. 1911.

<sup>306</sup>LURIE, op. cit., p. 148.

<sup>307</sup>Ibid., p. 140.

Quanto ao preço, quer do tecido, quer de qualquer outro produto, observamos que a maioria das lojas, nesse período, não colocavam os valores dos produtos vendidos, mas somente uma listagem daquilo que era vendido. Segundo Marissa Gorbery<sup>308</sup>, tratando da “política de preço” adotada nas lojas do Rio de Janeiro, “a prática do comércio carioca era não precificar as mercadorias e estipular o valor conforme a aparência do freguês, o que provavelmente dava margem à arbitrariedade do vendedor e à insegurança do comprador”. Conforme a mesma autora, somente no início do século XX a maioria das lojas começou a implementar o preço fixo, e uma das lojas de vanguarda foi a Parc Royal, analisada pela autora. Mas, mesmo não trazendo em seus anúncios os preços, percebemos que a maioria das lojas anunciavam seus produtos como de baixo custo, ou nas palavras da época: “Preços sem competência”, “Preço Múdicos”, etc. Esse baixo custo nas propagandas das lojas aparece mesmo direcionado a produtos de requinte. Marissa Gorbery<sup>309</sup> afirma que havia um dualismo entre requinte e baixo custo e que a loja Parc Royal e as outras lojas de luxo do Rio de Janeiro apresentavam-se com todo o luxo e o requinte de seus produtos, mas, ao mesmo tempo, davam a ideia de que os preços eram baixos.

Outra observação a ser feita é que, como já mencionado, era comum as lojas da cidade anunciarem seus produtos como sendo produtos estrangeiros, produtos vindos especialmente da Europa.

Com tudo isso, havia diversos produtos anunciados nos jornais e nas revistas da época, e ter uma movimentação e variedade constante de material para fazer as roupas e montar a aparência elegante era importante para as ludovicenses, pois facilitaria a montagem de diversas *performances*, e ainda, como diz Alison Lurie, “quanto mais trajes diferentes se exhibe, mais é o *status*”<sup>310</sup>. Para efeito de análise, selecionamos alguns dos produtos que aparecem nos jornais com maior recorrência.

Antes de analisarmos os produtos que eram frequentemente anunciados à venda nos anúncios dos jornais que circulavam na cidade, observemos a imagem a seguir, retirada do anúncio da loja Grand Chic, que apresenta uma mulher “vestida à moda”:

---

<sup>308</sup>GORBERY, op. cit., p. 112.

<sup>309</sup>Ibid., p. 118-120.

<sup>310</sup>LURIE, op. cit., p. 135.

Figura 8 - Anúncio da Loja Grand Chic, em destaque a imagem de uma mulher

**AO GRANDE CHIC**

Sem termos seqüelas de abatimentos, mesmo porque o nosso systema é de REDUÇÃO PERMANENTE, estamos abrindo não dos lucros sim de, com a venda extraordinaria que estamos celebrando, fazer lugar para as mercadorias que estão a'Alfândega e as consecutivas remessas que nos são feitas pelos nossos correspondentes da EUROPA. Assim pois, todos poderão ellactuar as suas compras nesta occasiao unica e propicia de preços verdadeiramente

**BARATOS.**

Alguns preços

Cambrasis br. nos abertas metro 500  
Cambrasia Victoria de cores metro 500  
Chitas de bellas pedras metro 500  
Cretones idem largos metro 700  
Cambrasis estampadas chies metro 500  
Cambrasis em fantasia metro 500  
Cretone superior metro 900  
Chapões de palha, desde 3\$500  
Caixas com 3 saboões finos 2\$000  
Caixas com 300 d'arroz desde 700  
Camisas de cores para homem desde 4\$500  
Camisas brancas finas desde 3\$000  
Carnias de cores desde 2\$500  
Cintos de couro, ingleses desde 4\$000  
Colletes da ultima moda para senhoras com ou sem ligas desde 6\$000  
Colletes brancos e de cores para homem, talho moderno desde 8\$000  
Cortes de lindas gaziniras desde 30\$000  
Cabellos em crepan para encimando 4\$000  
Uma gravata de cor para laco 700  
Uma dita larga, de cor ou branco 4\$000  
Uma dita l'ga indico e seda 1\$300  
Um collarinho duplo gommato 1\$000  
Um dito mole sem gomma 4\$000  
Um chapéo cartola, formão de moda 11\$000  
Um lindo corte para vestido, branco ou de cor 10\$, 15\$, 20\$ e 35\$000  
Um cinto de elastico de seda desde 4\$000  
Uma saia de moim largo e bom, sem gomma 10\$, 11\$, 13\$, 15\$ e 18\$000  
Um lindo vestido para menina de 4 a 5 annos, artigo chic e moderno 2\$000  
Uma duzia de toullas para rosto, de 10\$, 14\$, 16\$ e 18\$000  
Uma blusa preta, moderna 8\$000  
Uma bolsa de couro para compras ou viagem 11\$, 14\$ e 16\$000  
Um suspensorio GUYOT 3\$000  
Um par de ligas GUYOT 2\$500  
Goupur de loda as cores  
Crivo de seda filé e algodão  
Chaveza de seda para vestidos.

**Lavas de pellica para homens e senhoras**

Lindissimo sortimento de tecidos de lã, de vaporosas phantasias em côres da ultima moda.

Rico sortimento de bleuses de dessus mousseline, tulle brode, filo.

**É a casa mais barateira desta capital**

Perfumaria fina por preços de causar verdadeiro pasmo.  
Grande variedade de artigos para presentes de anniversarios.

MANDAMOS AMOSTRA EM QUALQUER PONTO DA NOSSA CAPITAL.

**Todos ao Grande Chic**




Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 20 set. 1910.

Os traços do vestir representado nesse anúncio estão de acordo com o que circulava e era exigido à época como “última moda”, que consistia na chamada postura em forma de S, em que o espartilho tornava o “corpo rigidamente ereto para frente, levantando o busto e jogando os quadris para trás”. O formato e tamanho do chapéu se faziam como que para equilibrar com a cauda do vestido<sup>311</sup>, cuja representação traz a *performance* da mulher vestida – elegante – certamente com as roupas vendidas na loja que a anunciava, Grand Chic. Além disso, nessa imagem temos grande parte do conjunto do que compunha a aparência elegante da mulher, que especificaremos a seguir.

<sup>311</sup>LAVER, op. cit., p. 213-216.

Em se tratando dos tecidos vendidos à época, a coluna *A moda*, do jornal *Diário do Maranhão*, de 1903, apresenta o tecido de maior oferta nos anúncios dos jornais da cidade, a seda. A(o) colunista, que assina como *Elzira Gorjão*, assevera o seguinte acerca desse tecido: “Seda fina, flexível, umas vezes escura, outra de cores mimosas, é o verdadeiro tecido para trajés de estio, vestindo perfeitamente e podendo-se usar em todas as ocasiões”<sup>312</sup>. Por mais que a(o) colunista esteja lembrando tempo do estio, tempo de calor, percebemos que é um tecido considerado para todas as estações. Entre os tecidos considerados finos, a seda<sup>313</sup> era a que estava em voga no período. Havia (e ainda há) diversos tipos de seda que mudavam somente a textura. Como afirma o mesmo artigo de o *Diário do Maranhão*: “As duas sedas que fazem concorrência pela sua finura são a ‘surah’<sup>314</sup> e o ‘crepon’<sup>315</sup>. Esse último usa-se muitíssimo, enfeitado com musselina de seda<sup>316</sup> ou ‘gase’<sup>317</sup>, e forma esse vestuário lindíssimo, hoje tanto em voga para noites ‘soirée’ de cassinos, etc.”. Os anúncios divulgavam “galões de seda para confecção de vestido”, “gazes de seda, mais de 100 qualidades o que há de mais *chic* em tecidos”, “Ruches e folhos de seda, última palavra de Pariz”, “Voiles de seda”, “Popelinas de seda”, “surahs” e “crepons” de seda, e outras. Todas essas derivações da seda apareciam com frequência para a venda nos anúncios das lojas da cidade.

Outros tecidos também aparecem com muita frequência nos anúncios das lojas nos jornais e nas revistas que circulavam na cidade: “setim”<sup>318</sup>, “linho”<sup>319</sup>, “baptista ou cambraia”<sup>320</sup>, “nansouc”<sup>321</sup>, “merinó”<sup>322</sup>, “musselina”, “organdis”<sup>323</sup>, “tafetá”<sup>324</sup>, “crepes”, “étamines”<sup>325</sup>, e outros. Esses tecidos normalmente aparecem sendo vendido o metro para

<sup>312</sup>A moda. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 2 mar. 1903.

<sup>313</sup>Fibra natural produzida pelo bicho-da-seda teve origem na China e foi levada para a Europa no século VII pelos mouros e por volta do século XII tecidos originais começaram a ser fabricados. Assim como o ouro e as pedras preciosas, a seda, com seu brilho, sua beleza de cores e sua suavidade de toque, sempre foi tratada como material valioso e artigo de luxo. Por esse motivo, os tecidos usados para o vestuário e a decoração da nobreza europeia eram feitos desse material. PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecido: histórias, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. p. 88- 97.

<sup>314</sup>Surá: tecido fino, leve e macio, de seda brilhante. Ibid. p. 316.

<sup>315</sup>Crepe: tecido com aspecto granulado e toque áspero obtido pela torção diferenciada de seus fios, que podem ser de seda, algodão, lã, etc. Ibid. p. 302.

<sup>316</sup>Musseline: tecido leve e transparente, com toque macio, produzido em seda ou algodão. Ibid. p. 311.

<sup>317</sup>Gaze: Tecido de algodão cardado, muito leve e transparente. Ibid. p. 307.

<sup>318</sup>Cetim: tecido macio e fluido que, por causa do entrelaçamento diferenciado de seus fios, possui o lado direito mais brilhante que o do avesso. Ibid. p. 300.

<sup>319</sup>Tecido feito com fibra natural de origem vegetal procedente do talo do linho. Ibid. p.309.

<sup>320</sup>Cambraia e batista são tecidos semelhantes, tecidos finos de algodão ou linho leve. Ibid. p. 298-299.

<sup>321</sup>Tecido de algodão semelhante ao organdi. Ibid. p. 311.

<sup>322</sup>Tecido feito com a lã de carneiro da raça merino. Essa lã, bastante fina, e considerada de boa qualidade. Ibid. p. 310.

<sup>323</sup>Tecido leve, transparente, de algodão, parecido com a musseline. Ibid. p. 312.

<sup>324</sup>Tecido lustroso e armado, de seda, com trama finíssima, superfície lisa, textura regular e leve nervura no sentido da trama. Ibid. p. 316.

<sup>325</sup>Tecido fino e telado, geralmente de algodão, usado em bordados desde o século XIV. Ibid. p. 304.

montar blusas, vestidos e saias para as senhoras ou meninas. As propagandas deles estavam em comum acordo com aquilo que os colunistas de moda declaravam estar em uso no momento.

A coluna *Chronica Elegante*, assinada por Acrisio, discorrendo sobre as mudanças, tanto nos modelos quanto nos tecidos das roupas usadas pelas mulheres no Império, registra: “Outr’ora, os vestuários eram uma desgraçiosidade tal, que afejavam as mulheres. A moda, felizmente, fel-os desaparecer e hoje, além de graciosas e elegantes, são até sumptuosos”. Além de passar a ideia de que a moda anterior era ultrapassada, elenca os tecidos que estavam em voga no momento: “Os batistes brancos com pequenos desenhos rosas, côr malva ou azues, organdis com ramagens de flores e de folhagem, de dous coloridos; musselina branca ou côr creme, estampada ou bordada, eis cara leitora, os tecidos com os quais devem ser feitos os vossos trajas caseiros”. Indica também o “tulle”, o “filó”, a “seda”, a “musselina de seda”, o “crepe da China”, “pongée setim de Liberty” e outros que fazem parte do repertório dos “modelos elegantes”, aos moldes de Paris.<sup>326</sup> Dessa forma, o que vemos é o acompanhamento pelas lojas instaladas na cidade dos tecidos que estavam em voga, dando base para a confecção das peças do vestuário feminino.

Convém salientar que os tecidos, quando apareciam seus valores, variavam de preço; e da seda era cobrado, conforme os anúncios das lojas, o valor mais alto, o equivalente a 2\$500 a 4\$ o “metro seda lavrada esplendida novidade de Paris”. Já o “sitim” aparecia pelo preço de 1\$200 a 2\$ o metro, o “veludo” por 1\$500 a 2\$000 e o “merinó lavrado de cores infestado novidade de Paris” custava 1\$800, valores referentes à tabela de preço da loja Caza Brasileira<sup>327</sup>. Outras lojas também traziam o valor da seda como o mais alto entre os tecidos vendidos, como na Casa Colombo, por exemplo, em que a seda lavrada custava 5\$000 mil réis, enquanto a “cachemira para vestidos, a 1.500 réis” e o pongée de seda, o crepe de seda e o voile de algodão “artigo chic” aparecem a 1.200 réis<sup>328</sup>. Na Casa Oriental, os derivados da seda também aparecem no topo da lista de produtos à venda e com os maiores preços: “pongé de seda 1\$700, gase de seda frisada em cores 800, eoliene de pura seda fino e lavrado última moda 1\$800”<sup>329</sup>. Diferente da chamada chita<sup>330</sup>, que por ser considerado um tecido de baixa

<sup>326</sup>Baseada na Revista da Semana. **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 21 dez. 1909.

<sup>327</sup>A Caza Brasileira. **A Cruzada**, São Luís-MA, 12 out. 1891.

<sup>328</sup>Casa Colombo. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 21 mai. 1910.

<sup>329</sup>Casa Oriental. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 30 dez. 1908.

<sup>330</sup>Tecido de algodão estampado em cores e de textura rala. Nos séculos XVIII e XIX, a “indústria” de estamparia era uma das mais importantes em Portugal e alimentava o mercado interno e o das colônias, sendo que grande parte dessa mercadoria tinha como destino o Brasil. Mais tarde com a produção do algodão no Brasil instalou-se também em algumas regiões a produção da chita. Era considerado um tecido barato e adequado ao clima. PEZZOLO, op. cit., p. 49-54.

qualidade era mais barato. Nos anúncios ela aparece com o valor entre 320, 400 e 500 réis<sup>331</sup>. Havia as chitas francesas, que já possuíam um valor mais alto de 700 e 800<sup>332</sup>.

Além dos tecidos, no período em estudo, as roupas feitas já eram vendidas nas lojas, porém em número reduzido, como já apontado. Então, algumas lojas já vendiam roupas femininas prontas, especialmente as blusas, que eram oferecidas nos tecidos: seda, nanzouk, pongée e cambraia. A loja Grand Chic, por exemplo, trazia em seu anúncio: “bluzas enfeitadas com rendas, de 8\$000 a 20\$000”<sup>333</sup>. Algumas lojas apareciam vendendo vestidos prontos como é o caso dos “lindíssimos vestidos prontos” vendidos na Grand Chic<sup>334</sup>, mas ainda eram poucas as lojas que os anunciavam, embora a maioria delas oferecessem os mais variados tipos de tecidos e adereços para confeccioná-los.

Vale ressaltar que grande parte dos tecidos citados tinham como foco a confecção de vestidos para as senhoras e senhoritas da cidade, menos que para confecção das blusas. Entretanto, as colunas acerca da moda já apresentavam a saia e a blusa separadas<sup>335</sup>. Assim, era aconselhado: “até agora não se conhece um sucesso comparável com a da blusa inglesa, da fazenda diversa da do vestido”. E explica como usar esse figurino, blusa e saia, dizendo que é “uma camisinha [...] A parte inferior é metida dentro do cós do vestido e um cinto ou coletinho, completa o corpete”. E adverte: “Não se usa, entretanto, camisinha ou blusa inglesa levada assim senão para moças mais jovens”. Diferente das senhoras que devem preferir “a larga jaqueta aberta ou jaquetinha – *garron* – acompanhando a blusa e fazendo-a menos visível”<sup>336</sup>. E assim, as blusas e também os casacos separados das saias lentamente passaram a fazer parte das prateleiras das lojas da cidade.

No conjunto do que era vendido e, por conseguinte, do que era usado, uma outra preocupação dos anúncios era com as cores. As cores possuem significados que vão além da questão de posição social<sup>337</sup>, mas que acabam por ratificá-la. Isso porque a moda “[...] pode ter centenas de palavras à disposição, portanto, ser capaz de formar milhares de frases diferentes que expressarão uma ampla gama de significados”, pois assim como no discurso

<sup>331</sup>A Exposição. **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 2 jul. 1910 e Casa Colombo. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 21 mai. 1910.

<sup>332</sup>Casa Oriental. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 30 dez. 1908.

<sup>333</sup>Ao Grand Chic. **A Novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

<sup>334</sup>Grand Chic. **A Avenida**, São Luís-MA, 10 out. 1909.

<sup>335</sup>Segundo João Braga, o uso de duas peças de roupa pelas mulheres ocorreu no final da Era Victoriana, por influência da prática esportiva pelas mulheres, dando um ar de masculinização à roupa feminina, pois até então as mulheres usavam somente vestidos. Tais modelos foram assimilados a moda do dia-a-dia no início do século XX e eram chamados de *tailleurs*. BRAGA, op. cit., p. 67-68.

<sup>336</sup>A Moda. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 10 out. 1892.

<sup>337</sup>Segundo Pierre Bourdieu, os agentes e grupos de agentes são definidos pelas posições relativas no espaço social e a quantidade de capital vai determinar a posição no espaço social. BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 134.

falado, as cores possuem um estoque de palavras, cada uma delas de tons e significados variados<sup>338</sup>. Nesse sentido, as cores das roupas revelam nitidamente situações sociais.

O vestir era codificado e, portanto, o que se vestia e, no caso, a cor que se usava possuía um significado que se atrelava a quem vestia. E, nesse sentido, os anúncios das lojas tratavam de apresentar as cores dos tecidos, ou mesmo roupas feitas, que circulavam nas lojas para serem vendidas e que eram consumidas pelas ludovicenses. Ao analisar a utilização das cores nas vestimentas das pinturas do século XIX, Gilda de Mello e Souza relata que um dos fins das cores era: “afetar o tom emocional da vestimenta toda, pois que as cores têm um significado simbólico e podem atrair, repelir ou esposar os nossos sentimentos”.<sup>339</sup> Com essa perspectiva, observamos que normalmente era anunciado uma “esplendida variedade de cores” de tecidos pelas lojas, mas nas descrições das cores dos tecidos aparecem as cores: bege, marrom, preto, branco, azul, creme, verde, entre outras cores, porém tons considerados claros ou, como era anunciado, pálidos.

O uso dessas cores nos remete a James Laver quando informa que, à época, na França e Inglaterra os “tons pastel de rosa, azul-claro ou malva, ou preto com pequenas lantejoulas pregadas na roupa” refletiam o grande otimismo daqueles que tinham dinheiro para gastar<sup>340</sup>. Ou seja, o uso dessas cores estava vinculado a um grupo, os que “tinham dinheiro para gastar”. Isso nos faz pensar que como a moda em São Luís buscava seguir os padrões ingleses e franceses, o uso dessas cores também dava esse tom diferenciador. Quanto a essa questão, Gilberto Freyre nos mostra como a tonalidade da roupa das mulheres era divisor daquilo que era ou não considerado *chic*: “[...] palavra que sob a influência francesa no setor de vestidos e adornos femininos, passou a começar a incluir, no brasileiro e na brasileira, o gosto por uma sobriedade que não deixava, senão raríssimamente, que as senhoras trajassem de amarelo ou de cores vivas”<sup>341</sup>. Enfim, ser *chic*, elegante, era usar cores pastéis, sóbrias, pálidas, e similares.

E, nesse aspecto, os tons pastéis traziam para as moças a representação da pureza, ternura, etc., qualidades imprescindíveis para uma “moça ou senhora de família”. Assim, o foco na descrição das cores figurava um semblante às mulheres que variava de porte distintivo de “rainha” ao de simpatia, de doçura, de delicadeza, do tipo angelical, como retrata a crônica assinada por *Leonor*: Zezé Machado, “de azul, *três chick*; Dôra, de azul, e Edith, de róseo e Orphista de branco formavam a inspiração sublime do pincel de Maurillo- as três graças!”.

---

<sup>338</sup>LURIE, op. cit., p. 20.

<sup>339</sup>SOUZA, op. cit., p. 44.

<sup>340</sup>LAVER, op. cit., p. 220.

<sup>341</sup>FREYRE, op. cit., p.131.

Aldenora, estava “de branco, e Nadia, de azul, garbosamente risonhas, passeavam de braços dados”.<sup>342</sup> Por fim, Marietta Pereira, “elegante menina” que “na missa aparecera com fina toilette rósea” e apresentou-se “no largo às 7 da noite, cativava a todos com o seu porte altivo e majestoso e trazendo nos olhos fascinadores a expressão verdadeira de um coração meigo e bondoso”, trajando, “rica toilette branca, botinas *beije* e um belo chapéu branco”.<sup>343</sup>

É possível percebermos nas descrições a vinculação do que se vestia com o que era representado daquela que vestia. Os sentidos ditos femininos eram realçados com aquilo que se vestia. Cada detalhe das roupas e adereços usados pelas mulheres eram retratados e completava o seu semblante. Era como se o vestir coadunasse com aquilo que era esperado de uma moça ou senhora: elegância, meiguice, bondade, etc. Em outras palavras, era como se a roupa e os adereços, bem como as cores, usados pelas mulheres indicassem aquilo que elas, supostamente, eram distintas.

Mas, além disso, eram vendidos alguns adereços que tratavam de enfeitar os vestidos a serem confeccionados pelas modistas instaladas na cidade. Quanto à importância desses adereços, Maria do Carmo Teixeira Rainho enfatiza que nesse momento “aparecem novas distinções baseadas nos pequenos detalhes das roupas”<sup>344</sup>, agregando sofisticação a uns e a outros detalhes, não. Na coluna *A Moda*, do jornal *Diário do Maranhão*<sup>345</sup>, o(a) autor(a) descrevia o luxo que alguns adereços davam às roupas femininas: “As rendas, as fitas, as flores, mil ninharias, constituindo luxo elegante, que jamais compreenderão os profanos, são empregadas pelas parisienses com a mais delicada arte”. E continua: “Essas cousinhas, esses nada de valor, lançados aqui e ali como que ao acaso, dão as *toilettes* um atractivo particular. [...] Tudo fica tão bem combinado tão *froufrou* para fazer realçar a graça e a physionomia de cada uma [...]”. Assevera ainda: “Quantas formas, quantas combinações! Filós, rendas, incrustações, setins, tafetás, glacê, musselina, gaze, pregas, ... eu não acabaria se vos enumerasse tudo”. Assim, os detalhes têm “valor na economia simbólica”. Detalhes esses que dentro de um grupo social, no caso os abastados, os faziam existir para esse grupo, identificando-os naquele grupo e distinguindo-os dos outros grupos, porém deviam ser reconhecidos como “pertinentes”<sup>346</sup>. Ou seja, o conjunto da roupa feminina passava pela

<sup>342</sup>Leonor. A noute de hontem. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 20 ago. 1906.

<sup>343</sup>Leonor. A noute de hontem. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 20 ago. 1906.

<sup>344</sup>Os excessos da moda considerados pela autora são os vinculados ao Antigo Regime, quando homens e mulheres usavam os mesmos parâmetros vestimentares, ou seja, tanto homens quanto mulheres, usavam várias cores, tecidos, penteados, etc. RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções* - Rio de Janeiro, século XIX. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002. p. 64.

<sup>345</sup>*A Moda*. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 3 jul. 1896. Texto extraído de *L'Indépendance belge*, assinado por Viscondessa de Réville.

<sup>346</sup>BOURDIEU, op. cit., 2007, p. 109.

harmonia entre os tecidos e os adereços ou “cousinhas”, dando luxo e elegância à aparência das mulheres da “alta roda” ludovicense.

Em São Luís várias lojas vendiam essas ditas “ninharias” ou “cousinhas”. Eram vendidas: fitas de seda *pompadour*, em quadros, listradas, liberty, de chamalote, de seda lavrada, de todas as cores e larguras; bordados; rendas (filé, seda, algodão, filó e linho); tule; ramos de flores; plumas; colarinhos. Todas essas “ninharias” compunham os ornamentos do vestuário feminino daquele período; não podiam faltar nas lojas, e, conseqüentemente, nas vestes de quem buscava estar de acordo com os ditames da moda. As flores, plumas e fitas eram para decorar principalmente os chapéus, produto constantemente oferecido nos anúncios das lojas da cidade.

A coluna chamada *Revista da Moda*, do jornal *A Notícia*, de 5 de janeiro de 1907, trazia um artigo tratando especificamente do uso das rosas para enfeitar os chapéus. Nele é dito o seguinte: “as rosas são sempre as flores preferidas para decoração de chapéus, por se poderem dispor com elegância, tornando os chapéus encantadores.”. Continuando, sugere também o tule como outra guarnição para compor o chapéu: “Ramos de lilaz, espetados em forma de ai gréste atraz nos chapéus e uma ou duas rosas la France debaixo da aba, misturadas com tulle, também é uma guarnição extremamente moderna”.<sup>347</sup> As fitas também são lembradas nos artigos de moda: “A fita volta a imperar, vai se estender de novo, pomposamente sobre o vestuário, e resplandecer, em laços vistosos, acima dos chapéus”. Nesse mesmo artigo, o(a) autor(a) relaciona a fita à feminilidade: “Não há, de fato, adorno que mais se harmonize com a *silhoutte* feminina, que melhor exprima a feminilidade, e se preste as mais fantasiosas combinações e empregos”<sup>348</sup>, o que sugestiona o uso das fitas somente às mulheres, além de trazer uma ideia de feminilidade vinculada à delicadeza, finura (nos gestos), etc. E, ao longo do texto, o(a) mesmo(a) autor(a) vai apresentando os diversos tipos de fitas existentes: veludo, *à pois*, lisas e outras.

Alguns objetos são marcadamente citados nas propagandas e mesmo nas descrições dos trajes das mulheres de elite, sendo dois os principais deles: o leque e o chapéu. Em um poema publicado na *Revista Elegante*, de 28 de fevereiro de 1894, intitulado *Tres Cousas*, observamos a importância desses dois acessórios utilizados especialmente pela mulher:

I  
O teu chapéu de palhinha  
Semelha a cor do mar;

<sup>347</sup>Das notas elegantes da Revista da Semana. Artigo assinado por Lucia d’Avellar.

<sup>348</sup>A Moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 22 abr. 1916.

- A concha contem pérola:  
 Tu és a pérola a brilhar.  
 [...]  
 III  
 Mesmo uma jóia, um brinquedo,  
 É o lequinho teu,  
 Formado d'alva plumagem  
 D'um passarinho do céu.

Esses versos nos mostram não apenas os usos do leque e do chapéu, mas também a importância desses adereços no “brilhar” daquela que os usa e no valor material, como uma “jóia”, daqueles objetos. Vemos, assim, o privilégio daquelas que os possuem, tendo em vista que os adornos, formando o conjunto da pessoa vestida, mostram o tom ornamental, contribuindo “para o reconhecimento da distinção, para a confirmação do *status* e para a afirmação da riqueza [...]”. Na crônica de *Terencio Ribas*, intitulada *Chronica*, destaca-se a aura distintiva dada ao uso do leque pela mulher. O cronista, ao narrar as idas às igrejas no mês mariano, apresentou um pouco da ornamentação da Igreja de Santo Antônio e o desenrolar da missa; contudo, antes do fim do ato religioso, deslocou-se para a Igreja da Conceição e lá, assim como na primeira Igreja, viu muitas senhoritas e entre elas a elegante M. C., “de porte áulico, de lindo e rico vestido cinzento, rodeando o pescoço uma grande volta que prendia o leque, ‘ceptro da mulher’”.<sup>349</sup> O leque, que no período estudado variou de grande, muito adornado com plumas, paetês, rendas, gaze, papel etc., até o pequeno e simples.

Segundo Elvira Gorjão, “os leques deixaram as grandes dimensões que tinham atingido estes anos passados, para se usarem pequenos”. Como continua a cronista dizia, o leque era um dos acessórios indispensáveis para “completar a áurea de mulher elegante”<sup>350</sup> da época. Esse adereço personificava a mulher, dita “feminina”, e por isso, distinta, mantendo o *status* de mulher e de chique. A maioria das lojas voltadas para a ornamentação do público feminino possuía leques em seu estoque. Os anúncios mostravam leques de diversos modelos e preços variados: “Leques de papel e de gaze de sêda o que há de mais moderno e barato desde \$500”; “Leques de papel, gaze e madrepérola, última novidade”<sup>351</sup>; “Leques de Gazes, plumas e de papel, os mais modernos”<sup>352</sup>; “Leques de plumas tallas de marfim”<sup>353</sup>.

O uso dos chapéus era, da mesma forma, de suma importância para completar o semblante elegante de uma mulher, traduzindo sentidos diversos. E como diz *Raul Azevedo*,

<sup>349</sup>Terencio Ribas. *Chronica*. **A Imprensa**, São Luís-MA, 6 mai. 1907.

<sup>350</sup>Elvira Gorjão. *A Moda*. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 15 ago. 1893.

<sup>351</sup>A Exposição. **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 3 jan. 1910.

<sup>352</sup>A Casa Inglesa. **A Campanha**, São Luís-MA, 17 jul. 1903.

<sup>353</sup>A Casa Oriental. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 30 dez. 1908.

no livro *A Vida Elegante*, “[...] era no tempo em que os chapéus falavam”<sup>354</sup>. A literatura nos oferece várias representações referentes ao imaginário social que envolve a ornamentação externa feminina, bem como masculina. Quanto ao chapéu, *Raul Azevedo* dedica um capítulo de seu livro *A Vida Elegante* aos *Chapéus*, título do capítulo. Nesse capítulo ele apresenta senhoras e moças e, ao invés de tratar as mulheres que lá estavam pelo nome, ele utiliza o chapéu como identificador dessas mulheres. Como segue: “Chapéu azul celeste, com grandes plumas brancas (*entrando no salão desembaraçadamente*) – Boa tarde, amiguinhas! (*Beijos para um e outro lado*) Então, como passam? Sabem novidades? Tenho uma...”<sup>355</sup>. Parece-nos intencional o autor usar o chapéu para identificar as mulheres, pois uma mulher que seguisse as normas do vestir a moda só estaria em trajés completos se estivesse usando um chapéu e/ou um penteado. Então, como apresenta *Raul Azevedo*: “Enorme confusão. Chapéus aproximam-se, chocam-se. Há pedidos de desculpa, sorrisos, *frú-frús* de sedas machucadas. [...]”<sup>356</sup>.

Continuando, *Raul Azevedo* narra que as senhoras e moças, após algum tempo de conversas, resolveram ir à janela e lá passava pela rua, Clara, e Chapéu roxo comenta: “vejam a Clara! Que chapéu! Como é que uma mulher que se diz *chic* usa uma coisa d’aquelas! [...] E quer ser elegante, a pobre da Clara! Faz pena pertencer á nossa sociedade uma mulher tão desajeitada!”<sup>357</sup>. Assim, estar “fora de moda”, mesmo que nos mais minuciosos detalhes, na aparência implicava “condenação social à sua posição na sociedade [...]”, como diz Gilberto Freyre.<sup>358</sup> Em outros termos, o pertencer a uma determinada posição, no caso a “alta sociedade”, necessariamente requeria mecanismos que aparentassem esse pertencer, e qualquer falha na aparência estava sujeita à condenação. Nesse sentido, como afirma Pierre Bourdieu, “o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto”<sup>359</sup>, levando-nos a inferir que nos espaços de passeio as mulheres caprichavam na aparência, especialmente no vestir, visto que isso as identificava como mulheres elegantes ou não. Seu prestígio, a sua posição social, para ser percebida, estavam diretamente ligados àquilo que vestiam.

Nas revistas havia imagens de modelos de chapéus que representavam a última moda. Além disso, as colunas de moda traziam a importância do uso do chapéu para um

---

<sup>354</sup>AZEVEDO, op. cit., p. 61.

<sup>355</sup>Ibid.

<sup>356</sup>Ibid.

<sup>357</sup>Ibid., p. 67-68.

<sup>358</sup>FREYRE, op. cit., p. 19.

<sup>359</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 118.

completo traje feminino. Na coluna *A Moda*, de *O Jornal*, de 1915, lemos: “[...] o *chic* é ter cada ‘toilette’ seu chapéu especial [...]”<sup>360</sup>

**Figura 9 - A moda da Revista**



**Fonte: Revista do Norte, São Luís-MA, 1 set. 1902.**

A imagem dos chapéus acima, constante na *Revista do Norte*, apresenta os modelos de chapéus e de penteados que estavam em vigor à época. Segundo James Laver, ao tratar das mudanças do vestir no Ocidente, nesse período “os cabelos eram presos no alto da

<sup>360</sup> A Moda. Os chapéus e as golas. *O Jornal*, São Luís-MA, 26 jun. 1915.

cabeça, e o chapéu panqueca se projetava para frente como que para equilibrar a cauda”<sup>361</sup> do vestido. Esses modelos, incentivados pelas revistas, bem como pelos anúncios dos jornais, eram vendidos e circulavam na cabeça das senhoras e senhoritas que se queriam “à moda”, da cidade. Em São Luís havia lojas especializadas em chapéus, mas também outras vendiam chapéus dos mais variados modelos, especialmente para as senhoras, como referido no tópico anterior. Esse adereço era constantemente anunciado nos jornais que circulavam na cidade. Antônio Alberto & Neves anunciava: “Lindos e variado sortimento de chapéus e capotas de palha e sêda ricamente enfeitados para senhoras, última expressão da moda”<sup>362</sup>. O preço dos chapéus variava de 1\$600 a 6\$000. Todavia, a loja Parc Royal vendia seus chapéus vindos “directamente de Pariz”, no valor de 36\$000<sup>363</sup>. E a loja Pariz na America possuía chapéus que variavam seus preços entre 5\$000 e 30\$000<sup>364</sup>. O fato de ser um chapéu vindo de Paris o tornava mais caro que os demais, produzidos em São Luís, ou mesmos vindos de outras capitais do Brasil.

As “roupas de baixo” para as mulheres eram pouco anunciadas pelas lojas de modas em São Luís; somente a anágua e o espartilho apareciam constantemente à venda nos anúncios. O espartilho era o que com mais frequência aparecia à venda e ainda o que trazia a ideia de elegância em seu uso e no próprio ato de comprá-lo. Eles aparecem de vários modelos: de seda, de liga, com molas, curtos e outras “variedades convidativas e deslumbrantes”<sup>365</sup>. A loja Notre Dame anunciava: “Espartilhos elegantíssimos, confeccionados em tecido mercerisé, broche, com barbatanas de baleias finíssimas”<sup>366</sup>. Os preços do espartilho variavam entre 3\$000, 4\$000, 5\$000 e 7\$000 réis para cima, dependendo do material do qual fosse feito. Este adereço permitia às ludovicenses uma cintura fina como podemos observar na figura 10.

---

<sup>361</sup>LAVÉ, op. cit., p. 216.

<sup>362</sup>Antônio Alberto & Neves. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 2 mar. 1903.

<sup>363</sup>Parc Royal. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 22 abr. 1910.

<sup>364</sup>Pariz na America. **Correio da Tarde**, São Luís-MA, 4 mar. 1910.

<sup>365</sup>Caza Ingleza. **A Campanha**, São Luís-MA, 17 jul. 1903.

<sup>366</sup>Notre Dame. **A Cruzada**, São Luís-MA, 25 ago. 1891.

Figura 10 - Anúncio Pedro Junqueira & Succs.

Os melhores espartilhos  
Unicos recebedôres 2754-10  
PEDRO JUNQUEIRA & C. SUCCS.

Fonte: A Pacotilha, São Luís-MA, 22 out. 1912.

Figura 11 - Anúncio Loja Mariposa

**ESPARTILHOS MODERNOS**

**A Loja Mariposa** Despachou uns espartilhos com montanhas de borracha ou elasticos nos lados, que se tornam recomendados pela commodidade que oferecem ás senhores, facilitando-lhes todos os movimentos precisos.

E' o grande deposito na

**—LOJA MARIPOSA—**  
**13=Rua Grande=13**

243

Fonte: A Pacotilha, São Luís-MA, 2 jan. 1900.

As lojas acompanhavam o que ordenavam as colunas de moda da época. Na coluna *A Moda*, do jornal *A Pacotilha*<sup>367</sup>, a articulista, que assinada por *Blanche de Mirebourg*<sup>368</sup>, tratava de cada detalhe que compunha o vestuário: da saia, das mangas, das guarnições, das pedras, das cores e dos corpinhos. Ao tratar dos “corpinhos” relata: “Seja qual fôr o feitio, adoptado para os corpinhos, a moda ordena que se façam de maneira a alongar o mais possível a cintura”. E as lojas acompanhavam esses direcionamentos no intuito de manter em seus estoques o último grito da moda. Consequentemente, isso levava moças e senhoras ludovicenses, especialmente das camadas abastadas, a manterem-se vestidas de acordo com as ordens da moda.

As luvas e as “mitaines”<sup>369</sup> também eram um adereço que compunham o vestuário feminino à época. Elas eram, até a primeira década do século XX, indispensáveis em algumas ocasiões, especialmente em ambientes públicos<sup>370</sup>. As lojas de modas femininas, em seus anúncios, frequentemente traziam as luvas, especialmente as luvas de pelica. Além das de pelica, havia as “luvas de seda, último gosto de Paris”<sup>371</sup> e as “luvas de seda de fios da Escocia”<sup>372</sup>. Os valores variavam entre 1\$ e 2\$500.

Sapatos “modernos para Exma. senhoras, meninas, meninos e homens, etc. ultima novidade de Paris”, vendia a Casa Brasileira. Além das lojas de modas, em geral, que vendiam sapatos, existiam as lojas especializadas em sapatos como A. B. de Castro & C., que anunciava todo tipo de sapatos, sandálias e botinas: de veludo, de cetim, de pelica, de verniz, de couro, com ou sem bordados, com ou sem franja, com presilha e sem presilha, entre outros materiais. Esta mesma loja anunciava “sandálias de velludo bordadas a ouro”, que custavam 14\$000<sup>373</sup>. A loja Condor vendia “sandálias charlot para senhoras”, de pelica ou não, por 1\$700; e os borzeguins, que custavam 9\$000<sup>374</sup>. Para o “vestir dos pés”, vendiam-se também as meias anunciadas em muitas lojas de moda que havia na cidade, com variadas cores, materiais e preços. A Casa Oriental, por exemplo, anunciava meias de “fios de Escocia” e de

<sup>367</sup>Blanche de Mirebourg. *A Moda. A Pacotilha*, São Luís-MA, 2 set. 1893.

<sup>368</sup>Redatora do periódico “O Mundo Elegante – Mensageiro Semanal Ilustrado de Modas, Elegância e Bom-Tom”, que circulou a partir de 1º de janeiro a 25 de dezembro de 1887, num total de 52 números e destinado “às senhoras portuguesas e brasileiras”. Também conhecida por suas crônicas no “Jornal Comércio”, do Rio de Janeiro (1827-1879). POVOAS, Mauro Nicolas; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). *Navegações*, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.

<sup>369</sup>Luvas com o dedo de fora.

<sup>370</sup>BRAGA, op. cit.

<sup>371</sup>Casa Brasileira. *A Cruzada*, São Luís-MA, 8 nov. 1891.

<sup>372</sup>A Exposição. *Correio da Tarde*, São Luís-MA, 3 jan. 1910.

<sup>373</sup>A. B. de Castro & C. Calçado para senhoras. *O Domingo*, São Luís-MA, 9 jun. 1901.

<sup>374</sup>Loja Condor. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 5 ago. 1908.

algodão, além de meias parisienses.<sup>375</sup> Os preços variavam entre 800 e 2\$500, na Casa Colombo, por exemplo.<sup>376</sup>

Outrossim, aparecem constantemente nos anúncios das lojas de moda da cidade: os lenços de linho e de seda; capas e capotas para “saída para teatro e bailes”<sup>377</sup>, “ricamente enfeitadas”<sup>378</sup>; echarpes de “seda e crepes da china”<sup>379</sup>; broches; cintos; coletes; sombrinhas, de seda com cabos de prata e de madreperola; enfeites para cabelo; os perfumes; óleos; “extractos”.

Além desses adereços de uso constante pelas mulheres que se queriam elegantes, algumas datas durante o ano, como as do carnaval, Natal, ou momentos de passagem, tais como casamento, batizado, luto, etc. requeriam outros adereços, materiais e modelos de peças de vestuário. No período do carnaval, por exemplo, apareciam nas lojas outras peças de vestuário, como as fantasias ou também materiais e adereços para montar as fantasias. Como apresenta, por exemplo, a loja do Antonio Alberto e Neves:

Figura 12 - Anúncio loja de Antonio Alberto e Neves

**BAZAR CARNAVALESCO**  
 Grande emporio de artigos para o Carnaval !  
 Serpentinhas ! Lingoas de Sogra ! Surpresas !

Mascaras de setim	Meias mascaras
Ditas de setineta	Narizes postiços
Ditas de papelão	Mascaras typos
Ditas de tricôt	Cabelleiras e carecas
Ditas para criança	Barbas postiças
Ditas de arame	Bisnagas perfumadas
Ditas de cêra	Pô dourado e prateado.

Luvas, ventarolas, leques, chicotes, guizos, confettis de todas as cores e dourados.  
 Belbotinas, setins, pelúcias, cambraias e lariatanas.  
 Tudo emfim concernente ao — **Deus Momo.**

**Preços sem competidor**  
**BAZAR CARNAVALESCO**  
 — DE —  
**Antonio Alberto e Neves.** (178—4)

Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 30 jan. 1902.

<sup>375</sup>Casa Oriental. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 7 ago. 1908.

<sup>376</sup>Casa Colombo. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 30 dez. 1909.

<sup>377</sup>Beija-Flor. *A Imprensa*, São Luís-MA, 5 ago. 1906.

<sup>378</sup>Syrino R. Comp. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 21 out. 1890.

<sup>379</sup>Aos elegantes da festa de Santa Filomena. Notre Dame. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 22 ago. 1911.

Havia, portanto, nos períodos festivos um redirecionamento daquilo que era anunciado e vendido pelas lojas de modas da cidade, acompanhando a demanda da aparência no período indicado, no caso, o carnaval. O Bazar Carnavalesco dessa loja trazia em seu anúncio a venda de máscaras, cabeleiras, narizes postiços, luvas, leques entre outros adereços específicos para uso no período do carnaval na cidade, como diz o anúncio: “Tudo enfim concernente ao – Deus Momo”. Assim também as lojas direcionavam seus anúncios para outros momentos festivos, religiosos ou não, como a loja Previdente que oferecia produtos para as “sahidas de bailes”, anunciando tecidos como “batistes muitíssimo finas; matineés, saias de algodão como de seda; rendas de todas as cores; rosetas, perfeita imitação de brilhantes”<sup>380</sup>. Outras ocasiões eram foco dos anúncios das lojas de moda como o casamento, o batizado e o luto. No anúncio a seguir, é explicitado em forma de entrevista ao proprietário da Caza Brasileira constante no jornal Pacotilha:

Como sempre, o homem quer casar o mundo em peso e lá atulhou as suas prateleiras de *tutti quanti* um noivo e uma noiva catita podem precisar para cerimônia do *conjugo-vobis* e das palavras sacramentais proferidas pelo juiz dos casamentos. Previdente, êle preparou-se já do preciso para os batizados [...].<sup>381</sup>

Oferecer esses produtos tornava-se um diferencial para a loja, pois acrescentavam às suas prateleiras acessórios para construir uma aparência específica (noivo, noiva, viúva, etc.) para os que lá comprassem e, além disso, agregava produtos diferentes dos que eram comuns na maioria das lojas. Assim, os anúncios traziam produtos que serviam às diversas ocasiões que se fizessem presentes no cotidiano daqueles que viviam em São Luís.

Além das lojas, para compor a organização completa da aparência elegante das mulheres de São Luís, tínhamos variados produtos vendidos nas farmácias, já situadas no tópico anterior e melhor aprofundadas no próximo Capítulo, que direcionavam a venda de muitos de seus produtos ao cuidar da pele, dos cabelos, das unhas, dos dentes, etc. Os valores desses produtos não eram divulgados, somente as suas descrições. Os mais comuns eram as pílulas, pastas, os extratos e sabonetes.

Observamos, portanto, neste Capítulo, a movimentação de mercadorias, estabelecimentos e profissionais voltados para um comércio de luxo, que, diante da “consagração desigual dos valores materiais e simbólicos com que são aquilatados no mercado de bens simbólicos”<sup>382</sup>, garantem a manutenção da aparência da mulher da elite ludovicense e em sintonia com os padrões vigentes de elegância. Assim, a forma como

<sup>380</sup>Loja Previdente. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 30 jul. 1900.

<sup>381</sup>A Pacotilha, 03 de julho de 1890. Consta no livro História do Comércio de Jerônimo de Viveiros. VIVEIROS, op. cit., v. 2. p. 21.

<sup>382</sup>BOURDIEU, op. cit., 2007, p. 142.

mercadorias, estabelecimentos e profissionais são representados, com seus significados nos menores detalhes da produção da *performance* de seus frequentadores e/ou compradores, ou, melhor dizendo, de sua frequentadoras e/ou suas compradoras, reforçam a construção de uma aparência externa objetivada para diferenciar não somente homens e mulheres, mas aqueles que faziam parte da “alta roda da sociedade ludovicense”.

## ALINHAVO 2. “ATELIER DAS ELEGÂNCIAS”: bela, saudável e limpa

Das nossas três concepções fundamentais, bello, verdadeiro e bom; o primeiro nos encanta, o segundo nos ilumina, e o terceiro nos melhora.<sup>383</sup>

Essas são as três concepções preponderantes do discurso de A. R. Gomes de Castro, intelectual maranhense, positivista ortodoxo, acerca da Mulher e, entre elas, encontra-se a beleza. Continuando o discurso o autor ratifica a importância da centralidade do belo naquilo que era entendido como basilar para a mulher: “E o bello, que supera em mérito o verdadeiro e o bom, é o resplendor de ambos [...]”. O belo na construção modelar da mulher possuía um tom de máxima. O intelectual continua, nesse discurso, a discorrer sobre essas funções, concepções e características, argumentando-as como essenciais e, portanto, naturais da mulher. Assim, a mulher é considerada pelo autor o “resumo do bello, do verdadeiro, e do bom”, pois ela “personifica-os, sob todos os seus aspectos, em todos os grãos, material, physico, intelectual e moral, de sua comum hierarchia natural”. Sendo que, sua “beleza material” consiste “na sua elegante toilette” e a “physica, na formosura do seu rosto de anjo, e na plástica do seu corpo de nympha [...]”. Tal perspectiva do belo, no que diz respeito à mulher, na qual “tudo nella se patenteia e resplandece com fulgor”<sup>384</sup>, se apresenta entremeada em um discurso mais amplo situado no início do século XX em que o país se adaptava tanto política e econômica quanto social e culturalmente aos novos ditames do Brasil República, ao capitalismo e às relações burguesas, que requeriam um modo de viver urbano, que oferecia “novas alternativas de convivência social”, bem como reorganizava as vivências familiares e domésticas<sup>385</sup>. Nesse período, “a modernização e a higienização do país”, era preocupação dos grupos ascendentes que objetivavam “transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense”<sup>386</sup>.

O discurso médico e higienista, bem como o educacional, caminhavam *pari passu* com o ideal de progresso que vigorava na República, galgando a transformação do País em moderno e civilizado. Registra-se que na virada do século XIX para o século XX o discurso científico estava em seu ápice, influenciado pelas novas tecnologias que surgiam com a industrialização. Portanto, “ser moderno”, nesse momento, era ser contrário às atitudes e aos valores considerados tradicionais, normalmente vinculados ao catolicismo, à colônia e ao

<sup>383</sup>CASTRO, A. R. Gomes de. **As raças humanas**: a mulher. Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Marques Araújo, 1921. p. 125.

<sup>384</sup>Ibid., p. 125-128.

<sup>385</sup>D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-240. p. 223.

<sup>386</sup>Ibid., p. 362.

rural. Daí a Medicina como ciência<sup>387</sup>, na vanguarda de limpar os corpos, com a justificativa de prevenir doenças. Assim, no transcurso da formação do espaço urbano, bem como da vida urbana, dentre as políticas públicas adotadas, as “medidas higiênicas contribuíram para a nova face da vida social urbana brasileira e o discurso médico colaborou para a construção de novos conceitos de vida familiar e higiene em geral”.<sup>388</sup> Logo, a linguagem da beleza foi penetrada pelo vocabulário higienista, de limpeza do corpo.

Abramos um parêntese para refletir a ideia de higiene traduzida para a análise. Higiene, no seu sentido lato, segundo Georges Vigarello, é aquilo “que mobiliza o conjunto do corpo ou o conjunto dos objetos susceptíveis de o substituir”. Para o autor, a higiene reflete o “processo de civilização que molda gradualmente as sensações corporais, aperfeiçoando-as, delineando a sua sutileza”. Dessa maneira, admite-se pensar a higiene menos como seu caráter científico, dado especialmente a partir do século XIX, e mais como as “representações que conferem ao corpo os seus limites, projetando as suas aparências ou sugerindo os seus mecanismos internos [...]”, numa perspectiva de observar as imagens do corpo que são construídas em dado momento e seus determinantes.<sup>389</sup> Tal direcionamento nos leva a entender o que está por trás daquilo que era considerado higiene: as normas, os constrangimentos, as explicações, enfim, as sensibilidades, que envolvem a construção da imagem do corpo “higiênico” ou “limpo” e que no nosso caso envolvia a construção do “ser elegante”.

Dito isso, voltemos à capital maranhense. Em São Luís, o alinhamento ao “ser moderno” também se fez presente, e, nesse contexto de reorganização, em uma perspectiva de “adaptação” aos modelos estrangeiros, as camadas abastadas buscavam estar a par desse “novo” modo de viver, o que implicava a utilização de diversos postigos (atributos e mecanismos) para afirmar seu “lugar social”<sup>390</sup> e sua paridade com tais novidades. Esse “novo” modelo de vida – urbano, estava associado a uma pretensão civilizatória, que trazia

---

<sup>387</sup>O discurso da ciência médica não se estabeleceu de forma articulada e uniforme nem mesmo depois da institucionalização da formação oficial para o exercício da Medicina, pois, até então, “a medicina era aquela relacionada à cirurgia rudimentar e à precária clínica dos físicos, cirurgiões aprovados, cirurgiões barbeiros, aprendizes, sangradores, boticários, curandeiros, pajés, padres jesuítas, feiticeiros, curiosos [...]”. GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 29.

<sup>388</sup>D’INCAO, op. cit., p. 226.

<sup>389</sup>VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média**. Lisboa: Fragmentos, 1985. p. 9-11.

<sup>390</sup>Lugar social, segundo Michel de Certeau é o lugar de onde o autor (indivíduo) fala, pois a fala, a escrita, o discurso estão vinculados a “um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”. Desse modo, toda produção escrita e falada de um indivíduo está limitada, ou melhor dizendo, articulada a imposições, privilégios e particularidades do indivíduo ou ao meio em que ele está envolvido. CERTEAU, op. cit., p. 66-67.

em seu cerne a “tendência cada vez maior das pessoas a se observarem e aos demais”<sup>391</sup>. Logo a exposição dos indivíduos levava à conseqüente pressão e ao controle social, isto é, aumentava a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de “bom comportamento” e de uma “boa aparência” (limpa e, portanto, bela) e na mesma medida aumentava “a compulsão por policiar o próprio comportamento”<sup>392</sup>. Assim, os cuidados com o asseio e a saúde estavam diretamente ligados à beleza e se apresentam nesse jogo do observar e ser observado, tendo em vista que “as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras” e “o senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil”<sup>393</sup>.

Dessa forma, não bastava ser, mas sim parecer rico<sup>394</sup>. E para isso, como afirma Pierre Bourdieu, “[...] as tomadas de posição, objetiva e subjetivamente, estéticas – por exemplo, a cosmética corporal, o vestuário ou a decoração de uma casa – constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter”<sup>395</sup>. Fiquemos com a estética corporal feminina, neste Capítulo, pois o discurso da beleza, entremeada com a saúde e a limpeza do corpo, em São Luís, estava perpassado por estratégias consideradas distintivas, cultivadas pelas camadas abastadas que lhes seguravam o *status* social e/ou viabilizavam ascensão social.

Nesse sentido, a manutenção da aparência do belo, sobretudo da beleza feminina, estava vinculada à conquista de um espaço dentro da “boa sociedade”. Uma mulher bela teria mais condições de adentrar esse meio, pois era “a apresentação física, que as introduz[ia] na vida urbana de forma conveniente”<sup>396</sup>, como assevera Mônica Raisia Schpun. Para tanto, a corrida em prol de tornar-se uma mulher bela e dentro dos padrões de aparência saudável e limpa era mantida e reforçada pelos artigos, por colunas e anúncios nos jornais da época em São Luís. A imprensa estava encarregada de espalhar a todos os que pudessem obter, ou pelo menos desejar, um gênero idêntico de beleza referendado pela dita “boa sociedade”.

O poema publicado no jornal *A Fita*, de 30 de abril de 1921, deixa transparecer que não havia espaço nessa sociedade para a mulher “feia”:

**Para uma feia**

Desde o dia em que vi seu rasto escuro  
Anda minhalma de tristezas cheia...

<sup>391</sup>ELIAS, op. cit., v. 1. p. 91.

<sup>392</sup>Ibid., p. 93.

<sup>393</sup>Ibid., p. 91.

<sup>394</sup>Rui J. M. Martins Junior trabalha a perspectiva do “ser visto” na sociedade belenense da década de 20 através dos modos de vestir, especialmente da mulher. Ver: MARTINS JUNIOR, op. cit.

<sup>395</sup>BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 57.

<sup>396</sup>SCHPUN, op. cit., p. 80.

Ah! Nunca vi, minha senhora, juro,  
 Na minha vida uma mulher tão feia!  
 Para esquecê-la tudo em vão procuro  
 Vendo-a mais perto do meu olhar que a odeia...  
 Pois a malvada --- oh! Que castigo duro! ---  
 Todos os dias sem cessar passeia!  
 Veste sempre ao rigor do ((ap-to-datc))...  
 Na rua quando sae anda catita,  
 Espetada nas talas de um colete.  
 E alem de tudo, a mizera malvada,  
 Tem o descôro do se achar bonita.  
 E uma esperança de se ver cazada!...  
 Alberto de Jesus.<sup>397</sup>

Apesar do tom de jocosidade do poema acima, observa-se que a exigência de não ser uma mulher “feia” aparecia em poemas da época e podiam até soar engraçado, mas os discursos representacionais não são neutros e produzem estratégias de afirmação de uma concepção de mundo<sup>398</sup> que se pretende “real” ou mesmo “verdadeira”. No caso do poema *Para uma feia*, a estratégia simbólica é a própria vinculação da “feiuura” ao “não casar”, o que trazia efeito no imaginário social da época dado à quantidade de notícias sobre moda e beleza. Assim, ser feia tinha seus pontos negativos e os principais deles eram: a inviabilidade de casar e o não adentrar os espaços de prestígio social<sup>399</sup>. Lembrando que a mulher casada era um modelo a seguir, ao passo que a solteirona, um contramodelo<sup>400</sup>.

Portanto, as prerrogativas de como “ser bela” estavam especialmente vinculadas às articulações matrimoniais, visto que nos trâmites do casamento, tal como a escolha do cônjuge e a possibilidade de essa escolha ser baseada no amor, colocaram em pauta a importância da aparência e sua conexão com a disputa pelo casamento. Nesse contexto, as moças não podiam mais esperar passivamente que os pais arrandassem casamento, o que colocou “as jovens numa dura competição pelos homens solteiros promissores. Tendo sobre os ombros a responsabilidade principal de encontrar um bom marido”, aumentando a pressão

<sup>397</sup>Alberto de Jesus. *Para uma feia*. **A Fita**, São Luís-MA, 30 abr. 1921.

<sup>398</sup>Roger Chartier considera “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. Nesse sentido, as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Ver: CHARTIER, op. cit., p. 17.

<sup>399</sup>SCHPUN, op. cit., 1999; SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de, Op. cit., 2014.

<sup>400</sup>Elizangela Barbosa Cardoso ao analisar as relações de gênero e a construção da identidade feminina na sociedade Teresinense entre os anos 1920 e 1960 aponta que naquela sociedade o casamento também funcionava como uma obrigação assim como uma forma de ascensão social masculina e feminina. E observa que nessa corrida em prol do casamento alguns capitais simbólicos eram personificados nas mulheres como é o caso da beleza e da juventude. CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidade de gênero, amor, casamento em Teresina (1920-1960)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

para que elas aperfeiçoassem suas habilidades para ficarem acima de suas iguais<sup>401</sup>. Habilidades como uma “boa aparência” e um volumoso guarda-roupa.

Segundo Maria Martha Freire, nos anos iniciais do século XX, no Brasil, tem-se o crescimento mais acelerado da preocupação com a aparência física, o que “provocou uma verdadeira obsessão pela beleza, traduzida pela exacerbação das práticas de atenção, proteção e cuidados dispensados ao corpo”, tudo isso para não pertencer ao perfil considerado feio. Segundo a autora, a beleza tornou-se condição de legitimidade da mulher.<sup>402</sup> As mulheres que deixavam de adquirir o modelo de beleza vigente eram submetidas ao ridículo e ao ostracismo social, pois a “verdadeira mulher” era a mulher bela. Em contrapartida, as que a perseguiam em demasia eram criticadas.<sup>403</sup>

A beleza física tendia a ser vista como uma “dádiva divina”. À mulher cabia conservá-la com “recato e comedimento”.<sup>404</sup> Tal composição era observada no “perfil” das mulheres desenhado, de forma descritiva, pelos articulistas dos jornais que circulavam em São Luís, que traziam moças e senhoras com alguns padrões estéticos considerados “belos” na localidade. Grande parte dos perfis descritos era de mulheres que estavam participando de concursos de elegância. Estas faziam parte das camadas abastadas da sociedade, tendo em vista a descrição de seus perfis que de alguma forma as remetiam à “alta roda da sociedade”. Assim, naquilo que era descrito do semblante das mulheres pelos articulistas dos jornais, observamos o que era exemplar para a constituição da mulher bela ludovicense.

Para tanto, os cuidados com a imagem e com a aparência feminina que se traduziam em beleza estão estrategicamente representados em dois fundamentos: na limpeza do corpo, especialmente das “partes altas”, e na saúde. Nos periódicos que circulavam em São Luís, os anúncios de produtos de limpeza e de remédios (caseiros ou não), os artigos contendo conselhos relativos aos cuidados com o asseio e a saúde feminina permitem-nos inferir uma preocupação estética, ou seja, por trás de um discurso de limpo e saudável estava à preocupação com a aparência de bela da mulher.

---

<sup>401</sup>BESSE, op. cit., p. 56-57.

<sup>402</sup>FREIRE, op. cit., p. 47.

<sup>403</sup>Essa polarização entre duas imagens femininas é trabalhada por Maria Martha Freire, considerando a existência de uma oposição entre antigo/novo e tradicional/moderno. A autora mostra que em um dos polos havia a “mulher moderna”, “emancipada e “mulher-bibelô”; do outro, a “mulher bibelô”, “fútil e dependente”. Todavia, a fronteira entre esses dois polos era fluída, na medida em que muitas vezes os comportamentos considerados “tradicionais” funcionavam como avaliadores dos ditos “modernos”. Ver: FREIRE, op. cit. Susan K. Besse também aponta essa polarização quando observa que havia mensagens conflitantes a respeito da adaptação das mulheres às novas realidades advindas da modernidade: “esperava-se que as mulheres cultivassem uma aparência exterior de sofisticação moderna e ao mesmo tempo conservassem as ‘eternas’ qualidades femininas de recato e simplicidade”. Ver: BESSE, op. cit. p. 40.

<sup>404</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de, Op. cit., 2012, p. 106.

Nesse sentido, observamos na descrição de mulheres, modelos de beleza da época em São Luís, a presença de receitas de produtos caseiros, bem como de remédios voltados para tratamentos da saúde e de limpeza do corpo, além daqueles que se preocupavam com o retorno da “mocidade”, que, com frequência, eram anunciados e vendidos em farmácias da cidade, cobrando, assim, uma aparência mais cuidada da mulher<sup>405</sup>. Desse modo, os periódicos, além de serem espaços formadores e instrumentos cruciais de disseminação de padrões e hábitos de consumo e de comportamento, difundindo “um corpo simbólico, uma teia densa de significados, manipulando mitos e imagens concernentes à vida diária e à vida imaginária”<sup>406</sup>, principalmente no que diz respeito a produtos referentes à beleza e à moda, enfim, à estética em geral, apresentavam também os modelos ideais de beleza que eram galgados à época. Os periódicos fomentavam o consumo de produtos (caseiros ou não) que proporcionassem à mulher o “ser bela”.

Dentro dessa perspectiva, quais posições estavam associados, nesse momento, ao “ser uma mulher bela”? Quais os sentidos da “beleza” no início do século XX em São Luís? Enfim, quais estratégias envolviam a representação do ser “feia” ou “bela” numa cidade em que a circulação de homem e mulheres se ampliava?

## 2.1 Perfis: uma estética feminina ludovicense?

“Seu cabelo, seus olhos, sua voz, seu andar, seu airoso dançar”<sup>407</sup> são os atributos que Claudio Oliver, personagem protagonista de *Nascimento de Moraes em Vencidos e Degenerados*, romance maranhense, observa em Amélia Rodrigues, moça pertencente à família das camadas abastadas em São Luís. Segundo a descrição era uma “[...] moça alta, airosa, dos olhos grandes, cabelos castanhos, lábios frescos, sensuais”<sup>408</sup>. Esse perfil descrito por Cláudio Oliver, de uma moça que lhe “prendia o espírito pela plástica”, em que constam os atributos ditos especiais para a avaliação da beleza, eram da mesma forma descritos nos jornais. Algumas seções destes traziam os perfis de mulheres ludovicenses no início do século XX, consideradas belas, acrescentando a estes as maneiras de trajar e os modos de se comportar.

<sup>405</sup>RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; RAINHO, op. cit., 2002; BONADIO, op. cit.

<sup>406</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 68.

<sup>407</sup>MORAES, op. cit., p. 85.

<sup>408</sup>Ibid., p. 89.

Os jornais funcionavam como meio divulgador de tais “modelos” de mulher. Alguns dos que circulavam em São Luís possuíam colunas dedicadas a descrever “retratos” das mulheres consideradas belas e elegantes na cidade. A partir dessas colunas, podemos analisar a representação dos “perfis de beleza” femininos ditos adequados ou admirados por aquela sociedade. Como diz Guacira Lopes Louro, o assentamento dos “lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo” é aludida também a partir de seus corpos. Cada detalhe dos corpos: cor da pele, dos olhos, formato do nariz, da boca, etc., bem como os gestos emitidos por esses corpos, podem ser cruciais para dizer do lugar social de um sujeito. Logo, as características dos corpos significados são como marcas que “distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder”<sup>409</sup>. Nesse sentido, a “marcação”<sup>410</sup> daquilo que é considerado belo e elegante no que diz respeito às partes do corpo da mulher ludovicense foram produzidos com o fim de marcar as características do que seriam as mulheres consideradas belas, que, muitas vezes, remontam a um padrão mais facilmente alcançado pelas mulheres abastadas, pois o padrão de beleza passava por certas vestimentas, usos e cuidados do corpo que não podiam ser alcançados pelas mulheres pobres e sem recursos.

Uma outra forma de marcar o perfil de “beleza feminina” estabelecido em São Luís foi a realização dos concursos de beleza feminina divulgados nos jornais da cidade. Esses concursos eram comuns à época, não apenas em São Luís como em outras capitais. Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, ao tratar dos concursos que ocorriam em outras capitais do Brasil, concluem que eles evidenciavam o papel do consumo, a questão dos novos sinais urbanos de distinção e prestígio sociais e apresentavam as exigências feitas às mulheres, que associavam a beleza não somente à formosura física, como também ao mínimo de preparo intelectual e, ao mesmo tempo, às prendas de salão<sup>411</sup>. Havia concursos para a escolha tanto de mulheres como de homens, belos(as) e elegantes. Porém, eram mais frequentes os concursos voltados para a escolha da mulher “bela”. Eles variavam entre *Concurso de Vestir*, o *Concurso de Comportamento*, *Concurso de Elegância*, *Concurso de Beleza*, entre outros, muito embora todos estivessem atentos a “[...] fim de saber qual a senhorita ou o rapaz, da

<sup>409</sup>LOURO, op. cit., 2008. p.75-76.

<sup>410</sup>Quando trazemos o termo marcação, estamos nos remetendo a Guacira L. Louro, que entende que os corpos são marcados social, material e simbolicamente pelo próprio sujeito e pelos outros. Uma multiplicidade de sinais, códigos e mesmo atitudes que “fazem sentido” em uma cultura ou mesmo grupo social, definindo quem é o sujeito. Essa marcação pode ser simbólica ou física e permitirá que o sujeito “[...] seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo [...]; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado”. LOURO, op. cit., 2008, p. 83-84.

<sup>411</sup>MALUF; MOTT, op. cit., v. 3. p. 396.

fina elite maranhense, que melhor se traja”<sup>412</sup> ou em aferir “a elegância, coisa mais apreciada no gênero feminino”.<sup>413</sup>

Esses concursos de beleza nos apresentam a circularidade e sociabilidade das mulheres abastadas para além do espaço do lar, com a exposição, mesmo que dentro de padrões de aceitabilidade, moral e beleza da época, dos corpos femininos expostos à avaliação.

O jornal *Diário do Maranhão*, de 4 de outubro de 1890, traz um artigo intitulado *Um concurso de beleza: A Mais Formosa*, assinado por *Eponina de O. C. Serra*, ressaltando a utilidade dos concursos de beleza que têm havido no Estado, “moda importada do estrangeiro”, para os “nossos jovens conterrâneos”. Inicia sua argumentação da seguinte forma: “As moças são, no universo, ás flores pensantes. Com especialidade as bonitas - dirão os amantes da estética. Concordamos”. Contudo, *Eponina* manifesta-se por um concurso que vá além da beleza física, pois, segundo ela, “ninguém tem culpa de ser feia [...]. E’ certo que as moças feias podem contribuir para se tornarem menos, mas nunca criarem ser formosas: isso só depende da natureza que dá a cada uma formas que apraz”. Segundo a autora, tais concursos de beleza são coerentes, pois é “[...] proprio dos moços apreciarem o que agrada à vista e fascina a imaginação, d’hai os concursos de – beleza – nos quais ostentão ser vaidosas, as realmente belas [...]”. Entretanto, a autora, manifesta-se por outros tipos de concurso no Maranhão que levem em consideração “a moça, considerada no lugar, como a mais virtuosa entre as sua companheiras” como “Rosa”, coroada no concurso promovido na França. As características da “Rosa”, portanto, da moça mais virtuosa eram: “[...] a moça mais discreta, mais laboriosa: filha ou irmã mais solícita, mais terna, mais dedicada aos seus deveres domesticos; qual enfim a mais virtuosa”. A sugestão de *Eponina* é que no momento em que fosse escolhida a moça mais formosa, esta também fosse avaliada como “Rosa”. Chamamos atenção para a maneira pela qual a autora desse texto apontava para uma necessidade de se perceber o belo “marcado”<sup>414</sup> não somente via ornamento externo, mas nas virtudes, que seriam performativas ao conjunto do que se queria como mulher à época, como veremos nas descrições das candidatas ludovicenses.

Um dos concursos que ocorria em São Luís era denominado *Concurso de Elegância*, promovido pelo jornal *O Canhoto*; o primeiro ocorreu em 1912. A chamada para o concurso diz o seguinte: “Pode uma senhorita ser bela, sem ser elegante? Não. Logo a

<sup>412</sup>Concurso de Vestir. **A Tocha**, São Luís-MA, 9 dez. 1911.

<sup>413</sup>A Elegância. **O Canhoto**, São Luís-MA, 20 out. 1912.

<sup>414</sup>No sentido de Guacira Lopes Louro como já apontamos na nota 410.

elegância é o talismã mais precioso, e por isso o mais apreciado”. Segundo o articulista do anúncio do concurso, “ao vermos uma senhorita o primeiro golpe de vista, é a sua elegância e ao seu porte”<sup>415</sup> que era remetido. Comumente, os próprios jornais contavam com a ficha de inscrição, que deveria ser entregue na sede do jornal promotor do concurso.

A divulgação das candidatas aos concursos era feita através de seções nos jornais intituladas *Perfil*, *Retrato a Lápis* ou *Pontos de Perfil*. Nelas a identidade das candidatas era mantida em sigilo, somente as iniciais de seus nomes eram apresentadas, apesar de, a partir das descrições, ser possível aos eleitores identificarem-nas. Provavelmente, as descrições misteriosas excitavam a curiosidade e a imaginação dos leitores, visto que essas seções representavam o que era considerado esteticamente importante para uma mulher ser admitida bela e/ou elegante.

Nesse sentido, encontramos nessas descrições as representações dos detalhes acerca do que tornava bela uma mulher; eram detalhes tanto estéticos quanto relativos às maneiras e ao que o semblante dessas mulheres reproduzia. Mas como eram desenhadas essas mulheres? Quais elementos eram considerados importantes para serem descritos pelos retratistas<sup>416</sup>? Enfim, quais postigos, especialmente os físicos, eram importantes para uma mulher, na sociedade ludovicense, ser considerada bela e elegante? E por fim, uma questão que nos parece simples, mas que parece estar no cerne da descrição dessas mulheres: Por que essas e não outras mulheres foram selecionadas para concorrerem como as belas da cidade?

Os diversos perfis publicados nos jornais, entendidos como documento que é “suporte de prática social”<sup>417</sup>, fabricavam uma série de elementos que direcionam o nosso olhar para aquilo que fazia sentido na composição de uma mulher ludovicense ser considerada bela e, por sua vez, elegante à época. O primeiro ponto que os retratistas chamam a atenção e que merecem ser analisados nos vários perfis retratados é o registro de que as mulheres desenhadas<sup>418</sup> eram moças de família rica ou com recursos. Isso se expressava explicitamente na descrição dos retratistas como era o caso de *L.J.*, que “atualmente flori o escól maranhense, com sua rara simpatia e encantador porte de rainha esbelta”, sendo considerada pelo retratista como uma das “senhoritas da nata, tão simpática e encantadoira quanto as mais simpáticas e encantadoiras maranhenses, tão cantadas pelos poetas”<sup>419</sup>. Outras três moças também eram apontadas como de famílias distinta da sociedade ludovicense: *V.C.N.P.*, que era “uma das

<sup>415</sup>A Elegancia. *O Canhoto*, São Luís-MA, 20 out. 1912.

<sup>416</sup>Chamamos retratistas os autores dos diversos perfis de mulheres descritos nos jornais e revistas de São Luís.

<sup>417</sup>CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 258.

<sup>418</sup>Desenhadas porque consideramos as descrições dos perfis das mulheres como retratos desenhados com palavras, como pede o próprio título das descrições: *Retrato à Lápis*.

<sup>419</sup>Dante Faria. *Retrato a Lápis*. *O Canhoto*, São Luís-MA, 27 abr. 1913.

moças distintas da sociedade maranhense”<sup>420</sup>; *M.C.M.P.*, que “na sociedade faz parte do cyclo de primeira grandeza”<sup>421</sup>; e *O.B.*, que era “o enlevo de importante família do nosso meio social”<sup>422</sup>.

Outra forma de expressar o pertencimento dessas mulheres aos grupos abastados era indicando o local onde elas moravam. Dois exemplos merecem citação. Um é o retrato de *C.B.* que residia “em uma bela mansão situada na mais *direita* das nossas vias publicas”<sup>423</sup>. O outro é de *C.R.*, que residia “em um sobrado ao lado de Odorico Mendes, gozando, portanto, a brisa que em ímpetos medonhos abraça aquelas gigantescas palmeiras”.<sup>424</sup> A exposição da posição social dessas mulheres sugere que o padrão de beleza estava associado à condição social, em que eram vividos e reificados. E, para além disso, eram essas camadas que conseguiam uma ligação ou dedicação com os padrões de beleza estrangeiros, visto que por conta de uma possível proximidade com países, principalmente europeus, sofriam maior influência. No entanto, isso não se dava por acaso, a elite galgava uma São Luís sintonizada com as nações ditas civilizadas<sup>425</sup>, fazem-nos perceber que não bastava ser somente bela, ainda que ser considerada bela e participar de um concurso público, o pertencer a uma família abastada também fosse fulcral.

O possível argumento, que mencionamos anteriormente, quanto à saída das mulheres das camadas elevadas ao espaço das ruas da cidade, ao olhar público, era matizado nas matérias de jornais. Aquelas descritas como belas maranhenses, algumas vezes não eram descritas como vistas frequentemente circulando pela cidade e, quando saíam, às matérias afirmavam que era para ir à missa e ao cinema. Não podemos esquecer que esses articulistas atualizavam os valores da época de uma moça elegante e honesta associados ao recato e à domesticidade. Portanto, a ênfase das matérias na pouca circulação dessas jovens poderia ser pensada como estratégia de associá-las, ainda mais, aos valores de feminilidade e moral próprios às mulheres ditas de família.

---

<sup>420</sup>A.F. Pontos de Perfil II. **A Mocidade**, São Luís-MA, 2 mar. 1908.

<sup>421</sup>M.G.C. Pontos de Perfil. **A Mocidade**, São Luís-MA, 5 jul. 1908.

<sup>422</sup>A.M. Perfil. **O Canhoto**, São Luís-MA, 18 ago. 1912.

<sup>423</sup>Feijó. Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 9 mar. 1913.

<sup>424</sup>A. Erres. Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 27 out. 1912.

<sup>425</sup>Júlia Constança Pereira Camêlo considera que nessa corrida por estar sintonizada com as nações civilizadas, São Luís, a partir de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX vivia à moda francesa, pois era considerado um diferencial. Já a partir da década de 20 do século XX para uma melhor aproximação com a capital da República, tendeu-se à moda norte-americana. E assim, a elite intelectual de São Luís buscava estar integrada aquilo que era considerado civilizado, a partir de símbolos (hinos, mapas, brasões, etc.). Ver: CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Ocultar e preservar: a saga da civilidade em São Luís**, 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. p. 50-81.

Assim, as matérias apontavam que *C.R.*, por exemplo, era vista raramente pelo retratista e “as poucas vezes que ela encontra o humilde destes retratos não pronuncia, siquêr um clássico bom dia [...]”<sup>426</sup>. Outra moça, de iniciais *B.M.*, só era vista, grande parte das vezes, na janela “fitando, como quem conta as estrelas que piscando e palpitantes sob sua cabecinha”<sup>427</sup>. Já *C.H.* era moça retraída “[...] sem mostrar-se, como acontece com outras senhoritas que saem e passeiam”, visto que “as poucas vezes que os paralelepípedos tem a honra de serem calçados por seus mimosos pés é quando vai á missa. [...] A não ser isso nem a janela a vê”<sup>428</sup>. Por último, *C.B.* era vista, principalmente, quando ela ia ao cinema “me parece que as próprias figuras na tela que iam-se fascinadas, pela sua impressionante simpatia”.<sup>429</sup> Tais descrições apontam a circulação dessas mulheres nos espaços da rua. Espaços esses devidamente selecionados para sua frequência, dentro dos padrões de moralidade, como apontaremos no próximo Capítulo. Todavia, essas evidências nos fazem refletir que o sair pouco ou mesmo não sair ainda era considerado um qualitativo para as mulheres ludovicenses no início do século XX e um qualitativo tão especial que era considerado na descrição daquelas consideradas belas e elegantes. Nesse sentido, podemos inferir que perpassam toques de fantasia nas construções dos(as) retratistas, justamente porque afirmavam que essas mulheres quase não apareciam às ruas da cidade, dando-as por isso um ar distante ou de não alcançável, distinto e, logo, elegante.

Iniciemos as análises dos detalhes estéticos e de semblantes dessas mulheres. Vejamos um registro misterioso e completo dos(as) retratistas: *S.M.P.* era uma jovem de 17 anos, segundo o retratista. O retrato dessa moça trazia a ideia de uma “uma mulher divinamente bela” e, então, de uma mulher considerada “ideal”, no que diz respeito à beleza e à elegância. Segue sua descrição:

é um verdadeiro tipo de beleza e de elegância; cabelos ondulados, longos e castanhos; olhos grandes e sonhadores e tão brilhantes como o sol radiante do mês de maio; o rosto é caprichosamente talhado e de uma cor morena, mas, de um moreno pálido e suave, nariz bem feito, lábios rubros e dentes que não parecem dentes, e sim duas riquíssimas ordens de pérolas, que fazem realçar a sua adorável beleza a boca engraçada e tão bem feita como um botão de rosa que as manhãs primaveris doiram vestindo de luz, pescoço torneado e garbozo; cintura sinjel-mente elegante, ambos lindíssimas e delicadas, porte angelical, que completa os encantos de sua florescente juventude de mulher maranhense.<sup>430</sup>

Esse *Retrato a Lápis*, constante no jornal *O Canhoto*, nos apresenta o semblante completo de uma moça considerada bela e apta a concorrer nos concursos de beleza e

<sup>426</sup>A. Erres. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 27 out. 1912.

<sup>427</sup>Dante Faria. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 15 dez. 1912.

<sup>428</sup>Feijó. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 16 fev. 1913.

<sup>429</sup>Feijó. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 9 mar. 1913.

<sup>430</sup>Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 17 ago. 1913.

elegância de São Luís. Sua descrição nos remete à fotografia da “senhorita *Lourdes Braga*”, vencedora do concurso de beleza ocorrido em Caxias-MA, que consta na revista *Fon-Fon* editada no Rio de Janeiro.

**Figura 13 - Senhorita Lourdes Braga, 1º prêmio do concurso de beleza em Caxias.**



**Fonte: Fon-Fon, Rio de Janeiro-RJ, 24 mai. 1919.**

Percebamos que os cabelos eram ondulados e possivelmente longos e de tonalidade escura. Os olhos grandes e negros pareciam olhar para o infinito, dando o ar de um olhar sonhador. O tom da pele não era de todo branco, mas sim de “uma cor morena, mas, de um moreno pálido e suave”, como na expressão do(a) retratista acima. O pescoço, em destaque na fotografia, era “torneado”, além disso, seus lábios eram grandes e, possivelmente rosados.

Peter Burke, ao tratar dos retratos, declara que as “posturas e gestos dos modelos e os acessórios e objetos representados à sua volta seguem um padrão e estão frequentemente carregados de sentidos simbólicos”.<sup>431</sup> Nessa perspectiva, o porte e posição de Lourdes Braga transmitem a ideia da docilidade, ternura, angelicalidade, meiguice, entre outros adjetivos tão

---

<sup>431</sup>BURKE, op. cit., p. 31.

importantes para uma moça que queira manter o *status* de mulher e de “boa família”. Já Miriam Moreira Leite, ao analisar os retratos de família em São Paulo no início do século XX, observa que esse era um padrão de foto da época, em que “a solenidade das atitudes e a posição frontal ereta [...] vão sendo substituídas na década de 20 por uma atitude sonhadora (nas mulheres mais jovens)”<sup>432</sup>. Além disso, a autora nos lembra da cor da roupa usada para posar nas fotos pelas moças: o branco, que representava “a pureza, a castidade, a dignidade e a submissão da jovem”<sup>433</sup>, como é o caso de *Lourdes Braga* (Figura 13), que posa para foto com seu vestido que se não branco, num tom claro.

Para Michele Perrot, “a mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparência”. Diante disso, o corpo da mulher é delineado por uma série de códigos que regem suas aparições e sua aparência, assim como de cada parte de seu corpo<sup>434</sup>. No *Retrato a Lapis* da jovem *S.M.P.*, acima citado, bem como na fotografia de *Lourdes Braga*, o foco da beleza ou o “*close*”<sup>435</sup>, estava principalmente na aparência do rosto, do cabelo, do olhar, dos lábios e ainda na fineza das mãos, do nariz, na robustez do pescoço e na sutileza e elegância do porte ou da postura. Eram partes privilegiadas nas descrições, as chamadas “partes altas”, reconhecidas como nobres e condizentes com a alma<sup>436</sup>. Assim, esse olhar direcionado para essas partes do corpo das mulheres ludovicenses nos apresentam aquilo que era basilar para o “ser bela” e, portanto, aquilo que deveria aparecer e ser cuidado, legitimando-as como mulheres (mas, mulheres ditas de “boa família”).<sup>437</sup>

A face era o principal ponto das descrições daquilo que era considerado belo naquelas que concorriam às mais belas e elegantes da cidade. O primeiro aspecto narrado pelos retratistas era a cor da pele e à sua textura. O tom variava entre o considerado moreno e o alvo, em que a cor se articulava ao sentido dado a textura da pele. Quanto às morenas, seguem alguns apontamentos sobre mulheres consideradas belas na cidade: “Face morena de um moreno finíssimo”, “[...] o esplendor de uma morena béla”, “[...] moreno deslumbrante”, “Têz morena e fina”, “Morena, mas dum moreno fino”, “[...] sobre o rosto a cor morena do fresco jambo”, “Morena, mas um moreno claro e acentuado”, “Morena, mas daquele moreno que tanto nos cantam os poetas”, “Morena! Bela e sedutora cor”, “[...] morena, desse moreno

<sup>432</sup>LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2001. p. 97.

<sup>433</sup>Ibid., p. 112.

<sup>434</sup>PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 49.

<sup>435</sup>Miriam Moreira Leite *close* registra o primeiro plano da imagem, ou seja, o centro da imagem, bem como o plano parcial e o fundo e acrescenta que esse jogo em primeiro plano, plano parcial de fundo imprimem também significados. LEITE, op. cit., p. 137-138.

<sup>436</sup>RODRIGUES, op. cit., p. 103.

<sup>437</sup>Alguns trabalhos reforçam essa perspectiva: SCHPUN, op. cit.; RAGO, 1985, op. cit.; FREIRE, op. cit.

belo, que nos prende nos cativa, nos domina”, “[...] tem tez morena, aveludada e fina, sobressaindo sutil e provocadora a cor estonteante do rubi”<sup>438</sup>.

Apesar de a cor da pele descrita pelos retratistas ser o moreno, observamos que normalmente era apresentado um adjetivo como fino ou finíssimo, claro, aveludada, deslumbrante, etc., ou mesmo uma comparação com algo valioso como é o caso do rubi. Ao que parece, esses adjetivos juntamente com o conectivo “mas”, funcionam como “atenuante” da cor morena da pele daquelas mulheres, ou seja, por trás desses adjetivos, estava a negação da pele negra.

Entretanto, ressaltamos a ressignificação do considerado belo, que era a mulher alva, mas também a dita morena. Quanto a isso, algumas referências como Gilberto Freyre, Martha Abreu e Mariza Corrêa podem nos ajudar a compreender um pouco melhor a problemática racial em questão neste capítulo. Abramos então um parêntese. Segundo Gilberto Freyre, a neutralização do albinismo, em parte, ocorreu desde o fim do século XIX por meio da romantização de poetas sensíveis à predominância no Brasil de “belezas femininas morenas”. Essa romantização representou, segundo o autor, uma “valorização natural contra a imposição ao Brasil de um modelo em parte ante brasileiro”, mas isso não significa dizer que as modas de mulher deixaram de sofrer no Brasil Império e Primeira República impacto norte-europeizante ou albinizante.<sup>439</sup>

Segundo Denise Bernuzzi de Santa’Anna, havia uma escala de aceitação nesse período da “beleza morena” e entre “os ideais de beleza para ambos os sexos, os ‘morenos claros’ usufruíam de grande prestígio”. Todavia, para além de uma postura de aceitação, “a preferência pela pele morena indicava muitas vezes intolerância à pele negra”.<sup>440</sup> Nesse mesmo sentido, Mariza Corrêa, discorre que, no âmbito das relações de gênero, a mulata revela/esconde “a rejeição à negra preta”. Essa rejeição se apresenta na construção da “mulata que é a tal”, que era “visualmente bem definida e aparentemente aceita no imaginário social como personagem com estatuto próprio.”<sup>441</sup>

Martha Abreu, a partir da análise das canções populares, relata que, diferente das análises que reportam certa determinante acerca da mulata como sendo sensual e sedutora, de sexualidade desenfreada e passiva aos mandos e desmandos do homem branco, ou seja, a erotização passiva da mulata havia, por outro lado, a produção de uma imagem de uma

<sup>438</sup>Retratos a Lápis. **O Ateniense**, São Luís-MA, 24 out. 1915.

<sup>439</sup>FREYRE, op. cit., p. 34.

<sup>440</sup>SANTA’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 77-78.

<sup>441</sup>CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cad. Pagu**, n. 6-7, p. 35-50, 1996. Disponível em: < <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860/1981> >. Acesso em: 22 mai. 2013. p. 49-50.

“mulata orgulhosa”, que esnobava os senhores, possuindo representações que lhes davam poder, especialmente emocional, sobre os homens. Além disso, segundo a autora, várias canções homenageavam a “bela morena” em detrimento da beleza feminina europeia, branca. Concordamos com Martha Abreu quando atenta para a dificuldade em se definir a “cor morena”, pois podia ser “de cor mulata” ou apenas de cabelo castanho ou escuro.<sup>442</sup>

A brancura de algumas mulheres também era apontada nos retratos: “[...] uma alvura deslumbrante sobressai a cor das pétalas da rosa”, “[...] palida como uma sacerdotiza dos tempos cristãos”, “Alva, tendo na sua volutinea têt a brancura do cristal da neve”, “Alva, tendo na sua alvura a brancura do cisne”, “Alva e graciosa como a açucena [...]”. Diferente das morenas, às mulheres consideradas brancas logo eram empregados adjetivos como pétalas de rosa, cristal da neve, açucena, etc., embora não parecendo esses adjetivos uma justificativa para com a sua cor, mas sim algo que lhes desse um tom de destaque. Observamos também que o “mas” constante nas descrições das consideradas morenas não aparece nas descrições das alvas. Contudo, por mais que as mulheres brancas ainda fossem os modelos de beleza e mesmo de distinção social, é perceptível o número de mulheres consideradas morenas concorrendo nos concursos de beleza, que se encaixassem dentro dos padrões do belo.

Ainda em relação à face das mulheres retratadas nos jornais que circulavam em São Luís, as descrições traziam cada parte do semblante daquelas tidas “[...] entre as mais lindas desta terra”, especialmente os olhos, lábios, dentes e cabelos, aspectos os quais, possivelmente, à época davam ao rosto da mulher o carimbo de bela<sup>443</sup>.

Quanto aos olhos, os retratistas descreviam os olhos grandes e negros (tons escuros) – “olhos pretos e rasgados” e “olhos que cintilam, eletrizando-nos, como dois astros luminosos”. Por mais que pareça uma evidência superficial, os olhos diziam alguma coisa, conforme o artigo *O Bello Sexo*, que consta no jornal *A Imprensa* de 1906: “os olhos negros revelam a vivacidade; [...] os olhos escuros, a força”<sup>444</sup>. Estes se dividiam em sedutores ou meigos. Essa divisão era categórica, pois a mulher devia ser sedutora, mas de uma sedução sutil, não deixando de lado um olhar meigo. E nada mais sutil do que a sedução por meio de um olhar, sendo uma das primeiras formas de contato entre os sexos e, à época, uma das principais. Os olhares sedutores como os de *O.B.*, descritos pelo retratista, que assinava por

<sup>442</sup>ABREU, Martha. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos”: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 143-173. Disponível em: < [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg16-7.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg16-7.pdf) >. Acesso em: 22 ago. 2013.

<sup>443</sup>Vale lembrar, com base na leitura de Guacira Lopes Louro, que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero são formas inventadas e legitimadas pelas circunstâncias culturais. “Os corpos considerados “normais” e “comuns” são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos”. LOURO, op. cit., 2008, p. 87.

<sup>444</sup>O Bello Sexo. *A Imprensa*, São Luís-MA, 6 ago. 1906.

A.M., e traçava como segue as linhas do rosto dessa candidata: “olhos negros e grandes a espargirem fulgores que eletrizam o coração da gente”<sup>445</sup> ou em outro perfil assinado por *Wilson* em que a candidata possuía olhos “negros [os quais] quando voltados para o espaço, fazem com que os sonhadores fiquem possuídos da mais doce inspiração”<sup>446</sup>.

Havia outros perfis que indicavam também a sedução do olhar como importante na descrição daquelas consideradas belas e elegantes: “olhos contemplativos e facinadôres”, “com seus pretos e dominadores olhos”, “olhos negros, tem fogo, amor e poesia [...] que olhar sedutor e terno!”. Quanto aos olhares meigos, estes davam o tom de docilidade e angelicalidade às moças, como era o caso do perfil de *A. M. N. P.* retratado por *A.F.*, que possuía um olhar que refletia “[...] tudo quanto de bom e nobre, de santo e grande, existir pode; a graça, a bondade, o sentimento, a grandeza; tudo o seu olhar angélico e sereno revela, nos traduz!”<sup>447</sup>.

Outras representações também traziam esse cunho angelical do olhar de algumas moças: “olhar angélico, santo...”, “seus olhos de uma vivacidade terna e de um fulgor divino”<sup>448</sup>, “olhos negros e vivos, ou por outros dois faróis de bonanças”. E por mais que existissem candidatas que faziam do seu olhar a *performance* da sedução, o olhar angelical, terno parece constituir-se o cerne da beleza feminina à época, a exemplo: “[...] contemplando-a não há quem não fique convicto de que na terra também existem anjos”<sup>449</sup>. Podemos visualizar essa angelicalidade também no olhar da foto de *Lourdes Braga* (Figura 13). A importância dada à “ternura”, “angelicadade”, “santidade” sugerem tais características como sendo o comportamento corporal ou social das mulheres, próprio da “natureza” delas.

Ao delinear os rostos das moças, os retratistas focavam nos lábios e dentes, dando bases ao sorriso. O retratista *A.M.*, ao desenhar uma moça que possuía em seu rosto “um sinalzinho que mais graciôzo faz seu perfil rizonho”, traduzia a importância de possuir dentes perfeitamente brancos e lábios rosados no espetáculo da beleza: “Dentes alvos como jasmim, e traz nos lábios a cor das rozas quando a aurora nascer [...]”<sup>450</sup>. O conjunto dos lábios com os dentes alvos perseguidos pelos retratistas – “lábios finos e rosados, dentes pequeninos e alvos” – personificavam mais uma vez a representação da mulher angelical, divina, etc., como nos exemplos: “[...] os seus lábios de coral quando entreabertos num sorriso angelical, deixam aparecer dois lindos fios de perolas, que dão ainda mais vida á sua original simpatia”. Outras

<sup>445</sup>A.M. Perfil. **O Canhoto**, São Luís-MA, 28 jul. 1912.

<sup>446</sup>Wilson. Perfil. **O Canhoto**, São Luís-MA, 18 ago. 1912.

<sup>447</sup>Lyrio do Valle. Pontos de Perfil II. **A mocidade**, São Luís-MA, 2 mar. 1908.

<sup>448</sup>Lyrio do Valle. Pontos de Perfil III. **A mocidade**, São Luís-MA, 2 mar. 1908.

<sup>449</sup>A.M. Perfil. **O Canhoto**, São Luís-MA, 18 ago. 1912.

<sup>450</sup>A.M. Perfil. **O Canhoto**, São Luís-MA, 18 ago. 1912.

evidências mostravam o sorriso como arrebatador de corações, mais uma vez trazendo a sedução, agora por via do sorriso: “O seu divinal sorriso, encanta os mais indiferentes de todos os homens [...]”. O sorriso de lábios bem tratados, apresentando dentes alvos era a chave da beleza para a mulher.

Tal demanda por uma boca bonita era sustentada também em artigos que apontam como algumas partes do corpo da mulher devem ser e manter-se. Em um desses o (a) articulista enfatizava: “É a bôcca que ‘abre’ o rosto”. E ela era decisiva na apresentação de uma mulher que se queria bela. Observemos: “Uma bonita bôcca não é sempre o suficiente para que uma mulher seja bella; mas é mais do que é preciso para não ser feia”. “[...] nunca uma mulher será bella, se sua bôcca não for graciosamente arqueada, bem proporcionada, côr de rosa, com os dentes brancos” e “dois lábios frescos e vermelhos [...]”<sup>451</sup>. O desenho de uma boca agregado aos dentes brancos era crucial na formação de um sorriso dissimulado, que cativaria os eleitores, em uma época em que as relações entre os sexos ainda continuavam distantes e complexas, mesmo que em menor escala que em épocas anteriores, diante das maiores possibilidades de contatos. E, certamente, sorrisos como esses representados nos perfis das candidatas, as mais belas da cidade, mesmo como ideal, apresentavam uma demanda, assim como as outras partes do corpo descritas, daquilo que se considerava primordial na construção da mulher elegante, contrapondo-se à não elegante. Tamanha era a importância do conjunto boca e dentes para o conjunto do que se queria em uma mulher bela, que em uma narrativa do *Almanaque d’A Fita* de 1921, o articulista nos envolve na descrição de Alice que, ao entrar na Igreja, “todos se viraram para vê-la e de todas as bocas saiu a mesma exclamação: - Que bonita, que ela é! [...]”. Mas quando iniciou uma conversa com a vizinha foi uma desilusão, “abriu-se a boca de Alice e aquela beleza perdeu por completo o seu encanto”, isso porque Alice era desdentada e quando falava mostrava “a gengiva num mole bater dos beiços”<sup>452</sup>. Por mais jocosa que a narrativa possa parecer, visto que publicada em um Almanaque, que se propunha humorístico, uma mulher sem dente não se encaixa na representação da mulher bela<sup>453</sup>.

<sup>451</sup>O Bello Sexo. **A Imprensa**, São Luís-MA, 22 ago. 1906.

<sup>452</sup>Almanaque d’**A Fita**, São Luís-MA, fev. 1921.

<sup>453</sup>Lembramos que estamos em busca do perfil da mulher elegante em São Luís no final do século XIX e início do século XX, e consideramos que as representações dessas mulheres as fariam distintas. Assim, não atentamos aos vestígios que nos trariam aos perfis das mulheres pobres ludovicenses, que poderiam usar (e usavam) de similares mecanismos ou de outros mecanismos no jogo das afirmações, distinções e ressignificações.

Continuando o desenho do semblante facial das moças consideradas “talhe da elegância maranhense”<sup>454</sup>, os cabelos também eram destacados; faziam parte da pessoa, uma parte do ser, têm cheiro, textura e podem ser levados na lembrança<sup>455</sup>, por isso deveriam ser enfatizados nos desenhos das mulheres, por marcarem firmemente o semblante daquela descrita. A cor das madeixas era sempre destacada pelos retratistas: “cabelos a côr da noite escura”, “delicada cabeça, coberta de vastos fios doirados”, “cabelos levemente castanhos”, “cabelos negros”. O comprimento, a cor dos cabelos, o volume são objetos de códigos; sempre diziam (e ainda dizem!) algo da mulher e eram de suma importância para a composição da beleza feminina. Como afirma Michelle Perrot, os cabelos “são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução e pecado”<sup>456</sup>.

Face ao exposto, por mais que não apareça discriminado o viés sedutor dos cabelos daquelas moças, observamos pela centralidade da descrição e pelo movimento atribuído a eles, dando mobilidade ao semblante daquelas mulheres, ou melhor dizendo, dando uma movimentação facial àquelas senhoritas, que por todo o século XIX o cabelo da mulher, solto e em movimento, era “signo de libido selvagem e perigosa da mulher”<sup>457</sup>. Por isso, até então, só era visto pelo marido. Uma delas, por exemplo, era *B.M.* a quem o retratista, de rubrica *Dante Faria*, referia: “cabelos negros e voltívolos ao sopro do vento [...]”<sup>458</sup>. Outras duas evidências são: a de *J. S.*, cujas “[...] formosas madeixas negras caem-lhe pelos ombros, em caracol”, e a de *N.T.*, assinada por *Jorje*, “[...] Cabelos bastos, que lhe brincam na frente, encaracolados, e negros”<sup>459</sup>.

Em contrapartida ao tom possivelmente sedutor dado aos cabelos, o fato de as mulheres sempre serem comparadas a anjos ou a santas nos remete a análise de Michelle Perrot quando assevera que os cabelos das mulheres em muitas representações, especialmente as picturais, aparecem como remição a santas e anjos pela abundância ou pelo formato dos cachos dos cabelos, respectivamente<sup>460</sup>. Isso nos faz pensar que esse arranjo dado ao cabelo das ludovicenses tenha o intuito de agregar sinais de angelicalidade e santidade a elas, qualidades altamente competitivas e distintivas no jogo do “ser bela”.

Na composição da beleza feminina apresentada pelos retratistas, outras partes do corpo das moças, consideradas belas e elegantes, eram mencionadas, tais como: “mãos

<sup>454</sup>Dante Faria. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 25 mai. 1913.

<sup>455</sup>RODRIGUES, op. cit., p. 140.

<sup>456</sup>PERROT, op. cit., 2008, p. 55.

<sup>457</sup>RODRIGUES, op. cit., p. 102.

<sup>458</sup>Dante Faria. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 15 dez. 1912.

<sup>459</sup>Jorje. Retrato a Lápis. *O Canhoto*, São Luís-MA, 12 out. 1913.

<sup>460</sup>PERROT, op. cit., 2008, p. 54- 56.

pequenas”, “dêdos curtos”<sup>461</sup>, “nariz afilado”<sup>462</sup>, “supercílios grandes”<sup>463</sup>, além da estatura mediana. As características mencionadas reforçavam o ideal de beleza de uma mulher à época e as possíveis diferenciações e demarcações fisionômicas.

Como podemos observar, a imagem da “beleza feminina”, traduzida nesses “perfis”, era marcada por outras dimensões como educação, na mesma perspectiva que “bom comportamento”. A senhora *O.B.*, por exemplo, era considerada bela, pois era “senhora d’uma elegância sem par [...] possuidora d’uma educação sem jaça, é o enlevo de importante família do nosso meio social”. Assim também era *S.P.*, que era “dotada de uma rara educação que a faz mais amável”<sup>464</sup> e *V.C.N.P.*, por sua conversação “amável, delicada, sabendo aquele que a ouve, prender, fascinar, escravisar”<sup>465</sup>. Um comportamento meigo e modesto acumulava pontos para uma mulher ser considerada bela e elegante, como “a simpatia, a delicadeza e a meiguice [...]”<sup>466</sup> de *B.M.*; como *C.B.*, por sua modesta imposta a todos, “que ficam cativos da maneira lhana do seu trato”<sup>467</sup>; como *C.H.*, descrita por *Feijó*, que era “meiga qual uma rosa primaveril, mas, uma meiguice deslumbrante”<sup>468</sup> e *L.V.*, “amável, delicada, uma santa de meiguice e de ternura”<sup>469</sup>.

Ao lermos as descrições das mulheres ludovicenses, não percebemos um equilíbrio entre a beleza física e a educação ou comportamento. Era como se os traços físicos viessem em primeiro lugar e a educação fosse secundária, mas não menos importante. E isso se apresentava na própria disposição da descrição em que os traços das mulheres apareciam antes da educação que possuíam. Elizabeth Abrantes, em análise da fala do educador maranhense Antônio Oliveira, assevera que para ele “o ideal era que a beleza fosse acompanhada de pudor, de talentos, de razões, de virtudes, pois a mulher bela e educada era ‘o espetáculo mais surpreendente que se pode conceber’”<sup>470</sup>. Tal ideal nos lembra também aquilo que *Eponina de O. C. Serra* solicitou em seu artigo intitulado *Um concurso de beleza: A Mais Formosa*<sup>471</sup>, quando descreveu “Rosa” e suas virtudes, já apontado anteriormente neste tópico.

<sup>461</sup>Feijó. Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 16 fev. 1913.

<sup>462</sup>Corajoso. Perfis Ligeiros. **A mocidade**, São Luís-MA, 7 set. 1908.

<sup>463</sup>A.F. Pontos de Perfil I. **A mocidade**, São Luís-MA, 2 mar. 1908.

<sup>464</sup>Dante Faria. Retrato a Lapis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 23 mar. 1913.

<sup>465</sup>A.F. Pontos de Perfil II. **A Mocidade**, São Luís-MA, 2 mar. 1908.

<sup>466</sup>Dante Faria. Retrato a Lapis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 15 dez. 1912.

<sup>467</sup>Feijó. Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 9 mar. 1913.

<sup>468</sup>Feijó. Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 16 fev. 1913.

<sup>469</sup>Retrato a Lápis. **O Canhoto**, São Luís-MA, 28 set. 1913.

<sup>470</sup>ABRANTES, op. cit., p. 239-240.

<sup>471</sup>Eponima de O. C. Serra. Um concurso de beleza: A Mais Formosa. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 4 out. 1890.

Mônica Raisa Schpun em análise dos concursos de beleza ocorridos em São Paulo, afirma que uma das motivações dos paulistanos para com os concursos é provar que a sofisticação, a elegância e a beleza femininas estão bem representadas e seguindo o desejo das elites, de construir uma “imagem do país que não deixe nada a desejar quanto aos modelos ocidentais de civilização”<sup>472</sup>, sendo a beleza parte significativa nessa construção. O que nos parece a partir da análise dos concursos maranhenses de beleza, é que as motivações são semelhantes, uma vez que o modelo, principalmente o europeu, de civilização era seguido pelas principais capitais do Brasil. E São Luís não ficou para trás. Enfim, esses concursos permitiam à capital afirmar-se como civilizada, tão sonhada pelos membros da elite, mesmo que para isso tivessem que fantasiar ou mesmo camuflar com diversos adjetivos algumas particularidades da população ludovicense como é o caso da cor da pele, morena.

Ao definir perfis adequados de mulheres consideradas belas e elegantes, os jornais e revistas também produziam uma aparência desejada e um ideal de mulher distinta, visto que em todos os critérios de beleza assinalados os signos de pertencimento a uma determinada classe abastada e de distinção são determinantes. Assim, é possível que isso contribuísse para a disseminação e a valorização, ou mesmo imposição, de representação de um padrão de beleza e elegância maranhense forjado pelas elites.

Além do incentivo ao “ser bela e elegante” ou “tornar-se bela e elegante” por via da descrição de quem era considerada bela, havia também uma propagação de produtos e conselhos que prometiam a manutenção da beleza por um período mais longo.

## 2.2 Saúde: no limiar do belo

Neste tópico objetivamos frisar o que representa a “saúde” da mulher numa sociedade em que as epidemias das mais variadas doenças estavam em ebulição e onde a maior parte da população vivia em áreas periféricas sem acesso às noções mínimas de higiene e saúde<sup>473</sup>. Nesse aspecto, a saúde da mulher pode ter uma conotação diferente de um discurso

---

<sup>472</sup>SCHPUN, op. cit., p. 124.

<sup>473</sup>Carmen de Jesus Rabelo de Sousa e Maria da Conceição Pinheiro de Almeida analisam a administração pública e o descaso com o combate às doenças que se alastravam pela cidade, especialmente a peste bubônica. Apontam ainda que as doenças atingiam especialmente as camadas pobres da sociedade, que residiam em locais cuja estrutura de saneamento era escassa. SOUSA, Carmen de Jesus Rabelo de. A cidade em foco: saneamento e higienização em São Luís na primeira República. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos (Orgs.). **São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade.** São Luís: UEMA, 2012. p. 99-130; e ALMEIDA, Maria Conceição Pinheiro de. O estado sanitário da cidade de São Luís no início do século XX. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos (Orgs.). **São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade.** São Luís: UEMA, 2012. p. 131-154.

pautado na questão patológica, passando a um teor que demarca uma aparência, um pertencimento e, por conseguinte, uma distinção. Assim, para além do pensar a saúde e a doença em si, percebemos os direcionamentos dados à vinculação saúde e beleza.

Em 1896, a primeira linha do artigo intitulado *O Porte*, de *A Pacotilha*, resumia os entrelaçamentos das representações do ideal de saúde da mulher: “É inútil acrescentar que a saúde vem acompanhada de beleza”<sup>474</sup>. O articulista tende a solicitar às mulheres uma prerrogativa para ser bela e elegante: a saúde. Então, aquilo que era dito e consumido como beleza e elegância nas capitais do Brasil na virada do século XIX para o século XX estava sendo publicado nas páginas dos jornais e revistas de São Luís, impulsionando a circulação de “referências” aos ludovicenses, usadas também como *postiços* à medida que a aparência era tomada pelo “ser”.

Dessa forma, alinhar-se àquilo que era considerado um conceito de “mulher saudável” fazia parte do perfil da mulher elegante e bela, conduzindo os cuidados que as mulheres deveriam ter mais para a manutenção desse perfil do que por uma questão de saúde, propriamente dita. Segundo o artigo *O Porte*, acima citado, ela deve ser “flexível, mas robusta bastante para parecer com a deusa que caminha sobre as nuvens”. Tal condição, segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna<sup>475</sup>, nos primeiros anos do século XX, seguia uma silhueta que não deveria ser nem muito gorda nem um “estica” (alguém magro ao extremo), pois esses “[...] eram considerados feios porque habitavam os extremos de uma linha imaginária cujo maior valor era o meio termo. Este era o ponto central de toda a elegância almejada”. Havia, então, um discurso de meio termo no que diz respeito à silhueta da mulher.

Em se tratando dessa circulação de modelos ideais de beleza e elegância da mulher, no romance, novela maranhense, *Vencidos e Degenerados*, de Nascimento de Moraes, já citado, há uma passagem elucidativa, em que o personagem Cláudio Oliver descreve a silhueta de mulher que lhe convém, fazendo um comparativo com o perfil que seu pai admirava:

Êle não ia por aí: - não lhe vale a gramática, se não tem carnes. Pode a mulher ser uma pérola: boa, carinhosa, dizia ele aos colegas: hábil em serviços domésticos, tocar piano ou bandolim, cantar e dançar, vestir-se com elegância e bom gosto; se não se impõe pela plástica, não lhe vale a educação nobre. Creio mesmo que há muitos homens que admirem na mulher os valores de uma educação distinta, e que só por eles se casem; mas, ao meu ver, é que esse marido muito cedo começa a demorar-se na rua! O homem tem mesmo uma certa vaidade de animal, quando apresenta a mulher, aos amigos, a uma sociedade, quando ela se salienta pela plástica. O homem se sente apoucado, amesquinhado, ridículo até, quando alguém lhe apresenta uma mulher, aos amigos, ou a uma sociedade, bem fornida e cativante,

<sup>474</sup>Artigo retirado da Revista Estação, assinado por Baronne Stoffe. *A Pacotilha*, São Luís-MA, 25 nov. 1896.

<sup>475</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 30.

e que ele tem de apresentar a sua, uma coisa alta, magra, angulosa, chupado o rosto, o peito seco, as espáduas estreitas.<sup>476</sup>

As palavras de Cláudio Oliver nos remontam à importância da mulher bela para a exposição na sociedade pelos maridos, e, para garantir o *status* de esposa, era considerado de suma importância o investimento na “beleza”. Portanto, é notória na descrição do personagem de Nascimento de Moraes a ênfase na “mulher ornamental”, aquela que tem como função uma “boa apresentação” na cena pública. Vemos também, no perfil descrito acima, a apresentação de uma silhueta que não era identificada com o “belo”, que é aquela que “tem carnes”, e que poderia ser considerada “feia”, no que diz respeito à estética feminina: alta, magra, seios pequenos e ancas finas, que faria do homem “ridículo”, como aposta Cláudio Oliver. Denise Bernuzzi de Sant’Anna, ao tratar da aversão à magreza e da associação dela à feiúra, explicita que

A magreza acentuada era sinônimo de doença e pobreza, assemelhava-se ao raquitismo e à neurastenia. Ser muito magra corria o risco de ficar solteira para sempre. Por isso ela era aconselhada a comer grande quantidade de alimentos suculentos. Feiura, palavra usada com naturalidade pela imprensa, associava-se facilmente à silhueta chamada popularmente de ‘vara pau’, ‘espantalho’, ‘palito esturricado’ e ‘bacalhau’.<sup>477</sup>

Nesse mesmo caminho de perceber e mesmo moldar o aspecto físico dessa mulher saudável, observamos a seção *A moda*, de *O Jornal*, no qual foi transcrito um artigo da revista “Pictorial Review”, assinado pelo *Dr. M. E. Alphiliofe*, tratando da “preocupação de não passar nunca dos trinta anos”. Segundo o articulista que transcreveu o artigo original, intitulado *Beleza da Mulher*. Ainda que esse artigo tenha sido escrito para as senhoras dos Estados Unidos, as leitoras ludovicenses haviam de apreciá-lo, pois tratava de um “assunto universal”<sup>478</sup>. Façamos um parêntese, para perceber onde está localizado esse artigo. A discussão se passa em uma seção que categoricamente se propõe tratar de moda. Vejamos, portanto, que tratar do aspecto físico da mulher faz parte do contexto da construção da aparência de uma mulher “na moda”. Todavia, percebamos que é um “Doutor” que estava a ditar os cuidados com a beleza da mulher, o que torna as representações daquilo que era saudável e belo entrelaçadas<sup>479</sup>.

<sup>476</sup>MORAES, op. cit., p. 74.

<sup>477</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2012, p. 106.

<sup>478</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 15 jan. 1916.

<sup>479</sup>Quanto a isso, Maria Izilda S. de Matos, ao referir-se às representações do corpo masculino no período entre 1890 e 1940, observa que nesse período as campanhas médicas foram mais frequentes e organizadas por políticas públicas de controle sanitário-higienista. MATOS, Maria Izilda S. de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. **Locus**: revista de história. Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 125-143, 2011. p. 130. Maria Martha de Luna Freire, aponta que uma das vozes que se uniam às páginas das revistas femininas a partir de 1920 foi a dos médicos, direcionando especialmente as mulheres cuidados e direcionamentos, no intuito de torná-las boas mães de família. Enfim, diversos âmbitos da vida cotidiana, o discurso científico invadiu sugerindo novas medidas para a manutenção não só do corpo feminino, mas também do corpo masculino, trazendo uma assinatura científica as novas práticas com o corpo. FREIRE, op. cit.

Voltemos ao conteúdo discutido por *Dr. M. E. Alphiliofe*. Segundo o Doutor, muitas mulheres deixaram se abater, “deixando perder os encantos”, após completarem as suas “trinta primaveras”. As mulheres casadas e solteiras, para o autor, após os trinta anos devem convencer-se de que é em tal idade que começou a “jornada de sua vida”, e, por isso, devem estar preocupadas com os “cuidados dos seus atrativos”. Assim, continua informando que para “melhor conservação de sua juventude e maior beleza da figura”, faz-se necessário que a mulher casada ou solteira aprenda a distinguir o que lhe convém ou não fisicamente, sendo, portanto, criticada a magreza que as tornavam “angulosas cheias de nervos e ossos”, bem como as “gordas, que ao caminhar oscile como um balão”<sup>480</sup>. Por fim, faz alusão à prática de exercícios, principalmente os de respiração, “[...] para sustentar melhor o estado de saúde”. Diz o autor que se a mulher sã não estava espartilhada ou não comeu demasiado não há razão para que canse ou não respire bem.<sup>481</sup> Deixemos o aspecto da juventude para o próximo tópico e atentemos à proposta de mulher com saúde, conseqüentemente, bela: o meio termo, nem gorda nem magra.

A elegância expressava-se também nesse saudável à medida que se direcionava para uma questão de postura, como continua o artigo anteriormente citado, *O Porte*: “se ella sofresse [de algum mal], seu corpo deixaria de ter esta perpendicular que é a sua elegância”. Isso porque os desvios da postura tendiam a funcionar como “um atestado de excentricidade, quando não de doença”.<sup>482</sup> Esse teor se apresentava desde o próprio título do artigo do jornal, *O Porte*, direcionando a saúde a uma questão de postura dita correta, isto é, à mulher, assim como ao homem saudável, a fim de conseguirem manter um “gracioso porte”.

Como veremos, são prerrogativas possuem um cunho universal e parecem pregar uma modelação das mulheres ludovicenses a um padrão considerado melhor ou mais aceitável para as “novas condições de trânsito na sociedade”<sup>483</sup> em que viviam. Essa modelação ocorre à maneira explicitada por Norbert Elias: acostumar ou condicionar os indivíduos a novos padrões de comportamento, tornando os antigos comportamentos vergonhosos e

---

<sup>480</sup>Nos anos do século XIX, segundo Georges Vigarello, as propostas de regimes direcionadas às mulheres são numerosas. Todavia, não se trata ainda de adelgaçamento sistemático, mas sim de um uma presença mais regular do tema: “para não engordar”. VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 132.

<sup>481</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 15 jan. 1916.

<sup>482</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 23.

<sup>483</sup>Colocamos a expressão entre aspas para destacar que a sociedade ludovicense estava se adaptando a uma possível e tímida modificação nas relações com os espaços públicos, tendo em vista que no período, como vamos observar no terceiro capítulo, ao mesmo tempo que observamos a circulação nos espaços ditos modernos e civilizados, havia um discurso de chamamento, levando-nos a inferir que ainda não era tão recorrente tal prática.

constrangedores.<sup>484</sup> Nesse momento em São Luís, os artigos de jornais e revistas passam a fazer esse papel de instrumento disseminador de padrões de beleza e cuidados para com a saúde, no intuito de fazer com que as ludovicenses assumissem e mantivessem o padrão considerado ideal e necessário para o bom trânsito na “alta sociedade”, como atesta o próprio ideal de mulher para “apresentar em sociedade” com o homem trazido por Cláudio Oliver, personagem do romance de Nascimento de Moraes<sup>485</sup>, citado anteriormente.

Com base no artigo *O Porte e Beleza da Mulher*, podemos concluir o seguinte: a vinculação da beleza à preocupação com a saúde da mulher. Essa sutileza em lembrar-se do belo no momento em que se está tratando do saudável é fornecida por Coelho Netto<sup>486</sup>, no seu texto intitulado “Higiene e cultura física”, em que enfatiza: “O corpo robusto e sadio, além de belo, resiste mais aos ataques de que um organismo contaminado e enfraquecido”<sup>487</sup>. Essa frase é enfática na lembrança do “belo” quando se trata do contrário ao que não é “sadio”. Nesse aspecto, por mais que o discurso em prol da beleza pareça neutro, ou até mesmo benéfico ao remeter à saúde da mulher, ele faz parte de um projeto mais amplo, “modernizador” e “civilizador”, como também higienista, que se intensificou no início do século XX e que “requeria ‘europeização’ e ‘modernização’ de seu espaço físico e da população”, ou seja, “limpar” fisicamente a cidade tanto quanto sua população, na medida em que havia a exigência de que as pessoas apresentassem uma fisionomia dita “asseada”.

Sobre esse aspecto, observamos, por meio das representações constantes, que a “higiene” ou o “asseado”, ou seja, o limpo aparece não só como contraponto ao sujo, mas também ao doentio. Segundo Georges Vigarello, a partir do século XIX a palavra “higiene” ocupava lugar central disputando o lugar da saúde. Os próprios manuais de saúde passaram a manuais de higiene. A higiene já não era o adjetivo que qualificava a saúde, mas o conjunto dos saberes que favoreciam a sua conservação. Assim, a higiene passou à competência científica, situada no seio da medicina<sup>488</sup>. Daí essa vinculação da higiene/saúde assinada por médicos, como se fosse uma garantia de legalidade e de procedência desses conselhos, mesmo constantes de uma coluna que se propõe tratar de beleza.

---

<sup>484</sup>ELIAS, op. cit.

<sup>485</sup>MORAES, op. cit., p. 74.

<sup>486</sup>Henrique Maximiliano Coelho Netto nasceu em Caxias, em 1864. Foi jornalista, professor, romancista, poeta, teatrólogo e orador; um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. ANTOLOGIA da Academia..., op. cit.

<sup>487</sup>Essa crônica foi transcrita no livro “Páginas Escolhidas”, de Paulo Coelho Netto, o qual selecionou algumas poesias, crônicas, mensagens, conferências de Henrique Coelho Netto. Ressaltamos que esse texto intitulado “Higiene e cultura física” encontra-se no tópico Educação Moral e Cívica do citado livro. COELHO NETTO, Paulo. **Páginas escolhidas**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1945. p. 168.

<sup>488</sup>VIGARELLO, op. cit., 1985. p.133-135.

Retomando o artigo do *Dr. M. E. Alphiliofe*, observamos também a lembrança da prática de exercícios físicos para a manutenção da saúde. Quanto a isso, o artigo de *Julia Lopes de Almeida*, intitulado *Dois dedos de prosa*, provavelmente publicado em jornais de outras capitais, traz, no jornal *Diário do Maranhão* de 1909, alguns direcionamentos desse perfil, observando as mulheres que viviam no Rio de Janeiro:

Em uma cidade de mulheres gordas, como é a nossa, não se falla em um único *sport* destinado a seu exercício *physico*; por isso a brasileira passa quase sem transição de menina a matrona. Poucas sabem nadar raras conhecem as regras da equitação, nenhuma gosta de fazer caminhadas a pé.<sup>489</sup>

Essa preocupação com o “físico” estava muito vinculada ao ideal de aparência moderna e civilizada, contrária ao “perfil gordo” que imperava nos “tempos coloniais”<sup>490</sup>. Coelho Netto, em suas crônicas, ao mencionar a importância dos exercícios físicos para a mulher moderna dizia: “O movimento é vida e a saúde é essencial à beleza”<sup>491</sup>. Todavia, mesmo em se tratando das mulheres que viviam no Rio de Janeiro, ao trazermos essa questão para São Luís, observamos que não aparece nos jornais, especialmente nas colunas sociais no período estudado, a participação das mulheres ludovicenses em exercícios físicos: um imperativo à época<sup>492</sup>. Ainda que, partindo do artigo de *Julia Lopes de Almeida*, possamos perceber ainda haver um esforço discursivo em levar as mulheres a praticar exercícios físicos, também no Rio de Janeiro, apesar de ser o Estado disseminador das principais “tendências de moda”, elas não estavam, na visão da autora, praticando severamente esportes ou fazendo exercícios físicos. Mais lento foi esse processo em São Luís, em que a única alusão à prática de esportes foi a venda de bicicleta no Armazém Teixeira e, ainda assim, foi feita em uma revista patrocinada por uma alfaiataria e especialmente voltada para o público masculino<sup>493</sup>.

<sup>489</sup>Dois dedos de prosa. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 11 nov. 1909.

<sup>490</sup>Sobre essa sociedade rural, de costumes rústicos, especialmente do período colonial e primeira metade do século XIX, Capistrano de Abreu apresenta-nos preciosas informações baseadas em uma variedade documental, especialmente em depoimentos de viajantes. As moças atingiam a maturidade completa de seu corpo e beleza em média aos 18 anos, época em que deviam estar se casando, pois alguns anos mais tarde tornavam-se geralmente corpulentas e pesadonas, com passos desgraciosos. A fisionomia começava a decair e aos 25 e 30 anos já eram consideradas velhas. ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. p. 236-238.

<sup>491</sup>Também no livro “Páginas Escolhidas” de Paulo Coelho Netto, a crônica “Esporte e Beleza” trata da importância dos esportes para a mulher, tendo em vista que para o autor, “a inercia amolenta, traz a flacidez e a tibieza”. Porém, reforça a compatibilidade entre o exercício e a “natureza” da mulher, apontando a impossibilidade de ela praticar, por exemplo, o *foot-ball*. COELHO NETTO, op. cit., p. 118-121.

<sup>492</sup>Segundo Monica Raisa Schpun, a prática de esportes era praticamente nula na virada do século XIX para o século XX, restrita somente às elites, em São Paulo. A educação física e a prática esportiva eram consideradas no período medidas de higiene destinadas a combater o ócio e os hábitos mundanos dos homens. Porém e havia uma fronteira definida entre os “universos esportivos feminino e masculino”, perspectiva apresentada nos jornais de São Luís. SCHPUN, op. cit., p. 34.

<sup>493</sup>Quanto à prática de esportes, Bárbara Nunes analisa em Teresina nos anos de 1910 e 1930 as discussões acerca da importância da atividade física para os homens, no momento em que, alinhada a um discurso

Dessa forma, podemos dizer que as preocupações com o “físico” ou com a saúde da mulher não tinham alcançado o teor dos exercícios físicos em São Luís, muito embora houvesse a prematura disseminação de um discurso da necessidade de exercícios físicos “compatíveis ao biótipo” das meninas nas escolas, tendo em vista os discursos pedagógicos por vezes publicados nos jornais da cidade.

Na maioria das vezes as preocupações com a saúde da mulher estavam vinculadas à garantia do matrimônio e também da maternidade, enfim, a mulher precisava estar preocupada para suportar os encargos do casamento e, logo em seguida, da maternidade.<sup>494</sup> Dessa forma, os remédios a ela direcionados, normalmente eram para tonificar a pele, curar anemias e fraquezas; para o útero e para as irritações nervosas ou histerias consideradas, à época, doenças da “natureza da mulher”. De todo modo, as discussões sobre saúde e beleza estavam alinhadas ao que estava sendo discutido nas capitais do Brasil<sup>495</sup>, e, nesse período, vários eram os textos publicados por médicos que “mostravam-se entusiasmados em embelezar os corpos, deles eliminando os traços de fraqueza e doença”. Para esses médicos, “toda beleza externa possuía um foco interno”. Conseqüentemente, no caso feminino, o “foco estava nos órgãos reprodutores”<sup>496</sup>. Daí a preocupação em “tratar” da anemia, das doenças dos nervos e do útero, pois eram doenças que estavam vinculadas de alguma forma aos ciclos menstruais da mulher. E, seguindo essa direção, observamos a instituição do belo e do elegante naquilo que era “saudável” também para as mulheres de São Luís.

É importante destacar que os remédios elencados nesse tópico eram direcionados às mulheres e apareciam com frequência nos jornais do período estudado, cuja a indústria da beleza, segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna<sup>497</sup>, não estava ainda estabelecida, de modo que prevalecessem as receitas caseiras e alguns poucos remédios como principais produtos propagandeados nos jornais, tanto no que dizia respeito à saúde quanto à beleza, apesar da sutileza deste último direcionamento. Além disso, alguns remédios que apareciam nas propagandas dos jornais da cidade não eram vendidos em São Luís. Nesse caso, os

---

nacional, essa prática passou a ser considerada um dos principais meios de desenvolvimento moral e físico da população”. NUNES, Barbara Silva. **Em busca do corpo masculino ideal**: higiene, atividade física moda masculina em Teresina (1900-1930). 2014. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2014. p. 23.

<sup>494</sup>Para o debate acerca desse discurso de propensão da mulher à maternidade, temos: FREIRE, op. cit.

<sup>495</sup>Nesse período, especialmente entre as décadas de 1910 e 1920, “médicos e higienistas de inspiração eugênica publicavam inúmeros textos nos quais a beleza feminina e a força masculina dependiam da raça”. Entretanto, o eugenismo não falava em bem-estar individual. A finalidade principal era permeada por objetivos gerais, incluindo a “construção de um povo saudável e belo”. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 61-64.

<sup>496</sup>Ibid., p. 63.

<sup>497</sup>Ibid., p. 33.

interessados deveriam “fazer o pedido” ou em uma farmácia da cidade, para que solicitasse o remédio ao laboratório, ou nas farmácias das cidades que estavam anunciando o produto. Em meio às propagandas de lojas de roupas masculinas e femininas, de comidas e de bebidas, das propagandas do cinema e do teatro, etc., apareciam as propagandas de farmácias e de remédios.

Os jornais e revistas da cidade tendiam a ocupar seus espaços com várias dessas propagandas. Assim, as propagandas das farmácias que havia na cidade informavam que possuíam em suas prateleiras tais produtos e também faziam com que os usos desses produtos alcançassem o público ludovicense de mulheres, especialmente aquelas com maior poder aquisitivo para esse tipo de consumo.

Entre os vários reclames, a propaganda do Polvilho Antisséptico de Silva Ferraz era imperativa, com o objetivo central de indicar o uso dos remédios como essencial para a manutenção da saúde e da beleza:

Para ser amada não basta apenas ser moça ou rica; é preciso também ter saúde. Sem esta parte importantíssima do dote desanima-se todos os pretendentes, pois que a saúde é a melhor garantia da beleza e a base da verdadeira felicidade”.<sup>498</sup>

Na composição do anúncio havia interesses comerciais, mas também a demanda do público feminino pela aparência bela. E, para além disso, encontra-se nesse anúncio a aproximação do embelezamento com a saúde e o casamento. Outro aspecto importante de reafirmar é a vinculação da necessidade de estar bela para “ser amada”, enfim, para encontrar um “pretendente” a marido, o que se constituía a “verdadeira felicidade”. Esse direcionamento encontra-se recorrente no texto, pois de diversas formas a manutenção e o alcance da beleza ideal estará vinculada à perspectiva matrimonial, funcionando como moeda de troca na procura de um cônjuge. Os anúncios reiteram constantemente essas ameaças.<sup>499</sup>

Com esse mesmo teor, outros remédios direcionados à mulher traziam o discurso da beleza basilar, como é o caso do reclame das Pílulas Rosadas do Dr. Williams, Figuras 14 e 15, cujo título anuncia: “Um segredo de Belleza”. Além do título, tal reclame apresenta a imagem de uma mulher olhando-se no espelho, o que sugestiona ao leitor do jornal a admiração da beleza, reflexo do uso do remédio anunciado. O anúncio apresenta uma mudança no perfil da beleza: “No século passado o que se admirava nas mulheres era serem delicadas, pálidas e languidas”. Diferente do que se espera de uma mulher no século XX: “O que captiva a maioria dos homens é a classe de beleza que mostra saúde. Agora a mulher

<sup>498</sup>Polvilho Antisséptico de Silva Ferraz, anunciado para a venda na Pharmacia Franceza. Conselho Util. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 22 jul. 1905.

<sup>499</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 83.

deve ter olhos vivos, lábios vermelhos e faces rosadas”. A primeira inferência é o fato de a beleza e a saúde estarem servindo de trunfo para o casamento; em outras palavras, para a conquista. E segundo, a mudança de padrão de beleza no que diz respeito à tonalidade da pele, de pálida para corada. Outros remédios também possuíam propriedades “tônicas e reparadoras”, no sentido de tornar o semblante mais rosado como é o caso do Vinho e Xarope de Quina de Ferro<sup>500</sup>. A ênfase dada a uma pele mais corada não desarticula a representação do semblante da “morena pálida”, citada no tópico anterior, pois a palidez é expressa nesse

**Figura 14 - Propaganda das Pímulas Rosadas do Dr. Williams como um depurativo sanguíneo**

**Um  
Segredo  
De  
Belleza**

No seculo passado o que se admirava nas mulheres era serem delicadas, pallidas e languidas. Mas essa moda já passou. O que hoje captiva a maioria dos homens é a classe de belleza que mostra saúde. Agora a mulher deve ter olhos vivos, labios vermelhos e faces rosadas. E' o sangue puro e rico que dá aos olhos vivacidade e brilho, e que communica aos labios e ás faces as suas cores sãs. E' com as Pímulas Rosadas do Dr. Williams que se transmite ás veias o sangue novo, puro e rico.

A D. Anna Laura P. de Barros, que mora na cidade de Campos, Praça de S. Salvador, No. 22, Estado do Rio de Janeiro, escreve:

"Tenho vinte annos d'idade e sete d'estes soffri de Anemia, ou pobreza de Sangue. Entre outros symptomas que experimentei, havia falta de sono, dôr de cabeça, pouca vontade de comer, constrangimento, e um estado geral de indolencia e fraqueza e, ás vezes, febre. Tive tratamento medico muitas vezes e a mesma debilidade me fez ficar de cama diversas occasiões, mas todos os remedios não deram resultado algum, até que resolvi tomar as Pímulas Rosadas do Dr. Williams, e curei-me com seis mezes de tão simples tratamento." (Assignada) ANNA LAURA PESSOA de BARROS.

Testemunha: José Antonio Pessoa de Barros, (Chefe do Correio de Campos).

Decida-se a leitora hoje; comece hoje mesmo a cura. Cada dia que passa accentua a molestia; cada dia de tratamento adianta a volta da saúde.

**PILULAS ROSADAS DO DR. WILLIAMS**  
A VENDA NAS BOTICAS. C. No. 1.

Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 1911.

sentido para diferenciar a “morena pálida” da negra, como nos lembra Denise Bernuzzi de Sant’Anna<sup>501</sup>.

A Pílula Rosada, por exemplo, trazia em outro anúncio um título que chamava a atenção: “Exgotamento dos nervos”. Mesmo o anúncio descrevendo a possibilidade de “quase toda pessoa” dar sinais de esgotamento ou debilidade nervosa, dando margem ao uso de remédios tanto por homens quanto por mulheres, ainda assim apresenta a imagem de uma mulher, expressando o semblante de esgotamento nervoso, intencionalmente vinculado à mulher.

Outros remédios vendidos eram também para problemas como anemia e esgotamento dos nervos, como é o caso do: Isis-Vitalin, “poderoso contra a nervosidade, anemia e fraqueza geral”. Quando sugerido para senhoras, eram destacadas as seguintes vantagens:

<sup>500</sup>Vendido na Pharmácia de Paris, em Paris, 8, rue de Vivienne. Vinho e Xarope de Quina de Ferro. A Pacotilha, São Luís-MA, 28 dez. 1898.

<sup>501</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 77-78.

“Isis-Vitalin gera o sangue e fortifica os nervos e é, portanto, o melhor defensor contra os incômodos da idade crítica”. Lembrava também às senhoras grávidas e que estavam amamentando que a bebida era indispensável. Diferente disso, a vantagem para os homens era a seguinte: “alimento para o sangue e para os nervos, por isso conserva e aumenta a vossa energia nervosa, diminuída pelos fatigantes trabalhos do escritório”<sup>502</sup>.

Podemos perceber que, mesmo não direcionando para a questão do alcance ou manutenção da beleza, esses remédios aparecem com recorrência nos jornais, direcionando nosso olhar para aquilo que era considerado os ditos “males” que acometiam as mulheres. Enquanto aos homens o direcionamento era a força para o trabalho. Esse esforço em diferenciar o que era saudável para a mulher e para o homem estava firmado no discurso de que “era preciso formar o verdadeiro homem”, o que poderia ser alcançado pelo “melhoramento físico, que daria a ele força, vigor, saúde, disposição, atributos que seriam investidos no trabalho diário”, discurso presente nos periódicos das capitais do país.<sup>503</sup>

O Vinho Désiles<sup>504</sup> é outro produto farmacêutico recorrente nos periódicos e em alguns casos apresenta artigos intitulados

Figura 15 - Propaganda das Pímulas Rosadas do Dr. Williams para a exaustão dos nervos



**Exgotamento dos Nervos**

As diferentes indicações de debilidade nervosa que quasi toda pessoa nota em certas épocas da vida ou em certas estações do anno são signaes evidentes de que o organismo está exgotado e require tratamento. Occupações sedentarias, pesares e preocupações são frequentemente as causas directas dos desarranjos nervosos.

Nada melhor pode recomendar-se para elles do que as Pímulas Rosadas do Dr. Williams, como attestam milhares de pessoas agradecidas que as usaram com exito absoluto.

Estas Pímulas são "o melhor dos tonicos reconstituintes." São vendidas em qualquer parte onde existam pharmacias ou casas de commercio.

Fonte: O Jornal, São Luís-MA, 1917.

<sup>502</sup>O uso diário de Isis-Vitalin. **O Jornal**, São Luís-MA, 16 jan. 1917.

<sup>503</sup>Acerca dessas preocupações, a historiografia apresenta trabalhos como: Em se tratando do homem, Barbara Silva Nunes, afirma que em Teresina, no início do século XX, estabelecia-se o discurso de desejo de formar homens fortes, bem nutridos, atentos à saúde e à higiene do corpo, “que fossem capazes de enfrentar as intempéries do dia a dia”. NUNES, op. cit., p. 23; Monica Schupun, mesmo não tratando especificamente das prerrogativas de saúde e beleza para os homens, relata, a partir do contexto paulista, essa diferenciação de gênero, em que o discurso de um homem forte aparece como basilar para o trabalho. SCHPUN, op. cit.

<sup>504</sup>O Vinho Désiles aparece vendido na “rue do Louvre”. Comunicação Médica. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 20 jun. 1898.

*Comunicação Médica*<sup>505</sup>, tratando dos benefícios desse remédio. Um dos artigos, assinado pelo *Dr. Aléque*, apresenta os motivos pelos quais a “saúde da mulher é cousa preciosa”. Primeiramente, observa o Doutor, “a mulher conserva pela saúde, sob a sua dependência, a vida, a força, todo o futuro physico da criança a que dá a luz”. E mais, “da saúde da mulher depende ainda a felicidade de toda a casa, pois a mãe de família delicada, doentia, facilmente impressionável, torna-se triste, nervosa e às vezes injusta: com a sua saúde desapareceu a alegria do lar”<sup>506</sup>. Assim, questiona: “O que fazer para que a mais bela do gênero humano goze da melhor saúde?”. Surge, então, mais um remédio que, além de regularizar o intestino, fortifica o sistema nervoso e cura as anemias. Doenças que são consideradas naturalmente das mulheres. É notória a tendência dos remédios remeterem àquele considerado principal papel da mulher, a época: “ser mãe”.

Sobre a vocação maternal, Maria Martha Luna de Freire aponta que o papel de mãe tomou lugar central nos debates médicos, à medida que elas, por conta dessa função maternal, passaram a ser responsáveis pela saúde física e moral do povo. Assim, por meio do que a autora chama de “maternidade científica”, as mulheres, obedecendo aos ditames dos saberes médicos, passaram a ser centrais como estratégia para alcançar a ordem e o progresso galgados pela nação<sup>507</sup>. Daí a centralidade e a relação da mulher com o “ser mãe” nos anúncios apresentados dos periódicos à época.

Outros remédios seguem essa mesma direção, como *Le Sirop de Follet*, Figura 16, de procedência francesa, que promete acabar com a insônia provocada por: irritação nervosa, preocupações, cansaço do cérebro, enxaqueca, mas também pela gripe, gota, bronquite, etc. Esse remédio induz a um sono profundo. Mais uma vez a imagem da mulher no anúncio é remetida às doenças dos nervos, um “mal” que se pressupunha acometer somente as mulheres, direcionando o uso desse remédio somente para elas, uma vez que o “mal” desfigurava seu semblante belo.

---

<sup>505</sup>Comunicação Médica. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 20 jun. 1898.

<sup>506</sup>A Saúde da Mulher. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 10 abr. 1899.

<sup>507</sup>FREIRE, op. cit., p. 19-33.

Figura 16 – Propaganda do Le Sirop de Follet



Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 17 mar. 1910

Quanto às doenças do útero, a exposição do corpo feminino na imprensa era banalizada, aparecendo recorrentemente nas páginas dos periódicos da cidade remédios que anunciavam para a “salvação da vida” das mulheres. O remédio Uterina, vendido na Pharmacia Cezar Santos localizada no Pará, tinha como direcionamento na sua propaganda o seguinte: “por mais bela que seja uma mulher, toda sua beleza nada vale se ella tem a grande desgraça de sofrer de uma dessas feias enfermidades”<sup>508</sup>. Outro remédio também direcionado para as doenças do útero e que prometia “o segredo da felicidade da mulher” é Saúde da Mulher, recorrente nos jornais da cidade, bem como em outras capitais do Brasil<sup>509</sup>. Também estavam direcionados para “saúde das senhoras”: Apiolina de Chapoteaut, de Paris<sup>510</sup> e Lugonila em injeções, remédio brasileiro, que prometia acabar com as “moléstias uterinas”<sup>511</sup>.

<sup>508</sup>Uterina. **A Pacotilha**, São Luís-MA, 19 dez. 1912.

<sup>509</sup>Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, o laboratório Daut & Oliveira, provavelmente o maior de sua época, fabricava o remédio Saúde da Mulher e o xarope Bromil. Seus produtos foram divulgados pelo gaúcho conhecido como ‘homem-propaganda’, João da Cunha Lyra. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 32-33.

<sup>510</sup>A propaganda desse remédio dizia que era vendido em Paris, 8, rue de Vivienne. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 3 jan. 1898.

<sup>511</sup>As senhoras. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 23 mai. 1905.

E, evidente que a preocupação com o útero estava ligada a sua “função de geratriz”<sup>512</sup>, portanto, devia-se cuidar do útero para gerar filhos saudáveis. Maria Martha de Luna Freire apresenta, mediante publicações de conselhos de médicos e dos anúncios dos remédios, que havia um “movimento de exaltação da maternidade” e do cuidado com o corpo da mulher, naturalmente propensa a ser mãe, para que a fecundidade não sofresse ameaças. A autora argumenta que a maternidade alçou o centro dos debates devido à precariedade nas condições de saúde da população, bem como à elevada mortalidade infantil, o que era inaceitável na construção do ideal de ordem e progresso da elite urbana<sup>513</sup>. Mas também como era lembrado na propaganda do remédio Uterina, a beleza e mesmo a doçura de um sorriso feminino dependiam da saúde do útero, considerado o “centro irradiador da saúde da mulher”<sup>514</sup>.

Figura 17 - Anúncio – A Saúde da Mulher



Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA, 17 mar. 1910.

<sup>512</sup>Função da mulher diz o maranhense Gomes de Castro, seguidor ortodoxo das ideias positivistas, ao tratar da centralidade da mulher na procriação humana. CASTRO, op. cit., p.154.

<sup>513</sup>FREIRE, op. cit., p. 97-115.

<sup>514</sup>SANT'ANNA, op. cit., 2012. p.110.

Assim, o artigo de *Julia Lopes de Almeida*, citado no início deste tópico, prescreve o ideal de mulher saudável, bela e elegante, asseverando que os homens tinham uma única opinião acerca das mulheres: “o principal dever da mulher é ser bonita”.<sup>515</sup> E era essa a perspectiva que embasava a preocupação da saúde para com as mulheres, especialmente aquelas mulheres que tendiam a precisar de estratégias para manter-se na “alta roda” da elite ludovicense.

Desse modo, ainda que houvesse uma tímida preocupação com a saúde da mulher, em especial, a preocupação era com a sua aparência externa e especialmente com a aparência das “partes altas do corpo”<sup>516</sup>. Mas, a aparência das roupas se sobressaía das demais preocupações de cunho físico, isto é, patológico. Rosane Feijão assevera que essa sobreposição foi mais aguda nos primeiros anos do século XX, quando “os conselhos de modistas e colunistas sociais se tornaram mais ouvidos do que os dos médicos”.<sup>517</sup> E mesmo que as secções médicas na sua grande maioria tenham tido como foco questões voltadas à manutenção da beleza e juventude da pele, do cabelo, das mãos, etc., como será visto no tópico posterior, por mais que pareça tratar-se apenas da saúde, o que estava sendo levado em consideração era a aparência da população. Em suma, por mais que se manifestasse a preocupação com o bom andamento da saúde da mulher, podemos observar que o que estava por trás dessas representações era se a mulher aparentava-se bela ou não, elegante ou não, para com isso circular em sociedade, casar e ser mãe.

Então, para uma mulher considerada bela e elegante em São Luís, a aparência de saudável era relevante à medida que exprimia aos demais a ideia de ela ser uma mulher moderna e civilizada, que acompanhava os ditames estrangeiros da elegância vigente. É importante ressaltar que tais prerrogativas voltadas às questões da saúde da mulher eram um indicativo de *status* social de elite, tendo em vista que grande parte da população ludovicense vivia alheia a cuidados com a saúde, face à proliferação de várias doenças na cidade.

### 2.3 “Receitas de beleza”: limpa e bela

Qual de vós desejou alguma vez ser velha ou parecel-o?<sup>518</sup>

Qual de vós formou *in pello* o sonho de conservar durante anos sem fim a frescura e o viço da mocidade,

<sup>515</sup>Julia Lopes de Almeida. Dois dedos de prosa. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 11 nov. 1909.

<sup>516</sup>As partes altas do corpo são: o rosto, os cabelos, o pescoço e o colo femininos, os quais concentravam os indícios de beleza ou a sua falta. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 23.

<sup>517</sup>FEIJÃO, op. cit., 2011a, p. 141.

<sup>518</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 15 jan. 1916.

o encanto primaveril da vossa atual formozura?<sup>519</sup>

As questões acima aparecem na seção de moda de *O Jornal* e no artigo *A arte de ser bela* do jornal *A Pacotilha*, respectivamente. Envelhecer era a preocupação de pano de fundo das representações da beleza no início do século XX no Brasil e, no caso, em São Luís. A partir de então, houve um duplo processo de cuidados com o corpo feminino: de um lado, rejuvenescer, de outro, manter-se bela, sendo esta última a condição da primeira. A representação da beleza que aparece nos jornais de São Luís trazia uma demanda pela juventude<sup>520</sup>, e o artigo *As fases da beleza*, do jornal *Diário do Maranhão*, do ano de 1911, corrobora essa preocupação ao enunciar: “A beleza nunca morre, só os seus reflexos se atentam. Mas sabemos-lo bem, o seu reflexo mais precioso é a juventude e o esforço constante da mulher tendente a prolongar tanto quanto possível essa juventude”<sup>521</sup>.

Retardar o envelhecimento e prolongar a juventude parecia fazer parte do cenário moderno que se quer construir no início do século XX no Brasil e em São Luís. Portanto, havia um “novo ideal de feminilidade associado à juventude”<sup>522</sup>, não porventura as piadas sobre idade constantes nos periódicos incidiam principalmente sobre as mulheres<sup>523</sup>. Gilberto Freyre frisa que, em se tratando de rejuvenescimento, são as “senhoras”, termo usado para identificar “as mulheres mais bem situadas socioeconomicamente”, as que mais eram impelidas a prolongar a juventude, “através de suas constantes atualizações de aparências através de novas modas [em se tratando de roupas e produtos de higiene]” e “as mais capazes de gastarem na satisfação desse empenho”<sup>524</sup>. Dessa maneira, eram as mulheres das camadas abastadas as mais afetadas pela manutenção de uma aparência jovial, diante da possibilidade econômica de investir no modelo de beleza em voga, bem como da pressão social que as mulheres de elite sofriam e exerciam, mas isso não quer dizer que as mulheres das demais camadas não procurassem também seguir tais modelos. Agregada a esse esforço de rejuvenescer estava uma preocupação com os cuidados com o corpo, especialmente o asseio.

<sup>519</sup>A arte de ser bela. *A Pacotilha*, São Luís-MA, 30 out. 1912.

<sup>520</sup>Utilizamos o termo juventude como equivalente a jovem e oposto a velho.

<sup>521</sup>Baroneza d’Orchamps. *As fases da beleza*. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 6 set. 1911.

<sup>522</sup>“Novo ideal de feminilidade”, termo utilizado por Maria Bonadio para expressar que as transformações, no que diz respeito à formação de uma “nova mulher”, estavam mais relacionadas à moda dos cabelos curtos, à maquiagem acentuada, às saias na altura do joelho, ao hábito de fumar, etc. do que à adoção de práticas sexuais liberais, à luta do voto, à igualdade de direitos. Enfim, houve somente um recapeamento daquilo que era considerado “feminilidade”, mantendo-se fixas as fronteiras dos gêneros. BONADIO, op. cit., p.178.

<sup>523</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 43.

<sup>524</sup>FREYRE, op. cit., p. 25.

Ademais, é importante perceber que o ser jovem, ser velha não estava relacionado à idade em si, pois a expectativa de vida era baixa<sup>525</sup>, mas sim à aparência da juventude. Quanto a esse discurso de valorização da aparência de juventude, Denise Bernuzzi de Sant'Anna afirma que “a proclamação da República teria nascido sob o signo do combate à velhice”<sup>526</sup>, de modo que nos anos analisados nesta pesquisa estava em voga uma tendência a exaltação da juventude, considerada uma fase “curta e rápida, pois a primavera da vida era seguida por outras estações”<sup>527</sup>.

Alguns jornais da cidade traziam seções contendo receitas e conselhos para que as mulheres pudessem aprender a cuidar do corpo, ou pelo menos daquelas partes do corpo que estavam mais expostas à avaliação do belo e do limpo, pois, como mencionado, não eram todas as partes do corpo da mulher que eram foco de cuidado pelos articulistas. O principal foco destes eram aquelas partes que, em primeira instância, apresentavam a feiúra/velhice ou denotavam beleza/juventude.

Todavia, a fronteira entre a higiene e a beleza era demasiadamente pequena, tanto que não se reconhece nos conselhos de higiene trazidos pelos jornais nada mais que a preocupação em levar a mulher a “tornar-se bela”. Nesse sentido, uma possível conexão a partir da recorrência de artigos em jornais tratando dos cuidados com “Higiene e Beleza”, dentro das seções de moda ou de elegância, nos apresenta a formação de um “novo perfil de mulher”, uma mulher com aparência “limpa” e “jovem”, portanto, “elegante” e “bela”. E ainda, ao que parece, essa limpeza, ou por assim dizer, higiene do corpo confere distinção, ou seja, é sinal de elegância, na maioria das vezes não partilhada<sup>528</sup>, que agrega à mulher valores no jogo das aparências, “boas” ou “más”. Assim, a distinção entre aquelas que podem e sabem se cuidar e as que pouco fazem para isso ganhava relevo<sup>529</sup>.

Na seção *A moda*, de *O Jornal*, foi transcrito um artigo da revista “*Pictorial Review*”, assinado pelo *Dr. M. E. Alphiliofe*, citado no tópico anterior, nele é possível observarmos, para além da preocupação com a saúde da mulher, a manutenção da sua juventude. Sua inquietação: “Quantas se detiveram já a pensar que é só por sua própria culpa que parecem velhas aos sessenta anos?”. E reforça, em resposta, que a essa idade e mesmo

---

<sup>525</sup>Sobre isso Denise Bernuzzi de Sant'Anna explicita que a expectativa de vida diferente da atual não chegava aos 40 anos. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 43.

<sup>526</sup>Ibid., p. 25.

<sup>527</sup>Ibid., p. 45.

<sup>528</sup> Sobre isso, Georges Vigarello, mesmo tratando do século XVII, nos diz que a palavra “limpa” era suficiente para designar um porte que não era um apanágio de todos. VIGARELLO, op. cit., 1985, p. 68.

<sup>529</sup>Ibid., p. 45.

dez anos antes “nenhuma mulher devia considerar-se anciã, nem sequer no mais íntimo das suas convicções”.

Continuando os conselhos de beleza do *Dr. Alphiliofe* da seção intitulada *A moda de O Jornal*, ele refere que a mulher “não deve duvidar que uma *cútis* juvenil é talvez o maior atrativo que pode ostentar”. A mulher passando dos trinta anos deve ter cuidados para continuar “sempre jovem”. Reclama que alguns cosméticos só serviam para estragar a pele. O asseio da pele “interior e exterior” era do que mais se necessitava para a longa duração de uma “boa *cútis*”. Para quem queria conservar sua juventude, o autor adverte: “Respirar muito ar livre, fazer suficiente exercícios, beber bastante água e dedicar uma especial atenção à alimentação [...]”. Massagear o rosto pela manhã e pela tarde, faz desaparecer as rugas. Banhar “o rosto, colo e braços todas as manhãs com água fria”, quer no inverno, quer no verão, segundo o autor, era um auxílio para manter a firmeza e a cor da pele, e, se fosse seguido isso, “o mundo estaria cheio de jovens”.<sup>530</sup>

O atrativo que o Doutor destaca em seus conselhos estava vinculado à preparação de uma mulher, no caso, a ludovicense, para estar mais presente nos espaços da cidade, de vida social intensa, e cuja juventude devia ser mais duradoura, imperativo do discurso da beleza. Em virtude disso, os produtos e os artigos de higiene e beleza feminina passam a enfatizar não apenas a limpeza e a boa aparência do corpo, mas também seu rejuvenescimento. Mary Del Priore ressalta que envelhecer começava a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social<sup>531</sup>, o que era preocupante para uma mulher ludovicense das camadas abastadas que começava a dar os seus possíveis primeiros passos para uma vida no ambiente público, a qual requeria uma aparência condizente com o que lhe daria ou manteria o ar de riqueza.

O *Dr. Alphiliote* continua informando que, para essa mulher manter-se jovem, devia “visitar o dentista”, “limpar os poros do corpo”, “cuidar do cabelo”, enfim, “deve dedicar uma hora por dia, pelo menos, para o mais escrupuloso cuidado com sua pessoa”. A idade culminante da mulher era os trinta anos, e o segredo de toda a aparência juvenil estava em: “sentir-se... jovem”. O repouso dos músculos era de suma importância nessa idade: “uma mulher que sabe sorrir com os olhos, sem despregar os lábios é mestra na ciência de evitar rugas”, mas, além disso, se apresentará mais nova que outra da mesma idade se souber “conter-se em uma graciosa e delicada quietude de gestos”. E conclui: um dos maiores

---

<sup>530</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 22 jan. 1916.

<sup>531</sup>DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p. 115.

encantos da mulher madura é “uma voz clara e doce”.<sup>532</sup> Graciosidade, delicadeza e doçura eram representações que permaneciam agregadas ao ideal de mulher, qualquer que fosse sua idade. Anterior aos conselhos de cuidado com o corpo feminino, devemos atentar que neles estão sempre presentes as representações assinaladas, cruciais para a manutenção da beleza à época, desde a voz até a aparência da cútis.

De toda maneira, os cuidados com o corpo feminino e sua representação variavam conforme os grupos etários e/ou sociais. Nos artigos de “higiene e beleza” dos jornais e das revistas da época que circulavam em São Luís, normalmente os cuidados estavam voltados para as mulheres em idade de casar e ter filhos, ainda que não determinando uma idade, mas lembrando que diante da concorrência posta no jogo do casar certas prerrogativas eram necessárias. Vale dizer, porém, que alguns artigos chegavam a sugerir a necessidade de atrelar esses cuidados a idades específicas. Quanto ao grupo social, podemos inferir que essas recomendações estavam voltados para as mulheres das camadas abastadas, para quem as preocupações com a aparência juvenil tinha um cunho distintivo. Contudo, isso não implicava que mulheres pobres também não tivessem práticas e representações associadas à beleza e à juventude.

A narrativa de *Nascimento de Moraes em Vencidos e Degenerados*, já citada, deixa transparecer a representação dessa mulher madura, mas que continuava “formosa”, quando descreve Armênia Cruz, que “atraía a atenção dos transeuntes”:

[...] Armênia Cruz, a cabeleira negra, [...], mulher de trinta e tantos anos, já em decadência de forma, em declínio de exuberância, mais ainda formosa, ainda simpática, ainda infernalmente sedutora, pela distinção do porte, pela admirável disposição das linhas, harmonia de membros, o bem lançado dos braços e dos seios entumecidos, que naquela noite arfavam num corpete cor de rosa, a sobressaírem com a graça sedutora, tronco esbelto repousado em soberbas colunas que se desenhavam belas na saia de cambraia branca.<sup>533</sup>

Armênia, era filha de uma família de posses em São Luís, considerada rica e “estrela de primeira grandeza”<sup>534</sup>, e mesmo depois da falência da família e do escândalo ocorrido pelo seu “amasiamento com um estrangeiro”<sup>535</sup> conseguia cativar homens das camadas abastadas da cidade, tudo isso em razão de sua beleza. Por mais que fosse uma “mulher de trinta e tantos” e do “declínio de exuberância”, mantinha os traços de seu corpo “infernalmente sedutores”. O autor lança o olhar para as partes do corpo de Armênia que a

<sup>532</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 22 jan. 1916.

<sup>533</sup>MORAES, op. cit., p. 51.

<sup>534</sup>Armênia era filha de rica família, a do Coronel Magalhães. Após a morte do pai, Coronel Magalhães, por um escravo, momentos antes do “13 de maio”. Deixou “bonita fortuna” para a viúva e os filhos. Todavia estes acabaram com a “sólida fortuna” e com a fama e influência política que possuía a família. (Ibid., p. 60).

<sup>535</sup>Ibid., p. 62.

fazia formosa e simpática: braços, “seios entumecidos” e “tronco esbelto”. Logo, a manutenção desses traços pela personagem é que a faziam bela.

Isso posto, percebamos os “mandamentos da beleza”, que constam em um artigo intitulado *Pela Beleza*, de *O Jornal*, assinado por *Lima Cavaleri*: “1º - O espelho denuncia atenuamento da beleza? Repouzo”; “2º - Para que a boca se conserve moça, faça massagem na linha que vai das narinas ao canto dos lábios”; “3º - Faça frequentes massagens do nariz, para conservar-lhe a fôrma”; “4º - Para vencer o corado desagradável que aparece no rosto, depois dos trinta anos, empregue compressas quentes”; “5º - Para evitar as rugas que se formam em torno dos olhos, banhe toda essa região varias vezes no dia, em água tão quente quanto lhe for possível suportar”; “6º - Para conservar os olhos brilhantes, banhe-os frequentemente com água de rosas”; “7º - Para refrescar a pele, o melhor é banhal-a bem quente”; “8º - Para evitar o queixo duplo, papada, durma em travesseiro baixo”.<sup>536</sup> Os mandamentos são contundentes quando classificam o que era necessário para o “atenuamento da beleza”, ou seja, o retardamento das marcas do envelhecimento<sup>537</sup>.

Os contornos desses mandamentos nos fazem perceber a quem eles estão sendo dirigidos. Observemos: Repouzo? Para quem o repouzo era viável?; Rosto Corado? Marca da pele envelhecida, castigada pelo sol? A não exposição ao sol era possível para quem? Enfim, esses e os outros mandamentos nos indicam que havia um ideal de beleza, que tendia a classificar. Isso nos leva a inferir que a “classificação e percepção”<sup>538</sup> do que era “asseado e belo”, divulgado pelos jornais, estava mais próximo daquilo que era compatível com os padrões ou “ideal de mulher” da camada abastada ludovicense com “a sua concepção do mundo social, os valores [...]”<sup>539</sup> para quem o envelhecimento, as rugas, a papada, o nariz eram obstáculos para tornarem-se “elegantes ornamentos da sociedade”<sup>540</sup>.

O periódico *O Jornal* trazia artigos de higiene e beleza intitulados *Atelier das Elegâncias*, tendo como foco o cuidado com partes do corpo feminino, no sentido de torná-lo e mantê-lo “belo”. Estes possuíam um aspecto pragmático, contendo ensinamentos como embelezar a cútis, cuidar dos cabelos e da higiene de algumas partes do corpo como unhas,

<sup>536</sup>Pela beleza. *O Jornal*, São Luís-MA, 23 abr. 1920.

<sup>537</sup>A maior parte das propagandas de cosméticos enfatizava a beleza de mulheres brancas, nariz, boca, pele, como se as demais não tivessem nenhuma qualidade estética. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2012, p. 112.

<sup>538</sup>Roger Chartier entende que os esquemas geradores das classificações e percepções são próprios de cada grupo ou meio, considerados como verdadeiras instituições sociais, “incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações colectivas as demarcações da própria organização social”. CHARTIER, op. cit., 2002, p. 18.

<sup>539</sup>Ibid., p. 17.

<sup>540</sup>Termo usado pelos articulistas dos jornais para nominar os que faziam parte da elite maranhense.

pés, pescoço, etc. A mensagem de fundo das seções do jornal era tanto higienizar os corpos femininos quanto embelezar. Tal relação é observada por Georges Vigarello, quando assevera que o corpo limpo passou a ter um “novo cheiro” através da “arte da toalete”, em que a limpeza, muitas vezes parcial, proporcionava “frescor” e pureza”, resultando em “conseqüências sanitárias e estéticas, até encarnar a ‘alma da beleza’”.<sup>541</sup> Tanto é que as principais promessas dos conselhos constantes nos artigos, bem como dos anúncios dos remédios era a “beleza dos seios” e “maciez da cútis”.

O rosto, ponto alto da beleza, possui o maior número de artigos com conselhos e receitas. No dia 9 de novembro de 1917, a seção *Atelier das Elegâncias* de *O Jornal* trouxe um conselho cujo título era: *Para a conservação da pele*, tratando de como cuidar da pele do rosto. Assim inicia o conselho: “Para conservar a cútis transparente e aveludada deve-se evitar que o sol a irrite [...]”. A “pele aveludada” e “transparente” é uma apropriação da sensibilidade aristocrática e europeia sobre o tecido veludo<sup>542</sup>, bem como dos tecidos leves e finos. Podemos considerar que o evitar sol, tal como indica o conselho, era possível somente para as mulheres das camadas altas, pois as demais cotidianamente saíam às ruas para o trabalho e demais necessidades<sup>543</sup>. Além disso, o conselho continua indicando receitas de “como fazer massagem no rosto” para deixar a “pele fresca e viçosa como uma flor”<sup>544</sup>. O principal tratamento referido pelas receitas de “higiene e beleza” era para as rugas, as quais devem ser cuidadas desde os “vinte e cinco anos”, pois, segundo a professora de higiene e beleza, as rugas depois que “já estiverem estabelecidas e se quiser apagar suas marcas fatais será trabalho em vão [...]”.<sup>545, 546</sup> Os artigos voltados para a pele do rosto têm como principal ponto de alcance: “alvejar a cútis do rosto”, considerando que “possuir uma pele bem alva é o desejo de todas as mulheres”<sup>547</sup>, e daí receitas para clarear o rosto.

Os pelos do rosto também são uma preocupação dos artigos da seção *Atelier das Elegâncias*. Os pelos associados à juventude são considerados bonitos: “Há mulheres que se

<sup>541</sup>VIGARELLO, Georges. Higiene do corpo e trabalho das aparências. In: CORBIN, Alain (dir.). **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 379.

<sup>542</sup>SCHOSSLER, Joana Carolina; CORREA, Silvio Marcus de Souza. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 53-72, jan./abr., 2011. p. 57.

<sup>543</sup>Trabalhos apresentam o cotidiano de mulheres das camadas baixas. SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 362-400. Para São Luís há o trabalho de Maria da Glória que trata das mulheres operárias. CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX**. São Luís: EDUFMA, 2006; Para São Paulo: DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>544</sup>Atelier das elegâncias. Como fazer para massagear o rosto. **O Jornal**, São Luís-MA, 27 abr. 1918.

<sup>545</sup>Atelier das elegâncias. A cutis. **O Jornal**, São Luís-MA, 24 mai. 1918.

<sup>546</sup>Atelier das elegâncias. Rugas. **O Jornal**, São Luís-MA, 21 mai. 1918.

<sup>547</sup>Atelier das elegâncias. Para alvejar a cútis do rosto. **O Jornal**, São Luís-MA, 9 jul. 1918.

dezesperam por ter muita penugem no rosto; mas enganam-se porque a penugem é uma verdadeira beleza; [...] sendo um apanágio da adolescência”<sup>548</sup>. Mas, já na idade avançada, os pelos devem ser retirados; para esse fim, as receitas caseiras. Ademais, pelos no rosto lembram o rosto do homem, apesar de nesse período, paulatinamente, o homem barbado já não era mais considerado um modelo.

Figura 18 - Crème Simon



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

**J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS**  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellerei os.

*Desconfiar das Imitações.*  
A VENDA NOS  
*Armazens Teixeira*  
Seccão de Perfumarias

Fonte: Revista Elegante, São Luís-MA, nov. 1903.

As porções e receitas também aparecem com frequência em *O Jornal*, sempre na seção *Atelier das Elegâncias* e com subtítulo *Receitas de Belleza*. Uma delas consta no jornal do dia 27 de novembro de 1917, escrito pela “professora de hygiene e beleza”, *Dra. Tramar*. Nele ela prescreve uma receita para combater as sardas e deixar a pele “liza, bela e fresca”. Em outro artigo da mesma seção, o articulista pergunta: “Quantos rostos formosos não estão desfeitados por essa multidão de nodoas?”<sup>549, 550</sup>. Em artigo da mesma seção de *O Jornal* do dia 14 de junho de 1918, a professora de hygiene e beleza, chamada *Madame Luize Betier*, conhecida no Rio e em Paris, ensina fórmulas para manchas e palidez das faces e lábios. Após descrever as fórmulas, em conclusão diz: “Estas formulas dão ao semblante as belíssimas e frescas cores da juventude”.

<sup>548</sup>Atelier das elegâncias. Para tirar penugem do rosto. *O Jornal*, São Luís-MA, 18 abr. 1918.

<sup>549</sup>Atelier das elegâncias. Sardas. *O Jornal*, São Luís-MA, 24 jan. 1918.

<sup>550</sup>Atelier das elegâncias. As Sardas. *O Jornal*, São Luís-MA, 27 mar. 1918.

Ainda dentro do cuidado com a “higiene e a beleza” do rosto, os olhos são outro pré-requisito de beleza e para torná-los belos, o cuidado com eles aparece nas seções *Atelier das Elegâncias* de *O Jornal*. Um artigo

acerca dos cuidados com os olhos, escrito por uma professora de higiene e beleza, traz: “A principal beleza que uma mulher possa desejar é a beleza dos olhos”. Segundo a professora, “[...] tem-se visto feias serem amadas, tendo apenas olhos esplêndidos para salvá-las. Os olhos são de todos os traços da beleza feminina, os que os poetas mais cantaram”. Continuando ela a dar conselhos, como maquiagens, de como manter o olho “belo” e “sedutor”, lembra que “os olhos são o espelho da alma, devem manifestá-la um pouco e não ter somente beleza material”.<sup>551</sup> Ou seja, ao mesmo tempo que a mulher está apta a usar a

maquiagem para enaltecer a beleza dos olhos, não deve esquecer que tais artifícios não devem se sobrepor à “beleza da alma”, tampouco ofuscá-la. A crítica a essa “beleza material”, isto é, à artificialidade da beleza da mulher aparece na seção intitulada *Bric à Brac* de *O Jornal*, de 24 de agosto de 1918:

Dizem que tua mulher tem um bonito rosto.  
 Não sei!  
 -Que história é esta?  
 A dez anos que não lhe vejo a cara.  
 Não compreendo!  
 -Que diabo! ha dez anos que ela se pinta.

Nesse sentido, por mais que os artifícios de beleza sejam recorrentes nos jornais e revistas de circulação na cidade, o exagero aparece como negativo, ou melhor, como uma maculação de uma possível “beleza original”, como é o caso da maquilagem. Mas isso não era um obstáculo para a disseminação de receitas e produtos para consertar quem a natureza não deixou “belo”, como atestam os textos das receitas e os anúncios dos produtos, uma vez que os defeitos deveriam ser corrigidos por meio de uma vida limpa e higiênica.

**Figura 19 - Pó de Arroz**



**Fonte: Revista Elegante, São Luís-MA, set. 1903.**

<sup>551</sup>Atelier das elegâncias. Os olhos. *O Jornal*, São Luís-MA, 1 mar. 1918.

Nos anúncios de pó de arroz e de cremes para a pele, nas Figuras 18 e 19, a beleza feminina aparece como variável dependente dos cuidados destinados à cútis. O “Crème Simon”, por exemplo, traz como frase de destaque da propaganda: “[...] para conservar ou dar ao rosto frescura, macieza e mocidade”. O pó de arroz “*Violettes de Farme*” possuía cores que apontam a tonalidade da pele considerada higiênica, saudável, por isso, bela: “branco e côr de rosa”.

Para as mãos também encontravam-se receitas. Uma delas, do dia 8 de fevereiro de 1918, na seção *Atelier das Elegancias* de *O Jornal*, recomendava: “Para dar as mãos a finura que tanto faz realçar sua beleza [...]” e conclui tal receita indicando uma pasta para lavar as mãos que fará “adquirir a brancura da neve e a suavidade do veludo”. Essa receita servia para, além das mãos, “aformozear e amaciar a pele de todo o corpo”. Em outro artigo, da mesma seção, o articulista, além de falar como manter “as mãos brancas”, apontava também modificação nos comportamentos femininos, ao dizer que as fidalgas de antes evitavam até abrir a porta para não engrossar a mão, enquanto as de hoje “manejam os volantes dos automóveis, raquetas de tênis, rédeas de carros, guidões de bicicletas – mesmo vassouras e escovas!”. Mas aconselhava a utilização de luvas para tais atividades.<sup>552</sup> A estética ideal da mão devia ser: fina, branca e aveludada. E mesmo com a ampliação das atividades femininas, o padrão estético tanto das mãos quanto das outras partes do corpo delas continuou sendo aquele baseado na mulher branca (de ascendência europeia) e das camadas altas.

Dentre os modeladores artificiais para o corpo feminino, destacam-se produtos, conselhos e receitas para os seios. A beleza do seio também é alvo de matéria das seções do *Atelier das Elegancias*, que indica “receitas” para levantar a mama caída, dar furgidez, boa forma e volume. “Como tratar um seio atrofiado ou flácido?”. Essa era a questão de um dos artigos da seção, assinado por *Selda Potocka* do “Instituto de Coimbra”. Nele ela ensinava exercícios, massagens e fórmulas para esse “grave problema da beleza feminina”<sup>553</sup>: flacidez do seio. Os anúncios prometiam em dois meses seios: “desenvolvidos – fortificados – aformozeados”, como é o caso da “Pasta Russa” e da “Pilules Orientales”. (Figuras 20 e 21).

<sup>552</sup> Atelier das elegâncias. As mãos. *O Jornal*, São Luís-MA, 2 jul. 1918.

<sup>553</sup> Atelier das elegâncias. O Colo. *O Jornal*, São Luís-MA, 20 jun. 1918.

Figura 20 - Pasta Russa



**SEIOS**  
 DEZENVOLVIDOS — FORTIFICADOS |  
 AFORMOZEADOS  
 com  
**A PASTA RUSSA**

DO DR. G. RICABAL  
 O unico REMEDIO que em menos  
 de dois mezes assegura o de-  
 senvolvimento e a firmeza dos SEIOS,  
 sem causar damno algum á  
 saude da Mulher.

«Vide o prospecto que acom-  
 panha a CAIXA.»

A venda em todas as Pharmacias,  
 Drogarias e Casas de Perfumarias do  
 BRAZIL.

PREÇO DE UMA CAIXA \$3000 — PELO CORREIO MAIS 10000  
 Pedidos á J. B. de Carvalho Caixa Postal 1724 RIO DE JANEIRO  
 Deposito em Maranhão — Drogaria CALDAS

Fonte: O Jornal, São Luís-MA, 21 set. 1918.

Figura 21 - Pilules Orientales



**SEIOS**  
 Desenvolvidos, Reconstituídos,  
 Afirmosados, Fortificados  
 com  
**PILULES ORIENTALES**

O unico producto que em  
 dois mezes assegura o de-  
 senvolvimento e a firmeza  
 do peito sem causar damno  
 algum á saude. Approvado  
 pelas notabilidades medicas  
 J. RATTE, Pl<sup>m</sup>, 5, passage  
 Verdosa, Paris. Preço de  
 instruções em Paris: 6fr35.  
 Maranhão  
 J. V. DE MATTOS ET Irmão.

DESCOM

Fonte: Diário do Maranhão, São Luís-MA 17 mar. 1908.

Os pés também tinham que passar pelos cuidados, como mostra um artigo da professora de “higiene e beleza”, de 16 de março de 1918, da mesma seção e jornal. Nele a professora, para confirmar a importância do pé para o conjunto da beleza da mulher, inclusive no que diz respeito à sedução, cita um trecho de “Geraldo d’Houville” em “*Le temps d’Aimer*”, em que o personagem *Raul* fala a *Laurette*: “E não esquecerei nunca esse pezinho nu, de nácar rosado, acetinado como pétala de flor, tépido como um pássaro, um pé estreito e delicado, precioso demais para andar, um pé que eu quizera, vêr não na sandália, mas com uma asa no calcanhar...”. E em seguida ensina como cuidar dos pés, além de elencar receitas caseiras para calo, inchaço, etc. As unhas também são evocadas nas receitas e “devem ser um tom róseo vivo, em forma de amêndoas, bem proporcionadas ao tamanho do dedo [...]”<sup>554</sup>. O pé era significativo no conjunto da beleza feminina e ainda, como diz Mariana Christina de Faria Tavares Rodrigues, ele afirmava a “linguagem elitizada” da mulher, se dona de pés “bem feitos”. Os pés bem tratados erotizavam a mulher, como é percebido no trecho de Geraldo d’Houville, justamente porque possuindo um membro frágil, sem relação com os trabalhos pesados, isso as fazia depender mais ainda do homem<sup>555</sup>. Portanto, possuir pés cuidados, além de denotar o grupo a que pertencia a dona dos pés, também atraía o sexo oposto, dando possibilidades para um “bom casamento”, mantendo-as no grupo a que pertencia, mesmo que imaginariamente, como disse *Nascimento de Moraes*, a “elite postiça”.

É recorrente, no decorrer dos artigos, apresentarem como qualidade da textura da pele do corpo feminino a flor. A flor, fina, leve, macia... servia para caracterizar a beleza feminina. Como diz Denise Bernuzzi de Sant’Anna, “assim como as flores, as mulheres deveriam encantar”. Para a autora, essa geração sonhava “com brotos e rosas de grande encanto”, em que “as primeiras desabrochavam em bailes de debutantes. Deviam ser colhidas na hora certa por homens considerados bons partidos”. E as segundas, “uma vez casadas, viravam rosas, rainhas do próprio jardim, mães zelosas e esposas fiéis”. Enfim, “havia um tempo para desabrochar e outro para murchar”.<sup>556</sup> Era esse o sentido de tomar a beleza feminina como uma flor: tornar as mulheres de aspecto frágil e que precisavam de cuidados, logo, seguir os seus dois fins: encantar para casar e casar para murchar.

O pescoço era também uma parte do corpo observada pelos artigos do *Atelier das Elegancias*. Frequentemente nesses artigos apresentavam-se receitas para clarear o pescoço.

<sup>554</sup>Atelier das elegâncias. As unhas. **O Jornal**, São Luís-MA, 23 mar. 1918.

<sup>555</sup>RODRIGUES, op. cit., p. 78-80.

<sup>556</sup>SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2012, p. 112.

Em um deles, após concluir a fórmula do produto de clareamento do pescoço, a professora ressalta: “Não se descuidem, leitoras, por preguiça ou negligência, de procurar conservar sua beleza; seriam imperdoáveis”.<sup>557</sup> Em outro artigo, do dia 12 de março, sobre os cuidados com o pescoço, informa que o “pescoço deve ser cheio, mas não muito; deve ser branco”. Segundo o artigo, não há nada mais “feio” do que um “pescoço escuro”. E o cuidado com ele deve ser frequente, visto que “é pelo pescoço que se conhece a idade das pessoas”. Tais cuidados estão vinculados ao seguinte manifesto da professora: “[...] Não se receie em andar com o pescoço nu, o ar não lhe faz mal”. Ou seja, o pescoço agora estando “nu”, aos olhos de todos que quisessem ver, deveriam ser mantidos dentro dos padrões de “beleza e higiene”. Em outro artigo, do dia 13 de junho de 1918, é reforçada a importância de manter o pescoço “cilíndrico, macio e branco ligando harmoniosas linhas à cabeça aos ombros e ao colo”, pois esta combinação “é um dos maiores encantos da mulher”. Ensina exercícios para mantê-los com “elasticidade juvenil” e receitas com fórmulas de cremes de massagens e limpezas.

Os braços também são observados nos artigos, que asseveram: “A toilette do braço é de grande importância para a sua beleza”, e ressaltaram que “os braços vermelhos, o que em geral são grossos, aumentam seu aspecto vulgar”. O demonstrar preocupação com as “penugens” que “afeia os belos braços” dá conselhos de uso de decotes e mangas para disfarçar as suas imperfeições.<sup>558</sup> Considerando que a virada do século XIX para o XX foi uma fase em que o “jogo do aparecer e do esconder” estava acirrado, a moda estrangeira que vingava no território em muitas capitais do Brasil, entre elas São Luís, ora dizia para cobrir os braços e pescoço, ora para deixá-los livres, descobertos. Com a prerrogativa de poder descobrir os braços, mesmo que fosse nos momentos de bailes, as mulheres deveriam mantê-los limpos, bem conservados, para que fossem exibidos e apresentassem “boa aparência”.

Os cabelos femininos, “um dos seus maiores encantos”, dizia a professora de “higiene e beleza” da mesma seção. Antes de prescrever receitas e iniciar os conselhos pede “muita atenção das leitoras”, pois “nada mais belo que um cabelo basto, sedoso e comprido”.<sup>559</sup> Em outro artigo, a professora informa a necessidade de se lavar os cabelos todo dia<sup>560</sup>. Uma novidade para a mulher, pois até então lavar cabelo todos os dias não era recomendado<sup>561</sup>. Os cabelos formam um “conjunto rico e amplo na beleza feminina”<sup>562</sup>, daí

<sup>557</sup>Atelier das elegâncias. Para clarear o pescoço. **O Jornal**, São Luís-MA, 14 fev. 1918.

<sup>558</sup>Atelier das elegâncias. Os braços. **O Jornal**, São Luís-MA, 22 jun. 1918.

<sup>559</sup>Atelier das elegâncias. A cabeleira. **O Jornal**, São Luís-MA, 11 mar. 1918.

<sup>560</sup>Atelier das elegâncias. **O Jornal**, São Luís-MA, 18 mar. 1918.

<sup>561</sup>Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, até o século XIX as mulheres mantinham os cabelos untados com banhas perfumadas, dando aspecto de brilho e cuidado. Muitas mulheres mantinham os cabelos presos e

“não se deve cortar os cabelos”.<sup>563</sup> Além disso, havia conselhos acerca do banho<sup>564</sup> e dos produtos direcionados para tal, que se faziam constantes na vida da mulher dita urbana. O “Sabão Aristolino”, por exemplo, apresentava uma mulher a admirar-se em um espelho por estar bela após usá-lo no banho (Figura 22).

Figura 22 - Sabão Aristolino



Fonte: O Jornal, São Luís-MA, 4 mai. 1918.

Os dentes, sua limpeza e clareamento também apareciam nas receitas dos artigos de “higiene e beleza”. Esses artigos denotam, além de preocupação com a saúde dos dentes, também com o hálito e o clareamento. Ou seja, com a aparência de “limpo e belo”, por isso os conselhos e receitas de limpeza e clareamento.<sup>565</sup> O anúncio constante na Figura 23 mostra a imagem da boca feminina com dentes brancos, o que significa uma boca bela, isto é, com dentes “sadios e belos”. Em artigo intitulado *O Bello Sexo*, do jornal *A Imprensa*, de 1906, há

---

untados com tais banhas por dias e a lavagem não possuía a assiduidade hoje conhecida. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit., 2014, p. 22.

<sup>562</sup>Atelier das elegâncias. O cabelo. *O Jornal*, São Luís-MA, 27 jun. 1918.

<sup>563</sup>Atelier das elegâncias. O cabelo. *O Jornal*, São Luís-MA, 29 jun. 1918.

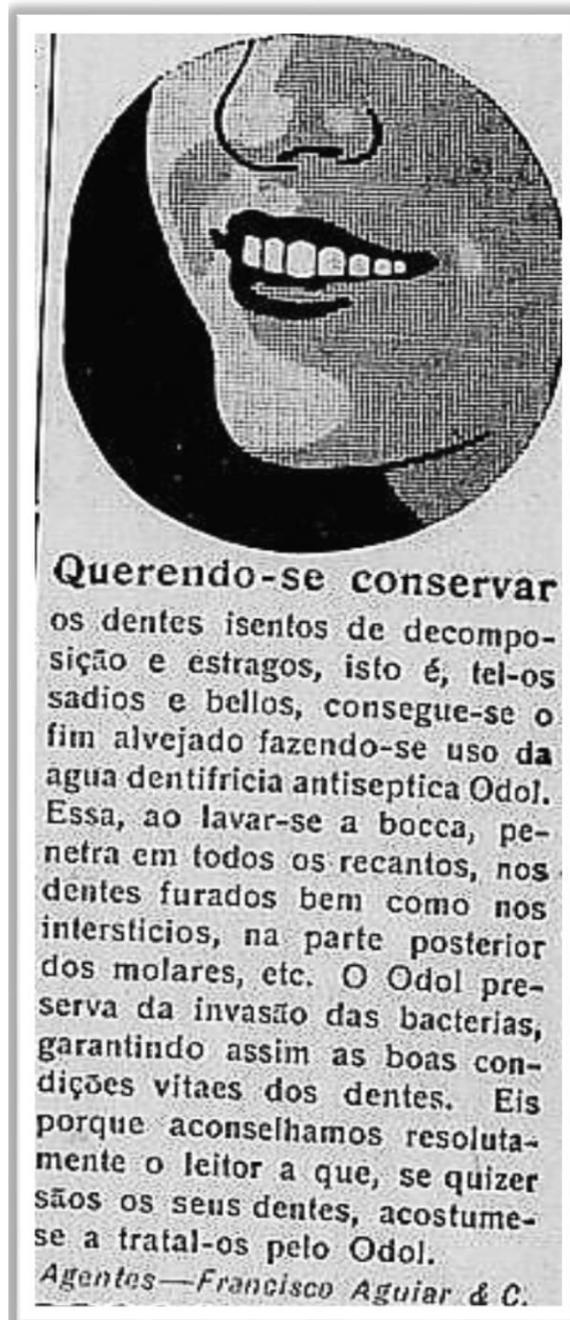
<sup>564</sup>A higiene por meio do banho foi ganhando terreno na primeira metade do século XIX, mas a sua prática ainda causava problemas e hesitações. Somente no final do século XIX a água e o banho passaram a representar a eliminação da presença do micróbio. Enfim, eliminar a sujidade e os micróbios. VIGARELLO, op. cit., 1985.

<sup>565</sup>Atelier das elegâncias. Os Dentes. *O Jornal*, São Luís-MA, 24 abr. 1918.

registro aconselhando o cuidado com os dentes. Segundo o(a) articulista do artigo as “pérolas delicadas que ornaram a vossa bôcca, demandam cuidados minuciosos de conservação”, e, assim, descreve um série de “úteis hábitos de hygiene e de aceio” que vão da visita ao dentista à utilização do palito de dente<sup>566</sup>.

O banho, a preocupação com o hálito, a toailete dos cabelos, da pele, das unhas, dos pés, das mãos, dos braços, do pescoço, do rosto, bem como receitas para enrijecer os seios, enfim, a desodorização do corpo por meio de receitas caseiras ou produtos de hygiene, acusam uma nova percepção em relação à mulher urbana associada a outras mudanças, especialmente estéticas, ocorridas nas primeiras décadas do século XX, em que o belo está vinculado ao limpo, rosado, branco, macio, fino... requisitos inerentes a dita aparência “sadia”. Estando relacionados à aparência, ressaltam também a sensibilidade para o cuidado consigo mesmas e a eficiência da aparência individual da mulher, dando-lhes visibilidade nos momentos do parecer; funcionando melhor como postigo. Isso nos remete a Norbert Elias quanto à sua análise acerca da pressão ou do controle que as pessoas exercem umas sobre as outras e do policiamento da própria pessoa sobre si mesma. É como se a mulher, a fim de ser aceita socialmente fosse “até certo ponto obrigado[a] a observar, a olhar em volta prestar atenção às pessoas e aos seus motivos” e condicionar para si, a partir da observação do que é dito higiênico ou não/ belo ou não, representado nos jornais como tal, numa

Figura 23 - Odol



Fonte: Diário de São Luiz, São Luís-MA, 5 jun. 1921.

<sup>566</sup>O Bello Sexo. A *Imprensa*, São Luís-MA, 20 ago. 1906.

perspectiva de ser aceita.<sup>567</sup> Essa conduta denota a importância social da aparência, ou melhor dizendo, da “boa aparência”, especificamente das mulheres, tendo em vista que são raros os textos que vinculam ou direcionam tais prerrogativas aos homens.

Por outro lado, os jornais, como propagadores de modelos de beleza, alimentavam a formação de uma mulher mais preocupada com uma aparência física construída segundo “a última moda”. Contudo, essas representações modelavam uma mulher que estava mais próxima das mulheres brancas e das altas camadas. A mulher jovem, limpa, dentes brancos, pele alva, cabelos lavados, unhas limpas e róseas era a representação da mulher urbana, moderna e civilizada, representação que circulava não só em São Luís, mas também no Brasil e era importada da Europa, dos Estados Unidos (em menor escala) e significava transitar na cidade, mantendo o prestígio social.

Nesse sentido, podemos dizer que os textos dos jornais e os padrões contidos nesses textos tornavam-se mecanismos de imposição de “beleza e higiene”, porquanto baseados no mundo social<sup>568</sup> da elite. Atentamos, mais uma vez, que o solicitado à mulher, quanto aos cuidados com o corpo, não faz referência às mulheres das camadas mais baixas, pois ainda que sejam prescritas receitas caseiras, estas reafirmam uma estética feminina de difícil alcance entre as mulheres dessas camadas, como, por exemplo, os cuidados relativos à pele. Uma mulher que trabalhava de sol a sol não conseguia manter a pele sem manchas e marcas de sol; as mãos, dificilmente podiam ser finas, pois não podiam ser resguardadas do movimento diário. O que não quer dizer que essas concepções não circulassem nas mulheres e homens de camadas mais baixas. Elas poderiam não ter recurso para comprar as revistas, mas estas eram lidas por outrem, e assim as informações poderiam chegar até elas.

É oportuno registrar também que as “mulheres fidalgas”, as quais trabalhavam em serviços considerados de “baixo escalão”, muitas vezes como prostitutas, moradoras dos bairros pobres da cidade, não eram confundidas com as “senhoras fidalgas”, como denomina Lidia Maria Vianna Possas, pois, por mais belas, luxuosas e tentadoras, em razão de seus atributos naturais ou pelo uso dos postigos, eram consideradas “mulheres públicas”, não eram tidas como senhoras de família e de elite<sup>569</sup>.

---

<sup>567</sup>ELIAS, op. cit., p. 90.

<sup>568</sup>Conforme Roger Chartier, as representações aspiram à universalidade, mas são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. CHARTIER, op. cit., 2002, p. 19.

<sup>569</sup>“Senhoras fidalgas” eram aquelas mulheres consideradas de famílias abastadas da cidade de Bauru/São Paulo, muitas vezes as que viviam há mais tempo na cidade, e que cumpriam os papéis sociais considerados tradicionais no espaço privado, mas que muitas vezes rompiam com eles. Diferente delas havia a chamada “mulher fidalga” que era a prostituta, ou a considerada prostituta por estar no espaço público ocupando locais ou afazeres considerados indecorosos para as normas disciplinares burguesas à época. POSSAS, op cit., p. 177-199.

Enfim, essas representações refletem e mandam uma mensagem que tem no seu teor um ideal de mulher elegante e bela pronta para frequentar os ambientes de convívio social da “alta roda” ludovicense. Logo, tais representações, à medida que circulavam, tornavam-se expressões daquilo que deveria ser comprado, como apontado no Capítulo anterior, assim como deveria compor a máscara fisionômica, como neste Capítulo apresentamos, e impulsionavam representações e práticas nos espaços de sociabilidade em São Luís, como veremos a seguir.

### ALINHAVO 3. “REGISTRO ELEGANTE”: aparência e sociabilidade

No dia 30 de maio de 1917, em uma crônica publicada em formato de carta em *O Jornal*, endereçada à Virginia, Kate, a remetente pergunta na introdução da carta: “Aposto em como de antemão já sabes qual o assunto de que trato hoje na minha carta. Da festa do Cazino ao ‘Grêmio dos Flôres’, não é verdade?”. Kate enfatiza que era de se esperar que ela tratasse dessa festa, sobre a qual todos estavam a comentar. Além de perguntar os motivos pelos quais a amiga não foi, Kate tece alguns comentários acerca da movimentação que lá ocorrera. Inicia a narrativa dizendo: “Tanto mais que a festa foi bem digna de elogios, com seus salões iluminados, não tanto da luz elétrica como do brilho ofuscante de muitos belos olhos”. Nesse comentário é possível percebermos a movimentação que houve na festa e também que aqueles que ali estavam eram considerados distintos, “iluminados”. Continuando o comentário reafirma: “Sim porque, minha amiga, nunca eu vi a nossa pobre São Luís tão lindamente ornamentada de chiquismo e graça feminil como agora”. Inferimos que o brilho, comentado por Kate, se deu por conta da presença feminina e mais ainda pelos seus modos de vestir e pela “máscara fisionômica”, como corroborado no comentário abaixo:

Muitos que há que notara, como eu, o chic revestido de simplicidade da E.M. no seu gracioso vestido azul; a graça natural da C.T. no seu dançar suave; a fisionomia alegre e simpática da L.L.; os belos cabelos da A.P. penteados à moda; as lindas mãos da Y.T. e as unhas finamente tratadas, enfim todas essas encantadoras visões que aparecem perfumando e se afastam deixando os salões vazios e uma saudade a gemer talvez cada coração.<sup>570</sup>

Salientamos que a carta nos apresenta os olhares daqueles que estavam nas festas, isto é, o que era objetivado como significante para aquele grupo que frequentava as festas ocorridas em São Luís – os das camadas abastadas. E era sobretudo para as mulheres que os olhares eram destinados. Cada detalhe da sua aparência nos espaços públicos era observado, o que se coaduna com a análise de Mônica R. Schpun quando afirma que “os corpos femininos são antes de mais nada preparados para serem vistos”. Conseqüentemente, evidenciamos a preocupação com a beleza das formas, do andar, dos gestos, movimentos ou das expressões do rosto, e para cada um atribuíam-se a manifestação daquilo que era tido como essência feminina<sup>571</sup>. Nesse sentido, podemos inferir que para aquele grupo que estava na festa o que era tido como essencial para a figura da mulher, ou seja, crucial para uma mulher ser considerada chique e portadora do ingresso para circular nas festas mais concorridas da cidade

<sup>570</sup>Registo Elegante. *O Jornal*, São Luís-MA, 30 mai. 1917.

<sup>571</sup>SCHPUN, op. cit., p. 74.

era, principalmente, usando os termos da carta, o seu vestido, seu cabelo, sua simpatia, as mãos, as unhas, o penteado, a suavidade nos movimentos, o perfume.

Continuando a leitura da carta notamos o incentivo de Kate para que a amiga, Virginia, frequentasse as festas que ocorreriam na cidade e diz: “Olha é muito fora do natural uma jovem de alma velha”. Na carta ela solicita que a amiga deixasse esse hábito de ficar em casa e que fosse “dar um pouco de gozo aos olhos dos que conservam a profecia do bom gosto e aos espíritos desejosos da boa conservação”<sup>572</sup>. Um registro que nos permite perceber que havia um discurso em prol da circulação dessas moças, não só nas festas, mas nos diversos locais da cidade e que o frequentar os espaços de sociabilidade pelas mulheres, em especial as de elite, se fazia necessário diante das novas demandas do viver urbano em que as relações entre indivíduos (homem e mulher) e famílias modificaram e tornaram-se mais próximas e ao mesmo tempo mais complexas. E mais, com a “intensificação da vida social”, houve uma demanda por “incrementar o *status* da família”, o que foi feito principalmente com “a exibição de guarda-roupas europeus da moda [...]”<sup>573</sup>. Assim, esses espaços funcionavam como uma mediação do “dar-se a ver”<sup>574</sup>, enfim, toda a elaboração de uma *performance* dita elegante para ser vista.

Dessa forma, na leitura dos vários jornais e das revistas que circulavam em São Luís, observamos que em especial as crônicas e as “colunas sociais”, que descreviam os espaços de sociabilidade na cidade, apresentavam os seguintes propósitos: projetar a presença feminina nesses espaços e delinear aquilo que vestiam, além de cultivarem hábitos ditos “elegantes”. Tais propósitos não eram desinteressados, uma vez que tinham a finalidade de mostrar o quanto a população ludovicense, melhor dizendo, as camadas abastadas estavam acompanhando de todas as formas os parâmetros de “civilidade”, conceito lido como comportamento social aceitável<sup>575</sup>, vindos dos países europeus, especialmente da França. Logo, o lugar de pertença e de distinção dessas mulheres, nos locais e nos grupos nos quais circulavam. Além disso, como lembra Maria do Carmo Teixeira Rainho, os cronistas descreviam as festas, comentando “os trajes utilizados por aqueles que se destacavam na vida social da cidade, estabelecendo uma relação de cumplicidade com o leitor ao refletir seus

<sup>572</sup>Registro Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 30 mai. 1917.

<sup>573</sup>BESSE, op. cit., p. 19.

<sup>574</sup>Fraya Frehse conclui ao analisar as “novas” vivências dos transeuntes, especialmente pelas mulheres, nos espaços de sociabilidade (as ruas) de São Paulo no fim do Império, não só como uma mediação apenas do ver, mas também do *dar-se a ver*, ou seja, do colocar-se, insinuar-se para ser visto. FREHSE, Fraya. O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 187.

<sup>575</sup>Conforme ELIAS, op. cit., p. 111.

interesses e preocupações”<sup>576</sup>. O cruzamento das crônicas e das “colunas sociais” com as colunas de moda, a literatura produzida à época e as fotografias constantes nos jornais e revistas, nos permitiu, atentando para os menores detalhes, chegar aos significados daquilo que as mulheres vestiam, que se desdobram naquela que vestia<sup>577</sup>.

Sendo assim, diante de todas as oportunidades produzidas pela vida urbana de sair: cafés, confeitarias, *clubs*, cinema, teatro, além do *footing* nas ruas e praça da cidade, bailes e festas oferecidas por particulares ou pelas Igrejas, as camadas abastadas, para mostrarem sua riqueza, trataram de atualizar seu vestuário, tornando-o luxuoso e compatível com os modelos europeus. Então, tendo em vista que, na maioria das vezes, “a escolha da roupa era destinada ao seu uso em um espaço público”<sup>578</sup>, podemos dizer que a natureza do espaço público<sup>579</sup> influenciava a maneira como as pessoas usavam suas roupas, seus postigos, para serem vistas e avaliadas. Isso porque, como evoca Pierre Bourdieu, as maneiras e, no caso, o conjunto da aparência, é uma manifestação simbólica, “cujo sentido e valor dependem tanto daqueles que a percebem quanto daquele que a produz”. E, por sua vez, a maneira de usar os bens simbólicos, que chamamos de postigos, os faz constituírem-se em demarcadores de “classe” e instrumentos de distinção<sup>580</sup>. Enfim, na preparação para sair, o ser visto e o vestir entrelaçavam-se no intuito de demarcá-las como membros de uma “classe” ou não, a elite.

Vale ressaltar que não pensamos tais espaços de maneira restrita ao substrato físico, mas sim “a dimensão espacial das relações e práticas sociais”. O que quer dizer analisar tais espaços em seu conjunto de relações.<sup>581</sup> Portanto, eles se constituíam a base para a investidura dos cidadãos na aparência e eram eles que demandavam a *performance* dita correta das mulheres.

---

<sup>576</sup>RAINHO, op. cit., 2002, p. 70.

<sup>577</sup>No sentido dado por Mara Rúbia Sant’Anna: “Nesse conjunto de aspectos físicos e implícitos ao uso do vestuário, observa-se sua principal característica: a de possuir ritmo, de cadenciar sua apreensão e atribuir ao corpo que o veste, prioritariamente, sentido”. SANT’ANNA, Op. cit., 2009, p. 80.

<sup>578</sup>CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: SENAC, 2006. p.47-48.

<sup>579</sup>As fronteiras entre o público e o privado vêm se delineando desde o final do século XVIII. Conforme Hannah Arendt, a distinção entre a esfera pública e a esfera privada, que se dá com o advento da modernidade, é caracterizada pela diferença e separação entre o mundo e a intimidade, respectivamente. Portanto, a esfera pública é aquilo que pode ser visto e ouvido por todos e tem maior divulgação possível. Já o privado é o íntimo, ou seja, a principal função do privado é proteger a intimidade, proteger aquilo que está “entre quatro paredes” e que foi reforçado pelo individualismo moderno. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

<sup>580</sup>BOURDIEU, op. cit., 2007 a, p. 65.

<sup>581</sup>FREHSE, Fraya. O espaço na vida social: uma introdução. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 68-74, 2013. p. 69.

As festas constituíam-se também momentos recorrentes na descrição dos cronistas e aconteciam com bastante frequência na cidade. Havia festa de todo tipo: das religiosas aos bailes familiares. A festa, segundo Gilda de Mello e Souza, era um momento em que homens e mulheres rompiam com a rigidez dos costumes, pois o cotidiano das famílias era marcado por tabus e preconceitos que podiam ser retratados na clausura das senhoras e moças na vida doméstica, na impossibilidade de as mulheres andarem sem a presença do marido nas ruas e em todas as normas de conduta que permeavam a sociedade. A festa, por sua vez, “é a vida de exceção”<sup>582</sup>; apogeu do exibicionismo da família. As ocasiões festivas eram ideais para a demonstração de riqueza, ou, pelo menos, para aparentar riqueza. A festa proporcionava momentos de fantasia, abrindo uma brecha para uma liberdade, mesmo que temporariamente, da vigilância rigorosa do cotidiano, especialmente no caso das mulheres<sup>583</sup>. Como diz Maria Alice Ximenes, “cada festividade fazia parte de um mundo onírico para as moças, já que representava a transição entre o real e tudo o que podia ser idealizado por elas”. Era um momento em que ela se imaginava sendo percebida pelo sexo oposto, e essa percepção se manifestava em primeira instância mediada pelo vestuário<sup>584</sup>. Enfim, era também na festa que os dispositivos do vestir manifestavam seus sentidos.

Jeffrey Needell, ao observar a *Belle Époque* brasileira, focando a realidade do Rio de Janeiro, mencionava o salão como um dos meios mais úteis para identificar as pessoas que reuniam as características típicas daqueles que eram considerados de elite à época. Segundo o autor, nesse período houve uma fragmentação dos salões, no sentido de que aumentou a diversidade destes, mas a centralidade deles estava nos “valores culturais” que os caracterizavam e os compunham. Esses valores culturais eram baseados no paradigma europeu aristocrático de inspiração franco-inglesa.<sup>585</sup>

Assim sendo, nas festas e nos diversos espaços de sociabilidade frequentados pela dita elite, homens e mulheres tratavam de mostrar o quanto estavam a par do que se passava na Europa, principalmente na França, no que diz respeito à moda, tendo em vista que o Brasil “se inseriu em um mercado internacionalizado pela expansão comercial européia e norte-americana, no qual a hegemonia da moda francesa impunha padrões ostensivos, cujo tom era dado pela promessa do pertencimento à alta sociedade e ao mundo *chic*”<sup>586</sup>.

---

<sup>582</sup>SOUZA, op. cit., p. 145.

<sup>583</sup>Ibid., p. 146-147.

<sup>584</sup>XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011. p. 45.

<sup>585</sup>NEDELL, op. cit., p. 142-181.

<sup>586</sup>DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894–1938. **Latin American Research Review**, v. 41, n. 1, p. 3-26, fev., 2006.

Nessa perspectiva, a moda no que concerne ao vestir, entre todos os elementos que estavam em volta do jogo do exibicionismo, era a mais eficiente<sup>587</sup>, especialmente a moda dita francesa. Assim, neste Capítulo costuraremos a circulação das mulheres das camadas abastadas nos diversos espaços em São Luís, alinhavando aquilo que elas vestiam para estar em público com os sentidos que eram produzidos e reproduzidos pelos seus corpos vestidos, percebendo como tais sentidos alocavam as mulheres ao grupo (à alta sociedade) a que pertenciam ou a que aspiravam pertencer ou, em contrapartida, as afastavam, vez que o “vestir-se adequadamente”, como capital simbólico, funcionava como trunfo no jogo das posições no espaço social<sup>588</sup>. É que, o investimento na aparência externa, via vestir, como capital, balizava o manter ou alcançar um lugar em um determinado grupo social, na medida em que, para inserir-se em um grupo social, necessitava-se dominar minimamente os códigos ali constituídos em relação à seleção e combinação de signos vestimentares, bem como a possibilidade de compor uma mensagem digerível aos outros que dela compartilhavam<sup>589</sup>.

### 3.1 Dos passeios

Naqueles anos, delineou-se na cidade de São Luís um mundo elegante e afrancesado, com a inauguração de locais de diversão, dentre os quais, cafés, confeitarias, *clubs*, cinema, teatro, além do *footing* nas ruas e praças da cidade. Segundo Susan K. Besse, que estudou esse mesmo processo de criação de espaços de sociabilidade pública em São Paulo, a comercialização desses espaços de lazer teve como um dos impactos a transformação das “mulheres produtoras em consumidoras de diversão, introduzindo novos padrões de interação social”<sup>590</sup>. Todavia, em São Luís, assim como em outras capitais como Teresina, por exemplo<sup>591</sup>, os jornais nos apresentam uma demanda por adaptar os cidadãos a frequentarem esses locais com mais assiduidade. O *Registro Elegante* de *O Jornal*, de 1917, nos apresenta como os colunistas dos jornais tentavam rearranjar a vida em São Luís e declara: “Nós ainda não nos acostumamos a sair... Temos, no entanto, magníficas praças como a Deodoro e Gonçalves Dias e a João Lisbôa. E, apesar disso, não temos ainda o nosso dia de avenida. Mas já deveríamos tel-o, dado o grau de adiantamento de nossa gente”. O maranhense quando sai

---

<sup>587</sup>SOUZA, op. cit., p. 151.

<sup>588</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 134.

<sup>589</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 77-79.

<sup>590</sup>BESSE, op. cit., p. 24.

<sup>591</sup>Pedro Vilarinho Castelo Branco aponta que somente em 1914, Teresina passou a contar com um passeio público na Praça Rio Branco. Esse local tornou-se um dos principais pontos de convivência social na cidade. CASTELO BRANCO, op. cit, 2005. p. 55.

de casa, segundo o articulista, nunca diz, como é elegante: “vou á avenida”; mas, às pressas, com “o dedo pela testa e deixa cair o suor”: “Vou lá em baixo e volto já. Tenho muito que fazer hoje, credo lá”. Já na praça ou na Praia Grande, os rapazes aparecem “é á noite ás portas dos cinemas e dos cafés. Que vida!”<sup>592</sup>. E o articulista clama:

Façamos, pois, o nosso dia de avenida. Pelo menos ás quintas-feiras, saímos de casa para o reboiço das ruas. Corramos as nossas vitrines, as lojas de moda mesmo sem nada comprar, a exemplo das belas cidades civilizadas. Porque o chique está em sairmos, vir para o sol, embriagarmo-nos na sua luz gloriosa e forte. A praça João Lisbôa bem que se oferece. Tenhamos, pois, a iniciativa e, quinta-feira próxima, que a praça se apinhe de gentis patrícias num belo e elegante passeio. Acostumemo-nos a fazer avenida, quando outra coisa mais não façamos.<sup>593</sup>

Segundo Fraya Frehse, “a rua é a mediação de padrões de sociabilidade, objetos, e personagem [...]”<sup>594</sup>. O que nos faz perceber que por mais que houvesse circulação de pessoas nas ruas, cafés, cinemas, entre outros locais de diversão, havia a prerrogativa de tornar São Luís uma capital aos moldes ditos “civilizados”, baseados no modelo europeu e em outras capitais do país, especialmente Rio de Janeiro. Daí a demanda pela modificação da “essência” que levava os cidadãos a irem às ruas, no sentido de alterar o contato com estas, ou seja, se até então se saía apenas para resolver ou comprar algo rapidamente, agora o sair às ruas, especialmente para as mulheres, se dava com o intuito de se passear vagarosamente por elas, observando as vitrines, os transeuntes e, certamente, sendo observadas e, conseqüentemente, avaliadas pelos seus modos e vestimentas. E incentivar a população a sair às ruas e caminhar nas praças, entre outros espaços, constituía-se de suma importância para aqueles que se queriam “elegantes”, o estímulo a ir às ruas, às praças, às compras ou olhar as vitrines, cada uma dessas atividades operava como “mediação para concepções específicas a respeito do espaço”<sup>595</sup>, funcionando ou não como local de exibição de elegância. Podemos observar, no registro acima, que até mesmo a forma de falar, de se expressar, no ato de ir às ruas da cidade deveria ser compatível com o que era considerado elegante, o “dia de avenida”.

Os anúncios das lojas incentivavam igualmente esse passeio nas ruas por meio de jornais e revistas. A loja *Notre Dame*, por exemplo, em anúncio no jornal *Diário do Maranhão* de 1910, inicia sua chamada informando: “DAS VITRINES de Paris, de Vienna e de Hamburgo”, sugestionando a possibilidade de os fregueses poderem olhar as vitrines desses países em São Luís, ao visitar ou apreciar as vitrines da dita loja. Em seguida, discorre o convite convidando os seus fregueses a visitar o seu estabelecimento, situado na Praça João

<sup>592</sup>Registro Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 2 jul. 1917.

<sup>593</sup>Registro Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 2 jul. 1917.

<sup>594</sup> FREHSE, op. cit., 2005. p. 30.

<sup>595</sup>Ibid. p. 169.

Lisboa, para apreciar “o que de melhor e mais chic e moderno havia na Europa, em objetos de luxo”<sup>596</sup>. Convites dessa natureza são frequentes nos jornais, principalmente para inauguração de lojas, em que os anúncios convidam as “Exmas Famílias” para visitá-las, com o fim de conhecer os variados sortimentos de artigos para homens, senhoras e crianças, solicitando que “façam o favor de nos distinguir com a sua presença em nossa loja”.<sup>597</sup> É evidente que os anúncios visavam à venda das mercadorias, todavia o direcionamento dos convites para visitá-las era para um público-alvo afim com o luxo e com as novidades da moda e que trouxesse, usando as palavras do anúncio, distinção pela sua presença na loja. Enfim, ao mesmo tempo que os anúncios incentivavam as famílias a estarem nas ruas olhando as vitrines e visitando as lojas, aquelas lojas também se diferenciavam com aqueles que as visitavam, pois eram famílias distintas que iam lá ou pelo menos eram convidadas a ir.

As jovens eram as mais convocadas a circular na cidade, e os jornais viabilizavam o tom elegante evidenciado pelas moças ao passearem nas ruas da cidade; “moças que tinham, impostas pelo requinte delicioso da moda, de ir as compras, se deixaram ficar em casa pachorrentamente ao (crochet)”<sup>598</sup>. Face à intervenção, direta ou indireta, dos jornais nas várias esferas da vida social<sup>599</sup>, “algumas senhoritas e vários rapazes quebraram a sonolência preguiçosa das nossas avenidas com a sonoridade alegre dos rizitos travessos”.<sup>600</sup> Dessa forma, a cidade parecia ser embalada pelo movimento dos seus cidadãos trilhando pelas ruas, como mostra o registro da coluna *Hontem*, assinada por *Dulcidio*, do dia 28 de março de 1917, do *O Jornal*: “Aproximam-se as noites deliciosas do ‘footing’ as praças Gonçalves Dias e Deodoro”. E as moças e senhoras estavam lá observando e sendo observadas; avaliando e sendo avaliadas.

Segundo *Euclides Faria*, as reuniões e passeios nas praças eram constantes. Ao narrar os encontros na Praça dos Remédios, diz: “todas as noites, compadre, seja bom tempo ou não seja, no canto junto à igreja, debaixo do lampião, n’uma grande reunião vê-se prova do que digo”. Provava, o autor, que aqueles que frequentavam as reuniões na praça estavam adornados com o “chiquismo” da moda:

O *Rocha*, que é meu amigo,  
me apresentou nessa roda,  
onde o *chiquismo* da moda  
no maior grau se revela;

<sup>596</sup>As Vitrines. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 17 ago. 1910.

<sup>597</sup>A Exposição. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 17 jan. 1910.

<sup>598</sup>Dulcidio. *Hontem*. **O Jornal**, São Luís-MA, 30 mar. 1917.

<sup>599</sup>Buscamos metodologicamente perceber a imprensa como “linguagem constitutiva do social”, desvendando as relações “imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição que esta relação propõe”. CRUZ; PEIXOTO, op. cit.

<sup>600</sup>Dulcidio. *Hontem*. **O Jornal**, São Luís-MA, 28 mar. 1917.

seja azul ou amarela  
 a cor de qualquer vestido  
 que as moças todas ostentam  
 no grupo ali reunido,  
 é sempre, caro compadre,  
 com gosto que se apresentam,  
 com seus requifes bordados  
 com finas rendas nos folhos,  
 nos dedos sempre enfiados  
 brilhantes de encher olhos.<sup>601</sup>

Continuando a narrativa do passeio na Praça dos Remédios, explicita:

Não se vê lá, meu compadre,  
 um só vestido de chita,  
 porque Dona *Benedicta*,  
 que usa comprida saia,  
 tinha um dia um de cambraia,  
 todo enfeitado de fita;  
 e a própria Dona *Joaninha* [...]   
 trajava no mesmo dia  
 um vestido em que se via  
 um laço preto na manga,  
 com mais um grande na *tanga*.<sup>602</sup>

As roupas das mulheres eram o destaque da sua presença e para além disso a distinção com que se vestiam; o “chiquismo” com que se vestiam dava o sentido diferenciador daquelas mulheres que passeavam na Praça dos Remédios. Então, para identificar aqueles que faziam parte da “alta roda” ludovicense, o autor se utilizava da vestimenta daqueles que estavam na praça, considerando que a roupa funcionava como uma fronteira distintiva perspicaz. Uma das maneiras de descrever de forma mais nítida quem possuía recursos financeiros altos ou baixos, ou pelo menos aparentá-los, era através da roupa. Por exemplo, ao descrever o traje de uma mulher pobre, esta era sempre apresentada usando “chita”, como ironizado acima por *Euclides Faria*; tecido considerado de baixa qualidade. Também *Nascimento de Moraes*, ao descrever os seus personagens que viviam em São Luís, detalhava o vestir para evidenciar ou a pobreza ou a riqueza, como é o caso da mãe de Oliver, Andreza, que “trajava um vestido inferior de chita ramalhuda, que ela enrolava como toga, em volta do corpo, prendendo a ponta debaixo do braço. Desconcertara-se-lhe o penteado na cabeça; corria-lhe o suor pela fronte bronzeada e pelo pescoço quase nu”.<sup>603</sup> Muito diferente dos trajes dos homens e mulheres que eram descritos por *Euclides Faria* nos passeios na Praça dos Remédios.

O vestir-se para passear na praça era uma preocupação, porque aquele constituía-se um momento de tamanha demonstração do “estar à moda” que havia uma comissão dos

<sup>601</sup>FARIAS, op. cit., p. 104.

<sup>602</sup>Ibid., p. 105.

<sup>603</sup>MORAES, op. cit., p. 41.

passeios à Praça João Lisboa, que, além de comentar no jornal *A Avenida* acerca do movimento na Praça, oferecia “prêmio mensal à senhorita que mais singelamente trajada se apresentasse nesse passeio”. Segundo *D.B.*, articulista que possuía coluna que tratava da movimentação da Praça nesse jornal: “[...] todas se apresentaram singelamente vestidas” e explica que o singelo é “dentro dos limites do bom gosto e das regras de higiene”<sup>604</sup>, esse último lembra o Capítulo anterior. Os usos dos artigos “à moda” eram retratados pelos articulistas, como no artigo intitulado *O Chapéu*, do jornal *A Novena*, assinado por *C.C.*, em que o(a) articulista descreve, em um passeio, a variedade de chapéus que ornavam a cabeça das ludovicenses, “as nossas formosas patricias”. Segundo o(a) articulista, havia chapéus de todos os formatos e tamanhos: “uns colocados no alto da cabeça, outros enterrados demais; e, quase todos, amarrados por uma fitinha passada sob o queixo”<sup>605</sup>. Mais uma vez o traje se apresenta como basilar na observação das moças e senhoras que estavam presentes nos passeios a praças e eram suas roupas que lhes inseriam no contexto desses passeios.

Nas praças também ocorriam alguns momentos do carnaval. Havia, por exemplo, as tardes carnavalescas na Praça Deodoro, com a corrida de camelo e as tardes na Praça João Lisboa, o curso “que promete o maior brilhantismo dado o entusiasmo que há despertado nas nossas rodas chiques”<sup>606</sup>. E era também um momento de concorrência das indumentárias carnavalescas.

---

<sup>604</sup>*D.B.* Retas e Curvas. *A Avenida*, São Luís-MA, 10 out. 1909.

<sup>605</sup>O uso da fita amarrada no queixo está vinculada ao passeio na praça, onde possivelmente os ventos derrubariam os chapéus. Todavia, é importante ressaltar que o chapéu com a fita amarrada no queixo, segundo João Braga, consta no início do XIX, período que ele chama de Romantismo (1820-1840), na Europa. BRAGA, op. cit., p. 62.

<sup>606</sup>O carnaval. *Estado*, São Luís-MA, 10 fev. 1915.

Figura 24 - Maranhão – As festas de carnaval – Phot. Amador-J. Faria.



Fonte: Revista do Norte, São Luís-MA, fev. 1903.

É notório que os textos de jornais e revistas, os bailes de carnaval, tanto das praças quanto dos clubes não tratavam diretamente das mulheres, apesar de as lojas focarem no período do carnaval os tecidos e cores que denotavam elegância das fantasias e das vestimentas femininas, mas o aspecto chique de qualquer componente da vestimenta era, então, muito importante. Na imagem acima, apesar da pouca nitidez, é possível visualizar mulheres e seus vestidos longos e acinturados. Portanto, cruzando os textos e a fotografia, além dos anúncios de tecidos considerados requintados, podemos inferir a presença feminina nesses espaços e o uso das roupas como forma de distinção, na medida em que as apresentações do carnaval ocorridas nas praças contavam com a participação de todas as

camadas sociais da população<sup>607</sup>. O jornal *A Rua* nos apresenta uma crítica, em forma de poema, intitulado *Aphorismos*, quanto ao vestir feminino no carnaval:

Estamos no carnaval  
Vamos, pois nos mascarar  
Por isso, o nosso jornal  
Hoje só quer criticar

Toda moça que na moda  
Gosta de apertada andar  
Essas não entram na roda  
Porque não posso aturar [...] <sup>608</sup>

Os versos acima nos mostram como “estar na moda”, mas na moda considerada vulgar para o uso no carnaval, não necessariamente significava “entrar na roda”. Este termo pode ser as rodas de brincadeira de carnaval, como também nas rodas da alta sociedade. As colunas de moda e os figurinos traziam imagens daquilo que as mulheres ludovicenses deveriam usar no carnaval, enfim, daquilo que era possível “aturar” para o uso no carnaval, como mostra a imagem abaixo.

---

<sup>607</sup>É importante ressaltar que por mais que haja uma demanda pela participação dos cidadãos no carnaval, havia manifestações carnavalescas consideradas incivilizadas e as civilizadas, essas últimas eram aquelas de ligação branco-europeias burguesas.

<sup>608</sup>Aphorismos. *A Rua*. São Luís-MA, 9 fev. 1915.

Figura 25 - A moda d' revista



Fonte: Revista do Norte, São Luís-MA, 1 fev. 1902.

Observamos que a imagem anterior nos apresenta fantasias rebuscadas, com vários detalhes em seus cortes, tecidos e adornos, ressaltando o luxo dessas fantasias, as quais, possivelmente, eram copiadas de figurinos, presentes em revistas e jornais que circulavam à época em São Luís, chegadas do Rio de Janeiro e da França. Conforme Gilda de Mello e Souza, em análise acerca da oposição das classes através dos sinais exteriores tal como a vestimenta no século XIX, as modas podiam ser copiadas por todas as classes e “a distinção

econômica do luxo cede lugar à distinção estética da elegância”<sup>609</sup>. Portanto, nos bailes da época quanto mais luxuosas e elegantes fossem as fantasias, mais prestígio teria aquele(a) que as vestia. Na coluna *A Moda*, assinada por *Helena*, tratando sobre as fantasias, ela diz às leitoras: “Idealizemos, não sob a rijeza material dos figurinos os nossos costumes para os bailes incomparáveis do Cazino e para as noites inesquecíveis do F.A.Club e do Luso”, mas “deixemos que a nossa imaginação fértil se alcandore, e do cadinho do cérebro surjam vestes maravilhosas com que havemos de impressionar os *Pierrots*” que descreviam nas crônicas dos jornais o “traço exterior das nossas formas, ainda mais impressionantes pelo mistério da máscara”<sup>610</sup>.

A primeira observação é o tom distintivo dado aos bailes citados pela autora do artigo e, portanto, daqueles que os frequentavam. A segunda, que está diretamente ligada à primeira, tem relação com a preocupação das mulheres, especialmente da elite, com o “ser visto”, com o estar vestido para ser descrito nas crônicas dos “*Pierrots*”, e claro, que seu traje exterior fosse elogiado, o que lhes dava prestígio, no sentido de capital simbólico, como atesta Pierre Bourdieu.<sup>611</sup>

Como afirmado acima, os figurinos e as colunas que tratavam da moda se espalhavam e circulavam pela cidade, via jornais e revistas. Tal perspectiva é bem lembrada no artigo intitulado *Nuanças*, de *O Estado*, assinado por *M.*, ao narrar a conversa da jovem A., no bonde, mostrando-se muito entendida em perfumes e flores, música e teatro, dando a uma amiga uma completa lição de coisas femininas “bebidas na ‘*La femme chic á Paris*’ e na ‘*Les grandes modes*’”. Falava de Paris como polo da moda do momento e descrevia quais roupas e acessórios estavam em voga – das blusas modernas (mangas, palas, dragonas e sutaches) a maquiagens.<sup>612</sup> Essa conversa descrita por *M.* funcionava como um registro da circulação e da leitura desses manuais de vestir a que se tinha acesso em São Luís.

Para além disso, no registro anterior consta a lembrança do bonde<sup>613</sup>, “poderoso índice de urbanização, transformação tecnológica e ampliação do espaço público”<sup>614</sup>, que funcionava como condução pelos cidadãos, logo, era também frequentado pelas mulheres.

<sup>609</sup>SOUZA, op. cit., p. 134.

<sup>610</sup>Helena. *A moda*. **O Jornal**, São Luís-MA, 8 fev. 1923.

<sup>611</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 139-151.

<sup>612</sup>M. *Nuanças*. **O Estado**, São Luís-MA, 26 jun. 1915.

<sup>613</sup>Os bondes eram símbolos do progresso republicano, mas diante do quadro de pleno descaso com os serviços públicos de São Luís, somente passaram de bondes puxados a burros inaugurados em 1872 para bondes elétricos no final de 1924. A Companhia Ferro-Carris foi a empresa responsável pelas obras de instalação dos trilhos de ferro para o tráfego do bonde. A saída deste dava-se do Largo do Palácio, passando pelo caminho Grande, até o Cutim. PALHANO, op. cit., p. 300.

<sup>614</sup>SEVCENKO, op. cit., v. 3. p. 526.

Todavia, a presença das mulheres no bonde ainda causava certo tom de curiosidade pelos narradores das crônicas da cidade, que tratavam de mostrar o seu semblante e aquilo que elas vestiam. *Juca*, no registro *Hontem*, narra o momento em que viu “Mlle I...” e disse: “hontem, á tarde, tomou o bonde, trajando um belo costume escocês, meditativa, como a se recordar d’alguém que se encontra ao longe”. E continua a narrativa: “elegante como bem poucas, pernas cruzadas, num todo artístico, conduzindo ‘o doirado do sol nos cabelos e um trecho do céu nos olhos’, passou por mim, ali á praça João Lisboa, (no bonde) e cumprimentou-me com um leve mancar de cabeça”.<sup>615</sup>

É notório que o cronista queria deslocar o olhar do(a) leitor(a) para a conduta da mulher no bonde, o que se resumia à roupa que vestia e ao seu comportamento, ao cruzar das pernas e ao cumprimento, além do foco na sua beleza física: cabelos, olhos e pernas. Concordamos com a análise de Mônica R. Schpun a respeito do aparecimento das mulheres mais abastadas na cena pública, em que a autora afirma que se tornava crescente a exposição dos corpos femininos na cidade, e vários eram os discursos de admiração que envolviam a presença das mulheres nas ruas, lojas, nos mais diversos espaços de sociabilidade. Porém, essa “ocupação da praça pública” estava longe de corresponder à experiência masculina, continuando certo embaraço, ou melhor, certo tom de surpresa ou admiração ou desapontamento a presença das mulheres nas ruas da cidade<sup>616</sup>, como é o caso da narrativa de *Juca*, no admirar em seu registro a passagem de uma mulher no bonde.

O teatro, no caso o Teatro São Luiz, considerado outra “fonte de assimilação dos mandamentos sempre fugazes do gosto”<sup>617</sup>, espaço já considerado distintivo e frequentado pelas camadas mais abastadas, também era frequentado pelas mulheres, além de ser um local em que os(as) frequentadores(as) concorriam pelo melhor vestir. Tal fato é observado em uma coluna do jornal chamada *Chroniqueta*, de 23 de março de 1910, constante no jornal *Correio da Tarde*, no qual o cronista narra um pouco da euforia e ansiedade dos ludovicenses com o anúncio de que a Companhia Miranda viria do Pará para trabalhar em São Luís. O próprio cronista declara que mandou “preparar um terno novo destinado somente às *soriées* teatrais” e que ele sabia que outros haviam tomado as mesmas providências. Os lojistas, segundo o cronista, também tomaram suas providências, “fizeram encomendas urgentes de artigos da utilíssima moda [...] para a estação teatral e gentis senhoritas tinham já feito aquisições de

<sup>615</sup>Juca. *Hontem*. **O Jornal**, São Luís-MA, 14 mar. 1918.

<sup>616</sup>SCHPUN, op. cit., p. 75-77.

<sup>617</sup>SEVCENKO, op. cit., v. 3, p. 538.

ricas blusas para melhor brilharem nas festivas noites das representações”. Todo esse preparativo foi em vão, pois a Companhia Miranda cancelou a vinda a São Luís.

De todo modo, o que nos apresenta essa crônica é a preparação que os ludovicenses tiveram para esperar a Companhia: uma preparação focada principalmente no vestir. Jerônimo de Viveiros já lembrava-a no final do século XIX, deixando entrever as predileções e os usos dos elementos de moda da elite ludovicense, que se preparava totalmente para a chegada das peças de teatro na cidade. Homens e mulheres da elite procuravam os melhores alfaiates, as melhores costureiras e cabeleireiras para se apresentarem na plateia do teatro. Ao tratar da elegância que a elite portava para frequentar o teatro, Jerônimo de Viveiros diz que “o teatro tem dupla atração: a do palco e a da plateia. Aquele provoca emoções, esta fornece admiradores para os vestidos, os penteados e jóias”.<sup>618</sup>

O cinema também era frequentado pelas mulheres e elas eram observadas por via daquilo que usavam na sua ornamentação externa. O uso do chapéu pelas ludovicenses, por exemplo, foi lembrado e também alvo de críticas em artigos de alguns jornais. Em artigo intitulado *Matizes*, do jornal *Diário de São Luiz*, é descrito: “Temos cada uma extravagância que escapa até ao mais rotineiro dos povos”. O autor do artigo, de rubrica *Siro*, remete esse comentário aos abusos cometidos pelas ludovicenses quanto ao uso do chapéu. Segundo ele, nos grandes centros a moda feminina era exagerada, mas algumas coisas são cuidadas como o uso do chapéu nos bailes, teatros, casamentos, etc. As “galantes” usavam o chapéu nesses locais, ao chegar retiravam-no e o colocavam em uma sala para esse fim, para com isso não incomodar quem quer que fosse de ter o direito de ver tudo sem o chapéu da madame interceptando o cenário<sup>619</sup>. Mas em São Luís tal conduta não ocorria. *Siro* informa como era ir ao cinema Eden:

[...] é o martírio de quem vai ao Eden, cada chapelão assim... deste tamanho. Si eu fosse ministro de segurança, em dois tempos acabaria com isso. Muito simplesmente, baixava um edito nos seguintes termos: - Eu (seguia-se o titulum) proíbo o uso dos chapéus no éden, porque estão atentando contra os bons costumes e a tranqüilidade dos espectadores, e, para evitar atentados á ordem, toda aquela que transgredir, será sumariamente <desenchapelada>.<sup>620</sup>

Por mais que o autor esteja fazendo uma crítica ao uso incorreto dos chapéus, ou melhor, aos abusos em relação ao uso do chapéu em certos locais, observamos também que as mulheres ludovicenses aderiram a esse acessório, distintivo à época, como apontado em tópicos anteriores, e que ele fazia parte do conjunto do vestir delas, principalmente nos locais

<sup>618</sup>VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3. ed. São Paulo: AML/ALUMAR, 1999. p. 74.

<sup>619</sup>Siro. *Matizes*. **Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 3 jun. 1922.

<sup>620</sup>Siro. *Matizes*. **Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 3 jun. 1922.

públicos. E, para além disso, essas mulheres eram observadas e avaliadas nos modos como usavam os acessórios que compunham o vestuário.

Os clubes que existiam na cidade comumente ofereciam festas e estas também eram frequentadas por moças e senhoras. Segundo o articulista, no clube F.A.C. houve um baile que “parecia-nos estar em centros mais cultos afeitos às evoluções da moda e do bom-gosto”. Quanto às mulheres que lá estavam, ele comenta: “Pelo patio de *croquet*, na policromia de flores e porcelanas, espalhavam-se as mesas para o *five-o-clock*; nas arquibancadas, senhoras e senhoritas, a fina flor da nossa sociedade elegante, emprestavam ao recinto graça e enchiam de poesia a tarde [...]”. Esse baile nos deixa pistas de que a elegância à qual as camadas abastadas ludovicenses estavam buscando moldar-se perpassava pela moda e pelo “bom gosto”.

Ainda sobre as reuniões que ocorreram no clube F.A.C., no dia 19 de maio de 1919, o *O Jornal* noticia uma *soirée* que ali aconteceu e nota: “A elegância deu mãos á alegria e fizeram da *soirée* de sábado no F.A.C. uma festa encantadora [...]”, em que teve os seus salões repletos “do que de mais seleta conta a nossa sociedade”. O articulista da nota lista as pessoas presentes, *mesdames* e *mesdemoiselles*, na festa e, após citar os nomes daqueles(as) que lá estiveram, comenta “que não podia ter deixado de ser altamente *chic* a *soirée* do F.A.Club, visto como a ela compareceu a alta essência da nossa elegância feminina[...]”<sup>621</sup>. É, pois, visível a presença feminina nos diversos locais de diversão da cidade, contudo é notório também que estar nesses locais significava fazer parte de um grupo, a elite, e acompanhar as mudanças da moda, como sugere o articulista, fazia parte dessa afirmação do *status* dessa classe<sup>622</sup>, tendo em vista que os códigos de representação do vestir impõem uma “gramática de reconhecimento”<sup>623</sup> por meio dos significados distintivos imputados àquilo e àquele que os adotava, por considerá-los elegantes e de bom gosto.

Outros bailes ocorriam na cidade em diversos clubes, principalmente: Club Guarany, Fin Seécle, Club Euterp, Petit Club, Smart Club, Jeunesse Club, Cazino, Phenix Club, Luso, Fenix Club, Rag time Club, além do próprio F.A.Club, tornando os jornais recheados de notícias do que neles ocorriam. Era nos bailes e nas festas que a preocupação com o estar bem vestido, especialmente à maneira francesa, se apresentava com maior nitidez, visto que, também, nos momentos festivos os olhares estavam mais atentos, o que resultava

---

<sup>621</sup>No F.A.C. *O Jornal*, São Luís-MA, 19 mai. 1919.

<sup>622</sup>Maria do Carmo Teixeira Rainho no livro “A cidade e a moda” já aponta que a moda representava a possibilidade de afirmação na “boa sociedade” para o Rio de Janeiro no século XIX. Ver: RAINHO, op. cit., 2002, p. 138.

<sup>623</sup>ROCHE, op. cit., p. 126.

em avaliações que davam os significados contidos naquilo que era usado. É do que, mais precisamente, trataremos nos dois próximos tópicos: das festas nos lares e das festas religiosas, adiantando que no primeiro formato de festa (nos lares) a distinção se dava pelo cruzamento das vestes com o ideal de luxo presente também na habitação e organização da festa e no segundo formato de festa (das Igrejas), a distinção se dava pelo cruzamento de um ideal de mulher angelical, recatada, doce, com as vestes.

### 3.2 “Lares Em Festa”

- Quem guardou meu chapéu?
- Quem viu minha manta?
- Já me levaram a bengala!<sup>624</sup>

Essa era a representação satírica das despedidas dos bailes particulares promovidos na cidade, nos quais a confusão se estabelecia por não saberem onde estavam os chapéus, as mantas, as bengalas, cujas semelhanças originavam baralhadas difíceis de resolver. Narrada por *Nascimento de Moraes*, a despedida de um baile de aniversário da filha do Machado ocorrido na capital, por mais que a cena nos revele o uso desses adereços pelas camadas abastadas ludovicenses, observamos também a partir do alvoroço da saída dessa festa tanto o oferecimento de tais festas como a participação daqueles que queriam ser vistos (e lembrados) nelas. O próprio anfitrião era um desconhecido que por uma sorte ficou rico<sup>625</sup>, e por isso tinha que oferecer bailes para apresentar sua filha e família para a “sociedade”, no intuito de ocupar um lugar no *metier* da alta sociedade, passando pelo crivo desta, na expectativa do “juízo que a alta sociedade fazia do português rico e considerando que naquela noite abria seus salões à expansão de sua alegria e da alheia”<sup>626</sup>.

É interessante salientar que, apesar da decadência da lavoura do algodão, do endividamento em empréstimos para fabrico do açúcar, da venda de escravos para São Paulo e Minas no século anterior (XIX) e do progressivo desmantelamento das fábricas que se instalaram na cidade na virada para o século XX, “não arrefeceram a euforia do antigo bem

<sup>624</sup>MORAES, op. cit., p. 83.

<sup>625</sup>Machado era português, mas não rico. Ficou rico após ter ido em uma mercearia na Praia Grande comprar latas de manteiga e ter dentro delas encontrado cédulas de dinheiro empacotadas que somavam 80 contos. Depois disse tornou-se diretor de banco e casou-se com filhas de fidalgas famílias de São Luís. Ibid., p. 70-71.

<sup>626</sup>Ibid., p. 73.

estar, da passada riqueza da elite maranhense e o esforço na assimilação dos costumes e projetos de modernização da Paris burguesa e neoclássica<sup>627</sup>.

Nesse sentido, os bailes particulares se faziam necessários para a apresentação da assimilação daquilo que era considerado “*chic*”. Na subseção *Registo Elegante*<sup>628</sup>, que se inicia em maio de 1917, rubricada por *Petronio*, da seção *Crônica Social* de *O Jornal*, que circulou em São Luís de janeiro de 1915 a março de 1923, observamos a investida do articulista em mostrar a importância do oferecimento dos bailes pelas famílias maranhenses. Essa subseção foi criada justamente para dar conta dos acontecimentos sociais que ocorriam na capital maranhense. Nas palavras do articulista, se tornou “imprescindível [...] o registo dos fatos que marcam a evolução do nosso meio social”, tendo em vista que as pequenas notícias do modo como eram editadas no jornal não estavam mais nos “moldes da vida elegante da nossa ‘*jeunesse dorée*’<sup>629</sup>”. Daí, segundo *Petronio*, fazia-se necessário uma homenagem, “pujante e forte” ao “mundo *chic*”, “às nossas encantadoras patricias, à nossa fina rapaziada, tão simples e a um tempo tão elevada na sua simplicidade, tão harmoniosa no seu conjunto”. Assim, o jornal tinha como encargo informar os leitores sobre as festas a se realizarem, os aniversários, as comemorações íntimas, os noivados, as bodas, as recepções, enfim, todos os acontecimentos que “povoa[vam] com as suas alegrias o lar da Família Maranhense”.<sup>630</sup>

Continuando a investida na importância do oferecimento dos bailes em São Luís, o articulista inicia um outro artigo tratando da chegada do verão na cidade, proporcionando “dias longos e luminosos, de noites, em que o céu tressua miríades de lantejoulas magníficas” e com essa “áurea de brilhante” o autor manifesta a urgência de uma “reforma em nossos hábitos, que se instituem as nossas recepções”. Segundo *Petronio*, era necessário criar “os lindos e atrativos serões”, em que a “arte de perfeita ‘*menagere*’<sup>631</sup> se torna em foco pela elegância de sua habitação”<sup>632</sup>, observando a centralidade da mulher, a recepção da casa, pois receber visitas era de suma importância para uma dona de casa de elite. Logo, ela deveria

<sup>627</sup>Quando Maria de Lourdes Lauande Lacroix fala do “antigo bem estar”, se reporta ao auge da exportação de algodão produzido no Maranhão que deu bases à vida de fausto de muitas famílias em São Luís em meados do século XIX. LACROIX, Op. cit., 2012, p. 229.

<sup>628</sup>Ficou no lugar da subseção *Hontem*, saindo as quartas e sábados no mesmo jornal.

<sup>629</sup>Juventude duradoura.

<sup>630</sup>*Petronio*. *Registo Elegante*. **O Jornal**, São Luís-MA, 2 mai. 1917.

<sup>631</sup>Tradução: Dona de casa.

<sup>632</sup>*Petronio*. *Registo Elegante*. **O Jornal**, São Luís-MA, 14 mai. 1917.

possuir maneiras ditas corretas de receber, pois o trato como mulher, ao receber suas visitas, era um diferencial dentro de uma sociedade que pretendia demarcar seus espaços.<sup>633</sup>

Esses apelos à abertura dos salões das residências dos ludovicenses estão relacionados aos usos dos cômodos das casas no final do século XIX. Segundo Carlos Lemos, as alterações no espaço doméstico dos anos finais do século XIX estão vinculados “ao novo critério de circulação dentro de casa” e “aos novos modos de superposição de atividades dentro de um mesmo cômodo”. Desse modo, o que caracterizava uma casa remediada ou rica à época, segundo o autor, era o “morar à francesa”, que significava a divisão da moradia em três zonas: a de estar e receber, a de repousar e a de serviço. Ainda de acordo com Carlos Lemos, a “área de estar e receber” era a sala, a qual os moradores, anfitriões, abriam para receber seus convidados. Essa sala, até meados do século XIX, era uma sala vazia, sem muitos móveis, “a grande sala das redes e dos vasos de avenca”. Com tal separação “tornou-se aberta a todos devido aos novos modos de convivência, à etiqueta [...] que abriu a varanda para jantares com convidados de outras famílias”. Os novos inventos também contribuíram para o “devassamento dessa área familiar a estranhos”, como é o caso da iluminação<sup>634</sup>.

Em São Luís os prédios coloniais adaptaram-se a essa demanda e a respeito deles, Eurico Teles de Macedo<sup>635</sup> refere que eram

[...] bem arejados, dotados de magníficas áreas abertas no seu interior, servidos de varandas e varandões bem iluminados pelos raios do sol dos trópicos, com peças espaçosas, sem cubículos ou cafuas, de belo aspecto exterior [...] e no interior, perfeita adaptação do conforto ao gosto sóbrio e mesmo elegante dos seus habitantes.<sup>636</sup>

Conforme o memorialista, as edificações eram classificadas em quatro tipos e exprimiam a situação econômica daqueles que os habitavam ou mesmo seu grau de importância política e social. Atentaremos para a moradia do grupo a que nossa análise está voltada: a elite ludovicense. O mesmo autor relata que a morada mais distinta era a de dois pavimentos e às vezes “encimado por um mirante disposto em simetria rigorosa com a

<sup>633</sup>Camila Ferreira Santos Silva aponta que um dos mecanismos para a assimilação dos comportamentos sociais ditos corretos nos espaços sociais em São Lus se deu a partir da leitura dos manuais de etiqueta e civilidade, com a chamada “educação de salão”. Ver: “A Mulher deve ser Bela, deve ter Graças e Encantos”: educação de salão na São Luís republicana (1890-1920). UFMA, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal Maranhão, São Luís, 2011.

<sup>634</sup>LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, v. 1, n. 1, p. 96-306, 1993. p. 103-105.

<sup>635</sup>Eurico Teles de Macedo foi um engenheiro que veio ao Maranhão, quando da construção da estrada de ferro São Luís Caxias, em 1906, para nela trabalhar. O Livro “O Maranhão e suas riquezas” foi publicado pela primeira vez em 1940 e é uma descrição de dados sobre as possíveis potencialidades do Maranhão, tratando de aspectos físicos, da constituição étnica, do comércio, da lavoura, etc. MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001.

<sup>636</sup>MACEDO, op. cit., 2001. p. 23.

fachada do edifício”<sup>637</sup>. Segundo sua descrição, havia uma entrada central com “um vasto e iluminado hall, pavimentado em ladrilhos de mármore e algumas vezes em seixos ovóides”, que dava acesso ao pavimento superior, em geral por uma “suavíssima escada central”. O pórtico era de estilo romano, de pedra de Lisboa ou da Itália e, ao lado do pórtico, havia duas janelas do mesmo estilo. O interior do prédio era servido por uma área para arejamento e luz interior, rodeada de varandas nos quatro ângulos. “Nesse solar nada faltava do que pudesse ser necessário a uma família de exigente tratamento.”

Para o momento das “exibições”, a disposição da casa era reorganizada, passando de útil a fútil<sup>638</sup>, segundo Maria de Lourdes Lauande Lacroix: de “um lado da varanda, a mesa de jantar e de doces e num canto, um botequim improvisado, mais frequentado pelos rapazes. Salas eram destinadas a dança e para o jogo de cartas, preferida pelos senhores habituados a esse tipo de vício”<sup>639</sup>. A decoração, para as recepções, era compatível com os ditos hábitos da elite ludovicense que se dizia afrancesada<sup>640</sup>.

Nessa perspectiva, *Petronio*, continuando, enfatiza mais ainda a ligação entre o ser “*chic*” e a promoção de festas particulares nas “áreas de estar e de receber”: “Façamos, já que a nós chegou o desejo de sermos ‘*chics*’, que os nossos salões, alguns deles ‘ninhos’ desconhecidos de paciência e bom gosto, mais amiúde se iluminem e povoem com a graça de nossas patrícias e galanteio dos nossos rapazes”<sup>641</sup>. Os apelos para que os ludovicenses abrissem os salões de suas residências pareciam ter ressonância principalmente na elite e naqueles que galgavam ou queriam ter acesso a essa camada, pois eram esses sujeitos que conheciam, reconheciam e reproduziam as diferenças a partir de tais mecanismos. Em outras palavras, eram “capazes de reconhecer como significantes e interessantes” mecanismos como as festas e o “bem vestir” de seus frequentadores. E para, além disso, eram esses sujeitos que faziam com que tais mecanismos se tornassem diferenciais, porquanto tidos como significativos naquele universo social.<sup>642</sup>

Seções de outros jornais também apresentavam eventos, a saber: *Dia Social* do *Correio da Tarde*, *Festa no Lar* do *Diário de São Luiz*, *Vida Social* do *A Rua*. Os apelos jornalísticos<sup>643</sup>, contidos nessas seções, surtiam efeito, uma vez que são descritas

<sup>637</sup>Ibid., p. 24-25.

<sup>638</sup>No dizer de LEMOS, op. cit., p. 105.

<sup>639</sup>LACROIX, op. cit., 2012, p. 241.

<sup>640</sup>LACROIX, op. cit., 2008, p. 61.

<sup>641</sup>Petronio. Registo Elegante. *O Jornal*, 14 mai. 1917.

<sup>642</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 144.

<sup>643</sup>As revistas e os jornais atuam “no fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação”. Nesse aspecto, as “colunas sociais” mobilizam as famílias da elite para organizar as suas festas familiares. Sobre o uso da imprensa pelos historiadores. Ver: CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 259.

movimentadas reuniões sociais realizando-se nos “palacetes” ludovicenses, o que pudemos constatar por meio da recorrência de notas contendo comentários acerca das festas, especialmente as natalícias, oferecidas pelas famílias ludovicenses. Essas reuniões tornavam-se uma forma de projeção social da mulher e dos homens das camadas privilegiadas, que acabava por extrapolar o ambiente privado<sup>644</sup>. Os comentários evocam atenção nesse sentido, como pode ser visto nos registros a seguir:

“Está hoje em festa o lar do sr. José Barbosa de Andrade, estimado negociante da nossa praça, pelo justo motivo do aniversário natalício de sua diletta filha, a graciosa senhorita Helena Andrade, que pelos seus apreciados dotes de espírito, goza de merecida distinção na sociedade de que é ornamento”<sup>645</sup>. “Fez anos no dia 1º *mlle* Magnolia Tavares. *Mlle*, que é um dos ornamentos dos nossos salões, recebeu de suas amigas as melhores manifestações de simpatia”. “Sábado último o palacete do cel. Teixeira Leite andou novamente em festas, e estas motivadas pela galante Maria Angelica que fez mais um ano”.

“Quinta-feira desta semana faz anos *mlle* Carmelita Ribeiro. A aquilatar pelo papel de destaque que goza em nossa sociedade a aniversariante, a residência do sr. cel. Candido Ribeiro, estará repleto neste dia do nosso escol, que não perderá ocasião de testemunhar a elegante senhorita a estima em que é tida”. “O belo palacete da rua dos Afogados, 30, estará amanhã, em festas, povoando-se das mais doces e ruidosas alegrias, pelo aniversário natalício de *mlle* Sebastida Carvalho, senhora de excelentes virtudes”.<sup>646</sup> “O palacete da Família Andrade, a rua de S. João, esteve dias atrás, [...] mergulhado nas mais justas e sinceras alegrias que podem povoar um lar feliz. *Mlle* Helena Andrade, em que a nossa sociedade sabe ver um dos melhores adornos do nosso mundo *chic*, pelo motivo de seu natalício recebeu efusivas saudações de sua amigas. Durante o dia fez-se musica, e ao jantar à mesa madames drs. Alcides Pereira e Alarico Pacheco, senhoritas, Santa da Costa e Silva, Undine e Dinorah Pinho, irmãs Berlitz, Antonia e Chiquinha Domingues”.

“Logo mais, à noite, se iluminarão, as salas da elegante residência do Sr. Francisco Martins de Campos Junior, à praça d’Alegria, onde desde pela manhã sua família prodigaliza, com o trato que lhe é reconhecido, as melhores gentilezas aos amigos do infatigável membro do comércio [...]”.<sup>647</sup> Também “O lar da família Torreão da Costa encheu-se hoje de grande alegria pela passagem do aniversário natalício da gentil senhorinha Eulalia

---

<sup>644</sup>RAGO, op. cit., 2008, p. 72.

<sup>645</sup>Petronio. Registo Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 2 mai. 1917.

<sup>646</sup>Petronio. Registo Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 14 mai. 1917.

<sup>647</sup>Petronio. Registo Elegante. **O Jornal**, São Luís-MA, 5 mai. 1917.

L. Torreão, que por isso recebeu inúmeros cumprimentos de todas as suas amiguinhas”.<sup>648</sup> E ainda: “À residência do sr. Antônio Soares Silva, um dos mais belos ornamentos da nossa sociedade, encheu-se de amigos da gentil senhorita Almerinda Soares da Silva, aplicada e distinta aluna 4<sup>o</sup> anista do Lyceu Maranhense [...] nesse dia passava sua data natalícia”.<sup>649</sup>

Esses são alguns exemplos do movimento nos lares da elite ludovicense, sempre referidas a partir do nome de família. Os jornais apresentavam um tom diferenciador ao tratar das festas natalícias que ocorriam na residência dos “belos ornamentos da nossa sociedade”. Dava-se ênfase à colocação do(a) aniversariante, apontando sempre o grupo de que fazia parte: camadas abastadas. Além disso, dava-se destaque ao homem, como pai ou marido, quando no aniversário das mulheres (moças e senhoras), apesar de ser apontado que muitas eram normalistas, alunas do Lyceu, professoras particulares, etc. Como diz Elizabeth Abrantes, no início do século XX, com o fim do dote financeiro, a educação feminina funcionava como dote, isto é, a educação destacava-se como um dote simbólico na disputa do mercado matrimonial, daí o destaque nos jornais daquelas que eram normalistas, professoras e alunas do Lyceu<sup>650</sup>. E as observações a respeito das residências, chamadas “palacetes”, como iluminação, jantares, música, em suma, todo o contexto para a preparação do lar para tais eventos também davam uma entonação diferenciadora, “*chic*”.

Ainda na festa da filha do *Machado*, citada anteriormente, *Nascimento de Moraes* narra que “os convidados chegavam a pouco e pouco, a maior parte de carro. O pessoal do sereno cortava incessantemente na pele dos que entravam; falavam do moral e do físico, sob todos os aspectos, de todos os modos [...]”. O autor enfatiza que “[...] ninguém escapava a tesoura cruel e desapiedada dos grupos. Era a sociedade a bater com a mão de ferro na própria sociedade; a família a despir ali a própria família do artifício e da compostura a si mesma imposta. O Machado não escapava à censura feroz e insaciável”<sup>651</sup>. Pois não bastava ser rico para ser distinto, como vimos mencionado no decorrer da nossa análise. Na “lógica simbólica da distinção”, o diferente deve também ser reconhecido legitimamente como diferente<sup>652</sup>.

De forma irônica, *Nascimento de Moraes* narra a entrada dos convidados em casa de *Machado*. Segundo o autor, os figurões que entravam, extratados<sup>653</sup> e empoados, “uns que deviam os cabelos da cabeça, outros que eram pouco escrupulosos em seus negócios; uns que ganhavam dinheiro no jogo, outros que misteriosamente ostentavam grandezas, pois se não

<sup>648</sup>Crônica Social. **O Jornal**, São Luís-MA, 23 jul. 1916.

<sup>649</sup>Vida social. **A Rua**, São Luís-MA, 17 abr.1915.

<sup>650</sup>Mais detalhes sobre a educação como dote simbólico ver ABRANTES, op. cit.

<sup>651</sup>MORAES, op. cit., p. 73.

<sup>652</sup>BOURDIEU, op. cit., 2005.

<sup>653</sup>Era comum o uso de extratos como perfume, extrato de violeta, etc.

explicava como podiam luxar, com empregos cujos vencimentos pequeninos, não eram diretamente proporcionais, nem relativos ao que ganhavam”<sup>654</sup>. Observamos que o esforço dos falidos, mas ainda considerados de elite, em manter as aparências era grande. E a exibição se fazia através de alguns mecanismos como “recepções, festas de aniversário, casamento e outras datas significativas [...]”. A elite ludovicense, portanto, conservava-se “empenhada em manter as aparências em bailes pomposos, e causar admiração, [...] nos principais compartimento do sobrado [...]”<sup>655</sup>, exibição que apresentava para a “sociedade” quão “elegante” e “civilizada” era aquela família que oferecia ou mesmo frequentava os momentos festivos nos lares. E assim, por meio da aparência externa (do comportamento ao vestuário), cabia observar e ser observado naquilo que era considerado correto ou não dentro do padrão civilizacional em vigência<sup>656</sup>.

A propósito dessa novidade de fazer festas como indicativo de riqueza ou de manutenção de *status* da elite ludovicense, os versos por meio dos quais o cidadão *Lourenço Gomes Furtado* conta as novidades da capital a *Tibúrcio*, seu compadre, matuto, ambos criações literárias de *Euclides Faria*, que lhes deu voz para falar da sociedade de seu tempo, apresenta:

Não há lugar, meu compadre,  
cheio de tantas folias  
como nesta capital;  
tem baile todos os dias,  
que, não sei mesmo porquê,  
se chama aqui – *soirée* [...]”<sup>657</sup>

Em tom de deboche, *Euclides Faria* apresenta, além do desejo dos maranhenses de falar a língua francesa, “indicativo talvez de um sentimento de inferioridade profundo, carente de compensação”<sup>658</sup>, também a frequência de festas que se realizavam na cidade. As famílias concorriam entre si na qualidade das suas festas. *Lourenço Gomes Furtado* diz a *Tibúrcio* que só num sábado em que se encontrava na capital foi convidado para quatro festas, “foi uma lida diária”<sup>659</sup>, e conta que uma delas ocorreu na “rua da *Paz*, em casa do *Cantuarria*, onde dançavam rapazes os mais belos destes mundo, formando um grupo mimoso [...]”. Na outra dançou um “bocadinho em casa do *Manoel Pinho*, onde dançou-se tal valsa, como quem

<sup>654</sup>LACROIX, op. cit., 2012, p. 73.

<sup>655</sup>Ibid., p. 240-241.

<sup>656</sup>Lembrando que para Norbert Elias os padrões de comportamento considerados civilizados não são estanques, mas estão em andamento, em processo, e relacionam-se diretamente com as transformações mais amplas ocorridas na sociedade Ocidental. ELIAS, op. cit..

<sup>657</sup>FARIAS, op. cit., p. 38-39.

<sup>658</sup>CORREIA, op. cit..

<sup>659</sup>FARIAS, op. cit., p. 38-39.

anda e desanda [...]”<sup>660</sup> e assim continuou suas andanças pelas festas nas casas dos seus conhecidos.

Os divertimentos corriam soltos na cidade, segundo *Lourenço*, “[...] Quer de noite, quer de dia, a tanto divertimento, que há por esta cidade”<sup>661</sup>. Mais quem se arrumava e arrumava seus lares para receber os convidados. A música, a dança, o trajar eram os aspectos mais observados pelos convidados, como é o caso do *Lourenço*, que conclui de forma debochada essa constância de festas que ocorriam nas casas de seus conhecidos:

Nesta terra, meu comprade,  
tem mais baile que dinheiro;  
de dia se descança,  
e à noite, que é do socego,  
já não se dorme, se dança.<sup>662</sup>

Vale lembrar a situação econômica em que se encontrava São Luís e por mais irônico que *Euclides Faria* se manifeste através do personagem *Lourenço*, a elite não possuía condições materiais para tanto. Todavia, a garantia da circulação nesta cidade “na roda mais fina da melhor sociedade”<sup>663</sup> era mantida via tais estratégias, à medida que “a respeitabilidade das classes superiores era mantida através do consumo de bens, requinte de maneiras e imponência das moradias[...]”<sup>664</sup>. Ou seja, as representações não são discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, deferência ou legitimar escolhas<sup>665</sup> e, nesse sentido, as “tomadas de posição, objetiva e subjetivamente, estética – por exemplo, a cosmética corporal, o vestuário ou a decoração de uma casa [...]”, e, no caso da nossa análise, o entrelaçamento desses exemplos de posicionamentos estéticos, “[...] constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter”<sup>666</sup> e, as festas acontecidas nos lares funcionavam como tal, assegurando e distanciando aqueles assíduos no jogo do “aparentar ser”. E, mais ainda, o apresentar-se nessas festas “bem vestido”.

Essa função ficava patente na observação feita por *Lourenço*, personagem criado por *Euclides Faria*, quando descreve o batizado do filho do *Sardinha*: “foi uma grande festança, não pense que foi festinha, batizou-se nesse dia um filhinho do *Sardinha*; e quando foi a noitinha abriu-se o grande salão, para uma rica partida; não tinha lá confusão, era só

---

<sup>660</sup>Ibid., p. 38-39.

<sup>661</sup>Ibid., p. 45-46.

<sup>662</sup>Ibid., p. 45-46.

<sup>663</sup>Ibid., p. 45-46.

<sup>664</sup>LACROIX, op. cit., 2012, p. 227.

<sup>665</sup>CHARTIER, op. cit., 1991, p. 183-184.

<sup>666</sup>BOURDIEU, op. cit., 2007a, p. 57.

gente escolhida, gente de bem às direitas[...]”.<sup>667</sup> Mais uma vez o tom diferenciador, apresentando quem estava na festa. Na descrição dessa “festa”, *Lourenço* descreveu o luxo ali visto: “por toda parte era luxo, todo salão reluzia; a luz do gás nessa noite não era gás, era dia; na sala grande do baile tinha no lustre pregada uma grinalda de flores, por baixo dependurada. E que banquete, compadre! [...]”<sup>668</sup>.

Os detalhes dos versos das “cartas” do *Lourenço* ao seu compadre *Tibúrcio* apresentam toda a ostentação em que as famílias das camadas abastadas ludovicenses viviam. Os jornais muitas vezes também reforçavam essa estratégia representacional no momento em que divulgavam em detalhes aquilo que ocorria nos bailes particulares da elite, o que servia de modelo daquilo que era considerado e reproduzido como “*chic*” à época. É o caso, por exemplo, do “aniversário natalício, da senhorita Bellinha Sodré, distinta professora particular residente no Caminho Grande”, descrito no *Correio da Tarde* na coluna *Dia Social*. Segundo a descrição, durante o dia música e “à noite foi servida mesa de finas iguarias, trocando-se diversos brindes, ao ‘*dessert*’ [...] Terminando o banquete seguiu-se animada ‘*soirée*’ que se prolongou até às 11 horas, quando se retiraram as exmas. sras. e cavalheiros, satisfeitos, da residência da família Sodré”.<sup>669</sup>

Todos eram alvo dos olhares observadores e controladores de qualquer detalhe nos movimentos, nos gestos, nas vestes, etc., ou pelo menos dos que faziam parte daquele grupo ou que queriam fazer parte dele. O traje, então, não passava despercebido pelos que se encontravam no jogo das aparências da “vida mundana”. Sobre isso narra *Nascimento de Moares* a chegada de algumas moças na festa do *Machado*, já citada: “Ouve-se um zum-zum-zum nas rodas das moças. Chegaram-se algumas para verem de mais perto as recém-chegadas, que trajavam com distinção”<sup>670</sup>. Como diz Anne Hollander, “no próprio ato de vestir, a aparência sobrevive ao uso”<sup>671</sup>. Em outros termos, a aparência daqueles que chegavam à festa reluzia, valia mais do que o próprio uso, propriamente dito, da roupa.

*Raul de Azevedo* demonstra em *A Vida Elegante* essa articulação quando narra a ocorrência de um chá na casa da Madame Z. em que as convidadas conversavam e a conversa versava em torno do que as moças haviam vestido no dia anterior. Dizia o Chapéu verde: “Vocês viram o vestido da Emília, nas regatas de ontem?”. E o Chapéu azul respondia: “Que horror! Cor de rosa, e com aquela faixa escura! Que moça para não ter jeito em se vestir!”.

<sup>667</sup>FARIAS, op. cit., p. 92-95.

<sup>668</sup>Ibid., p. 92-95.

<sup>669</sup>Dia social. *Correio da Tarde*, São Luís-MA, 25 ago. 1910.

<sup>670</sup>MORAES, op. cit., p. 74.

<sup>671</sup>HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 28.

Comentando sobre outra moça, mas ainda a tratar dos modos de vestir, Madame Z., a anfitriã do chá, comenta: “E que tal acharam a Rejane na peça de ontem?”, e o Chapéu róseo respondeu: “Um vestido Império que não lhe ficava bem. A Rejane está ficando sem gosto”.<sup>672</sup>

A crítica ao trajar “fora de moda” parece ser o que mais chama a atenção das moças que estavam na festa, isso porque a pessoa, como é o caso da personagem Rejane, cuja roupa não se conformava ao padrão da moda vigente, possivelmente seria mais ou menos excluída de participar. E, diferente disso, “vestir uma roupa considerada ‘apropriada’” significava envolvimento nos códigos de uso da roupa para cada situação e dedicação às alterações nos figurinos<sup>673</sup>, dedicação possível àquelas da elite.

O trajar tinha, pois, importante relevância no ambiente da festa, funcionando como forte estratégia no jogo do visível e do não visível, em que a representação “é assim confundida pela ação da imaginação [...] que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é”<sup>674</sup>. Nestas festas, homens e mulheres da elite, ou aqueles que pretendiam a ela pertencer, tratavam de mostrar o quanto estavam a par do que se passava na Europa, principalmente na França, no que diz respeito à moda e ao comportamento (etiqueta)<sup>675</sup>. Segundo Souza, dentre todos os elementos que estavam envolvidos no jogo do exibicionismo na festa, a moda era o mais eficiente, simbolizando de forma mais nítida aquilo que se queria passar<sup>676</sup>, mesmo que em nada tivesse ligação com o que realmente era, em que “a aparência vale pelo real”<sup>677</sup>. E a roupa ocupava um papel fundamental nessa comunicação, visto que por meio dela existia um “diálogo da mulher com o mundo exterior”<sup>678</sup>, estando o “poder simbólico”<sup>679</sup> da roupa no poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e de fazer crer naquilo que se está vestido como o ideal; o elegante como sendo aquilo que realmente é, por conta daquilo que foi construído em torno daquilo que se veste.

---

<sup>672</sup>AZEVEDO, op. cit., p. 64.

<sup>673</sup>LURIE, op. cit., p. 28.

<sup>674</sup>CHARTIER, 2002. Op. cit., p. 22.

<sup>675</sup>Maria do Carmo Teixeira Rainho aponta que desde a chegada da Corte no Rio de Janeiro em 1808, as preocupações com o vestir e o comportar-se ganham maiores proporções. Somado a isso ocorre a urbanização da capital e a crescente inauguração de espaços de sociabilidade. Ver: RAINHO, op. cit., 2002. Em São Luís não foi diferente, porém preocupações dessa ordem só aconteceram nos meados do século XIX, quando a cidade tomou os primeiros “ventos” de urbanização. Ver: SILVA, op. cit., 2008.

<sup>676</sup>SOUZA, op. cit., p. 151.

<sup>677</sup>CHARTIER, 2002. Op. cit., p. 21.

<sup>678</sup>XIMENES, op. cit., p. 46.

<sup>679</sup>BOURDIEU, 2005. Op. cit., p. 14.

Um registro assinado por *Fransferra* e dedicado a Augusto Flavio d’Almeida, que consta no jornal *Diário de Maranhão* de 26 de agosto de 1908, nos apresenta a solenidade das “quinze primaveras de sua idolatrada filha”, isto é, a filha de D. Judith Weber, “a meiga e interessante Julieta”, dando um “um luxuoso baile”. Segundo o autor, “como era de esperar, o numero de convidados foi bastante crescido e da mais fina roda”. No intuito de mostrar como de fato a alta roda ali estava presente informa: “Senhoritas, ostentando finíssimas *toiletts* de seda, luxuosamente decotados e cobertos de brilhantes, percorriam sorridentes os salões, primorosamente ornamentados, seduzindo com uns ternos olhares, corações até então insensíveis”. E os rapazes admiravam “[...] a elegância e luxo do belo sexo”<sup>680</sup>. O que é descrito é uma festa familiar, em que o predominante no momento de demonstrar o luxo e a riqueza se fazia diante da ornamentação externa das mulheres que ali estavam, a usar sedas e brilhantes. Enfim, a personificação da riqueza, da distinção estava no vestir.

Voltando aos versos de *Euclides Faria, Lourenço* detalha outro baile familiar a *Tibúrcio* e, por meio dele, observamos quão importante era o vestir “da moda” pelos citadinos, face ao que era considerado belo, bom e chique:

As moças da melhor roda  
ali se achavam presentes,  
todas vestidas da moda,  
com seus brilhantes pendentes.  
Vi uma de azul ferrête,  
com folhos de renda fina,  
outra de escuro corpete,  
por cima de popelina.

N’uma sala que eu dancei,  
perto do *Jansen Ferreira*,  
vi uma bela senhora  
vestida desta maneira:-  
-não tinha aquilo que agora  
as moças chamam-lhe tangas,  
mas sobre fazenda clara  
preto casaco, sem mangas,  
com franjas de seda cara,  
guarnecido com enfeite,  
dançando muito risonha  
com o *Comendador Leite*.  
outra de talhe elegante,  
toda gentil e garbosa,  
trajava de cor de rosa,  
com o peito aberto adiante.<sup>681</sup>

Nesses versos está descrita a elegância das “moças da melhor roda” da sociedade ludovicense e essa elegância só era possível ser descrita por meio daquilo que vestiam. Assim,

<sup>680</sup>Colaboração. *Diário de Maranhão*, São Luís-MA, 26 ago. 1908.

<sup>681</sup>FARIAS, op. cit., p. 149-150.

buscavam vestir-se nos bailes familiares, seguindo os padrões da moda vigente, por ser a principal forma de ser “elegante” e a única de demonstrar sua participação nesse meio.

A fotografia seguinte, que consta na revista *Fon-Fon*, publicada no Rio de Janeiro, nos apresenta as senhoras que estavam na festa de comemoração da data em que o Maranhão aderiu à República. Segundo a descrição da foto, a “Colônia Maranhense”, que residia no Rio de Janeiro, reuniu-se para uma festa “encantadoramente fraternal” na residência do “Dr. Luiz Domingues, governador eleito do grande Estado do Norte”, frequentada pelo que a “Colônia Maranhense tem de mais distinto nesta capital”. Entendendo que os moldes das festas familiares que aconteciam em São Luís eram uma imitação<sup>682</sup>, em todos os aspectos, daquilo que acontecia no Rio de Janeiro, e ainda de que havia uma circulação das pessoas que faziam parte da elite entre essas capitais, trazendo as ditas “novidades”, vale observar foto que nos mostra aquilo que era vestido nas festas familiares em São Luís.

**Figura 26 - A República no Maranhão**



**Fonte: Fon-Fon, Rio de Janeiro-RJ, 4 dez. 1909.**

<sup>682</sup>Como afirma Gilda de Mello e Souza, na área urbana, diante da aproximação na qual viviam as pessoas, por conta da ampliação dos espaços de sociabilidade, estimulava-se o desejo de competir e o hábito de imitar tudo aquilo que lhes traria distinção social, principalmente para aqueles grupos de prestígio e que queriam mantê-lo. SOUZA, op. cit., p. 20 -21.

As fotografias não são reflexos puros da realidade, porém nos apresentam evidências de uma sociedade e cultura por meio dos significados de cada detalhe que permeiam a foto (posturas, gestos, posições, acessórios e objetos).<sup>683</sup> O cenário da foto era uma residência, com seus tapetes, cortinas, lustres, flores, quadros, etc., denotando o luxo nela existente. Um cenário comum nas fotos do final do século XIX, quando poucas eram as fotos feitas ao ar livre, atesta Miriam Moreira Leite. O luxo também estava presente nas mulheres que posavam para a foto, de olhar distante, parecendo não perceberem que estavam sendo fotografadas. Estavam estritamente a par dos ditames da moda vigente no período, o que significava que faziam parte da “Colônia Maranhense”, distinta e elegante. Assim, para as camadas abastadas, estar nas festas particulares, isto é, nas festas oferecidas pelas famílias, normalmente em suas residências, era de suma importância um trajar adequado e dentro dos padrões europeus, pois o objetivo era transmitir a impressão de bem-estar e prosperidade<sup>684</sup>. Ainda segundo Miriam Moreira Leite, “as relações de posição, centralidade e planos em que são colocadas as personagens na fotografia refletem as condições sociais da vida do grupo e as forças que presidiam a organização das formas”<sup>685</sup>. Portanto, o papel social da mulher, de mãe, também é evidenciado na imagem acima apresentado nas crianças sentadas no chão. Isso nos leva a inferir que por mais que a “vida mundana” estivesse levando a mulher de elite a sair com maior frequência de casa e até houvesse um incentivo à dedicação da mulher na manutenção do “*status* de luxo” (ou chique), na aparência externa, o seu papel de mãe também lhe garantia tal *status*.

As festas particulares eram um exemplo daquilo que ocorria em São Luís no que diz respeito aos momentos de sociabilidade e de participação feminina nestes. Então, dava-se importância ao vestir nesses espaços como mecanismo de distinção e de manutenção de uma aparência de elite.

No próximo tópico veremos os sentidos do vestir ligados à presença das mulheres nas festas religiosas oferecidas pelas Igrejas Católicas da cidade.

### 3.3 Festas religiosas

Chega. Vem pressurosa, ansiando o peito,  
Sob o fino vestido de cambraia,  
E abre os lábios num riso satisfeito,  
Que num furtivo olhar ao espelho ensaia.

---

<sup>683</sup>BURKE, op. cit., p. 25-41.

<sup>684</sup>LEITE, op. cit., p. 137.

<sup>685</sup>Ibid., p. 109.

Num movimento rápido, com jeito,  
 concerta as pregas da elegante saia,  
 e agita o leque às suas mãos afeito,  
 a espera ansiosa que a seus pés lhe cáia,

“Vossa excelência – diz um cavalheiro,  
 quer dar-me a honra de dançar comigo,  
 schottisch ou polca, o que tocar primeiro?”

... E os dois, num gesto que o prazer realça,  
 Voam nas azas de um amor antigo,  
 Aos primeiros acordes de uma valsa!

Leonete Oliveira.<sup>686</sup>

Os versos de *Leonete Oliveira*, intitulado *O baile*, nos apresentam a entrada e a circulação de uma mulher em um baile. Neles conseguimos alcançar o olhar da autora a cada detalhe que compunha a presença feminina em um baile. Dois são os pontos a que o olhar é direcionado: o primeiro, à indumentária e ao manejo dessa indumentária por aquela mulher; o segundo, à proximidade entre o homem e a mulher no momento do baile, principalmente no que diz respeito à escolha do “amor”. Esses dois pontos a que a autora direciona o nosso olhar são questões que se apresentam nos jornais, não só da cidade de São Luís, mas de todo o país<sup>687</sup>. Nos deteremos no primeiro, apesar de o segundo ponto está intimamente vinculado ao primeiro, como veremos. Nesse sentido, o vestir e os gestos vinculados ao que se veste (incluindo os adereços) é de suma importância para aquelas mulheres que estavam em certa medida nas ruas da cidade.

Nos passeios na Praça Gonçalves Dias, nas festas nos *clubs*, nas idas ao teatro e ao cinema, além daquelas às festas, que ocorriam todos os anos em datas fixas, como o carnaval e as festas religiosas, especialmente a Festa dos Remédios, Festa de Santa Filomena e as missas do mês mariano (que ocorriam em maio), lá estavam as mulheres trilhando pela cidade, acompanhando e frequentando aqueles espaços. Todavia, como afirma Mônica R. Schpun, a saída das mulheres abastadas às ruas da cidade deveria ser organizada. Agora visíveis a todos, elas eram embaladas por uma nova preocupação: “a apresentação física, que as introduz na vida urbana de forma conveniente”<sup>688</sup>. Portanto, ser bela e estar na moda era uma demanda para a mulher que se propunha participar da vida mundana e ser bem sucedida.

Essa prerrogativa apontada por Mônica R. Schpun nos parece recorrente ao analisarmos, por exemplo, a participação das mulheres nas festas religiosas. Ao observamos as crônicas que tratam das festas religiosas, notamos quanto o vestir funcionava como um

<sup>686</sup>Leonete Oliveira. No baile. *Anais*, São Luís-MA, nov. 1912.

<sup>687</sup>RAINHO, op. cit., 2002; XIMENES, op. cit.; DEL PRIORE, op. cit.

<sup>688</sup>SCHPUN, op. cit., p. 80.

“capital” para aquelas mulheres que queriam se destacar ou eram destacadas pelos cronistas. Essas festas, em certa medida, conduziram as mulheres para fora de casa, e é nelas que mais notamos o tom de local ideal para a presença das mulheres, uma vez que estas aparecem em destaque, e a descrição feita pelos cronistas daquelas que a frequentavam deixava entrever-se uma base moral e ao mesmo tempo distintiva.

É interessante frisar que as crônicas dialogavam com aqueles tidos como integrantes da elite ludovicense. Como observa o registro de *Mario*, na crônica *Pela Festa* do jornal *A Cruzada* de 1892, ao tratar das pessoas que estavam na Rua de Nazaré (chamada ora Rua Nazaré ora Rua do Ouvidor) em dias de festa: “Pouca gente mais gente escolhida na rua do Ouvidor”<sup>689</sup>. Em outra crônica *Mario* refere que na rua de Nazaré: “O que há de mais seleta da nossa sociedade, de mais escolhido da nossa elite lá estava ontem”<sup>690</sup>. Logo, atentamos que as crônicas focavam suas narrativas naqueles que possuíam os atributos necessários para que fossem considerados “gente escolhida”; não bastava se conectar somente à riqueza, mas também à aparência externa, visto que no viver urbano “a respeitabilidade de classe [se dava] através do consumo de bens e do requinte de maneiras, [...] que o situava nessa ou naquela classe social”<sup>691</sup>. E é por conta dessa demanda, por aparentar “o que há de mais seleta” da sociedade ludovicense, que as narrativas das crônicas priorizavam a descrição daquilo que este grupo vestia, especialmente as mulheres.

A coluna intitulada *Chronica*, do jornal *A Imprensa*, assinada por *Terencio Ribas*, destaca a presença feminina e, sobretudo, o alinhavo distintivo e ideal dessa presença, narrando as novenas do mês mariano: “É nos domingos onde mais concorrência se nota nas igrejas, porque as senhoritas, desocupadas dos afazeres da semana, consagram este dia em visitar as Igrejas, passear pelas avenidas e fazer suas visitas às colegas e amigas”<sup>692</sup>. Em outra crônica, intitulada *A Festa*, do *Jornal da Manhã*, que narra a Festa de Santa Filomena, é descrito: “houve domingo a tarde e a noite regular concorrência ao simpático largo do Carmo”. A noite o largo já estava povoado por “delicadas senhoritas com as suas *toilettes* graciosas, cheias de encanto e frescura, e de guapos mancebos, elegantemente trajados”<sup>693</sup>. Quatro dias depois, na crônica de mesmo título, do *Jornal da Manhã*, observamos mais uma vez a expressividade da presença feminina nas festas religiosas que ocorriam na cidade: “As mais gentis e graciosas senhoritas do nosso mundo elegante lá estavam, a percorrer o largo

<sup>689</sup>Mario. *Pela Festa*. *A Cruzada*, São Luís-MA, 5 out. 1892.

<sup>690</sup>Mario. *Pela Festa*. *A Cruzada*, São Luís-MA, 6 out. 1892.

<sup>691</sup>SOUZA, op. cit., p. 118.

<sup>692</sup>Terencio Ribas. *Chronica*. *A Imprensa*, São Luís-MA, 6 mai. 1907.

<sup>693</sup>*A Festa*. *Jornal da Manhã*, São Luís-MA, 7 ago. 1890.

n'um vae-vem continuo, sempre alegres, sempre rindo, com esse sorriso angelico, próprio da mulher moça e bonita”.<sup>694</sup> Ainda acerca da Festa de Santa Filomena, a crônica do jornal *Maranhão*, de 1907, assinala que “compareceram as senhoras e moças da elite maranhense e cavalheiros do ‘high life’”. Segundo o cronista, que não assina, “o largo parecia, no movimento, a Rua do Ouvidor, onde se apreciava a mais fina flor da sociedade maranhense”.

Desse modo, todos os olhares convergiam para “as belas signorinas que constituíam a mais perfeita e resplandecente ornamentação da festa”<sup>695</sup>. A crônica *Pela festa* afirma: “a confusão foi grande, não havia um só espaço em que risonhas não estivésseis, encantando tudo...”. O cronista, que assina *Giacomo*, informa que parado um longo tempo na “rua do Ouvidor”, distinguiu as mais “belas dentre as belas ninfas, que corretamente passeavam, deslumbrando-nos”.<sup>696</sup> *Mario*, cronista do jornal *A Cruzada* frisa: “Na rua do Ouvidor o transito era impossível. As gentis *habituées* [...] ostentando as suas toilettes custosas, davam a noite de ontem um brilho deslumbrante”.<sup>697</sup>

Por mais que esses colunistas tivessem como objetivo narrar os acontecimentos festivos na cidade, em especial os religiosos, percebemos que assim como na organização e na ornamentação dos locais onde ocorriam as festas, normalmente Igrejas e praças (largos), um dos principais destaques era a presença feminina. Mas também notamos que as mulheres descritas eram aquelas consideradas elegantes, isto é, aquelas consideradas destaque na sociedade ludovicense. Em certo sentido, parece-nos que as mulheres estavam funcionando como “ornamento” da festa; sua presença dialogava somente com o seu lugar na hierarquia social quando ditas “elegantes” e com a imagem que refletiam de delicadas, gentis, graciosas, angelicais etc.<sup>698</sup> Nessa perspectiva, para a “arte do parecer”<sup>699</sup>, cada detalhe tem suma importância, daí a preocupação, sobretudo com o vestir, pois suas vestes haveriam de se coadunar com tais imagens, o que nos remete à assertiva de Daniel Roche: “as roupas se transformaram em armas na batalha das aparências”<sup>700</sup>, em que cada detalhe, fosse no semblante ou na vestimenta (modelo, cor, bordado, fita, entre outros) era usado para manter a distância entre as camadas sociais.

<sup>694</sup>A Festa. **Jornal da Manhã**, São Luís-MA, 11 ago. 1890.

<sup>695</sup>Giacomo. Chronia. **Maranhão**, São Luís-MA, 25 ago. 1907.

<sup>696</sup>Mario. *Pela festa*. **Jornal da Manhã**, São Luís-MA, 4 out. 1890.

<sup>697</sup>Mario. **A Cruzada**, São Luís-MA, 1 out. 1892.

<sup>698</sup>Essas imagens lembram a análise de Alain Corbin, quando analisa o século XIX e aponta que não podemos esquecer do peso do catolicismo sobre as representações e usos do corpo. Nesse sentido, imagens como angelicais, virginais, etc. são uma continuidade dessas representações baseadas nos pressupostos católicos de mulher, embasadas especialmente na mariofania. CORBIN, Alain. *A influência da religião*. In. **História do corpo**. 2. Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 57-100. p. 58-59.

<sup>699</sup>Termo usado por Mônica Raisa Schpun. SCHPUN, op. cit., p. 126.

<sup>700</sup>ROCHE, op. cit., p. 22.

No registro fotográfico seguinte, podemos observar que havia uma quantidade considerável de mulheres à saída da igreja, “ornamentando” a Festa de Santa Filomena, que ocorria no mês de agosto em São Luís. As vestes e os demais adornos daquelas que estavam presentes acompanhavam as ditas noções de elegância, que se apresentavam nos elaborados chapéus, nas saias rodadas, nas mangas compridas, e, por fim, no tom claro do vestuário usado pelas mulheres.

**Figura 27 - Festa de Santa Filomena - Depois da missa.**



**Fonte: Revista do Norte, São Luís-MA, 1 out. 1902.**

Essa era considerada uma festa frequentada pelas camadas abastadas da cidade; um momento ímpar na representação do fausto. Cada elemento da vestimenta deveria estar estritamente vinculado às exigências europeias, tendo em vista as colunas de moda que circulavam na cidade, o que dava à elite uma conotação de superioridade diante das demais camadas da população. E, além disso, como perceberemos no decorrer do texto, os cronistas e os artigos que tratavam de moda davam diversas conotações aos traços do vestir, principalmente feminino, corroborando a adaptação da população, principalmente dos

abastados, aos ditames europeus considerados “elegantes” e, a partir disso, o estabelecimento da diferença.

Uma crônica publicada no jornal *A Novena*, intitulada *A Festa*, assinada por *D.B.*, nos apresenta as “maneiras de gozar” uma festa; tratava, pois, das novenas de Santa Filomena. Ao descrever a maneira de uma “moça vaidosa” gozar a festa, o cronista frisa que ela “sente o olhar causticante e invejoso das *amigas* e o olhar langoroso do seu *ele*, um sobre o seu vestido *demi-empire*, outro sobre os olhos que *nele* exercem império completo”. Segundo o autor, ela “sente, e sonha com a crônica da moda, de amanhã. Goza”.<sup>701</sup>

Observamos que os olhares que pairavam sobre a moça, tanto das amigas quanto “do seu ele”, estavam focados no que ela vestia. O olhar das amigas remete à “competição dentro do próprio gênero”, observada por Maria Alice Ximenes, ao analisar a *performance* das mulheres nos momentos de sociabilidade e os sentidos do uso das roupas, mostrando que essas ocasiões “criavam também entre as convidadas a competição dentro do próprio gênero, uma vez que mulheres competiam com mulheres no requinte dos trajés, na docilidade dos gestos [...]”<sup>702</sup>. Isso nos ajuda a compreender o retrato da “moça vaidosa” descrito por *D.B.*, pois a roupa no jogo das aparências funcionava como um símbolo<sup>703</sup> de posses e permitia de forma mais nítida a competição entre possíveis riquezas.

*Raul Azevedo*, em seu livro *Vida Elegante*, também nos apresenta esse sentido do vestir quando sua personagem Madame chega de uma festa e sente-se feliz e radiante porque o seu vestido “cor do mar” fez um sucesso e em consequência suas amigas “Rosa e Lalá” ficaram com uma “inveja louca. Encontrarão defeitos e senões á uffa!”<sup>704</sup>. Ademais, a competição também se dava no mercado matrimonial, no qual a roupa dava maior poder de negociação no momento da escolha e do ser escolhida por um homem. Daí o “vestir a moda” ser alvo de olhares “causticantes, invejosos e langorosos” mantidos por aqueles que estavam competindo no jogo das aparências. Portanto, capital-aparência é um “saber social”, que “permite a efetivação de práticas que tendem a se constituir em estratégias sociais, baseadas na sedução de si e dos outros”<sup>705</sup>. Sedução de si, quando o sujeito social (a “moça vaidosa” e a Madame) se reconhece em um grupo social, a elite, por via do vestir; e sedução dos outros,

<sup>701</sup>D.B. *A Festa*. *A Novena*, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

<sup>702</sup>Mesmo a autora tratando do século XIX, observamos as continuidades no que diz respeito à competição dentro do próprio gênero no momento de sociabilidade. XIMENES, op. cit., p. 45.

<sup>703</sup>Lembrando que os símbolos são, por excelência, instrumentos de conhecimento e de comunicação. BOURDIEU, 2005. Op. cit., p. 9.

<sup>704</sup>AZEVEDO, op. cit., p. 111.

<sup>705</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 79.

quando consegue convencer os outros, por estar “vestida a moda”, de que faz parte daquele grupo.

Ainda ao narrar as maneiras de gozar a Festa de Santa Filomena, *D.B.*, mesmo apresentando a figura de um homem, nos mostra como o vestir embasava as diferenças nos espaços públicos mediante as competições do traje. Segundo *D.B.*, “o *smart*, numa linha postiça de manequim, ostentando o paletó rachado, convencido de que toda aquela gente está ali, de boca aberta e olhos arregalados, só para ver-lhe os grandes colarinhos, ver-lhe os punhos. E goza!...”<sup>706</sup>. Essa assertiva nos remete à ideia de que ser visto e o vestir a moda caminhavam juntos, o que é corroborado por Anne Hollander quando diz que “a necessidade profunda de ser diferente e a de sentir-se parte de um grupo são simultaneamente preenchidas pela moda [...]”<sup>707</sup>. Nesse sentido, os *smarts* eram homens, mas também mulheres como já apontado anteriormente, que acompanhavam piamente a moda, e seu modo de vestir os vinculava a esse grupo, que era constituído normalmente por homens que faziam parte da elite. O vestir-se tal qual um *smart* o diferenciava do restante da população, dada a elaboração de suas roupas. A roupa vestida era, portanto, instrumento de “integração social”, na medida em que tornava possível a comunicação daquilo que era *consensus* acerca do sentido do que e de quem fazia parte daquele grupo, dando bases para a divisão do mundo social e reprodução da ordem social<sup>708</sup>.

As lojas de roupa e adereços que compunham o vestuário, principalmente feminino, participavam desse jogo das aparências que a vestimenta viabilizava, dando margem para o “ser diferente” e “sentir-se parte de um grupo”, como referido por Anne Hollander<sup>709</sup>. A loja *Notre Dame* trazia como manchete de seu anúncio a seguinte frase: “Aos elegantes da Festa de Santa Filomena”. E continua a propaganda dos produtos de seu estabelecimento da seguinte forma: “Ó todos vós que andais flanando pela praça. Senhoritas gentis, rapazes da alta roda. Vinde as fazendas ver, as roupagens da moda. O sortimento ideal de beleza e de graça”<sup>710</sup>. Como vemos, a veste estava direcionada para aqueles que iriam frequentar as praças; para as roupas que implicavam o ser visto; para o estar nos espaços públicos e de sociabilidade. E, além disso, o foco do anúncio era “os elegantes da Festa de Santa Filomena”, aqueles que faziam parte da “alta roda” e que, por isso, precisavam desses mecanismos para se destacarem, se integrarem e se diferenciarem como tal.

<sup>706</sup>*D.B.* A Festa. **A Novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

<sup>707</sup>HOLLANDER, op. cit., p. 56.

<sup>708</sup>Entendendo a roupa como símbolo, ou seja, diz mais do que aquilo que se vê. BOURDIEU, Op. cit., 2005, p. 9.

<sup>709</sup>HOLLANDER, op. cit., p. 56.

<sup>710</sup>*Notre Dame*. **A Novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

Outro exemplo é o anúncio da loja *Caza Ingleza*, que em forma de verso apresentava seus produtos e também fazia esse jogo entre o uso dos seus elementos de modas e o aparentar *chic* nos espaços públicos. Neste caso, o anúncio a seguir está direcionado a outra festa religiosa, a chamada Festa de Nossa Senhora dos Remédios. Segue o anúncio:

Quereis, mocinhas bonitas,  
Ficar *chics*, bem vestidas,  
Ganhar na Festa as teteias  
Que vos foram prometidas

Vinde munidos de *Money*  
À nossa Caza Ingleza  
Preparai, vosso chiquismo  
Com elegância e beleza.[...]

Vinde ornar-vos para a Festa,  
Que o premio já está guardado;  
Ide á luta do chiquismo  
Com o triunfo aqui comprado!

Vede que lá vosso pleito  
Será julgamento sério [...] <sup>711</sup>

Notadamente, não excluindo as questões comerciais e de publicidade da época, pois “a produção de um discurso sobre os objetos de consumo é a responsável direta pela constituição de seu significado [...]”<sup>712</sup>, a preocupação em estar “bem vestida” e acompanhando os padrões da moda era recorrente e manifestava a disputa pela manutenção do *status* e principalmente, no caso da mulher, com o agravante da disputa no mercado matrimonial. Nesse sentido, Mônica Raisa Schpun assevera que a exposição dos corpos femininos aos olhares e às opiniões era acompanhada de medidas que lhes demandavam traços físicos e um modo de vestir<sup>713</sup>. O que é certamente apresentado no anúncio anterior, que vincula aquilo que é vendido como *chic* para as mocinhas como “julgamento” que iriam fazer delas, ou seja, a avaliação que iriam fazer daquilo que elas vestiam, influenciando-as quanto ao uso das roupas.

Em artigo intitulado *Sombras...*, do jornal *A Novena*, assinado por A.A., é comentada a obsessão das moças de São Luís por vestirem-se à moda, para estarem na Festa de Santa Filomena, e os sentidos que o vestir apresentava para elas. “A festa de ontem foi fria”, dizia A.A., “poucas moças e poucos rapazes, muitas cadeiras vazias e quase nenhum entusiasmo. É costume antigo das filhas de São Luís essa indiferença pelo passeio pelas nossas lindas praças, ainda em noites iluminadas de domingo e de festa”. E por que as moças

<sup>711</sup>Caza Ingleza. A Festa. *A Novena*, São Luís-MA, 22 ago. 1909.

<sup>711</sup>Casa Ingleza. *Cruzada*, São Luís-MA, 7 out. 1891.

<sup>712</sup>SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit., p. 66.

<sup>713</sup>SCHPUN, op. cit., p. 88-95.

estão fugindo de um passeio “sob as árvores, no ambiente oxigenado dos Remédios ou do Carmo”? Em resposta, informa: “Dizem que às moças repugnam aparecer duas ou três noites sucessivas com o mesmo vestido; que a muitas delas parece-lhes isso pode espantar o noivo e abalar o crédito da família”<sup>714</sup>. Ao que parece, a festa não estava tendo público, principalmente feminino, e o articulista da crônica infere que o motivo era o fato de as moças ludovicenses apostarem na aparência, considerando que ao se apresentarem com o mesmo vestido teriam dificuldade de encontrar um noivo, além de “abalar o crédito da família”.

Alison Lurie afirma que é possível anunciar uma posição usando mais roupas consecutivamente que simultaneamente, ou seja, quanto mais se exhibe trajes diferentes, mais alto é o *status*<sup>715</sup>. Nessa perspectiva, o não repetir o vestido estava, sobretudo, vinculado à conquista de um espaço dentro da “alta roda”. Uma mulher bela e, na medida do possível, acompanhando a moda, teria mais condições de adentrar esse meio, pois com seus “dotes” físicos e de bom gosto no que diz respeito à vestimenta, facilmente encontraria um “bom casamento”. Como diz Schpun, “[...] investir nos trunfos físicos significa aumentar as chances de sucesso no mercado matrimonial”<sup>716</sup>. Assim, para conquistar o *status* de esposa e mantê-lo era considerado de suma importância o investimento na beleza e na moda.

Em *Folhetim*, narrado em forma de versos, tratando da *Festa dos Remédios*, de 17 de outubro de 1891, o *Diário do Maranhão* apresenta um pouco essa demanda com o vestir a moda e o não repetir a *toilette*:

[...] No largo de amores, ninho  
 Pouca gente, muito pó  
 Em segredo o Moreirinha  
 Me disse, muito em segredo  
 Que a moça ali não vinha  
 Unicamente por medo.  
 E contou-me o Fragosinho  
 Ser questão de *toilette*  
 Pois tudo está mais carinho  
 Quem não pode não se mete.  
 Um vestido cada dia [...]

A decisão de não frequentar os locais públicos com a mesma *toilette*, principalmente por parte das mulheres, sob pena de diminuir as chances de casamento, são ratificadas pelos anúncios das lojas de elementos de moda – as propagandas circulavam na cidade e de alguma forma eram lidas e acompanhadas pelos cidadãos – que traziam nelas a inviabilidade de a mulher ir à festa ou a qualquer outro local público usando roupas repetidas ou também roupas ditas “à moda antiga”. Em uma propaganda do jornal *A Campanha*, de

<sup>714</sup>A.A. Sombras. *A Novena*, São Luís-MA, 23 ago. 1909.

<sup>715</sup>LURIE, op. cit., p. 135.

<sup>716</sup>SCHPUN, op. cit., p. 90.

1904, o articulista da propaganda da loja chamada “Flôr de Maio”, no período das festas de carnaval, corrobora esse fato quando narra um passeio pelo salão de uma festa. Segundo ele, verificava “que uma dezena de moças bem parecidas fica sempre sentada a fazer crochet”, daí ele se aproxima para saber por que elas não estavam se divertindo e todas respondem: “-não nos fantasiámos com os tecidos modernos da Flôr de Maio, e a rapaziada é como sabe, só olham para os Toilettes, de forma que, até agora estamos a ver navio”.<sup>717</sup> Em outras palavras, não estavam vestidas “à moda”, com “tecidos modernos”, então, não eram percebidas, não lhes era possível um bom trânsito na festa.

Essa relação entre vestir, estar nos espaços públicos e casar nos remete ao que Carla Bassanezi Pinsky assinala: “Uma bela aparência e algum poder de sedução agora ajudavam a arrumar casamento”<sup>718</sup>. E a “bela aparência” pede uma vestimenta elegante, com tecidos e modelos adequados aos ditames de figurinos europeus, especialmente franceses. Os próprios títulos das propagandas já traziam como foco a procedência francesa: “Última novidade em Pariz”<sup>719</sup>. Outras propagandas apontam no texto que os artigos “elegantes” foram comprados em França, como é o caso da propaganda a seguir: “Acabamos de receber um variadíssimo sortimento de fazendas e objetos de phantasia, comprados na FRANÇA [...], que ali foi especialmente escolher o que havia de mais elegante e apurado gosto”<sup>720</sup>, como discutido no Capítulo 1. É característico que o que não fosse francês, nesses setores, aplicado especialmente à mulher, “deixava de ser reconhecido como elegante”, lembra Gilberto Freyre<sup>721</sup>.

Vestidas ao gosto francês, as mulheres da elite ludovicense circulavam nos mais diversos espaços da cidade. A crônica, assinada por *Gustavo Teixeira*, apresenta da seguinte forma a Festa dos Remédios: “As noites tem sido de ‘pompa’, destacando-se entre as mulheres, as das classes mais abastadas que melhor, graças a seus recursos, podem festejar luxuosamente [...]”. Do lado de fora da Igreja, no Largo, “a multidão entrega-se a diversões de toda a espécie”. Segundo o cronista, havia “senhoras vestidas com elegância a percorrerem a rua marginal em passo cadenciado, deixando que a luz de uma dupla fileira de bicos de gás lhes ilumine os contornos gentis cobertos de roupas de preciosos estofos”. Cruzando com as mulheres, ao transitar pelo largo, estavam os rapazes numa “*flirtation*”, “trocando olhares

<sup>717</sup>No Baile. **A Imprensa**, São Luís-MA, 21 abr. 1907.

<sup>718</sup>PINSKY, Carla Bassanezi. Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria Pedro (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 476.

<sup>719</sup>Última Novidade de Pariz. **A Cruzada**, São Luís-MA, 7 jul. 1891.

<sup>720</sup>Alta Novidade. **A Cruzada**, São Luís-MA, 13 set. 1891.

<sup>721</sup>FREYRE, Gilberto. Op. cit., p. 105.

vibrantes entre uns e outros”.<sup>722</sup> Por meio desse registro é possível observar que o vestir elegantemente era como um *a priori* para com o jogo da sedução, na medida em que para ser notada por um homem de seu segmento social (e mesmo o homem ser notado por uma mulher) – observada a questão do grupo a que pertenciam – era necessário que além de estar vestida de acordo com os códigos de decoro, soubesse manejá-los de forma que, discretamente, em alguns detalhes da roupa ou dos gestos, os ares de sedução transcendessem.

Pedro Vilarinho Castelo Branco, ao tratar da participação das mulheres nas festividades religiosas em Teresina, fala desse jogo entre homens e mulheres como sendo o “caráter profano” das festas religiosas, em que essas festividades funcionavam como local de encontro entre rapazes e moças.<sup>723</sup> Como diz Mariana Christina F. T. Rodrigues, as mulheres desde tenra idade eram educadas a estabelecerem um bom casamento e, para tanto, aperfeiçoavam sua capacidade de sedução com sorrisos dissimulados, andares cadenciados, olhares inocentes que ofertavam delícias. Enfim, tratam de “conhecer os artifícios para assegurar o seu futuro, pois, era tarefa rotineira na vida feminina”.<sup>724</sup>

A cena apresenta as articulações que a moda daquele tempo trazia para as mulheres de famílias abastadas. Embora elas fossem estimuladas a sair, a frequentar as ruas, tanto para o ‘lazer’ quanto para o trabalho, a preocupação com o comportamento e a vestimenta era recorrente. Isso porque a rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, dos descontroles dos desejos, daí a preocupação com a moralidade como indicação e progresso e civilização.<sup>725</sup> Uma preocupação que nos remete mais uma vez às articulações do casamento, pois, por mais que essas articulações tenham se distanciado do interesse econômico e se aproximado do discurso do amor e da procura individual e livre pelo cônjuge, ainda se mantinham as preocupações com o casamento, especialmente das moças, e algumas exigências substituíram o dote como é o caso da educação e do “bom comportamento”<sup>726</sup>, que inclui o modo de vestir.

<sup>722</sup>Gustavo Teixeira. Festa dos Remédios. **A Cruzada**, São Luís-MA, 15 out. 1891.

<sup>723</sup>CASTELO BRANCO, op. cit., 2005. p. 42.

<sup>724</sup>RODRIGUES, op. cit., p. 96.

<sup>725</sup>Rachel Sohiet trata da preocupação em moldar a mulher pobre aos ditames do comportamento da elite, ou seja, analisa a construção de um discurso de “modo de vida”, bem como de práticas, baseado nas necessidades da elite que ia de encontro ao resto da população. SOIHET, op. cit.; Margareth Rago também trata da formação, existência e propagação de um discurso disciplinar direcionado para as mulheres operárias, baseado nas necessidades da elite. Ver: RAGO, op. cit., 1985; Maria da Glória analisa justamente a “desinfecção”, no sentido higiênico e dos “maus costumes”, direcionada às camadas populares, no caso as operárias, que ocorreu em São Luís na virada do século XIX para o século XX. Ver: CORREIA, op. cit..

<sup>726</sup>NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote**: mulheres, família e mudança social em São Paulo – Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 255-256.

Além da vinculação do vestir com as articulações do tornar-se esposa, o *status* de esposa também requeria a preocupação com a representação social do corpo vestido; com aquilo que no artigo *Sombra...*, anteriormente citado, o articulista chamou de “crédito da família”. Isso se retrata em poemas da época, como o poema de *Hermeto Lima*, intitulado *A festa*, que consta no jornal *A Imprensa*, de 1º de abril de 1907. Segue:

Imprime no teu corpo toda a graça  
 todo o garbo que tens; vamos á festa.  
 Eu desejo mostrar ao povo em massa  
 a mulher mais formosa e a mais honesta.

Põe os teus brincos de rubi sem jaça,  
 teu diadema, teu colar... E resta  
 compor as luvas e a pelúcia... Passa  
 que não tens cousa alguma de modesta!...

Agora, em teu amor eu só me arrimo;  
 estás bela de mais; fica-te um mimo  
 esse conjunto de fazendas turcas.

Vamos, depressa, vamos minha amada,  
 eu quero que hoje sejas proclamada  
 entre as quadrilhas, polkas e mazurcas.

A exibição da mulher ao público fica claramente expressa no poema acima. A função daquela mulher era expor aos que a olhassem a sua formosura e honestidade, dois parâmetros que a distanciava de outras mulheres e que a diferenciava. Contudo, era visualizada sobretudo pela formosura e a honestidade e por aquilo que ela vestia, pois as roupas representam uma presença<sup>727</sup>, isto é, estar com esta ou aquela roupa ou usando-a dessa ou daquela forma, remete ao *status* social, ao sexo, entre outros, de modo que, muitas vezes o que é visto mascara o que é, principalmente no que diz respeito a uma dita “mulher honesta” que poderia ser transformada pela roupa em “mulher falada”<sup>728</sup>. Joana Pedro analisa das mulheres das camadas médias e altas, em Desterro/Santa Catarina, a preocupação em não se tornarem “mulheres faladas”, declarando que “[...] era necessário que o comportamento feminino não desse margem a qualquer comentário, que as mulheres não se tornassem ‘faladas’, pois se fossem alvo de ‘murmurações’, a honra da família estaria irremediavelmente perdida, assim como estariam em perigo as aspirações de ascensão social e a permanência nos grupos de comando dessa sociedade”. No início do século XX, essa marca de “mulher falada”, ou seja, essa representação aderida aos usos da roupa era recorrente, e a Igreja

<sup>727</sup>CHARTIER, op. cit., 2002, p. 20.

<sup>728</sup>PEDRO, op. cit.

Católica era uma das maiores cruzadistas no combate às roupas que “agrediam a moral” da mulher, conseqüentemente da família<sup>729</sup>, transformando-as em “mundanas”.

Logo, a perspectiva apresentada no poema anterior nos vincula à análise de Gilberto Freyre, quando este enfatiza a relação entre o “traço de mulher” e a prosperidade do marido nas sociedades ditas burguesas, em que a apresentação das mulheres nos espaços públicos era uma forma de seus maridos demonstrarem sua riqueza<sup>730</sup>. Quanto a isso, fazia-se necessário que os vestidos das filhas e esposas variassem, “[...] de menos a mais exuberantemente caros, e adornos com expressão, quer da constância de *status* alto do marido e pais, quer como expressão de aumento de prosperidade ou de ascensões socioeconômicas ou políticas ou na ocupação de cargos ilustres dos mesmos maridos ou pais”.<sup>731</sup> Afinal, como diz Maria Alice Ximenes, a produção de uma determinada aparência deveria ser exteriorizada, e a maneira de vestir de uma mulher possuía determinada função, pois “isso somava pontos para que o homem, em situações sociais, fizesse sua promoção pessoal perante a sociedade”<sup>732</sup>, na medida em que a mulher era considerada o centro, o pilar moral da família. Essa exteriorização se fazia contundentemente com os modos de vestir.

As vestes, portanto, teriam que ser apropriadas ao estado civil das mulheres, pois jamais uma mulher de “boa família” poderia vestir-se tal qual uma “mulher da vida”; suas roupas deveriam ser recatadas, não tanto quanto as das moças solteiras, e não deviam de maneira alguma aparentar “vulgaridade”, de forma que agradassem o marido e não escandalizassem os que estavam à sua volta. Nas formas de vestir ficava patente o discurso da submissão da mulher ao homem, pois era a ele, ao marido, que ela deveria agradar e para ele preservar sua honra. Como diz uma das frases da seção *Bric à Brac* de *O Jornal*: “A discrição é pra a alma o que o pudor é para o corpo”<sup>733</sup>.

Para além disso, essa análise nos remete ao trabalho Carla Bassanezzi Pinsky, chamado “A era dos modelos rígidos”, para quem, “ao longo da história, as mulheres foram identificadas com o seu sexo, confundiram-se com ele, e a ele se reduziram”. E no Brasil do

---

<sup>729</sup>Segundo Rachel Soihet, “a vida burguesa reorganiza as vivências domésticas. Um sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira da vida social são considerados um verdadeiro tesouro”. Por conseguinte, em prol da manutenção dos “bons costumes” que poderiam ser corrompidos pela modernidade e atingir diretamente o seio da família, destruindo-o, nada mais indicado que a mulher, “rainha do lar”, para resguardar a tranquilidade do lar e, conseqüentemente, da Nação. Dessa forma, era “especificamente sobre as mulheres que recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos”. SOIHET, op. cit., p. 225 e 363.

<sup>730</sup>FREYRE, op. cit., p. 31.

<sup>731</sup>Ibid., p. 31.

<sup>732</sup>XIMENES, op. cit., p. 40.

<sup>733</sup>Bric à Brac. *O Jornal*, São Luís-MA, 24 ago. 1917.

decorrer dos séculos, adentrando o século XX, essa necessidade de “proteger” a virgindade das “moças de bem” até o casamento e distinguir as “mulheres honestas” das que sucumbem aos pecados da carne permaneceu, via sexo. Dessa forma, “as mulheres deveriam ser vigiadas e seu sexo protegido dos sedutores, dos estropadores... e, às vezes, de si mesmas”<sup>734</sup>, como é o caso das que seguiam estrita e freneticamente a moda.

O que nos parece, mediante os versos de *Hermeto Lima*, é que ao ir à festa a mulher se munia de estratégias simbólicas<sup>735</sup> como, por exemplo, utilizando as palavras do poeta, os “teus brincos de rubi sem jaça, teu diadema, teu colar... [...] as luvas e a pelúcia...”, para com isso determinar sua posição: “Passa que não tens cousa alguma de modesta!...”. E da mesma maneira essas estratégias deviam fazer representar aquilo que era construído como identidade para o grupo ao qual ela era (ou queria ser) vinculada. No caso acima, formosura e honestidade aparecem como divisores representacionais entre os grupos, em que as camadas abastadas se percebiam enquanto tal. Lembrando que, conforme Gilberto Freyre, as joias e pedras valiosas eram um importante acessório na afirmação do *status* de um homem, mas não ele as usando e sim a mulher, pois agregavam “esplendor” às modas de mulher<sup>736</sup>.

A colunista de moda, que assina por *Helena*, assinalava a esse respeito: a “invasão caudalosa e triunfal das jóias no mundo dos adornos femininos”, usadas como acessórios impreteríveis “a desabar sobre a alvura nevada dos colos, a cair espadanante sobre o emaranhado sedoso dos cabelos, a diluir-se em filetes ao redor das falanges, a cingir amorosamente as cinturas delgadas e flexíveis”. Ela destaca ainda a variedade de cores e modelos das joias, para “servir os caprichos de uma fantasia extraordinária”<sup>737</sup>, que eram as fantasias femininas. Era como se a mulher fosse ornamental. A “mulher ornamental”, portanto, seguia religiosamente as modas de vestir, de pentear, etc., mantendo “as graças físicas, que deveriam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente femininas”<sup>738</sup>, para serem bem vistas e quistas pelos pais, maridos e filhos.

Segundo Mônica Raisa Schpun, para as mulheres burguesas, “os discursos normativos visam assegurar que sua apresentação física marque sua posição social e possa distingui-las das demais” e, além disso, “o leque social mais complexo implica novas estratégias para acentuar toda sorte de detalhes que identifiquem as diferenças e evitem as

<sup>734</sup>PINSKY, op. cit., p. 471.

<sup>735</sup>CHARTIER, op. cit., 1991, p. 183-184.

<sup>736</sup>Eram outros adereços que representavam o *status* social do homem, tais como chapéu, bengala, relógio de bolso, pince-nez (de ouro), etc. FREYRE, op. cit., p. 32.

<sup>737</sup>Helena. A moda. **Revista do Norte**, São Luís-MA, 16 mar. 1902.

<sup>738</sup>FREYRE, op. cit., p. 42.

misturas”<sup>739</sup>. Dessa forma, ainda acerca do poema de *Hermeto Lima*, podemos inferir que o tom distintivo dado ao vestir e aos adereços daquela que notoriamente podia exibir-se na festa, de forma mais direta aparentava a “riqueza” necessária para o destaque e trânsito na chamada “boa sociedade”. Enfim, ao que parece havia uma tênue linha que separava a mulher honesta (mãe e esposa dedicada) da “figura da jovem sem nenhuma densidade, preocupada apenas com as frivolidades”<sup>740</sup> e o que confirmava a possibilidade de as mulheres serem uma coisa ou outra era provavelmente o que vestia, ou melhor dizendo, quais partes do corpo a roupa deixava ver.

Tudo isso é bem compreensível no momento em que mergulhamos na sociedade ludovicense e encontramos uma elite por vezes com poder econômico, em alguns casos decadente, que por conta das desarticulações econômicas precisava manter a sua posição, pelo menos na aparência. Nesse aspecto, Daniel Roche aponta que a roupa, bem como a máscara ocultavam e revelavam uma cadeia de informações sobre a pessoa e a personagem.<sup>741</sup> E, no caso dos versos já citados, de *Hermeto Lima*, ao mesmo tempo que a roupa revelava a que grupo aquela mulher deveria pertencer, possivelmente trazia também aquilo que deveria aparentar pertencer, quando dizia “passa que não tens cousa alguma de modesta”<sup>742</sup>. Enfim, “passa” – faz ver – por via dos postigos para que percebam a que grupo pertencia.

Até a primeira década dos anos 1900, a Festa de Nossa Senhora dos Remédios, a qual já nos referimos, era uma das festas religiosas mais concorridas em São Luís. João Lisboa, intelectual maranhense, dedicou um livro à narração desta Festa, apresentando sua dinâmica e como ela foi tornando-se mais “luxuosa”, assumindo os moldes cosmopolitas europeus, modificando a gastronomia e estrutura, além do comportamento e das vestimentas dos que a frequentavam. Segundo João Lisboa, as camadas abastadas investiam em roupas e adereços que chegavam da Europa em navios, mostrando a sua preocupação com a aparência.

Já um mês ou mais antes do dia da milagrosa Senhora, começa o azáfama da sua festa; as belas e os elegantes perdem o sono, imaginando nos meios de melhor ataviar-se. Que receios, sobressaltos e angústias nesta amável classe de consumidores, e sobretudo na classe embezzada de fornecedores, pela só demora de alguns dias na chegada dos navios que trazem no seu bojo os chapéus, as luvas, os vestidos, as quizenas, as cassas, as sedas, as plumas, as rendas, as fitas, as flores, as pomadas, os cheiros, e todos os mais gêneros enfim que dão vida e saúde às lojas, e entisicam as algibeiras dos fregueses! Como discorrem em todos os sentidos pelas ruas e travessas, como invadem todas as lojas, [...], sobraçando peças de fazenda, livros de amostras, e caixas e mais caixas de dourado papelão, com que vão incessantemente de um lado para outro, sem conseguirem satisfazer o gosto

<sup>739</sup>SCHPUN, op. cit., p. 92.

<sup>740</sup>RAGO, op. cit., 2008, p. 73.

<sup>741</sup>ROCHE, op. cit., p. 48.

<sup>742</sup>Hermeto Lima. A festa. *A Imprensa*, São Luís-MA, 1 abr. 1907.

esquisito e requintado das caprichosas senhoritas, a quem a emulação e a competência tornam mais difíceis e impertinentes!<sup>743</sup>

Essa descrição da festa por João Lisboa se passa em meados do século de XIX e traduz como as mulheres da época, particularmente as abastadas, estavam participando da “vida mundana”, mudando seus comportamentos e à procura das novidades da moda. E ainda como o comércio estava acompanhando essas novidades. O jornal *A Cruzada*, de 15 de outubro de 1891, apresenta “a pompa” com que a festa se apresentou naquele ano. Segundo o articulista *Gustavo Teixeira*, era com “entusiástico afã que uma população inteira concorre á noite ao largo vistosamente iluminado”.

Continuando a narrativa acerca da festa, *Gustavo Teixeira* lembra também da atividade comercial determinada pela compra de objetos de luxo, em que “a mulher é o elemento principal, porque só ela se ocupa entre nós do seu vestuário, adornando o corpo com galas e esquecendo de adornar o espírito [...]”. A representação final ao fato de as mulheres não estarem dedicadas a “adornar o espírito”, e sim preocupadas com as frivolidades das compras de objetos de luxo, nos leva a observarmos tanto a presença das mulheres nas ruas, nas compras e nos locais de festa quanto aquilo que levantamos no decorrer do texto, o desenfreado investimento nos postigos, que marcou a virada do século XIX para o século XX em São Luís, para se manter as aparências. O articulista conclui: “Divertem-se os bons maranhenses [...] que o fazem com gosto, com esmerado desvelo [...]”. Lembrando que muito dessa preocupação em narrar o vestir e a beleza ou elegância das mulheres está muito vinculada ao período de transição, no qual o corpo feminino, especialmente das mulheres das camadas abastadas, estava sendo visto com mais frequência nos locais de grande movimentação na cidade<sup>744</sup>.

Seguindo as descrições da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, no dia 9 de outubro de 1891, o jornal *A Cruzada* descreve o início da semana de festa: “Esteve concorridíssima a alvorada [...]. Grande número de senhoras espargiam ali uma alegria sã, passeando em suas galas luxuosas, beijadas das brisas da manhã a soprarem perfumadas”. Em outra crônica, do ano seguinte, o articulista narra: “Viu-se certa animação; o sexo amável ostentou-se, como sempre digno da contemplação do entusiasmo e da admiração dos *leões* da

---

<sup>743</sup>LISBOA, João Francisco. **A festa de Nossa Senhora dos Remédios**. São Luís: Legenda, 1992. p. 28.

<sup>744</sup>Essa constatação acontece em grande parte das capitais do país. Como é o caso mulheres de elite de São Paulo analisadas por Mônica R. Schpun. Ver: SCHPUN, op. cit.; no Rio de Janeiro desde o século XIX já havia essa preocupação com o corpo e roupa femininos observada por Maria do Carmo Teixeira Rainho. Ver: RAINHO, op. cit., 2002; em Belém nas primeiras décadas do século XX, a saída das mulheres também era estritamente comentada nos jornais como mostra Rui Martins. Ver: MARTINS JUNIOR, op. cit..

moda, que não lhe perdiam os passos, os movimentos, os mais pequenos gestos”.<sup>745</sup> Na coluna *Noticiário* do jornal *A Cruzada* de 19 de outubro de 1903, acerca da mesma festa, é enfatizada, mais uma vez, a concorrência da festa, em que não se podia “transitar na rua marginal do Largo” e os “*restaurants*” estavam cheios. E acrescenta: “Esplendidas decoração e bom gosto as *toilettes* das senhoras. Quem as via passear sentia-se elevado”.

O “bom gosto das *toilettes*”, esse era o ponto crucial das narrativas das crônicas das festas religiosas. Ao folhear os jornais, observamos que as narrativas a respeito das festas sempre direcionam o nosso olhar para a presença das mulheres e especialmente para as roupas que elas usavam para transitar nessas festas, como se a principal forma de destacar a presença delas fosse através das qualidades de suas vestimentas ou de seus comportamentos, sendo o primeiro reflexo do segundo. Como o cronista *Terencio Ribas* lembra: “é-me impossível descrever os encantadores traços de beleza que se notam nas signorinas maranhenses”.<sup>746</sup>

Levando em conta o que os diversos artigos ou crônicas sugerem a respeito dos passeios em geral e das festas em São Luís e daquilo que era vestido pelas mulheres abastadas, podemos dizer que “o que passou a designar uma posição alta foi o custo evidente da roupa: material rico, adornos supérfluos e estilos difíceis de serem conservados”<sup>747</sup>. Mesmo que para isso fosse necessário muito “sacrifício” financeiro para as famílias ou alguns deslizes morais, como apontaremos no próximo tópico.

### 3.4 Por trás da roupa de passeio

Quem é que não gosta de viver na cidade? Quem é que despreza os encantos do prazer, envolto na opulência da moda, iluminado pela luz elétrica? Ir á missa, pela manhã em dias de festa e aos domingos; ao cinema á noite, ás quintas-feiras e aos domingos; um sarau intimo, um baile puxado á substancia; um alegre na praça publica, arrebatado pela corrida vertiginosa de um automóvel; a moda, o *chic*, a elegância; enfim todo esse frenesi de vida formosa, é uma sedução diabólica.<sup>748</sup>

Essa era a vida na cidade, descrita por *J. Catharino* em um artigo intitulado *O Urbanismo*, de 21 de fevereiro de 1921, do jornal *Diário de São Luiz*; a vida na cidade custava caro: “[...] dinheiro para agüentar o baque desses atrativos todos, é que é difícil!”. Havia muitos “atrativos”, que levavam homens e mulheres a se envolverem nos mais diversos espaços da vida pública, como viemos esquadrinhando no decorrer do Capítulo. Mas, quem é a principal “vítima” desses “atrativos”? Ou melhor, sobre quem recaía a carga de ser a mais

<sup>745</sup>Festa dos Remédios. *A Cruzada*, São Luís-MA, 6 out. 1892.

<sup>746</sup>Terencio Ribas. *Chronica. A Imprensa*, São Luís-MA, 5 mai. 1907.

<sup>747</sup>BOURDIEU, 2005. Op. cit., p. 129.

<sup>748</sup>J. Catharino. *O Urbanismo. Diário de São Luiz*, São Luís-MA, 21 fev. 1921.

prejudicada com as tentações do “urbanismo”? “Uma das suas vítimas prediletas e escandalosas é a mulher”, diz *J. Catharino*, pois “é a infeliz que ele empolga, é a eterna torturada dos seus impulsos demoníacos”. Essa vinculação ocorre devido à vinculação da mulher ao seu local dito natural, o lar, o espaço doméstico. Segundo o articulista, a mulher não deveria envolver-se totalmente nas “tentações” da cidade, deveria, sim, “acostumar-se à simplicidade”<sup>749</sup>. Isso porque a rua, ou seja, os espaços da cidade eram considerados “diabólicos”, simbolizavam o espaço do desvio, das tentações, dos descontroles dos desejos<sup>750</sup>, principalmente para o público feminino.

O artigo leva-nos a perceber que a dinâmica da cidade de São Luís havia modificado, assim como a de muitas capitais do Brasil. Essas modificações, consideradas por vezes “diabólicas”, causaram algumas alterações nos comportamentos, levando a representações que sinalizam uma contradição, pois, ao mesmo tempo que há uma demanda por aparentar riqueza, por distinguir-se das outras camadas da população, ser “elegante”, também uma outra demanda se faz notar que apresenta uma espécie de crítica ao “aparentar ser” ou à ostentação, manifestada como apelo à simplicidade. Como diz Regina Horta Duarte, em meio às “extravagâncias tínhamos as críticas ao luxo e à vaidade características da *Belle Époque* urbana brasileira”<sup>751</sup>.

Essa crítica, focada no luxo e na vaidade, como apontada por *J. Catharino* no início do item, recaía sobre a mulher. Assim, o controle e o descontrole dos gastos da família parecem ser obra da mãe de família. *Julia Lopes de Almeida*, colaboradora em várias revistas e jornais do Brasil, possuía seus textos publicados em vários dos jornais de São Luís. Em um texto postado no *Diário do Maranhão*, de 21 de maio de 1906, induz, desde o título, essa prerrogativa: “Saber ser pobre”. Nesse texto ela discorre sobre a centralidade da mãe na organização das despesas da casa, “acostumando a frugalidade e a resignação”, e como a mãe pode fazer com que a família mantenha os “recursos de dinheiro” no controle, ensinando a seus filhos(as) serem pobres, pois “partida do berço a educação da pobreza é muito mais eficaz para a vida”. Desse modo, montando as bases para a formação de uma “família ideal”, a autora indica funções e papéis destinados às mulheres no interior do lar e o controle para com os gastos com luxo.

*Coelho Netto*, escritor maranhense, também dedicou em seu livro *Alma: educação feminina*, alguns conselhos que giravam em torno da *Economia*, como chama o nome do

<sup>749</sup>J. Catharino. O Urbanismo. *Diário de São Luiz*, São Luís-MA, 21 fev. 1921.

<sup>750</sup>SOIHET, op. cit., p. 365.

<sup>751</sup>DUARTE, op. cit., p. 11.

capítulo ou conselho desse livro, que explica às mulheres a importância da economia, especialmente nos quesitos domésticos, e afirma: “O econômico tem no que amealha a segurança do bem estar e a certeza de que a Fome não lhe entrará em casa”.<sup>752</sup> Dessa forma, constrói um conselho direcionando a mulher aos cuidados com as finanças do lar.

As representações sobre simplicidade apresentadas e debatidas nos jornais e revistas, não deixavam de passar sobretudo por aquilo que as senhoras e senhoritas vestiam. Sendo assim, a simplicidade como arranjo de uma boa administração do lar também aparecia naquilo que era vestido pelas mulheres e, portanto, também era o sugerido nas colunas de moda. Segundo o articulista da coluna *A Moda*, do *Diário do Maranhão*, a “*toilette* das meninas” deve “reunir á elegância e extrema singeleza”, bastando “delicada simplicidade, para aformosear uma menina”.<sup>753</sup> Simplicidade era um conceito que se ajustava à mocinha, mas também à senhora, para quem a falta de simplicidade era sinônimo de “mal gosto” ou de não atualizada com um mundo chique ou de vulgaridade.

Assim como esse artigo do *Diário do Maranhão* tratava de recomendações sobre a simplicidade da vestimenta, ao folharmos os jornais e revistas e observarmos as crônicas, não só as descritas para a análise neste texto, como também as que nele não foram utilizadas, identificamos que grande parte das “qualidades” empregadas às roupas das mulheres, ou seja, o destaque de algumas roupas se voltava para a questão da simplicidade, a qual nos parece possuir dois sentidos: o sentido de singeleza, não exagerar, não se tornar vulgar; e o sentido de não gastar, ou melhor, o de não possuir recursos para gastar.

O primeiro sentido, o de não se tornar vulgar expressa uma simplicidade que está voltada para a questão da moralidade. Nesse sentido, várias eram as colunas nos jornais trazendo informações e notícias do exterior, de outras cidades, da própria São Luís, informando sobre a denúncia dos padres, bispos, etc., em virtude do uso de saias curtas e decotes pelas cristãs, exemplo máximo das mudanças dos padrões de vestir. O jornal *Diário de São Luiz* informa que o reverendo na missa paroquial do dia anterior em São Luís, não informando de qual paróquia, concluiu as reflexões da missa do dia, tratando das “modas modernas”, utilizando-se de um manifesto produzido pelos vigários do Rio de Janeiro. O autor da notícia, chamando atenção às leitoras, transcreve tal manifesto, que se inicia de forma contundente: “Não basta ser casta e honesta é também necessário parecer ser”. Continuando,

---

<sup>752</sup>COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Alma*: educação feminina. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 2011. p. 122.

<sup>753</sup>A moda. *Diário do Maranhão*, São Luís-MA, 26 mai. 1896.

menciona que se fazia urgente mostrar os “inconvenientes”, as “más consequências” e os “gravíssimos perigos” dos “abusos da moda”, com o único fim de combatê-la<sup>754</sup>, pois,

Multiplicam-se e crescem cada dia os escandalos provocados pela moda indecorosa. E’ certíssimo que a dignidade, moralidade e elevação da mulher se conhece pelo seu traje, assim como a sua corrupção e degradação. A virtude exige recato e severidade no vestir, sem espalhafato, nem reclame da forma. A mulher honesta deve vestir de modo tal que se imponha ao respeito e á consideração dos que a virem.<sup>755</sup>

Seguindo, o texto apresenta os três pilares que formam os “encantos” e os “mais bellos ornatos da mulher”: “a virtude, a modéstia e a timidez”. E que, portanto, “[...] os costumes femininos e os seus trajes devem estar em relação e correspondência com os seus dotes morais”. Segundo o manifesto dos vigários, quando “diante de nós” vemos uma mulher “[...] chamando a atenção pelo excêntrico, pelo espalhafatoso do seu traje, não nos passa despercebido todo o cômico e ridículo da sua figura, e então nos escapa um sorriso de compaixão e logo pomos em duvida o seu character”. E pede: “Encompridais as saias curtas que exibem as pernas; levantai os decotes, que expõem vosso corpo; baixai as mangas, que descobrem os braços; sede discretas no trajar para não vos confundirdes com as heroínas do vicio”<sup>756</sup>. Certamente, essas manifestações se davam devido às últimas novidades da moda que se desenrolavam desde os anos 1913, quando os vestidos não traziam golas até as orelhas e em seu lugar havia o decote em V; e mais à frente, em 1915, quando as saias e vestidos se encurtavam até a altura das canelas,<sup>757</sup> transformando o figurino feminino.<sup>758</sup>

As ressalvas do texto, que vinha a ser reflexivo para aqueles(as) que estavam presentes na missa, lido pelo padre em missa na cidade, remetem às análises de Margareth Rago, quando esta diz que havia um discurso que estava preocupado com a submissão sexual da mulher e com um possível desvio da mulher à prostituição, à imoralidade<sup>759</sup>. A roupa, nesse caso, nos apresenta algo que está para além do visível; está no que fora construído a respeito daquilo e mesmo daquele(a) que se veste. O decote e a saia curta apresentam partes do corpo da mulher que remetiam à vulgaridade, isto é, a partes do corpo que somente as prostitutas mostravam, à época.

*Coelho Netto*, em *Alma: educação feminina*, obra já mencionada, que funcionava como um manual de conduta para mulheres, contendo diversos conselhos acerca daquilo que

<sup>754</sup>As Igrejas. *Diário de São Luiz*, São Luís-MA, 5 jan. 1921.

<sup>755</sup>As Igrejas. *Diário de São Luiz*, São Luís-MA, 5 jan. 1921.

<sup>756</sup>As Igrejas. *Diário de São Luiz*, São Luís-MA, 5 jan. 1921.

<sup>757</sup>BRAGA, op. cit., p. 69-75.

<sup>758</sup>Um nome importante do movimento da moda na época foi Gabrielle Coco Chanel que, em 1916, introduziu os *tailleurs* de jêrsei, “uma malha de toque macio e sedoso e com aspecto elástico” e um estilo de vestuário feminino simples, porém elegante, que fazia com que todos as admirassem e as copiassem. LAVER, op. cit., p. 234-235 e BRAGA, op. cit., p. 70- 71.

<sup>759</sup>RAGO, op. cit., 1985, p. 85-116.

representava o dito “mundo feminino”, apresentava um tópico sobre o *Trajo* feminino. Nesse tópico, ele remete o traje a dois extremos, ou, nas palavras dele, “feições diversas do parecer”: o luxo e a decência. Segundo o autor, o “luxo tem seu tempo, a decência é de sempre”. Esses dois lados do vestir no conselho a respeito do *Trajo* nos induz justamente aos dois focos que aparecem nos jornais e revistas que circulavam na cidade, o de luxar, mas, por sua vez, o de manter uma aparência dita decente, dentro dos padrões de moralidade vigentes, que já foram elencados no decorrer do texto: recato, castidade, honestidade, docilidade, etc. É importante ressaltar que o autor, no decorrer do seu conselho, lembra que nenhuma dessas duas feições do parecer devem excluir a elegância<sup>760</sup>.

Essa preocupação com a simplicidade, significando moralidade, dialogava com o discurso que circulava nas cidades brasileiras. Em Teresina, por exemplo, Pedro Vilarinho Castelo Branco nos revela que mesmo o discurso de emancipação da mulher já circulando entre o final do século XIX e início do XX, o modelo tradicional<sup>761</sup> de mulher ainda vigorava e com isso uma “boa formação moral” era tida como essencial para que ela cumprisse as suas funções de mãe e esposa<sup>762</sup>. Em São Paulo, Magareth Rago também lembra o discurso moralista que estava preocupado com a invasão das mulheres no cenário urbano, especialmente no trabalho, destacando a preocupação com a virgindade, a maternidade, no intuito de instruir hábitos moralizados e regradados numa pretensão reformadora<sup>763</sup>.

Por outro lado, em São Luís, a constância desses artigos em jornais e revistas com uma conotação de simplicidade pode nos fazer pensar que uma parcela da população, em especial as mulheres, dedicava-se a acompanhar as mudanças no vestuário, e ainda, arriscavam-se a aparecer nas ruas da cidade expostos ao julgamento da “tesoura cruel e desapiadada dos grupos”<sup>764</sup>. Mas por quê? Uma resposta que parece simples: Para “aparecer”. Isso porque aparecer “à última moda”, por mais indecorosa que pudesse ser considerada ainda as fazia serem vistas e serem apontadas como alguém que possuía recursos para comprar.

O segundo sentido, de não gastar, ao que parece, estava presente em crônicas e em textos diversos contidos nos periódicos, ou por conta do discurso de crise pela qual a capital passava ou por conta da crítica ao perfil de consumidora<sup>765</sup> agregado a mulher que estava

<sup>760</sup>COELHO NETTO, Henrique Maximiano. Op. cit., p. 125-127.

<sup>761</sup>A perspectiva tradicional, usada por Pedro Vilarinho Castelo Branco era aquela que via a mulher como tendo a sua vida voltadas para o espaço doméstico e para os papéis de mãe e esposa. CASTELO BRANCO, op. cit., 2005, p. 126.

<sup>762</sup>Ibid., p. 126-132.

<sup>763</sup>RAGO, op. cit., 1985, p. 62-73.

<sup>764</sup>MORAES, op. cit., p. 73.

<sup>765</sup>Maria Claudia Bonadio, a partir da análise da publicidade do Mappin Store, anúncios e catálogos, mostra a manutenção do ideal da mulher mãe, esposa e dona de casa e somado a esse ideal a mulher que vai às compras,

sempre nas ruas a fazer compras. Esses dois discursos dialogam nos artigos de algumas colunas de moda, além dos problemas do luxo excessivo, articulando-se com as crônicas que narraram os usos das roupas pelos cidadãos, construindo uma representação voltada para a simplicidade, denotando preocupações com os gastos das famílias.

De todo modo, a questão que implicitamente permeava os textos dos periódicos era a economia doméstica e o custo benefício de casar. Tal discurso dialogava com o “novo mundo de expectativas e encargos familiares”<sup>766</sup> que passou a predominar a partir do século XIX no Ocidente, quando pensar em casamento era “falar do custo do casamento, encarar os filhos como um despesa e o casamento como uma possível ameaça à prosperidade individual [...]”<sup>767</sup>. Assim, tal perspectiva se desdobrava nos discursos apresentados nos periódicos ludovicenses na medida em que eram apontados os gastos de uma vida de casado e, numa tentativa de alerta, os caminhos da economia para os casais.

Esse segundo sentido aparece muitas vezes com preocupações ditas perdições da alma, como é o caso do texto não assinado, intitulado *O Luxo*, do jornal *Diário de São Luiz*, de 7 de setembro de 1920, que manifesta: “Tanto o luxo é ruinoso para a economia das famílias, como a moda indecorosa e provocativa constitui a perdição de muitas almas. Mas infelizmente o culto ao luxo e abuso das modas verifica-se nos nossos dias até em lares cristãos”. Apesar da perspectiva religiosa, católica, e a própria preocupação com o abuso das modas ditas imorais, o ponto crucial da perspectiva do autor é o luxo. E adverte “pais e mães católicos deveriam saber que é pecado desperdiçar em adornos vãos o que é necessário para o sustento da família [...]”. Isso nos faz perceber que havia um discurso que estava preocupado com os gastos excessivos com a vestimenta e os adornos em geral, o que nos leva a inferir que por mais que o culto da aparência estivesse vigorando, os recursos para mantê-la não permitiam excessos. É de observarmos também que essa prerrogativa se aplicava mais àqueles que se queriam da elite e à “elite postiça” já mencionada, que intencionavam acompanhar os padrões do vestir da elite, do figurino europeu, embora não se restringisse somente a esse grupo.

---

preocupa-se com a beleza e, portanto, é consumidora, estimulada ao consumo e ao gosto feminino pelas novidades. BONADIO, op. cit., p. 91-118.

<sup>766</sup>Alan Macfarlane analisa o sistema de casamento malthusiano como fio condutor para observar a história econômica e social da Inglaterra entre os séculos XIV e XIX. Observar direcionamentos para o casamento (como uma escolha) e a construção da família individualista, baseadas na relação “custo e benefício”, apresentada pelo autor, nos permite entender um pouco dos novos direcionamentos do casar e da constituição da família no mundo Ocidental daquele período. MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. Inglaterra, 1330-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1900. p. 57.

<sup>767</sup>Ibid., p. 50.

*Elzira Gorjão*, frequente assinatura que aparece nas colunas que tratavam de moda no jornal *Diário do Maranhão*, menciona “às gentis leitoras”, que diante do calor tropical dos últimos dias na cidade temos uma moda que encaixou com o nosso clima “*toilettes* finas e leves, cambraias, cassas, musselina de seda, etc”. Mas o principal ponto do qual chama atenção a articulista é o preço. Percebamos: “Que deliciosas *toilettes* [...] não são de preço excessivo!”<sup>768</sup>. E continua narrando como o figurino estava de acordo não só com as questões climáticas ludovicenses, mas também com as questões financeiras:

A moda parece que já as previa, porque tinha posto em voga estes tecidos, que são realmente muito mais próprios para o verão do que os de lá. Agrada-nos tudo que representa uma economia, e por isto estas casas estão n’este caso; com vestido de seda de cor clara que esteja desbotado, com manchas, e que tenha pouca fazenda, um vestido, enfim, que nos haja parecido já não servir para nada, pode-se com pequena despesa, fazer um bonito vestuário e senão vejamos: a saia embora com mil emendas, aproveita-se para fundo cobrindo-a de folhas altos até a cintura. O resto da seda aplica-se para as mangas que se forram também de cassa. Se a seda usada não chegar, ou por ter manchas não possa servir para o corpo, fazendo-se este de <surah> no feitio de blusa. Alguns folhos da mesma cassa ou <ruche> guarnecem o pescoço. Já vêem que, com pequena despesa se pode fazer um traje muito bonito e elegante. Estes vestidos serão a grande moda este ano para cassino e clubs. [...] Estamos convencidos que, não é por se fazer grandes gastos em vestuários que as senhoras andam mais bem vestidas. [...]<sup>769</sup>

Observamos que a economia no vestir era o ponto chave da preocupação da articulista e podemos inferir que ela se dava em razão da instabilidade financeira em que a cidade se encontrava, apesar de insistir em manter a aparência. Daí podermos dizer que é como se o discurso do jornal, ou melhor, da articulista de moda do jornal, estivesse se adaptando aos tempos de crise em uma perspectiva de não deixar que a aparência de elegante se perdesse. Pois, embora o acompanhar a moda fosse necessário, o mais simples também podia ser elegante, dadas as circunstâncias financeiras. Então, não podemos falar de uma maior facilidade de acesso ao vestir, considerando que, apesar da crise econômica, os tecidos ainda eram aqueles de alto custo: seda, musselina de seda, rendas, tecidos considerados finos. Portanto, preferimos pensar numa adaptação aos tempos de crise.

De toda maneira, a crítica ao consumo de moda exagerado era aparente nos artigos dos jornais. Um deles, presente no *Diário do Maranhão*, assinado por *Blanche de Nirebourg*, aconselha “às gentis leitoras” tentar não seguir as constantes mudanças na moda. Segundo o(a) autor(a), a maioria das senhoras não aceita mais um vestido para cada ocasião, “torna-se necessário que os guarda-fatos regorgitem de modelos, que haja uma <toilette> de passeio para cada dia, um costume de jantar para cada convite, um vestido de cerimonia para cada visita, um para <soirée>, outro para o jantar, etc., etc.”. O que leva a agradecer “muito bem

<sup>768</sup>Elzira Gorjão. Modas. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 12 set. 1893.

<sup>769</sup>Blanche de Nirebourg. Modas. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 12 set. 1893.

o comercio, mas que não agrada a muitos chefes de família nem a muitos maridos”, uma vez que um dos elementos mais onerosos da vida doméstica é a “*toilette*” e muitas senhoras “não querem já saber do arranjo ou da transformação de uma <toilette>”; da reutilização de um vestido com algumas modificações.

Era, pois, prioridade para as senhoras apresentarem-se com “novidades sobre novidades, sem fazer caso se podem ou não realizar tais despesas e se a posição que se ocupa na sociedade está realmente de harmonia com esses gastos absurdos”. O autor manifesta: “para que se possa levar a efeito o que hoje se está vendo no assunto <toilette>, é necessário possuir-se de uma grande fortuna”. E reforça às “gentis patrícias”: “a moda, se se quiser seguí-la segundo todos os seus caprichos e fantasias, é uma verdadeira ruína ás maiores desgraçadas e dissabores na vida doméstica”, recomendando “moderação na moda e no luxo”. Nesse sentido, a autora pede “que cada uma gaste e vista em harmonia não só com sua posição social, mas também conforme a sua bolsa lhe permitir”<sup>770</sup>. E conclui:

Eu defendo a moda, acompanho-a, aprecio-a, acho elegantíssimo uma senhora vestir muito bem; mas o que não posso tolerar é que se deixem dominar por ela e sobretudo que não procurem evitar grande dispêndio, quando se pode conseguir o mesmo resultado de uma <toilette>, tendo gasto apenas um quarto da quantia que muitas senhoras dispendem e sem que, por isso deixem de vestir com distinção e elegância.<sup>771</sup>

Podemos observar que a autora foca na redução das despesas com o vestir, o que significa que o contexto não permitia, nem mesmo àqueles que faziam parte das camadas abastadas, gastos suntuosos, como era comum em meados do século XIX. Daí o forjar de um discurso contra as constantes mudanças da moda e, mais ainda, o acompanhar dessas mudanças pelas mulheres. E, para além disso, forjar um discurso que apresentasse uma possível elegância e distinção com poucos gastos e moderação. Os próprios anúncios de algumas lojas da cidade estavam participando dessa adaptação ao contexto de “poucos gastos” no momento em que era possível acompanhar algumas liquidações por parte de algumas lojas.

Existia, por exemplo, a loja *Grand Chic*, situada na já apontada Rua de Nazareth, rua considerada mais “chique” da cidade e onde estavam situadas as lojas mais sofisticadas. Essa loja expunha seus preços como sendo “baratos”, e os motivos para os preços estarem baratos eram comumente a troca de mercadorias antigas por mercadorias novas que estavam na Alfândega chegadas da Europa. Os artigos oferecidos nos anúncios figuravam a possibilidade de que as camadas médias pudessem frequentá-la e mesmo comprar algumas

<sup>770</sup>Blanche de Nirebourg. Modas. **Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 2 set. 1893.

<sup>771</sup>Blanche de Nirebourg. Modas. **Diário do Maranhão**, São Luis-MA, 2 set. 1893.

peças que lhes fizessem à semelhança dos integrantes da elite ludovicense e por vezes participarem do jogo das aparências.

Mônica Raisa Schpun, ao observar a dinâmica das liquidações do Mappin Store, loja de luxo em São Paulo, diz que “os saldos, regularmente organizados pela loja, são uma ocasião para as mulheres menos favorecidas terem acesso a artigos de vestuário ou outros normalmente reservados às famílias ricas”<sup>772</sup>. No entanto, o foco dos anúncios continuava sendo as “excelentíssimas famílias elegantes” da cidade, o que nos leva a concluir que muitos dos que iam comprar eram participantes da elite, mas compravam peças em promoção, no intuito de conseguir manter a “família elegante”. Outras lojas em São Luís também se utilizavam desse mesmo mecanismo de venda, a exemplo, a *Casa Oriental*, *A Exposição*, *Alfaiataria Teixeira*, etc.

Para as “gentis patrícias”, essas liquidações poderiam ser uma possibilidade de acompanhar a moda, mesmo que tangencialmente, tendo em vista que o que era liquidado eram os tecidos e os aviamentos (fitas, rendas, etc.), podendo as mulheres das camadas abastadas copiar os modelos dos figurinos que circulavam na cidade e mandar uma modista ou costureira reproduzir. Vale lembrar que estamos tratando de um discurso de simplicidade, que identificamos com o discurso de uma possível crise à época, que afetava inclusive a elite. Esses modelos estavam devidamente dentro dos padrões europeus como mostra a imagem a seguir.

---

<sup>772</sup>SCHPUN, op. cit., p. 79.

**Figura 28- A Moda da Revista**



**Fonte: Revista do Norte, São Luís-MA, 16 fev. 1902.**

Na imagem acima vemos modelos de vestimenta que se apresentam na *Revista do Norte* no decorrer dos anos 1901 a 1906. Era uma revista semanal, e em cada edição era apresentada uma imagem de mulheres em poses que remetiam a espaços domésticos, normalmente encostadas a uma mesa, sentadas em cadeiras, em jardins, etc. Dito isso, o que temos que retomar é que estes figurinos se apresentavam nas revistas e jornais que circulavam na cidade e eram a partir deles que as mulheres tratavam de copiar o vestir europeu, em especial o francês. Como atesta o registro de uma propaganda de Modista: “Recebem-se costuras sejam brancas, vestidos [...] e coze-se por figurino”<sup>773</sup>. Porém, as reproduções poderiam ou não manter o padrão de “qualidade” francês de uma “roupa feita” e, portanto, poderiam ou não agregar o prestígio que uma roupa originalmente francesa teria.

Além disso, alguns artigos dos jornais tratavam de ensinar as “nossas patrícias” como reaproveitar vestidos, modificando somente alguns detalhes para, com isso, poder usá-los novamente em outra ocasião. O registro da coluna *A moda*, de *O Jornal*, nos apresenta esses ensinamentos, em que o(a) articulista para incentivar o reaproveitamento dos vestidos informa que ouviu dos “grandes *ateliers* de costureiros” que com tecidos bons se poderia

<sup>773</sup>A modista. *A Cruzada*, São Luís-MA, 30 set. 1890.

desafiar a moda e que muitas freguesas da alta sociedade desses estabelecimentos transformavam repetidas vezes o vestido, com pequenas alterações e faziam-no “sempre moderno”<sup>774</sup>. Em outro artigo da mesma coluna o(a) articulista inicia os conselhos de moda com a seguinte questão: “Como podem simplificar as suas toilettes as pessoas que dispõem de pouco tempo e de pouco dinheiro?”. Entretanto, sua resposta era para as “gentis leitoras” que mesmo envolvidas com a “luta pela vida” continuavam “perfeitamente escravas ainda as leis do bom gosto e da elegância”. E continuando o(a) articulista oferece dicas de tecidos, cortes e cores para usar durante o dia e a noite, que possibilitassem uma ampliação do uso.<sup>775</sup> Percebemos, contudo, que mesmo mencionando no início do artigo tratar de roupas para quem tem pouco dinheiro e que precisam manter as aparências, fica evidenciado que a elegância ainda deveria ser mantida.

O exemplo seguinte, o último que analisaremos, apesar da quantidade que encontramos ao folhear jornais e revistas que tratavam da preocupação com os gastos com as vestes, principalmente das mulheres, aparece no jornal *Diário de São Luiz*, do dia 24 de março de 1924, no artigo intitulado *Loucuras da Moda*, assinado por *João da Cruz*. Nele o autor manifesta o mal que a moda faz às famílias diante dos gastos que ela promove. Segue:

Pior que o carnaval é moda. A moda é o mal fundamental da sociedade. É motivo de discórdia nos lares e de miséria nas famílias. Muita gente come mal, dorme pior, faz os mais cruéis sacrifícios para poder vestir um vestido novo de acordo com os últimos figurinos. Senhoras cujos maridos ganham o suficiente com que manter honestamente a família e que, portanto, não haviam mister de trabalhos que não os afazeres domésticos, os cuidados dos filhos, vivem dia e noite num trabalho contínuo para adquirirem dinheiro bastante com que possam ombrear na vaidade com os esposos dos ricos. Outras obrigam as esposas a se sacrificarem, a se arruinarem, mas não podem dispensar um novo vestido e um chapéu mais caro.<sup>776</sup>

*João da Cruz* é enfático ao afirmar que a moda é a “miséria das famílias”. E a preocupação dele era mostrar como os gastos com as modas arruinavam as famílias, evidenciando os tempos de crise, em que mesmo as camadas abastadas pouco poderiam fazer para aparentar riqueza. Entretanto, é interessante quando o autor faz a observação de que as senhoras que possuem os maridos que trabalham para manter “honestamente as famílias” não deveriam se submeter a trabalhos a fim de adquirir dinheiro para competir em vestes com “as esposas dos ricos”, o que prova a diferenciação entre aquilo que a elite vestia e aquilo que as outras camadas vestiam. Além disso, fica expressado também o galgar das outras camadas pelo modo de vestir, assim como os modos de se comportar, da elite.

<sup>774</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 17 jun. 1916.

<sup>775</sup>A moda. **O Jornal**, São Luís-MA, 3 jan. 1916.

<sup>776</sup>João da Cruz. *Loucuras da Moda*. **Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 24 mar. 1924.

Poderíamos afirmar que mesmo esse discurso surtindo efeito no imaginário social, em face da simplicidade com que os relatos das festas por vezes descreviam as vestes das mulheres, o tom de reprovação dado a essas vestes nos faz perceber que não eram tão aceitos como “elegantes” aqueles que vestiam com simplicidade tampouco por aqueles que observavam as mulheres nas festas. O “bem vestir” estava acima das questões financeiras e para quem se queria da elite o vestir era crucial.

Apesar da corrida pelo aparentar ser, é notório o declínio da participação nas festas religiosas e também do vestir nessas festas, observado nas crônicas que tratavam desses eventos. Contudo, é importante perceber que esse fato deve ter relação com questões econômicas, tendo em vista as crises pelas quais o Maranhão vinha passando (já apontadas). Ademais, o envolvimento da população com outras formas de divertimento afastava, em certa medida, homens e mulheres das festas promovidas pelas Igrejas.

Esse fato é notado principalmente nas crônicas que narram a dinâmica da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, a qual, como já observamos, desde o século XIX ocorria com muita “pompa” em São Luís e era esperada pelos ludovicenses como momento único na disputa do “aparentar ser”. No entanto, no dia 12 de outubro de 1903, o jornal *A Campanha* apresenta duas colunas narrando o domingo da Festa dos Remédios e ambas apresentam saudosismo em suas expressões, mostrando nos primeiros parágrafos como fora no passado esta festa e como se apresentava no início do século XX. Na primeira coluna, intitulada *A Festa*, lemos: “[...] uma das nossas mais importantes [festas] a de N. S. dos Remédios, que era outr’ora feita com muita pompa, mas que decaí consideravelmente em nossos dias”<sup>777</sup>. Na segunda, intitulada *Chronica da Festa*, é dito: “Domingo dos Remédios!... Quem te viu e quem te vê! Que formidanda mudança! Que diferença de característicos nas coisas! Foi o tempo, ou foram os homens que mudaram?”<sup>778</sup>, retomando a discussão que trouxemos no início deste trabalho. Além da descrição da estrutura da festa (fogos, comércio de comidas, etc.), os cronistas apresentam as pessoas que lá estavam e a descrição daquilo que vestiam carregava o signo da crise da festa. “Passeiam pelo adro alguns rapazes acompanhando certas moças modestissimamente trajadas, sem animação alguma”.<sup>779</sup> Outro comentário: “Moças bonitas e simpáticas, vimos algumas, cheias de flores, bem penteadas, bem airosas, bem bonitinhas [...]”<sup>780</sup>. Como vemos, o comentário nos apresenta descrições que reservam ao

---

<sup>777</sup>Torres Torreão. *A Festa. A Campanha*, São Luís-MA, 12 out. 1903.

<sup>778</sup>Chronica da Festa. *A Campanha*, São Luís-MA, 12 out. 1903.

<sup>779</sup>Torres Torreão. *A Festa. A Campanha*, São Luís-MA, 12 out. 1903.

<sup>780</sup>Chronica da Festa. *A Campanha*, São Luís-MA, 12 out. 1903.

vestir das moças – e de algumas – uma simplicidade que não dava sentido de riqueza, mas sim de pouco investimento no vestir – principalmente quando frisa “bem bonitinhas”.

O declínio da Festa dos Remédios já era observado nos anos finais do século XIX. Segundo *Giacomo*, no último dia da festa “não houve pompa dos passados anos, o farfalhar das sedas foi menos, menos riqueza nas toilettes”. E justifica: “E isto é simplesmente o resultado das condições morais e monetárias em que nos encontramos”. Segundo o articulista da crônica, “A noite de ontem correu fria. Não se sentia o machucar das vestes, os olhares dardejados, os segredinhos, nada... apenas um ou outro grupo mais interessante, mais lindo, é que passava gargalhando dando um tom de alegria aquela tristeza imensa”<sup>781</sup>.

Ainda no final do século XIX, outras narrativas acerca das festas traziam essa representação da crise. *Mario*, articulista da crônica *Pela Festa*, do jornal *A Cruzada*, de 1892, discorre em sucessivas crônicas a participação e o vestir dos poucos que ali estavam naquele ano. No dia 1º de outubro, sexta-feira, segundo o articulista, foi “desanimada e fria a noite de ontem. Completamente vazio o largo, e na rua do Ouvidor deserta e triste, apenas alguns passeantes sonolentos estirava desengraçadamente as pernas, bocejando de tédio”. Segundo ele, a única nota alegre que havia naquela noite era um grupo de moças que conversavam alegremente, sentadas na calçada que “corre paralela a rua do Ouvidor”. Entre elas havia uma que se sobressaía pela *toilette*, ou melhor, pela “elegância aprimorada da toilette e graça indefinível do porte”. Diante de tamanha monotonia, o autor afirma que “se não fosse esse grupo de engraçadas representantes do belo sexo a festividade seria insuportável”. No sábado foi o mesmo desânimo, “a rua do Ouvidor a mesma solidão”.

Já no domingo a festa ocorreu “animada”; era um vai e vem de grupos de moças, “ostentando elegância das toilettes, diluindo no tépido ambiente do largo o perfume sutil dos seus encantos”.<sup>782</sup> Por mais que a festa no domingo tenha sido mais “animada”, havia uma oscilação entre o que diz respeito à participação dos cidadãos na festa e aquilo que vestiam. A partir dos registros apresentados nos jornais, observamos que aquelas festas que eram o momento mais viável de exibicionismo, estavam perdendo essa função diante da impossibilidade daqueles que faziam a animação delas de estarem ali presentes todos os dias. Podemos dizer que essa situação estava associada ao fato de muitas mulheres não poderem comprar diversos vestidos para serem utilizados a cada noite, como já foi apresentado no tópico anterior, ou seja, à resistência das mulheres em ir para as festas com o mesmo vestido. O que, em suma, mostra como o vestir era importante no apresentar-se nos espaços públicos e

<sup>781</sup>Giacomo. *Pela Festa*. **Jornal da Manhã**, São Luís-MA, 9 out. 1890.

<sup>782</sup>Mario. *Pela Festa*. **A Cruzada**, São Luís-MA, 3 out. 1892.

como a crise que o Maranhão vivenciava estava sendo representada também naquilo que se vestia.

Nesse sentido, o artigo citado no tópico anterior, do jornal *A Novena*, intitulado *Sombras...*, de 23 de agosto de 1909, bem como o *Folhetim*, de 17 de outubro de 1891, também já citado, narrado em forma de versos, tratando da *Festa dos Remédios* mostram em certa medida o tom de exclusão do não ir à festa por conta da falta de vestido, “pois tudo está mais carinho” e “quem não pode não se mete” a “um vestido cada dia”<sup>783</sup>. E o não acompanhar a moda devia ser igualmente um dos sinais da falta de recursos daqueles que queriam manter o *status* de elite.

Dessa forma, ao solicitar a presença das mulheres na Festa de Santa Filomena, o cronista de *Sombras...* denuncia o mau sintoma que causavam as exterioridades excessivas: “revelam uma alma superficial ou complicada, caprichosa, ou leviana [...]”. Isso na tentativa de convencer as mulheres de não se preocuparem com o vestir, ou mesmo com o repetir a roupa, porque, segundo o cronista, “na simplicidade é que está a perfeição e a arte não é artifício. Isso é uma verdade no vestuário como em tudo mais”. Então, no intuito de convencer as mulheres a frequentar os locais da cidade, percebemos uma espécie de exaltação da simplicidade – “sede simples, e sereis perfeita” . Mas tal conselho cabia tão somente para aquelas que não podiam acompanhar as mudanças frequentes da moda, pois “as ricas se apresentem com a sua riqueza, que Deus conserve”<sup>784</sup>. Enfim, para aquelas que tinham recursos, o acompanhar a moda tinha uma função de destaque na sociedade e aquelas que não podiam que se conformassem com a simplicidade. Mas o que queremos apresentar é que havia por meio da moda a possibilidade de dizer de qual grupo uma mulher, e mesmo um homem, faziam parte ou pretendiam fazer e, para além disso, o simples era uma forma de adequar cada grupo a seu respectivo universo na escala hierárquica a que pertencia. E ainda, o discurso apresentado pela simplicidade nos traz a imposição do “estar na moda”, do “ser elegante” diante de um contexto representacional de crise, numa perspectiva de manter as aparências de elite, mesmo que para isso tivesse que usufruir das liquidações e das reformas das roupas.

---

<sup>783</sup>Folhetim, narrado em forma de versos, tratando da Festa dos Remédios de 17 de outubro de 1891.

<sup>784</sup>A.A. Sombras. *A Novena*, São Luís-MA, 23 ago. 1909.

## ARREIMATE - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ser elegante”? Esse foi o fio condutor – proposto para construção dessa tese – para entendermos a partir da moda, vinculada à vestimenta e à máscara fisionômica, a elaboração do discurso de feminilidade, bem como os ideais e as representações do moderno e do civilizado, expressados na *Belle Époque*, no final do século XIX e início do XX, que construíram lugares de pertencimento, criando fronteiras, diferenças e associações de grupos, práticas e representações em São Luís.

Assim, perseguindo os sentidos do ser uma “mulher elegante” em São Luís do Maranhão na virada para o século XX, observamos que essa representação estava articulada à prerrogativa distintiva, galgada pela dita elite ludovicense, o que se consolida como a tese. O que quer dizer que por trás do “ser elegante” havia uma necessidade de as pessoas da elite se manterem como elite (redundante, mas é isso!), a fim de garantir seu espaço dentro desse grupo social. Para isso, como argumentamos no decorrer do texto, esse grupo utilizou-se de posições para a manutenção desse *status*. Posições porque estes transmitem uma realidade que não é, uma realidade que só existe em aparência.

Daí a corrida por atualizarem-se quanto às tendências da “última moda”, embasados no discurso de um modelo dito ideal de “mulher elegante”, “bela”, que se traduzia em saudável, limpa e bem vestida. Tal modelo, espelhado na maioria das vezes em padrões externos, instalando-se em terras ludovicenses ressignificava-se, mesmo que de forma tênue, visto que seguir acirradamente os ditames estrangeiros ressaltava a conotação de elegância.

A tese se sustenta em argumentar que essa tentativa de segurar-se nos posições para garantir estabilidade no seio da “fina flor da sociedade ludovicense” se deu, em meio à “instabilidade econômica” do final do século XIX e início do século XX, dita crise ou decadência, na qual vivia parte dessa elite, formada basicamente por comerciantes e fazendeiros e sua camarilha (letrados, formados, coronéis, etc.), como diz Nascimento de Moraes, que viviam saudosos dos tempos que se foram... Tempos esses do Império, um período de “fartura”, em que mantidos pela agroexportação (açúcar e algodão) e pela escravidão, São Luís era a quarta capital em importância no cenário econômico, o que garantia crescimento e desenvolvimento material para alguns locais da cidade e para uma parcela dos cidadãos, os abastados. Então, saudosos, pertencentes a esse grupo galgavam a manutenção de todas as formas de uma aparência condizente com aquilo que era demandado para “ser de elite” nas principais capitais do Brasil no final do século XIX e início do século XX, mesmo que pelo uso de posições.

Assim, o mapeamento do “comércio de luxo” nos permitiu visualizar a circulação de mercadorias, estabelecimentos e profissionais (modistas, alfaiates, etc.) em São Luís, bem como as representações impregnadas do moderno e do civilizado, encarado como elegante, que permeavam a venda desses produtos, como se o fato de o produto ser do estrangeiro, especialmente da Europa, já, em si, lhes desse a condição de elegante, enfim, distintos. E essa aura elegante e distintiva não envolvia somente quem comprava, mas também o próprio estabelecimento e seu proprietário. Simbolicamente, portanto, usar algo do estrangeiro era um carimbo de distinção, uma vez que essa circulação, por mais que não fosse de todo fechada, pois os produtos, profissionais e estabelecimentos estavam disponíveis para quem quisesse deles usufruir, observamos e concluímos que cindia um direcionamento nas representações de quem frequentava tais estabelecimentos ou visitava tais profissionais ou comprava tais produtos se estilizava por si de elegante, no caso, de “mulher elegante”.

Os tecidos, as cores, os objetos (acessórios), os produtos caseiros ou os remédios, cada produto vendido e consumido era investido nas diferenças e reproduzido no todo elaborado como “elegante”... “na última moda”. O preço, o material e a procedência das mercadorias também davam suporte e muitas vezes garantiam a construção da aparência de *chic*, distinta.

O semblante dessas mulheres (a quem denominamos também de máscara fisionômica ou perfil) que se queriam elegantes era performático na medida em que estava calcado num modelo de mulher encarado como ideal e mesmo natural. Dito isso, conferimos que havia um ideal, certamente que não era um discurso uníssono, mas que de toda forma embasava essas representações, articulando características físicas com o comportamento dessas mulheres. E esse perfil solicitado era o de cuidados com o corpo (limpo, saudável e belo), que agregavam valor simbólico ao arsenal da elegância para que as mulheres ludovicenses, que assim aspirassem, se mantivessem ou até adentrassem a “alta roda da sociedade” local.

Os periódicos que sustentaram esta pesquisa, bem como a literatura, funcionavam como disseminadores desses perfis, desses cuidados com o corpo e com o vestir, difundindo um modelo a ser seguido e assimilado (não de forma linear e total) pelos cidadãos, nos aparecendo como uma forma por vezes disciplinar. Era como se fosse construído um parâmetro do “ser elegante” com base nas das narrativas dos cronistas, dos artigos e mesmo dos anúncios. Como argumentamos no decorrer do texto, por exemplo, as crônicas, em que os articulistas selecionavam os espaços, direcionavam o público a frequentar certos espaços e em seguida narravam a presença do público naqueles espaços, trazendo um tom a essas

representações de pertencimento à “alta roda” e, para, além disso, usando esses perfis como exemplares, ou melhor, como ideias e dignos de serem consumidos. Desse modo, as narrativas, repetidas vezes, reafirmavam os devidos postigos para que as ludovicenses alcançassem este patamar: o da elegância.

Seguindo o exemplo acima, os espaços de sociabilidade eram palco desse jogo do ser ou não elegante. Era nesses espaços que cada detalhe da aparência era observado e avaliado pelos pares, assim como pelos jornalistas, que rastreavam os passos daqueles que apostavam nos postigos. Os diversos salões – das casas, das festas religiosas e mesmo dos passeios – davam enredo para as especulações dos articulistas dos jornais, que, a partir das aparências dos frequentadores, filtravam aquilo que era conveniente para ser dito. Assim, para cada ocasião, uma representação de uma possível “boa imagem”, garantida ou adquirida pelos postigos, possuindo sentidos que iam além do visto, pois diziam também da moral e/ou do recato e/ou da simplicidade. Dizemos “ou”, porque o que era visto quando era moral não era imoral; quando era recatado não era vulgar, e assim..., mas também dizemos “e” porque quando era categorizado por qualquer um desses sentidos estava implícito todos os outros, portanto, se o que era visto aparentava recato, também era moral e simples.

E, por fim, o semblante a ser “conquistado” pelas ludovicenses, especialmente as abastadas, na virada do século XIX para o século XX, nos diz o seguinte: a elegante tinha o perfil, a saúde, a limpeza e a roupa dita ideal para tal. E por insistência nisso, tinha acesso para circular como a e na “fina flor” da sociedade ludovicense.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Dunshee de. **O Cativoiro**. 2. ed. São Luís: ALUMAR, 1992.
- ABRANCHES, Dunshee. **A esfinge do Grajaú: memórias**. Rio de Janeiro: S.A. Editora Jornal do Brasil, 1959.
- ABRANTES, Elizabeth Sousa. **“O dote é a moça educada”**: mulher, dote e instrução feminina na Primeira República. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2010.
- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- ABREU, Martha. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos”: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). **Tempo**, Rio de Janeiro, n° 16, p. 143-173. Disponível em: < [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg16-7.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg16-7.pdf) >. Acesso em: 23 ago. 2013.
- AGRA, Giscard Farias. **Quando a doença torna a vida um fardo**: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de pós-graduação em História. Recife, 2014.
- ALMEIDA, Maria Conceição Pinheiro de. O Estado sanitário da cidade de São Luís no início do século XX. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos (Orgs.). **São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade**. São Luís: UEMA, 2012. p. 131-154.
- ALVES, Gisele; MATOS, Maria Izilda Santos de. “A nova mulher” educando as futuras mães. São Paulo 1850 - 1900. **Caderno Espaço Feminino**, v. 15, n. 18, 2006.
- AMARAL, José Ribeiro do. **O Maranhão histórico: artigos de jornal (1911-1912)**. São Luís: Instituto Geia, 2003.
- ANTOLOGIA da Academia Maranhense de Letras (1908-1958). São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- AZEVEDO, Raul. **Vida Elegante**. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1913.
- BARBOSA, Domingos. **Silhuetas**. 2. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.
- BARBUY, Heloisa. Comércio Francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: VIDAL, Lareunt; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **Franceses no Brasil: século XIX-XX**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 193-208.
- BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamound, 2006. p. 90-95.

- BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- BLOC, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. **Athenas Equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 65-66.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. CEBRAP**, n. 96, p. 105-115, jul. 2013. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010-33002013000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010-33002013000200008) > .  
Acesso em: 22 ago. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. 6. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
- BUTLER, Judith. Os corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira [1990].
- CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Ocultar e preservar**: a saga da civilidade em São Luís, 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- CAMPOS, Humberto de. **Memórias e memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidade de gênero, amor, casamento em Teresina (1920-1960)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- CARVALHO, Heitor Ferreira de. **Urbanização em São Luís**: entre o institucional e o repressivo. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**: a condição feminina na primeira república. Teresina: Bagaço, 2005.

CASTRO, A. R. Gomes de. **As raças humanas**: a mulher. Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Marques Araújo, 1921.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados** [online], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. **Alma**: educação feminina. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 2011.

COELHO NETTO, Paulo. **Páginas escolhidas**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1945.

CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; CLASEN, Jaime. **História do corpo**: da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-11.

CORBIN, Alain. A influência da religião. In: **História do corpo**: da revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 57-100. p. 58-59.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cad. Pagu**, n. 6-7, p. 35-50, 1996. Disponível em: < <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860/1981> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama**: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX. São Luís: EDUFMA, 2006.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: SENAC, 2006.

CRESTANI, Luís Jaison. O perfil editorial da Revista a Estação: jornal ilustrado para a família. **Revista da Anpoll**. Língua portuguesa na Imprensa, v. 1, n. 25. 2008.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908**. São Luis: AML, 2008.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894–1938 **Latin American Research Review**, v. 41, n. 1, p. 3-26, fev., 2006.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- FARIAS, Euclides. **Cartas do cunpadre Tibúrcio**: notícias da capital por Lourenço Gomes Furtado. São Luís: Typ. Rabello, 1907.
- FEIJÃO, Rosane. **Moda e modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011a.
- FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro. In: BONADIO, Maria Cláudia; MATTOS, Maria de Fátima (Orgs.). **História e cultura de moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011b.
- FERNANDES, Henrique C. **Administrações Maranhenses 1822-1929**. São Luís: Instituto Geia, 2003.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Vestir a História: pintura, moda e identidade nacional da Amazônia, c. 1916-1923. **Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 53, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53%5Cmateria01/>> Acesso em: 05 mar. 2013.
- FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.
- FREHSE, Fraya. O espaço na vida social: uma introdução. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 68-74, 2013.
- FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- GORBERY, Marissa. **Parc Royal**: um magazine carioca. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa, 2013.
- HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. São Luís: Uema, 2008.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão: corpo e alma**. São Luís, 2012.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LEMOES, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. **Anais do Museu Paulista**, v. 1, n. 1, p. 96-306, 1993. p. 103-105.

LIMA, Carlos de. **Caminhos de São Luís: ruas, logradouros e prédios históricos**. São Paulo: Siciliano, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LISBOA, João Francisco. **A festa de Nossa Senhora dos Remédios**. São Luís: Legenda, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1926.

LUZ, Joaquim Vieira da. **Fran Paxeco e as figuras maranhenses**. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1957.

MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. Inglaterra, 1330-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1900.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Biblioteca Pública Benedito Leite. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**. São Luís: SECMA, 2007.

- MARTINS JUNIOR, Rui Jorge Moraes. **Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX.** 2010. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- MARTINS, Ananias Alves. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural-séc. XVII, XVIII e XIX.** São Luís: SANLUIZ, 2000.
- MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Operários da saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão.** São Luís: EDUFMA, 2006.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. **Locus: revista de história.** Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 125-143, 2011.
- MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão.** 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Rev. bras. História,** São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem** – Revista do Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem na História. Londrina, ano 1, n. 2, p. 129-134, maio 2008.
- MORAES, Nascimento. **Vencidos e degenerados.** São Luís: SECMA, 1982.
- NASCIMENTO, João Affonso. **Três Séculos de Modas – 1616 -1916.** 3. ed. São Luís: Instituto Geia, 2014.
- NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote: mulheres, família e mudança social em São Paulo – Brasil, 1600-1900.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NEDELL, Jeffrey. **A belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NUNES, Barbara Silva. **Em busca do corpo masculino ideal: higiene, atividade física moda masculina em Teresina (1900-1930).** 2014. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2014.
- PALHANO, Raimundo Nonato da Silva. **A produção da coisa pública: serviços e cidadania na primeira república.** São Luís: IPES, 1988.
- PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais.** Lisboa: Presença, 1989.
- PAXECO, Fran. **O Maranhão: subsídios históricos e icorográficos.** 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres e mulheres faladas: uma questão de classe.** Florianópolis: UFSC, 1994.
- PERROT, Michele. O silêncio do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-27.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PESAVENTO, Sandra J. **História & Literatura: velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006, p. 3. Disponível em: [www.nuevomundo.revues.org/1560](http://www.nuevomundo.revues.org/1560). Acesso em: 12 ago. 2015.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria Pedro (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- POSSAS, Lidia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru: EDUSC, 2001.
- POVOAS, Mauro Nicolas; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino O Mundo Elegante (1887). **Navegações**. v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.
- POZO, Antonio Gutiérrez. El arte como pensar metafórico en la filosofía simbólica de Cassirer. **Prax. Filos.** [online]. n. 26, pp. 169-188, 2008.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções - Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro XIX. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 139-152, jan./dez., 1995. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/249>. Acesso em: 23 mar. 2013.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3. p.169-210.
- ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- RODRIGUES, Mariana Chistina de F. Tavares. **Mancebos e mocinhas: moda na literatura brasileira do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria Pedro (Orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 106.
- SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SCHOSSLER, Joana Carolina; CORREA, Silvio Marcus de Souza. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 53-72, jan./abr., 2011.

SCHPUN, Mônica Raisal. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. Companhia das Letras, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Cidade Irradiante. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-620.

SILVA, Camila Ferreira Santos. “**A mulher deve ser bela, deve ter graças e encantos**”: educação de salão na São Luís republicana (1890-1920). UFMA, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal Maranhão, São Luís, 2011.

SILVA, Camila Ferreira Santos. **Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade século do XIX**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História Licenciatura) – Departamento de História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Textos & Grafia, 2008.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 362-400.

SOUSA, Carmen de Jesus Rabelo de. **A cidade em foco: saneamento e higienização em São Luís na primeira República**. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos (Orgs.). **São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade**. São Luís: UEMA, 2012. p. 99-130.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-153.

VERAS, Humberto de Campos. **Memórias (1886-1900) e Memórias Inacabadas (Obra póstuma)**. São Luís: Instituto Geia, 2009.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve história das ruas de São Luís**. São Luís: SENAC, 1962.

VIGARELLO, Georges. Higiene do corpo e trabalho das aparências. In: CORBIN, Alain (dir.). **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, Georges. História e os modelos do corpo. **Pró-posições**, Campinas, v. 14, n. 2, (41), p. 21-29, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/41-dossie-vigarellog.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2013.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: a higiene do corpo desde a Idade Média. Lisboa: Fragmentos, 1985.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3. ed. São Paulo: AML/ALUMAR, 1999.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio no Maranhão: 1612-1895**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992. v. 1.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio no Maranhão: 1896-1934**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992. v. 2.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011.

## JORNAIS E REVISTAS CONSULTADOS

**A Avenida**, São Luís-MA, 26 set.; 10 out. 1909.

**A Campanha**, São Luís-MA, 17-20 jul.; 29 ago.; 12 out. 1903.

**A Cruzada**, São Luís-MA, 30 set. 1890;

**A Cruzada**, São Luís-MA, 07-18-22 jul.; 25 ago.; 13 set.; 12-15 out.; 08 nov. 1891;

**A Cruzada**, São Luís-MA, 01-03-05-06-10 out. 1892;

**A Cruzada**, São Luís-MA, 03 jan. 1895.

**A Imprensa**, São Luís-MA, 5-6-20-22 ago. 1906.

**A Imprensa**, São Luís-MA, 25 fev.; 1-6-21 abr.; 5-6 mai.; 19 jul. 1907.

**A Mocidade**, São Luís-MA, 2 mar.; 5 jul.; 7 set. 1908.

**A Notícia**, 17 set. 1906.

**A Novena**, São Luís-MA, 22 ago. 1908.

**A Novena**, São Luís-MA, 22-23 ago. 1909.

**A Pacotilha**, São Luís-MA, 3 jul.; 17 out. 1890

**A Pacotilha**, São Luís-MA, 2 set. 1893.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 3 jan. 1894.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 2 jan. 1895.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 25 nov. 1896.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 26 jan. 1897.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 28 dez. 1898.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 2 jan. 1900.  
**A Pacotilha**, São Luís-MA, 22 out.; 30 out.; 19 dez. 1912.

**A Revista Elegante**, São Luís-MA, 31 mai. 1892.

**A Rua**, São Luís-MA, 9 fev.; 17 abr. 1915.

**A Tarde**, São Luís-MA, 2 jul. 1915.

**A Tocha**, São Luís-MA, 9 dez. 1911.

**Almanaque d'A Fita**, São Luís-MA, fev. 1921.

**Anais**, São Luís-MA, nov. 1912.

**Correio da Tarde**, São Luís-MA, 21 dez. 1909.

**Correio da Tarde**, São Luís-MA, 3 jan.; 1 fev.; 4 mar.; 2 jul. 1910.

**Cruzada**, São Luís-MA, 23 out. 1890; 7 out. 1891.

**Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 5 jan.; 21 fev.; 5 jun.; 1921.

**Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 3 jun. 1922.

**Diário de São Luiz**, São Luís-MA, 24 mar. 1924.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 4-21 out. 1890.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 10 out. 1892.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 2-12 set. 1893.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 15 ago. 1893.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 18 out. 1894.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 22 ago. 1895.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 26 mai.; 3 jul. 1896.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 3 jan.; 20 jun. 1898.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 10 abr. 1899.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 5 jul.; 30 jul. 1900.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 30 jan. 1902.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 2 mar. 1903.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 23 mai.; 22 jul. 1905.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 20 ago. 1906.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 17 mar.; 13 jun.; 5; 7; 26 ago.; 30 dez. 1908.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 11 nov.; 30 dez. 1909.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 17 jan.; 17 mar.; 22 abr.; 21 mai.; 17 ago.; 20 set. 1910.

**Diário do Maranhão**, São Luís-MA, 13 jan.; 22 ago.; 6 set. 1911.

**Estado**, São Luís-MA, 10 fev. 1915.

**Fon-Fon**, Rio de Janeiro-RJ, 4 dez. 1909.

**Fon-Fon**, Rio de Janeiro-RJ, 5 dez. 1914.

**Fon-Fon**, Rio de Janeiro-RJ, 24 mai. 1919.

**Jornal da Manhã**, São Luís-MA, 7-11 ago.; 4-9 out. 1890.

**Maranhão**, São Luís-MA, 3-23 mai.; 25 ago. 1907.

**O Ateniense**, São Luís-MA, 24 out. 1915.

**O Canhoto**, São Luís-MA, 18 ago.; 15 dez. 1912.

**O Canhoto**, São Luís-MA, 16 fev.; 9-23 mar.; 27 abr.; 25 mai.; 28 jul.; 17 ago.; 28 set.; 12-20-27 out. 1913.

**O Domingo**, São Luís-MA, 9 jun. 1901.

**O Estado**, São Luís-MA, 26 jun. 1915.

**O Jornal**, São Luís-MA, 1 mai.; 26 jun. 1915.

**O Jornal**, São Luís-MA, 3-15-22 jan.; 22 abr.; 17 jun.; 23 jul. 1916.

**O Jornal**, São Luís-MA, 16 jan.; 28-30 mar.; 2-5-14-30 mai.; 2 jul.; 24 ago. 1917.

**O Jornal**, São Luís-MA, 24 jan.; 14 fev.; 1-11-12-14-18-23-27 mar.; 18-24-27 abr.; 4- 21-24 mai.; 20- 22-27-29 jun.; 2-9 jul.; 21 set. 1918.

**O Jornal**, São Luís-MA, 19 mai. 1919.

**O Jornal**, São Luís-MA, 23 abr. 1920.

**O Jornal**, São Luís-MA, 8 fev. 1923.

**O Registro**, São Luís-MA, 5 ago. 1917.

**Revista do Norte**, São Luís-MA, 1-16 fev.; 16 mar.; 1 set.; 1 out. 1902.

**Revista do Norte**, São Luís-MA, fev. 1903.

**Revista Elegante**, São Luís-MA, 30 jun.; 11 jul. 1892.

**Revista Elegante**, São Luís-MA, 10 jul. 1899.

**Revista Elegante**, São Luís-MA, 23 jun. 1900.

**Revista Elegante**, São Luís-MA, set.; nov. 1903.